

A ESSÊNCIA DO DRAGÃO

ANDRÉS
CARREIRO



RESSURREIÇÃO

Novos Talentos
da Literatura Brasileira

ANDRÉS CARREIRO

A ESSÊNCIA DO DRAGÃO:

RESSURREIÇÃO

Novo Século

2010

Dedico este livro à Tereza e ao Juan, que, nos momentos difíceis de
uma vida atípica, nunca me criticaram pelo caminho tomado,
sempre me amaram.

Nel mezzo dei cammin di nostra vita

mi ritrovai per una selva oscura,

ché la diritta via era smarrita.

DANTE ALIGHIERI¹

*[...] alcançar cem vitórias em cem batalhas não é o ápice da
excelência.*

*Subjugar o exército inimigo sem lutar é o verdadeiro ápice da
excelência.*

SUN TZU²

*Os amigos que me restam são de data recente; todos os outros
foram estudar a geologia dos campos-santos.*

MACHADO DE ASSIS³

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CAPÍTULO I

LI-SEUG

Há três mil anos...

Apenas um pequeno movimento de vento, acompanhado de um leve silvo, foi percebido por Shoi. Uma fração de segundos separava a espada do inimigo de sua estimada cabeça. O arco feito pelo movimento da arma branca foi interrompido pelo forte golpe desferido rapidamente por sua própria espada. Tempo não era luxo naquele momento. Tomando rapidamente a posição de atacante e não mais de defensor, Shoi penetrou sua lâmina no ventre de seu adversário. Naqueles instantes de silêncio, só se ouvia o pulsar do coração constantemente refletido em suas têmporas e a forte

respiração emitida pelos dois guerreiros. O sangue quente escorria na empunhadura e fazia um curto caminho até sua mão. O contraste com o frio naquele dia era extremamente visível, a ponto de o vapor exalar, como nuvens, do sangue e dos corpos quentes ao se chocarem com os primeiros raios de sol, que timidamente apareciam nas horas mais quentes do dia; só que havia a dificuldade em usar a classificação "quente" em tão terrível inverno. Olhos arregalados encaravam o adversário e as pupilas aos poucos se movimentavam, demonstrando o fim iminente. Uma vez demonstrando olhos mortos, a espada foi retirada do ventre empalado com uma força ainda maior, fazendo o corpo de seu oponente cair como uma marionete desprendida das cordas sustentadas por mãos de um descuidado titeriteiro. Aqueles momentos eram tão rápidos como os reflexos de Shoi, pois não tardava absolutamente nada até outro inimigo aparecer, e novamente, com a rapidez de um tigre, Shoi aumentava sua coleção de almas. Um a um os adversários caíam a seus pés, mas a facilidade inicial tornava-se um misto de dificuldade e cansaço. Os braços começavam a pesar mais, e a concentração, ainda que determinada, também começava a falhar. Um jogo para fortes. A paciência e o momento certo tornavam-se elementos fundamentais para um bom resultado e só nesses momentos surgiam lendas vivas como Shoi. Uma luta em iguais condições tornava-se o máximo em termos de glória. Não havia riqueza, troféu, nada palpável. Somente a honra e a satisfação da justiça. Não há nada como a consciência e a honra, seguidas nos moldes da justiça guerreira. A própria personificação do real combate entre homens. Nada se interpondo à dança mortal sobre um palco de sangue e carne. Somente um homem contra outro homem, e nada mais.

Depois de vencer facilmente alguns daqueles bandoleiros, enfrentara um verdadeiro desafio em sua jornada guerreira. O

homem já havia matado alguns de seus amigos e aquilo não poderia ficar impune. O bandoleiro, usando roupas típicas daquela região, com seu chapéu forrado de pele, olhos pequenos e maliciosos, dentes podres e barba densa, desafiava Shoi fazendo movimentos com suas armas, imitando um gesto de provocação. Aceitou o significado do gestual e, como de costume, partiu para o ataque. Desviando-se rapidamente dos golpes mortais desferidos, cravou a pequena espada no ventre do adversário. Contudo sentiu algo duro. Aquele bandoleiro usava um peitoral de couro e ferro e a espada não conseguiu penetrar na proteção. Reflexo em dia, não perdeu tempo e aparou dois golpes das espadas e pulou para trás. Teria de pensar rapidamente em como feri-lo de modo letal. Naquele segundo, as espadas do bandido faziam um vôo mortal em sua direção com ausência de qualquer piedade. Golpes para matar rápido. Chegara ao ponto de um simples defensor naquele embate. Teria de mudar rapidamente de posição. Ao defender os golpes pesados, parecia defender golpes de uma pesada marreta. Aquele homem, além de habilidoso, possuía força extraordinária. Levaria seus esforços e sua técnica ao máximo para vencê-lo. Perder, contudo, não estava na ordem do dia para Shoi.

Enquanto o habilidoso bandoleiro golpeava sem parar, Shoi percebeu uma falha na proteção peitoral daquele homem. Uma tira de couro prendia o peitoral à proteção das costas e deixava vulnerável a parte entre pescoço e ombro. Ali encontrou a resposta para seu dilema. Deu sucessivos passos para trás e o homem, furioso com seu insucesso até então, correu raivosamente na direção de Shoi. Por ser mais dinâmico, Shoi conseguiu afastar-se bem para fazer aquilo que pretendia. De frente para o adversário, manteve a posição desafiadora, ereto como um tronco de pinheiro, até que inflamado de raiva o bandoleiro correu com a espada direita em riste e a esquerda em posição defensiva. Em fração de

segundos, Shoi percebeu o momento certo e desviou. O homem projetara seu corpo todo à frente, com o intuito de ser mais rápido e forte, e deixou aquela parte desprotegida de sua anatomia na posição perfeita para o abate. Segurando rapidamente a espada ao contrário, enfiou-a entre o pescoço e ombro, usando a força de seu oponente. A lâmina penetrou a carne até chegar à empunhadura e o adversário rendeu-se quase morto naqueles poucos instantes de agonia. A arma pulsou as batidas do coração daquele infeliz. Shoi colocou o pé entre ombro e peito e puxou a espada de volta ao ar frio daquela manhã. De joelhos, ainda com um filete de vida, Shoi interrompeu sua queda e passou a espada no pescoço do moribundo, decepando-lhe a cabeça. Dividido em dois, finalmente as partes encontraram a neve maculada de sangue quente. O combate exauriu as forças de Shoi. Se tivesse de enfrentar outro igual, temia por sua própria vida. Contudo afastou esse pensamento e continuou. Olhou ao redor e viu somente mais um em pé e disposto a combater. Respirou, tentou reunir o máximo de forças e seguiu em frente em seus objetivos. O homem parecia bem mais baixo e magro em relação ao último. Usava roupas simples, aparentemente sem armadura por baixo, e apenas uma espada. Observava aquele outro bandido e planejava rapidamente sua pequena estratégia de combate.

Após um jogo de paciência e estudo de seu último adversário, Shoi resolveu atacar, mas o bandido foi mais rápido fazendo um ferimento em sua perna. Apesar da dor, a adrenalina permitiu uma sensibilidade não maior que um pequeno arranhão. Aproveitando-se da projeção à frente em que se encontrava do oponente, segurou sua espada de modo inverso com a lâmina posicionada abaixo de seus dedos mínimos fortemente apertados, como fizera no final do combate do adversário anterior. Shoi estocou para trás e atravessou-o, começando pela parte inferior das costas. Virou-se

rapidamente e, fazendo um caminho em diagonal com a lâmina, terminou com a ponta dela rasgando carne e pele perto do pescoço daquele pobre infeliz, que, por um instante em sua miserável vida achou-se vantajoso em função de um ferimento produzido na perna de seu habilidoso oponente. Assim caiu o último obstáculo do dia.

Impressionante era a fantástica concentração demonstrada em combate por Li-Seug Shoi, dos Li-Seugs. Tudo se transformava em uma única entidade, ou seja, guerreiro e ambiente se fundiam em desempenho perfeito. Não eram apenas boatos as histórias contadas. Shoi estava entre os melhores guerreiros daquela remota região, no extremo nordeste da Ásia. Toda uma vida de experiências em combate e treinos estafantes não significava absolutamente nada, mas nada mesmo, se um guerreiro não voltasse para contá-las aos seus e, em nova oportunidade, o ciclo da necessidade continuasse um caminho em que sua destreza guerreira seria posta à prova mais uma vez. Assim construiu-se a vida de Shoi. Uma profissão muito arriscada, porém extremamente necessária em dias tão difíceis. Entretanto, sua sensibilidade nunca foi abalada por tão dura vida. Em comunidade sempre foi o mais prestativo à seu povo e seu interesse por conhecimento nunca foi diminuído, dando-lhe, por mérito, a capacidade de um líder nato. Assim, quando todos os líderes Li-Seugs morreram, sobrou a Shoi mais essa tarefa, a qual aceitou imbuído da convicção e da responsabilidade exigida de qualquer um realmente merecedor de tão pesado fardo, afinal, cabia a um líder, nos moldes culturais dos Li-Seugs, a proteção e a manutenção de seu povo.

Mesmo exausto daqueles instantes anteriores, em que uma chuva de sangue e morte foi o resultado de tão necessária empreitada, Shoi levantou sua cabeça e olhou atentamente, já diminuindo sua fúria assassina, constatando uma recompensa extremamente desfavorável. Não sobrara quase ninguém de seu reduzido grupo. Apenas mais dois estavam vivos e de pé. Naquele campo coberto da mais alva neve maculada por rajadas em vermelho, Ji, grande amigo e habilidoso guerreiro, e o menino Goo estavam de pé como montanhas intransponíveis, imóveis, como se naquele momento o tempo estivesse paralisado e nada mais existisse vivo em tão sombria cena. Quebrando o uivo suave produzido pelo vento, Shoi respirou fundo e gritou para seus dois estáticos companheiros:

— Ji! Goo! Conseguimos! — tomava fôlego mais uma vez. — Estou indo até vocês.

Com passos lentos e difíceis, Shoi foi em direção aonde os amigos estavam. Ao encontrar Ji, um forte abraço selou o fim daqueles momentos de vida e morte. Logo em seguida passou a mão na jovem cabeça de Goo elogiando-o por seu feito corajoso.

Os acontecimentos nos quais Shoi e seus dois restantes companheiros foram colocados não tinham nenhum objetivo que não fosse o de defesa. Por sinal era algo extremamente exigido

deles nos últimos tempos. Os ataques constantes de bandoleiros estavam cada vez piores. A defesa de seu povo era uma necessidade. Mas seu reduzido grupo, os Li-Seugs, encontrava-se numa posição desfavorável. O grupo já não era próspero como no passado e estes últimos ataques deixaram seqüelas que dificilmente poderiam ser restauradas. Estavam, naquele momento, quase extintos. Somando os sobreviventes deste último combate, eram pouco mais de dez pessoas, ou, mais precisamente, treze pessoas. Número modesto para um grupo que, num passado longínquo, dominou aquela região. Domínio não à base da força, mas do comércio e da troca de conhecimento. A realidade daqueles dias apresentava-se diferente e não restava mais nada a fazer a não ser uma nova estratégia para uma tentativa de sobrevivência. Teriam como única opção o abandono de suas terras. Essa mudança seria uma ofensa para os ancestrais, mas com número extremamente reduzido, a vida nômade tornava-se uma das terríveis opções; a outra seria a morte. Reduzidos, a oposição à idéia de Shoi não seria rechaçada. Afinal, o leque estava fechado.

Depois do abraço em Ji, Shoi verificou se ainda restava algum ferido em campo, mas infelizmente sua procura não encontrou bons resultados. Começou, com a companhia de Ji e Goo, a procurar algo de valor nos cadáveres dos bandoleiros. Shoi não gostava da atitude em si, mas aqueles tempos não permitiam filosofias sofisticadas. Goo encontrou uma coisa surpreendente numa bolsa presa a um cavalo. Havia um filhote de lobo totalmente negro enrolado em trapos. O pequenino, esboçando vitalidade, abriu seus diminutos olhos para o menino. Este o envolveu, junto aos trapos, dentro de sua roupa, próximo à barriga, fazendo dos bracinhos o apoio perfeito para a jovem criatura.

—Olhem! — gritou o menino.

Eles viram o filhote como um símbolo de sorte, pois a fragilidade do animalzinho conseguia superar o mais terrível dia. Frio e morte não conseguiram distrair aquele lobo de sua luta pela sobrevivência. Shoi passou a mão na cabeça peluda do lobinho.

—Pelo menos temos mais um novo Li-Seug — disse Shoi. — Estes bandidos devem tê-lo encontrado ao norte. Seu passado é um mistério. Contudo, seu futuro será percorrido conosco.

Apesar de não demonstrar, o que mais Shoi temia nos últimos tempos confirmou-se. Não poderiam mais ficar. Andaram entre os mortos em direção a sua aldeia, carregando alguns mantimentos — principalmente arroz, trazidos pelos bandoleiros — e, em um lugar onde não havia a mácula da morte e da violência, acenderam uma fogueira para permanecer algumas horas. Descansariam um pouco.

—Acredito na necessidade de descanso, queridos amigos — disse Shoi demonstrando em sua grossa voz um cansaço pouco comum.

—Concordo plenamente! Por sinal, o que restou com vocês para comermos? — roncões eram ouvidos provenientes da barriga do jovem Goo enquanto perguntava aos dois fatigados guerreiros.

Acomodações foram providenciadas. Shoi e Ji fizeram uma pequena barreira com neve para protegê-los dos ventos gélidos em sua breve estada no local. Shoi sugeriu uma permanência não maior que três horas, para encontrarem o mais rápido possível seus parentes e providenciarem sua mudança. Enquanto o fogo crepitava, comiam carne de caça seca com um pouco de arroz, sobras daquilo que um dia foi uma grande fartura. O descanso e o alimento aos poucos faziam seus esperados efeitos. Durante o descanso, deitados em cobertores de pele e próximos ao fogo, Shoi, um interessado por lendas antigas, contava histórias para sua diminuta platéia. Grandes guerreiros, cavaleiros, história dos deuses, riquezas, etc., constituíam os enredos por ele contados. Ji e o jovem Goo não se cansavam de escutar aquelas histórias, principalmente da maneira contada por Shoi. Em função de sua juventude, os outros jovens Li-Seugs permitiam-se alguma intimidade com Shoi. Chuva de perguntas e questionamentos, coisa

que não acontecia com contadores bem mais velhos em função de um misto de respeito e temor, sempre caíam aos ouvidos de Shoi quando se dispunha a contá-las. Apesar de os mais velhos acharem inoportunos os questionamentos, Shoi não se importava com tal atitude de sua platéia. Até gostava, pois dava a informalidade e a humildade tão apreciada por ele. Aquilo era como uma conversa, porém uma conversa profundamente informativa sobre os costumes e lendas de seu povo.

A primeira lenda contava a história de um comerciante. Esse comerciante deu origem ao povo Li-Seug. Toda a tradição e expansão dos Li-Seugs tiveram origem na arte do comércio. Suas caravanas, muito famosas no passado, iam a terras já há muito tempo esquecidas. Todo um intercâmbio de cultura e riquezas circundava esse povo. Dizia-se daqueles tempos memoráveis que cada componente dos Li-Seugs possuía dez cavalos e que os jantares eram fartos; especiarias de todo o mundo freqüentavam as suntuosas mesas forradas com a mais bela e macia seda. *Ah, como gostaria de viver tempos assim!*, resmungava consigo Shoi. Mas os tempos pioraram. Os Li-Seugs descobriram a outra faceta da ganância. Quiseram demais e acabaram declinando como comerciantes. Somava-se a isso o problema de guerras intermináveis entre os clãs instalados nas rotas comerciais. Um antigo provérbio dizia: *Aos não sábios, o poder da incapacidade de adaptar-se*, e foi exatamente isso que aconteceu aos Li-Seugs.

—Caso tivesse vivido esse tempo, tentaria outros lugares para expandir nossas relações — disse Ji.

—Eu fico imaginando as guloseimas dos antigos — enchia-se de saliva a boca do guloso Goo. — Imaginem tanta fartura nos dias de hoje.

—Ah! Meus amigos! Disto devemos tirar preciosas lições — afirmava Shoi. — Quem não se adapta, morre. Assim é no combate também. A um guerreiro, a adaptação é fundamental para o combate, pois não há lição suficiente que nos prepare ao real.

—Shoi! Shoi! — Freneticamente chamava Goo. — Conte a história do deus dragão, por favor!

—Conte Shoi, isso mesmo, conte, por favor!

—Tudo bem, tudo bem, eu conto — Shoi ria com a insistência dos amigos.

A lenda do deus dragão tornara-se a predileta entre os Li-Seugs. Contava a incrível história do início dos tempos, quando vários deuses se enfrentaram em um combate, durando aproximadamente mil gerações. A lenda contava como o deus dragão foi o vitorioso nesse grandioso combate. Uma epopéia com todos os detalhes. Histórias de amor, traição e vingança construíam o enredo desse conto. Shoi contava-a de forma muito atraente para seus ouvintes, mas pessoalmente a tinha apenas como uma simples lenda. Há a parte dos ensinamentos desse deus aos humanos, dando-lhes seus espíritos. Toda a essência do ser humano vinha da criação do deus vitorioso da guerra das mil gerações.

—Cante aquela canção — pediu Goo. — Como é mesmo?

-Vou cantá-la - disse Shoi. Preparou-se e, meio desafinado, pois não tinha muito talento para cantorias, emitiu as palavras da letra:

Antes de o primeiro homem

Sentir a luz penetrar em seus olhos,

Havia uma Era de ontem,

Governada por deuses gloriosos.

Oh, deus Dragão!

Volte de seu longo exílio forçado.

Traga de volta a redenção

Para seu filho maltratado.

Retire-nos das trevas,

Escuridão eterna, miséria.

Ofereça-nos regras,

Viveremos tua glória.

Volte, volte, Dragão.

Não há esperança sem ti.

Volte, volte, Dragão.

Para um dia podermos sentir

O amargo sabor

De, verdadeiramente, existir.

Todos ouviram a canção mesmo o intérprete não sendo dos melhores.

—Já pensou se tivéssemos um deus como este a nosso lado? — disse Goo com um volume de voz e articulação como se não dormisse há dias. Acariciava o filhote, distraidamente.

—Não acredito nisso, apesar de ser um belo conto — Shoi olhava com olhos de ternura para o pequeno com o filhote no colo. —Vejo por um ponto diferente essa história de crescimento, afinal o deus dragão venceu por ser honrado e não o mais forte.

—Só estava sonhando acordado.

—Ah! Sonhar é algo bom, fugimos por alguns instantes de nossa realidade, porém, meu jovem — neste momento Shoi colocou a mão no ombro de Goo —, não permita o domínio desse estado em detrimento do presente e de nossas realidades atuais.

—Eu sei! Eu sei! — Goo bocejava, alternando palavras.

Todos se calaram. Nesses instantes de silêncio, Shoi começou a sentir o ferimento provocado por seu último adversário. Examinando o rasgo no tecido de suas calças, verificou um corte superficial, nada para se preocupar. Apenas mais um troféu de combate que não deixaria vestígios no futuro. Shoi, analisando, agora com mais calma e consciência, percebeu uma perda de força por parte de seu rival no momento do golpe de espada, por isso o pouco estrago produzido. Aliviado por sair ileso deste evento, aproveitou para descansar o máximo que pudesse, afinal deveriam partir o quanto antes e decisões deveriam ser tomadas de imediato. Instantes depois, com a normalidade restabelecida, uma lágrima escorreu de seu olho direito. Grandes amigos foram para junto dos deuses, e suas perdas seriam irreparáveis. Lágrimas e mais lágrimas desciam de seus olhos inflamados conforme as lembranças daquele dia passavam como uma volta no tempo em sua mente. Simplesmente virou-se para o lado, escondendo seu momento de

fragilidade manifestado fisicamente, sentindo respeito e saudade por aqueles que não existiam mais. Mas como líder recém-eleito, não poderia demonstrar esse tipo de condição, afinal, cabia-lhe a tarefa da esperança, esperança motivacional para os não possuidores dela. Apesar da tristeza, Shoi constituiu em sua mente a idéia da possível sobrevivência de seu povo. Sua tristeza, naquele instante, era apenas pelos parentes e amigos queridos, agora falecidos. Faria de tudo para aquelas mortes não serem em vão.

Duas horas se passaram e os três levantaram-se, não com a energia totalmente restauradas, mas com a disposição daqueles que precisam cumprir seus compromissos, e nesse caso vida e morte alternavam a frágil liderança numa corrida atípica. Um dos Li-Seugs vigiara na noite anterior, em um ponto estratégico, e constatou a vinda de bandoleiros para a aldeia de Shoi. Pegou seu cavalo e avisou-os do perigo. Então Shoi juntou alguns homens da tribo e esperaram perto do acampamento dos ladrões antes que qualquer ação prejudicial fosse causada aos Li-Seugs. Por isso o combate foi na parte da manhã; mal amanhecera quando tudo aconteceu. Entretanto como as noites são longas e os dias curtos no inverno, o descanso foi bem rápido; teriam tempo suficiente para chegar à aldeia com luz natural banhando seus rostos sofridos.

Cinco quilômetros os separavam do campo de batalha. Caminharam mais um pouco e Shoi viu seus cavalos vagando a esmo, como se seus donos nunca os tivessem domado. Com um chamado indistinguível mesmo para a língua dos Li-Seugs, Shoi chamou-os. Os cavalos foram em sua direção, deixando um rastro de neve

remexida. A obediência era espetacular. Cavalos treinados a obedecer e que lembravam um fiel soldado cumprindo ordens de seu comandante. Os Li-Seugs eram exímios adestradores de cavalos, herança deixada há muitas gerações por seus ancestrais comerciantes. Não perderam tempo e carregaram os cavalos com sua bagagem, e os outros cavalos dos guerreiros mortos foram colocados em fila, amarrados para que não saíssem da ordem.

—Goo! Contou os cavalos? — perguntava Shoi à frente da comitiva.

—Sem problemas, chefe! Temos os vinte cavalos aqui! — falou Goo com sua voz ainda juvenil.

—Goo, venha até aqui. Vamos todos juntos — gritou com entusiasmo Ji.

—Esse menino é muito esforçado e um grande guerreiro. Não conheço caso como o dele — conversava Shoi com Ji. — Talvez seja sorte, talvez não. Contudo, mesmo assim, qualquer pessoa precisa, também, de muita sorte para o que fazemos.

–Mas, mesmo assim, sorte não faltou para esse menino, fora a esperteza dele no combate. Lembra como desde pequenino observava os treinos dos guerreiros, escondido muitas vezes?

–Lembro muito bem. Mas não vamos pensar nisso agora. Deixe a vida seguir seu curso — o excesso de preocupações não permitia a Shoi momentos prolongados de conjecturas.

Caminhando pela conhecida trilha, Shoi elaborava um plano de fuga para apresentar aos seus. Uma imensidão branca com pontos florestais despontava em seu campo de visão. A perna, apesar de não ter acontecido nada grave, pulsava uma dor não muito forte, porém constante. O balançar dos cavalos em marcha lenta, com seus cascos fazendo sons abafados contra a neve, convidava à distração. O pensamento viajava a lugares pouco prováveis. Tornava-se uma espécie de entorpecente para uma mente perturbada e cansada, apesar de Shoi não ter completado nem vinte e cinco anos de existência. Em outros tempos, essa idade seria considerada uma idade imatura, contudo, a situação exigia amadurecimento rápido, e Shoi demonstrava uma vocação extremamente precoce ao assunto.

A luz do dia não se apresentava forte. A noite aproximava-se quando a diminuta comitiva chegou próxima à vila dos Li-Seugs. Foram recepcionados pelos poucos que sobreviveram aos últimos combates, a maioria composta de mulheres e crianças pequenas. O único homem presente, o velho e sábio mestre Sue, estava à frente do comitê de recepção.

—Tão poucos voltaram! — mestre Sue balançava a cabeça lamentando o ocorrido. — Meus filhos, vocês estão bem? Estão feridos?

—Estamos bem na medida do possível — respondia Ji nem um pouco animado com o resultado mostrado ao mestre.

—Conseguimos, desta vez, evitar a chegada do inimigo aqui — disse Shoi. — Mas infelizmente o preço foi alto, mestre — neste momento, Shoi desmontou do cavalo e indicava com o braço o local aonde Goo deveria levar os animais. Ji seguiu seus passos e também desmontou de sua montaria.

—Mestre Sue, precisamos descansar, mas, pela manhã, bem cedo, vamos nos reunir e decidir nosso destino daqui para a frente — disse Shoi ao mestre que demonstrava alegria por ver seu pupilo vivo.

—Sim, meus filhos, descansem, pois vocês merecem mais do que ninguém. Acredito que não há mais sobreviventes, estou certo?

—Sim, mestre, só nós três conseguimos sobreviver. Foi uma perda lastimável — lamentou Ji.

Shoi foi à sua *yurt*, uma tenda típica da região. Apesar de não ser uma construção fixa, era a forma tradicional utilizada como moradia pelos Li-Seugs. As tendas, bem pequenas, comportavam não mais que duas pessoas. O motivo de sua metragem estava exatamente nas baixas temperaturas vivenciadas no inverno. Em locais pequenos, o calor era mais fácil de isolar. Uma estrutura feita com varas de madeira sustentava o lugar, as paredes eram forradas com tecido grosso e reforçadas com peles de animais há muito tempo

caçados. O chão também era forrado com peles grossas e felpudas, possibilitando um isolamento térmico do chão gelado característico das regiões de inverno forte. Sua cama, elevada a alguns centímetros do chão, aproveitava-se dos alicerces da tenda para seu uso próprio. Ali, além do tradicional forro com peles, havia uma cobertura de seda rústica, não tão boa quanto às comercializadas no passado, mas servia muito bem para o propósito determinado e, além de ser confortável, evitava o contato direto com as desagradáveis peles. Shoi retirou sua indumentária mais pesada, composta de uma roupa básica feita em tecido grosso, um peitoral de couro forrado com placas de ferro e seu cinto ricamente trabalhado com a espada curta presa por uma meia bainha. Suas botas de couro e as peles que o protegiam do frio, feitas em formato de roupas para dar mais agilidade ao guerreiro, também foram retiradas e colocadas com as outras peças. Shoi, exausto, deitou-se na cama e dormiu muito rápido. Todavia, não foi um sono tranqüilo. Pesadelos e mais pesadelos, sem um sentido lógico, assombraram Shoi durante aquela noite. Um misto de fatos vividos com situações absurdas povoou seus malignos sonhos. Acostumado desde criança com esses pesadelos, não se abalava mais com isso. Shoi possuía essa fantástica habilidade, principalmente com os pesadelos sem nenhum nexos. Uma mistura de gemidos e sons provenientes das constantes reviravoltas ressonava quase imperceptivelmente da pequena *yurt*.

Na manhã seguinte, bem cedo, com o sol ainda escondido, Shoi alimentou-se, sentindo seu corpo descansado, mas havia nele um pouco de cansaço mental, proveniente da noite cheia de maus sonhos. Todo o ritual de vestir suas indumentárias fora completado em menos de quinze minutos, herança de sua experiência adquirida em combate. Aproveitou o silêncio ainda existente na vila para caminhar um pouco.

Ouviu um barulho estranho vindo da *orda*, uma *yurt* maior, de mestre Sue. Chamou-o com um tom de voz bem baixo, para os outros não acordarem. Do meio da abertura da tenda saiu uma cabeça idosa, com olhos cinzentos e rosto macilento.

–É você, Shoi?

–Sim, mestre, sou eu.

–Entre, filho, entre, por favor. Vamos conversar. Estou ansioso por isso.

–Sim, mestre.

Shoi entrou na *orda* de mestre Sue. Sua barraca era bem maior que a de Shoi, com alguns objetos pessoais colecionados pelo idoso mestre. Sentou-se no chão. Mestre Sue também se sentou só que de frente para Shoi. Os anciões da vila e as famílias com mais de três componentes tinham direito a uma *yurt* maior.

—Conte-me, filho, o que aconteceu no caso dos bandoleiros.

—Conseguimos interceptá-los e nos escondemos perto do acampamento dos malditos. Atacamos pela manhã — Shoi coçava a cabeça. - A batalha foi dura, mas conseguimos eliminá-los com eficiência. Não sobrou ninguém.

—Lamento muito a perda de nossos companheiros, filho — mestre Sue, nesse momento, colocou a mão no ombro de Shoi. — Mas acredito em seu empenho, e ainda estamos aqui graças a você.

–Obrigado, mestre. Suas palavras são reconfortantes.

–Não se preocupe, vamos orar aos deuses para receber bem nossos filhos perdidos.

–Sim, mestre Sue. Vamos orar.

Os dois abaixaram suas respectivas cabeças, em demonstração de respeito, murmurando alguma coisa semelhante a uma oração, mas indistinguível aos ouvidos de possíveis ouvintes naquele recinto; a maneira típica de os Li-Seugs orarem. Não havia uma oração preestabelecida ou ritual propriamente dito. A tradição oral ensinava-lhes a história dos deuses e a única coisa ensinada a eles a respeito de religião era uma busca sincera dentro de si para a comunicação, via oração, com os deuses. Essa comunicação era feita espontaneamente, não havendo necessidade de frases feitas. O único detalhe nisso tudo estava exatamente no coração desprovido de sentimentos não apropriados para este diálogo. Terminada a oração, mestre Sue perguntou a seu aflito pupilo:

–O que lhe aflige, meu rapaz?

–Mestre, eu sei que não é unanimidade entre nosso povo a saída de nossas terras, mas só vejo esta como única alternativa à nossa sobrevivência.

–Ora, Shoi, não estamos em posição de discutir isso. Mais do que nunca os Li-Seugs precisam de alguém para liderá-los; e esse alguém é você, meu filho.

–Agradeço mais uma vez suas palavras de incentivo, mestre.

–Não há de quê.

—Mestre, o senhor lembra de algum lugar que lhe pareça seguro em direção ao Sul, onde provavelmente é mais quente que aqui?

—Há um lugar — mestre Sue puxava pela memória. — Eu lembro muito bem. Este lugar fica bem na direção onde apontaste. Deixe-me ver os mapas dos antigos.

Mestre Sue levantou-se e em um pequeno baú encontrou vários pergaminhos empoeirados, há muito tempo esquecidos. Começou então a abri-los. Um pouco de poeira começou a entrar nas vias respiratórias de Shoi, provocando-lhe tosses e espirros alternados. De repente o velho homem fez um som estranho pela boca, lembrando um grito, só que em um som baixo, de comemoração.

—Aqui está! Aqui está! — falava com ar de comemoração o velho mestre. — Achei o mapa. Era uma antiga rota utilizada pelos antigos para o Sul. Havia, se não me engano, um entreposto comercial de nosso povo em algum lugar por aqui.

—Talvez seja um bom lugar para ficarmos.

–Acho que me lembro, quando criança, de estar nesse lugar. Caso seja o mesmo, então estaremos salvos por um bom tempo.

–Pelo menos é, sem dúvida, um risco menor irmos para lá, do que ficarmos ou andarmos sem rumo.

–Exatamente, meu filho! Exatamente!

–Pelo mapa, mestre, nós poderíamos traçar um tempo estimado de chegada?

–Creio que sim, filho. Podemos, sim!

–Quanto, mais ou menos, levaria para chegar?

–Se não me falha a memória, cada distância de um dedo equivale aproximadamente a duas semanas — fazia um muxoxo mestre Sue.
— Portanto, acredito em uns dois meses de viagem.

–Até que é um tempo razoável.

–Razoável é; ideal, não — contestava mestre Sue, com um sorriso tranqüilizador.

–Não temos alternativas, não é?

–Não.

—Eu acredito, sinceramente, nesse caminho que trilharemos. Acredito nessa alternativa — dizia Shoi com convicção inabalável.

—Ao líder cabe essa missão. Confio em você, meu filho. Acredite sempre em si, pois seu coração é puro. Não deixe de confiar em seus instintos. Também acredito no sucesso dessa nossa empreitada.

Shoi curvou-se diante de seu mestre, em respeito ao antigo professor, saiu da tenda e constatou, pela ardência nos olhos, um novo dia amanhecendo. Não percebera o tempo utilizado na conversa, mas não se importava. O plano, auxiliado por mestre Sue, tinha grandes chances de ser bem-sucedido. Não havia sol naquele novo dia. O tempo estava completamente nublado, mas até aquele momento não aparentava a possibilidade de neve. O céu tinha matizes de branco e cinza claro. De repente, Shoi ouviu um barulho abafado, de cavalgada sobre a neve. O som tinha as características de apenas um animal galopando, a toda a velocidade. A imagem começava a ficar mais nítida. Uma mulher usando roupas de guerreiro. O rosto, branco como a mais delicada porcelana, sustentava uma beleza simétrica. Os cabelos lisos e negros quase cobriam os olhos castanhos da mulher. Era Zhi, irmã mais nova de Shoi, voltando da vigília nas fronteiras do Leste. Shoi sentiu um

alívio por ver a irmã viva. A possibilidade era mínima de ataques-surpresa vindos daquela direção, afinal, a troca de guarda seria feita naquele dia e a notícia teria chegado. Tudo indicava uma rotina normal. Agora o grupo estava completo com o retorno de Zhi.

Mulheres eram aceitas nos Li-Seugs, diferentemente de outras aldeias da região, nos mesmos cargos que os homens. A degradação dos Li-Seugs possibilitou essa precoce atitude. Não havia opções, e a solução demonstrou-se fabulosa e pouco previsível nas antigas idéias Li-seugs. Zhi era uma boa guerreira e apresentava-se sempre para cuidar das fronteiras. Quando Shoi contou-lhe o acontecido do dia anterior e expôs sua solução para resolverem seus problemas, Zhi apoiou-o, e confiou a seu irmão sua fidelidade e sua espada para defenderem o restante dos Li-Seugs do extermínio.

Shoi pediu a ajuda de Zhi, Ji e Goo para reunir o restante do grupo. Na reunião, expôs sua alternativa para o problema. Como a maioria era de mulheres, sendo mais flexíveis e adaptáveis em situações necessárias, não houve oposição às idéias de Shoi. Todos concordaram, apesar de a tradição ancestral estar ligada profundamente àquela terra, interpretando a solução como a melhor possível. Mesmo entre os homens, como já era predefinido, não houve oposição, pois só havia Ji, o menino Goo e mestre Sue. Tudo funcionava com uma precisão ainda melhor. Shoi encontrava-se mais otimista do que nunca, pois a unanimidade o estimulava a seguir o caminho traçado por ele e pelas circunstâncias.

Os Li-Seugs não perderam tempo. Reuniram tudo o que precisavam. Comida, peles, animais de montaria e de carga, objetos pessoais, etc., tudo era reunido da melhor maneira possível. Quarenta animais compunham o plantel. Não sendo mais que treze pessoas, os outros cavalos poderiam carregar muita carga. E poderiam se dar ao luxo de ir boa parte do caminho montados em suas bestas. Todo o processo de desmonte e preparação para a fuga rumo ao Sul levou cerca de três dias. Antes de saírem de suas queridas terras, fizeram uma oração em silêncio, com o intuito de homenagear os recém-falecidos, que deram suas vidas pela defesa de seu povo e sua cultura, e para os antigos ancestrais há muito tempo enterrados naquelas sagradas e antigas terras. Com a convicção dos que acalmaram e justificaram suas atitudes aos antigos senhores, sentiram-se prontos para partir. Formaram duas fileiras de vinte cavalos cada e a caravana seguiu viagem rumo a uma terra melhor, onde poderiam começar uma nova vida, e talvez, quem sabe, reconstruir e restituir uma antiga glória pertencente aos Li-Seugs. Não haveria homenagem melhor aos espíritos ancestrais que uma antiga glória restituída.

Um mês se passara desde a saída da aldeia mais ao norte. A primavera começava a desabrochar junto a terras um pouco mais quentes, os animais da comitiva tinham acesso a pasto fresco, não necessitando mais de feno e complementos de cereais. As águas de rios próximos começavam a surgir novamente, seguindo seus antigos cursos. Era uma época muito bonita, porém, também, possuía seus inconvenientes. Os insetos perturbavam um pouco,

mas só de não precisarem mais usar roupas pesadas já era uma sensação de alívio para qualquer pessoa.

Shoi, observando o velho mapa de mestre Sue, verificou alguns desenhos dos marcos de referência e sua localização exata e constatou a veracidade dos cálculos com poucos critérios utilizados pelo estimado mestre. O cálculo de um mês para chegar ao ponto determinado, naquele momento e localização, estava muito próximo da realidade. Reunidos numa roda, todos estavam devidamente acomodados, Shoi relatou aos seus parentes a situação atual.

—Irmãos e irmãs. Ainda falta um mês, aproximadamente, para chegarmos ao nosso ponto final. Gostaria, dos responsáveis, um relato de nossa situação atual. Alimentos, condições dos animais e opiniões, se as tiverem.

—Shoi — começou mestre Sue. — Acredito na durabilidade de nossas reservas de alimento até o momento de nos instalarmos nas novas terras. Creio que serão suficientes até a primeira colheita. Mas devemos nos precaver. Tudo que é comestível encontrado pelo caminho deve ser estocado, para possíveis eventualidades.

—Os animais estão melhores, principalmente depois do fim deste horróroso inverno — interrompia de modo inocente o menino Goo. - Não há sinal de doenças ou algo do gênero.

—As novas pastagens renovaram os ânimos dos cavalos — dizia Zhi.

—Com a primavera, há uma esperança de novos tempos — completava de modo filosófico, mestre Sue. — Tenho certeza de nosso sucesso nesta empreitada. Shoi nos trouxe até aqui sãos e salvos e nada há de nos acontecer.

—Suas palavras me estimulam muito, mestre, porém não teríamos sucesso se não tivéssemos a cooperação de todos aqui. Estamos ligados em nossas necessidades e acabamos formando uma única entidade. Portanto, o sucesso é nosso e não de uma única pessoa.

—Sua modéstia é típica dos grandes líderes - rebatia com ternura mestre Sue. — Não desmereça seus feitos, pois, se errássemos, você seria o culpado na visão da maioria.

—Agradeço mais uma vez, porém continuo com minhas convicções.

—Vamos ao que interessa. Precisamos saber o que fazer daqui para a frente! — interrompeu Ji.

—Concordo e peço desculpas por desvirtuar o assunto — disse mestre Sue.

—Tudo bem, mestre. Não se preocupe, concordo com suas idéias — Ji balançava a cabeça positivamente.

—Acredito no tempo de um mês, afinal os mapas não mentiram para nós — comunicou a todos Shoi. — Não vamos desanimar agora. Continuem com suas tarefas e conseguiremos vencer esta jornada.

Todos se ergueram e foram cumprir seus deveres à continuidade das rotinas do grupo; assim, levantariam o acampamento e prosseguiriam com a viagem e seus planos.

Tudo se manteve tranqüilo nos quinze dias seguintes. A viagem tornou-se muito menos estafante, pois o clima ajudava, menos, obviamente, quando as chuvas da primavera davam o ar da graça. Nem a chuva era tão desagradável quanto uma tempestade de neve, por isso ninguém reclamava. A noite, naquele dia específico, aparentava uma estabilidade pouco vista naquela época do ano. Um belo céu estrelado apresentava-se aos olhos mais tristes, exibindo um espetáculo visual sem precedentes. Milhares de pontinhos luminosos enfeitavam aquela bela noite. Via-se um pedacinho do universo naquela *janela* estrelada. Nebulosas, estrelas, planetas muito distantes e uma bela lua minguante complementavam o espetáculo. O grupo acampou num pequeno descampado onde uma tenda coletiva foi armada, desta vez com a proteção de tecidos e não as excessivas peles utilizadas no inverno. Uma fogueira foi acesa próxima à barraca onde se cozinhava arroz para os próximos dias. Todos se reuniam para ouvir as histórias contadas por mestre Sue e Shoi. Todos se divertiam, pois cada um contava de uma forma pessoal os antigos contos Li-Seugs. Não era surpresa, pois se sabia que em uma tradição oral, o importante era a preservação da essência dos contos e não a transmissão total,

preto no branco, das histórias. Todo o contador fazia pequenas adaptações para melhorá-las ao seu bel-prazer. Todos comiam, ouvindo atentamente as histórias, rindo e conversando entre si, quando um barulho nunca ouvido antes chamou a atenção deles.

Era um barulho ensurdecedor. Um chiado estranhíssimo. De repente, o pequeno Goo que estava ao lado de Andarilho, o filhote de lobo negro, apontou com seu pequeno dedo para o céu. Um ponto luminoso, parecido com uma estrela, movia-se de um jeito totalmente inédito àquela gente. O ponto começava a aumentar rapidamente. Com ele trazia o estranhíssimo som aumentando proporcionalmente à medida que se aproximava.

—Pelos deuses! O que é aquilo?

O objeto estranho passou pela cabeça dos Li-Seugs, obviamente a uma altura elevadíssima, e seguiu uma trajetória reta. E todos estavam com os olhos fixos no estranho ponto luminoso. Ninguém ousou se mexer, num misto de medo e curiosidade. O ponto de repente parou abruptamente a cerca de dois quilômetros do local de onde estavam começou, então, segundos depois, a descer num ângulo perfeito de noventa graus em relação a sua trajetória original. E, no pouso, um clarão iluminou todas as terras ao seu redor como se o dia voltasse por alguns segundos. Shoi

imediatamente chamou Ji e Zhi para pegarem seus cavalos e verificarem o que significava aquilo. Apesar de estarem com um medo fora do comum, a curiosidade falou mais alto. Pediram que mestre Sue orasse por eles. Mestre Sue pediu, nos instantes antes da partida, que todos tomassem cuidado, pois aquilo era totalmente desconhecido. Todos, devidamente montados, seguiram na direção nordeste onde o objeto havia pousado. Não levou nem dez minutos a chegada no local. Pararam alguns metros do ponto inicial do clarão. Amarraram seus cavalos para que não debandassem. Seguiram com passos de fantasma até o local exato.

—Silêncio! Temos de ir bem devagar — dizia Shoi com a voz mais baixa possível, quase um sussurro.

O local estava todo chamuscado, porém não havia mais nenhum vestígio de fogo nem um odor de queimado excessivo. O objeto estava no chão, intacto, sem movimento algum. Shoi, Ji e Zhi aproximaram-se cada vez mais. Aquela coisa tinha um formato muito estranho aos olhos deles. Como uma flecha gigante, tinha quatro bolhas negras ovais acima da ponta, não possuía abertura alguma aparente. Tinha cores intensas, preto, vermelho, verde. Cores de metal prateado, queimado. Coisas que lembravam, com muito esforço e criatividade, barbatanas e chifres que saíam da pele daquele objeto, como as penas colocadas atrás de uma flecha. Nada parecido com aquilo havia sequer povoado os sonhos mais profundos dos que estavam presentes. Shoi aproximou-se bem perto dele e tocou-lhe com mãos trêmulas. Estava quente, mas

numa temperatura suportável. Ficaram por meia hora olhando aquela aberração vinda do céu.

—Será alguma coisa dos deuses que caiu acidentalmente? — perguntou Ji a Shoi.

—Não sei.

—É melhor voltarmos — disse Zhi.

—Você tem razão. Vamos voltar, pois não há nada aqui para nós — respondeu Shoi.

Quando deram as costas para a flecha gigante dos deuses, um barulho saiu das entranhas daquilo. Eles, assustadíssimos, olharam com espanto e pavor na direção contrária ao seu caminho. Uma

espécie de porta abriu-se diante deles. Uma luz intensa, a ponto de deixá-los sem uma visão decente, iluminou-os. Tentando se proteger com as mãos, fazendo uma espécie de aba, Shoi viu algo mexendo-se dentro do estranho objeto. De repente saiu uma criatura monstruosa, com aproximadamente três metros de altura. Trajava uma espécie de armadura totalmente preta, porém a luz intensa não permitia ver com mais detalhes. De seu elmo, observando seus pequenos visitantes, a criatura aproximou-se levantando sua pata num gesto pacífico. A viseira que cobria o rosto da criatura foi removida por ela mesma e olhos amarelos com um rasgo negro apareceram. *Não é possível!*, pensava Shoi. Aquele rosto era-lhe conhecido de alguns desenhos antigos mostrados por mestre Sue.

Naqueles instantes de contato, todos se ajoelharam, como se cultuassem uma divindade, mas em uma atitude mais de espanto do que de adoração. Sentimentos confusos. A criatura esboçou algo parecido com um sorriso e pronunciou, com sua voz grossa e metálica, algo indecifrável para os ouvidos daquelas três pessoas. Shoi encarou-o mais uma vez e disse com espanto e euforia nunca sentidos por ele em sua existência:

–Pelos espíritos ancestrais dos Li-Seugs! Eu não acredito...

CAPÍTULO 2

ADEUS, HONG KONG

No ano de 1985 da Era Cristã...

Margareth Du Bois trabalhava há cinco anos na firma de consultoria Smith & Johnson Associados, com sua matriz localizada na cidade de Londres. No primeiro ano de trabalho naquela firma, apareceu a oportunidade de transferência para a filial de Hong Kong. A curiosidade de passar algum tempo em terras orientais mais as oportunidades oferecidas por seus superiores fizeram-na aceitar o posto imediatamente. Sua formação em Direito Internacional mais a experiência de oito anos em outra instituição do mesmo gênero deram-lhe as condições perfeitas, conseqüentemente, ao cargo de

representante legal e responsável direta pela filial de Hong Kong. Apesar de sua descendência belga, seu coração e seu espírito eram completamente ingleses. Há três gerações sua família residia na Inglaterra e uma vontade, de origem não definida, de conhecer e viver em outros lugares, lógico que não por um período muito longo distante da amada Inglaterra, já rondava seus sonhos desde o curso de Direito feito na Universidade de Oxford. A tarefa da firma, em Hong Kong, seria a de fornecer consultoria jurídica e assessoria legal para empresas inglesas instaladas por lá e grandes grupos financeiros locais. Obviamente, o competente corpo de advogados seria mais que suficiente para atender seus poderosos clientes, não necessitando da presença da Srta. Du Bois na maioria dos casos. Portanto, Margareth Du Bois usava parte considerável de seu tempo para os assuntos internos exigidos por uma firma daquele porte. Somente uma exceção a retirava das rotinas internas necessárias na filial da Smith & Johnson Associados. Os assuntos do maior cliente deles tinha um luxo totalmente exclusivo. Para esse cliente, Du Bois dedicava-se pessoalmente.

O maior cliente da empresa Smith & Johnson Associados não era um cliente de origem inglesa, tampouco européia. Esse cliente possuía um poderoso império comercial, com empresas de importação e exportação, laboratórios de pesquisa e desenvolvimento nas áreas de medicina, tecnologia, têxteis, etc. Um conglomerado com mais de 250 empresas espalhadas por sessenta países. Sua matriz ficava em Hong Kong. Foi um cliente difícil de conquistar, pois não aceitaria qualquer firma de advocacia para representá-lo. O histórico de competência da Smith & Johnson Associados forneceu-lhe credenciais mais que suficientes para o privilégio dessa tarefa. Portanto, um cliente tão importante assim não deveria ser tratado por subalternos da firma. Srta. Du Bois fazia com que sua presença sempre estivesse disponível para

um cliente tão especial. A *Seug Corporation* era uma das mais poderosas empresas do mundo e um cliente extremamente representativo, tanto na parte financeira quanto na posição de prestígio que representar esse cliente fornecia.

Margareth, numa manhã nublada de segunda-feira, chegou habitualmente às oito horas em ponto ao trabalho. Acomodou-se em sua poltrona e começou a analisar alguns papéis da *Seug Corporation*. Cinco minutos se passaram e sua secretária entrou no bem decorado gabinete, estilo georgiano, com uma bandeja de café. Colocou a xícara num espaço vago na mesa, serviu-a com delicadeza e depositou a bandeja em um aparador próximo à entrada. Sentou-se de frente a Margareth e abriu a agenda com uma caneta na mão. Em um ritual diário, começou a recitar os compromissos agendados àquele dia.

—Srta. Du Bois, hoje a senhorita tem um encontro com o Sr. Seug, na sede da *Seug Corporation*, marcado para as duas horas da tarde — destacou com precisão a dedicada secretária.

—Muito bem, Stephanie. Prepare os procedimentos para minha ida. Alerta o motorista, separe a pasta com os documentos e o processo.

–Sim, senhorita. Estará tudo pronto e providenciado até as duas horas.

–Hoje você irá comigo, esteja pronta também.

–Como desejar. Mais alguma coisa?

–Não, pode voltar aos seus afazeres.

A jovem Stephanie levantou-se da cadeira e dirigiu-se para sua sala em frente ao gabinete de Margareth. Apesar dos velhos estereótipos que a beleza feminina sempre carrega, a eficiência sempre foi a marca registrada nos serviços da jovem Stephanie. Margareth sabia, pela convivência, do potencial da jovem. Ela mesma sofreu muito com os estereótipos da beleza no princípio de sua carreira, mas essa carga de preconceitos não foi páreo para sua

dedicação e seu talento. A nomeação como responsável da filial de Hong Kong não fora por acaso. A firma Smith & Johnson Associados não lhe daria esse cargo se sua capacidade estivesse aquém das expectativas desejadas. Apesar da dedicação ao trabalho e de seus trinta e cinco anos, sua fantástica beleza escondia sua real idade, muitas vezes não sendo tratada com a seriedade desejada. Contudo, seu potencial e sua determinação derrubavam qualquer tipo de impressão negativa no primeiro minuto de contato, demonstrando, assim, a grande profissional existente naquele belo rosto. Reafirmava sempre a presença da lutadora nas pequenas batalhas corporativas do dia a dia.

Margareth concentrou-se no trabalho e o tempo passou como num piscar de olhos. Extremamente envolvida na papelada depositada sobre a mesa, foi despertada de seu universo de preocupações por uma batida na porta. O jovem rosto de Stephanie apareceu de súbito no vão da porta entreaberta.

–Já é meio-dia, senhorita. Deseja almoçar em seu gabinete?

–Muito obrigada, Stephanie, mas hoje vou almoçar naquele restaurante aqui pertinho.

—Tudo bem.

—Vá almoçar também, e esteja pronta daqui a duas horas.

—Sim, senhorita.

Margareth Du Bois desceu do edifício, andou um pequeno quarteirão sentindo os odores urbanos de poluição e fritura, e entrou num restaurante típico de Hong Kong. O proprietário, um velhinho com olhos orientais vivos e atentos, recebeu-a como se recebe uma velha amiga. E com certeza havia uma espécie de relação entre ambos. Não muito profunda, porém, uma relação de cliente e prestador que se conheciam há muito tempo. Desde que chegara a Hong Kong, ela freqüentava esse restaurante próximo à empresa. Margareth cumprimentou o simpático senhor e acomodou-se em um banco no meio do balcão do restaurante. Pegou o cardápio e o leu atentamente. Depois de um curto período, pediu, com um sorriso amigável, uma sopa de macarrão com frutos do mar. Por sinal era seu prato preferido naquele restaurante. Apesar

de ter uma posição social muito favorável, Margareth era uma mulher simples e gostava das coisas simples da vida em seus momentos privativos. Por isso a constante freqüência em um restaurante pequeno e popular. Mas não só a simplicidade e a boa comida atraíam-na ao estabelecimento. As histórias contadas pelo idoso proprietário também se tornaram um convite e um motivo forte para sua presença ali. Ela sonhava, num futuro próximo, escrever um livro relatando sua estada no Oriente e um segundo livro sobre o folclore local. E neste segundo caso, o idoso proprietário, Sr. Lee, era uma de suas principais fontes.

—Aqui está seu prato, senhorita — dizia, com um sorriso, o Sr. Lee.

—Obrigada, Sr. Lee. Hoje não tenho muito tempo, pois tenho um compromisso após o almoço.

—Comer rápido faz mal, senhorita. Devemos respeitar nossas necessidades.

—Infelizmente hoje não posso me dar a esse luxo.

–Ora, senhorita! Por quê?

–Meu compromisso é com o proprietário da *Seug Corporation*. Nosso melhor cliente lá na empresa.

O Sr. Lee olhou-a com um ar diferente do normal. Coçou o queixo, mas logo foi interrompido por outros clientes famintos sentados ao balcão. Todos satisfeitos com o atendimento, o Sr. Lee voltou sua atenção novamente à Srta. Du Bois.

–Interessante. Muito interessante. Estava lembrando de uma velha história contada por meu avô sobre a família Seug.

–Que história? — interessou-se Margareth.

–Dizem que o poder e o dinheiro dessa família advêm de um pacto feito há milênios com uma entidade não deste mundo.

–Não imaginava que os Seugs pertenciam ao imaginário da cultura local.

–Ah! Há mais na história dessa gente do que se imagina.

–Isso é lenda, Sr. Lee — Margareth esboçava um sorriso forçado.

–Bem, isso eu não posso dizer com certeza, mas essa história é conhecida há muito tempo — dizia com seu inglês ao estilo oriental.

–Pessoas bem-sucedidas trazem esse estigma em suas biografias. Essas lendas são formadas por força do inexplicável. É mais fácil pensar assim em vez de saber a verdade.

–E que verdade seria esta, senhorita?

–A verdade está no esforço e no trabalho dedicados da família Seug em seus negócios.

–Mas nós acreditamos no esforço das pessoas aqui, senhorita, porém, desde que me conheço por gente, a família Seug é a mais poderosa da região e seu poder está muito além do que imaginamos. Diz a lenda, que há muitos anos os ancestrais dos Seugs foram aprisionados e escravizados por um deus, ou criatura, de outro mundo, não se sabe ao certo, e este deus ou coisa que o valha, como recompensa, deu-lhes riquezas nunca antes imaginadas. Mas o preço por sua riqueza está intimamente ligado à servidão e à fidelidade a ele. E apenas uma lenda e nada mais, senhorita. No fundo acredito que são abençoados, no mínimo. Enfim...

—Tudo bem, Sr. Lee. Respeito sua opinião — disse Margareth, apesar de não acreditar na história e ainda defender a tese de que era apenas intriga e boataria daqueles enciumados do sucesso alheio. Para não se incomodar mais com o assunto, resolveu se calar e concentrar-se no encontro que teria mais tarde.

Terminada a refeição, Margareth pagou e cumprimentou o Sr. Lee, dizendo-lhe ter interesse posteriormente naquela história dos Seugs, e que a contasse num momento mais oportuno. O Sr. Lee sorriu com seu jeito cortês dizendo-lhe que em uma próxima oportunidade estaria à disposição.

Em pouco tempo, Margareth Du Bois encontrava-se novamente na empresa. Juntou-se a Stephanie e pegou o material necessário para a reunião na *Seug Corporation*. As duas se dirigiram ao estacionamento e entraram no automóvel negro de quatro portas da empresa. Apesar do agito ainda existente em função da hora do almoço, a viagem até a sede da *Seug* foi muito tranqüila, não prejudicando o tempo determinado de chegada. Margareth aproveitou esses instantes de viagem para analisar um pouco mais, os papéis levados consigo. Chegando próximo ao ponto final da viagem, já era possível ver o prédio da *Seug*. O edifício imponente, um ponto destacado na própria Hong Kong, era o que tinha de mais

moderno em termos arquitetônicos. Não tinha nem um ano de inaugurado e utilizava os equipamentos mais avançados para a época. Funcionalidade, alta tecnologia e beleza num único lugar. Um dos prédios mais altos daquela região. Uma vez lá, a porta automática do estacionamento abriu-se. O automóvel entrou e estacionou-se próximo ao elevador exclusivo da presidência. Margareth e Stephanie entraram no elevador e foram saudadas por uma voz eletrônica, um tanto artificial: *Sejam bem-vindas à Seug Corporation*. A porta abriu e depararam com a secretária da presidência, sentada, trajada elegantemente atrás de uma mesa.

—Sejam bem-vindas. O Sr. Li-Seug as aguarda no escritório — ela disse.

—Obrigada — respondeu Margareth.

As decorações da ante-sala e da sala possuíam traços minimalistas. Uma mistura de metal escovado, vidro e concreto. Nada era supérfluo. Um tributo à valorização dos espaços vazios. Nenhuma pessoa com claustrofobia sentiria agonia em um ambiente tão grande e limpo visualmente. Seguiram a secretária até a porta da sala do Sr. Seug. Esta, por sua vez, abriu-a e as conduziu com educação para dentro do ambiente. O Sr. Li-Seug levantou-se de sua cadeira e cumprimentou as duas mulheres formalmente, com

todas as regras de etiqueta características de homens bem-educados. Apesar da formalidade, sua simpatia e o sorriso expressado em sua face eliminavam qualquer resquício de posição social ou esnobismos normais em homens de sua posição. Seug, na opinião de Margareth, era um cavalheiro perfeito e ao mesmo tempo a simplicidade em pessoa. Uma vez todos acomodados, o assunto que levou Margareth até a *Seug Corporation* foi iniciado.

—Srta. Du Bois, como vai o processo de transferência da sede da *Seug Corporation*? - perguntou em tom baixo, mas audível, Sr. Seug.

—Está tudo pronto, Sr. Seug - disse Margareth.

—Interessante! Muito interessante!

—Só preciso que o senhor assine estes papéis para os trâmites legais.

–Muito bem. Onde assino?

–Aqui e aqui — Margareth apontava lugares tracejados nos papéis.

Li-Seug assinava os documentos entregues por Margareth. Seus planos consistiam na transferência da sede para outro país. Afinal, o acordo assinado entre China e Reino Unido, no ano anterior, não agradava os empresários locais. O fantasma do comunismo somado à incerteza dos acontecimentos futuros fizeram a *Seug Corporation* tomar essa atitude. Apesar da devolução de Hong Kong acontecer em meados de 1997, não queriam correr riscos desnecessários, antecipando assim essa transferência preventiva.

–Não podemos correr o risco de estarmos aqui quando os comunistas assumirem — disse Li-Seug.

–Apesar de compreender sua preocupação, Sr. Seug, acho precipitada sua atitude, afinal a China não tem motivos para anexar Hong Kong de imediato. Haverá, com certeza, respeito deles em relação ao tratado feito com o Reino Unido.

–No fundo também não sou tão alarmista, mas se aprendi alguma coisa nesta vida é que prevenção nunca é demais. Eu não estou disposto a correr riscos. Não gostaria de apressar minhas atitudes numa conjectura pessimista. Portanto, antecipo a transferência exatamente para fazê-la calmamente.

–Claro, Sr. Seug. Compreendo perfeitamente sua posição, apenas expus uma opinião sem maiores comprometimentos.

–Não se preocupe, não estou ofendido. Afinal, o trabalho de vocês é orientar seus clientes da melhor maneira possível.

–Perfeitamente, senhor.

–Gostaria de saber quando poderei mudar?

–Tudo está em ordem, Sr. Seug. No prazo máximo de um mês, não mais do que isso. Apenas a burocracia-padrão.

Li-Seug levantou-se da confortável poltrona onde sentara há pouco. Perguntou se as duas mulheres desejavam beber alguma coisa. Elas recusaram. Depois, ele foi até sua mesa, pegou alguns papéis e voltou a sentar-se na poltrona onde estivera.

–Srta. Du Bois. Gostaria de informá-la que seus serviços serão necessários e imprescindíveis para a *Seug Corporation* aqui em Hong

Kong e informo de minha satisfação em relação aos serviços prestados pela Smith & Johnson Associados.

–Muito obrigada pela confiança, Sr. Seug. Falo em meu nome e em nome da empresa.

–Devo partir daqui a uns dois meses. Acione a matriz de Londres da Smith & Johnson Associados para fazer minha assessoria pessoal e da filial londrina da *Seug Corporation*.

–Perfeitamente.

–Acho que estamos entendidos em relação a este assunto. Em relação a minha mudança, como estão os papéis alfandegários?

–Estão encaminhados e devo ter essa questão resolvida em no máximo uma semana — disse Margareth, observando alguns papéis em seu colo.

–Muito bem, então. Vou providenciar tudo para minha jornada rumo a Londres — disse Li-Seug. — Acho que discutimos tudo por hoje.

–Sim, senhor. Já estamos indo e desejamos uma boa tarde ao senhor.

–Boa tarde para vocês também.

Margareth e Stephanie levantaram-se e foram conduzidas pela secretária de Seug até o elevador. Li-Seug sentou-se em sua mesa, concentrando-se em alguns afazeres ainda pendentes. Assinou uma pilha de papéis necessários para o funcionamento de suas empresas e, assim que terminou, chamou sua secretária. A moça veio atendê-lo em poucos segundos da melhor maneira possível.

–Em que posso servi-lo, Sr. Li-Seug?

–Faça-me um favor, senhorita. Avise Zhi para vir aqui quando terminar seu trabalho.

–Sim, Sr. Li-Seug.

A secretária foi imediatamente localizar a Srta. Zhi. Comunicou-a do pedido de Li-Seug e, assim que suas obrigações foram resolvidas, seguiu imediatamente à sala da presidência. Ao ver o Sr. Seug sentado à mesa de trabalho, dirigiu-se a ele e, com um olhar fraternal, encarou-o. Por sua vez, Seug também a encarou com a mesma intensidade. Ele se levantou e abraçou Zhi com naturalidade.

–Querida Zhi, tenho notícias favoráveis em relação a nossa mudança.

—Shoi, meu irmão, devemos preparar tudo e comunicar "você sabe quem" — disse Zhi num som apenas audível por Li-Seug Shoi.

—Eu sei! Eu sei.Você tem algo mais a fazer aqui por hoje?

—Não Shoi. Já cumpri com minhas obrigações neste dia de trabalho.

—Então vamos para casa e resolveremos as pendências por lá mesmo.

—Sim, meu irmão.

Os dois fizeram os últimos arremates para suas respectivas saídas da empresa. Foram juntos até um carro estacionado na garagem e este seguiu rumo ao lar. Durante toda a breve viagem, os dois não trocaram nenhuma palavra. Não por antipatia, mas Li-Seug Shoi

não era muito de diálogo quando se encontrava em movimento num veículo a motor. Chegaram até a mansão dos Li-Seug e saltaram do veículo. Seguiram pela porta da residência, uma bela porta toda entalhada, e foram recepcionados por um mordomo. Este fez os cumprimentos de praxe e os deixou em paz em poucos minutos.

—Vou falar com Tlüogodärami sobre os acontecimentos do dia — disse Shoi para Zhi.

—Tudo bem. Vá, querido irmão. Daqui a pouco irei encontrá-los.

—Até logo, então.

Li-Seug Shoi subiu a escadaria de sua suntuosa casa. Uma bela decoração ao estilo clássico ornava sua residência. No segundo andar, caminhou por um corredor relativamente grande, pelo menos em relação aos corredores existentes na residência. Foi até o final deste, onde deparou com uma porta de madeira também totalmente entalhada ao modo oriental. Adentrou no recinto. Ali se

encontrava uma imensa sala com um pé-direito extremamente elevado. Aquele ambiente, uma grande biblioteca, alojava milhares de livros. Seu real tamanho só seria mensurável aos olhos dos observadores privilegiados, oportunamente colocados diante de tão gigantesco lugar. A entrada dessa biblioteca encontrava-se no segundo andar do recinto. Shoi desceu uma escada reta, em metal, para o primeiro andar. Seguiu até o final do recinto, sendo observado por milhares de volumes que cobriam todos os lados da biblioteca. Ali, bem no final, havia um vulto, e este, por sua vez, encontrava-se encoberto por uma espécie de biombo translúcido. Shoi aproximou-se e puxou uma cadeira ali existente. Sentou-se, respirou por dois segundos e encarou de modo amigável o vulto atrás do biombo.

–Tlüogodärami? Está ocupado?

–Não, Shoi. Estava apenas lendo um pouco. Nada de importante - disse o vulto com uma pronúncia perfeita, porém não humana.

–Nossos planos estão correndo perfeitamente bem. Recebi a equipe da empresa de advocacia e estaremos prontos para nossa mudança daqui a uns dois meses.

—Ah! Bom! Muito bom ouvir essa notícia.

—Vamos começar a embalar tudo. Mandaremos tudo de navio para Londres e de lá poderemos fazer uma baldeação em uns dos navios cargueiros da Seug. Este, por sua vez, nos levará até nosso objetivo final, sem sermos perturbados.

—Gostaria de saber se dará para você, meu amigo, vir conosco? - perguntou o vulto para Shoi.

—Terei de ficar algum tempo em Londres. Tratarei de algumas coisas pendentes e depois nos encontraremos. Fique tranqüilo. Goo e Ji vão acompanhá-lo nessa jornada.

—Claro! Não estou nervoso, pelo contrário, estou tranqüilo. Tenho total confiança em vocês, meus amigos.

–Uma vez terminada essa etapa, poderemos iniciar o segundo estágio de nossos planos.

–Não será fácil, Shoi! Mas conto com a ajuda de vocês; tenho absoluta certeza de nosso sucesso nessa empreitada.

–Os Li-Seugs estão à sua disposição e somos simpatizantes de sua causa.Vamos até o fim para conseguirmos esse objetivo.

Nesse instante, Zhi chegou acompanhada por Ji e Goo. Todos desejaram uma boa tarde a Tlüogodärami e este retribuiu o gesto com a mesma educação. Acomodaram-se da melhor forma possível. Conversaram sobre a mudança e as confirmações dadas por Margareth Du Bois sobre os trâmites legais. Naqueles instantes de conversa, decidiram a antecipação da mudança em um mês, pois não havia motivos para esperar.

—Não há necessidade de esperarmos dois meses — disse Ji. — A transferência pode levar algum tempo, mas nossa presença física não será necessária aqui. Acredito que um mês é o tempo ideal para prepararmos tudo.

—Que assim seja! — disse Shoi.

—Todos nós concordamos com a antecipação. Vamos trabalhar para isso acontecer o mais rápido possível — afirmou Ji.

Todos saíram do recinto, menos Shoi. Este ainda ficou conversando com Tlüogodärami. Conversaram sobre os velhos tempos. Riram juntos, ao modo dos velhos amigos. Havia uma relação entre os dois de eterna amizade. "Irmãos das circunstâncias", dizia sempre Tlüogodärami.

—Amigo Shoi. Tivemos muita sorte durante todos estes anos. Entretanto, o tempo se esgota. Esta é a época exata para

empreendermos nossos objetivos. Nossa existência depende exclusivamente de nossas atitudes. Tenho dentro de mim a sensação do sucesso. Portanto vamos em frente.

–Com certeza,Tlüogodärami. Com certeza.

Quarenta dias se passaram desde a conversa na biblioteca da mansão dos Li-Seugs. O embarque seria naquele dia. Não era um dia dos mais belos. Chovia torrencialmente. Trovões assustavam qualquer um com seus barulhos repentinos. Os raios abriam fendas brilhantes no céu negro. A luz irradiada pelos raios iluminava as nuvens como se o dia tentasse fugir de uma prisão de sombras, mas em instantes voltavam a encobri-lo com seu véu misterioso e negro.

Havia um último contêiner sendo carregado na mansão dos Li-Seugs. Esta, por sua vez, encontrava-se completamente vazia. Somente ar e poeira habitavam aquela outrora movimentada

residência. No vazio das salas, o barulho da chuva batendo nas janelas ecoava pelos corredores não mais habitados.

Enquanto o momento exato da viagem não chegava, Shoi estava em um depósito pertencente à *Seug Corporation*. Ali se encontrava um dispositivo metálico no gigantesco espaço existente dentro do depósito. Só pessoas autorizadas pela *Seug Corporation* trabalhavam naquele recinto. Naquele mesmo local, uma espécie de máquina industrial, desmontada pela metade, exibia-se sendo o centro das atenções e atividades. Os funcionários trabalhavam com afinco nos dois dispositivos ali presentes. Não mais que de repente, um pequeno caminhão fechado foi autorizado a entrar no depósito. Todos os funcionários pararam suas funções para observar a chegada do veículo. As portas traseiras do caminhão foram abertas e surgiu algo parecido com um homem. Naquele momento não se distinguia direito o que seria aquilo. Era alto demais para um homem comum. Possuía três metros de altura e seu corpo era disforme em comparação a qualquer humano normal, porém não se podia definir direito o que era exatamente este ser. Um grande manto preto com capuz encobria a criatura. Shoi foi imediatamente na direção daquele ser gigantesco.

–Bem-vindo, Tlüogodärami! Como foi a viagem até aqui?

–Nada mal. Apenas um pouco desconfortável. Nada que um pouco de sono não resolva.

–Pronto para esta nova viagem?

–Sim, meu amigo. Estou pronto há muito tempo!

Todos os presentes observavam a criatura com olhos de admiração e respeito. Depois de alguns instantes, os funcionários voltaram às suas funções. Todos eles do clã dos Li-Seugs. Começaram, então, as operações com os dois dispositivos ali presentes. A máquina industrial teve suas duas partes afastadas para os cantos do depósito. Um dispositivo metálico, uma espécie de caixa, foi levada ao meio do local onde estavam as duas metades da máquina. Um painel nesse dispositivo foi acionado por um dos funcionários responsável por aquela função. O objeto abriu uma espécie de tampa. Demonstrou ser uma espécie de casulo. Tlüogodärami direcionou-se ao casulo e observou-o por alguns segundos. Shoi o acompanhou.

—Boa viagem e bons sonhos, meu nobre amigo.

—Obrigado — Tlüogodärami, depois de agradecer a Shoi, disse com sua voz peculiar a todos os presentes. — Agradeço a vocês todos por estes anos de acolhida e amizade. Estamos fazendo história, hoje, meus amigos. Finalmente este dia chegou e dentro de algum tempo vamos subir os outros degraus de nossa jornada. Hoje é o início verdadeiro das operações que vão mudar o mundo para sempre. Muito obrigado a todos e nos veremos no ponto de chegada.

Entrou, portanto, no casulo acomodando-se de bruços. Neste momento uma espécie de cauda escamosa podia ser vista, saindo timidamente do manto, mas apenas uma diminuta ponta. Bem acomodado dentro do casulo, este foi fechado, e os homens começaram as operações. Shoi acompanhou tudo de muito perto e pessoalmente programou o casulo. Assim que as condições ideais de hibernação foram ativadas e verificadas, um pequeno guindaste levantou a cápsula de hibernação a uma altura de aproximadamente um metro. Por sua vez, o objeto foi coberto pelas metades separadas da máquina industrial. Esta foi montada impecavelmente, não deixando rastro do conteúdo fantástico existente nela.

A preciosa carga foi colocada em um contêiner e levada até o porto de Hong Kong. Shoi acompanhou essa etapa e encontrou-se com Goo e Ji.

–Cuidem bem de nosso amigo.

–Pode deixar com a gente, Shoi — respondeu Goo.

–Daremos nossas vidas, se for necessário, para que tudo ocorra bem - comunicou Ji.

–Vão com toda a paz e que os deuses os protejam, meus irmãos. Adeus.

O navio cargueiro da *Seug Corporation* estava pronto. A chuva recomeçara novamente e Shoi observava o cargueiro zarpar nas

águas um pouco revoltas. Em pé, com um guarda-chuva em mãos, via aos poucos o navio desaparecer e um milhão de pensamentos povoavam sua mente. Mas a esperança de sucesso tornava-se cada vez mais uma certeza e nada iria impedir este fim. Deu mais uma olhada e não viu mais vestígios do navio. Andou um pouco e resolveu ir embora. Foi em direção a um automóvel, onde um motorista o esperava. Entrou no carro e partiu, deixando um rastro de partículas de água, como se fosse uma temporária neblina, porém uma neblina de esperança e otimismo.

CAPÍTULO 3

REVELAÇÃO

No ano de 2.015 da Era Cristã...

Andrew S. Carter, o tipo de pessoa empreendedora, não passava um dia sem ter uma boa idéia. Nasceu em 1975, na cidade de Nova York, e teve uma infância tranqüila, quase idílica. Vindo de uma família de empreendedores, seu pai era dono de uma empresa na área aeronáutica sediada no Estado de New Jersey. Foi um aluno brilhante e suas escolhas acadêmicas estavam intimamente ligadas à área de atuação de sua família. Formou-se em Engenharia Aeronáutica. Contudo, antes mesmo de se profissionalizar, acompanhava seu pai ao trabalho sempre que podia. Seus sonhos

de infância estavam repletos de momentos imaginativos ligados ao mundo da aeronáutica. Sonhava em um dia construir naves espaciais e ser um astronauta. Queria ser um *desbravador do universo*, assim pensava em sua tenra infância. Com o tempo, naturalmente, seus pensamentos foram amadurecendo e muitos desses sonhos desapareceram, mas o espírito empreendedor aumentou cada vez mais. Trabalhou duro junto de seu pai e aumentaram o prestígio da empresa a padrões nunca antes imaginados. Muita da tecnologia fundamental das aeronaves de passageiros devia-se ao desenvolvimento de uma nova tecnologia, extremamente recente, produzida pessoalmente pela família Carter.

Há cerca de uma década, a família Carter participou da concorrência para o desenvolvimento de uma aeronave. Essa aeronave deveria decolar e alcançar o espaço sideral sem a necessidade de propulsores descartáveis e ainda ser uma aeronave totalmente reutilizável. O objetivo principal era a viagem fora da atmosfera terrestre, possibilitando um menor tempo de vôo comercial. E se o projeto fosse muito bom, poderia ser utilizado pelo Programa Espacial dos Estados Unidos ou da União Européia. Sócios na iniciativa da abertura daquela concorrência, ambos apresentavam interesse pelos projetos realizados pelos concorrentes. Nessa concorrência participaram grupos do mundo inteiro. No final, a família Carter perdeu para um grupo chinês. A decepção foi grande, a princípio, pois Andy pensava em realizar um sonho de infância. Mas, apesar de tudo, muito do que fora desenvolvido utilizou-se nas melhores e mais seguras aeronaves de vôo comercial. O excelente projeto e o protótipo apresentados não agradaram os responsáveis pelos projetos espaciais, porém conseguiram contratos com muitas empresas do ramo aeronáutico. Despertou, também, o interesse de um poderoso investidor da área privada. Esse investidor manteve contato com a família Carter por

um bom período. Havia um negócio milionário e a oportunidade de levar o projeto *Black Mustang 03A*, aquele rejeitado, adiante. Infelizmente, o pai de Andy não viveu para ver o projeto feito em conjunto com seu filho e funcionários colher os frutos no final. Seu já conhecido problema cardíaco finalmente ceifou sua vida em 2013. Depois da morte do pai, Andy Carter prometeu não deixar o legado paterno desaparecer e lutaria para que a empresa continuasse o rumo bem-sucedido deixado pelo saudoso Dr. Carter.

Num dia comum, bem tranquilo por sinal, Carter chegou a seu escritório como fazia todos os dias. Foi até a linha de projetos e verificou cada item projetado por seus engenheiros. Tudo se encaixava perfeitamente. A rotina era mantida, como de costume, e o trabalho andava normalmente. Voltando à sua sala, mal se acomodou em sua cadeira e o telefone tocou. Deixou tocar duas vezes e atendeu. Passou uma meia hora falando e desligou com uma empolgação juvenil. O telefonema era da empresa interessada em patrocinar o projeto *Black Mustang 03A*. A pessoa do outro lado da linha confirmou interesse no projeto e perguntou a Carter se havia a possibilidade de um encontro com ele. Carter, demonstrando uma satisfação fora do comum naquele dia, confirmou a possibilidade do encontro conforme a necessidade da empresa. Esta, por sua vez, indicou-lhe que receberia em breve mais instruções, pelo correio, dos procedimentos necessários para aquele encontro de negócios.

Carter esperou pacientemente, porém não conseguia parar de pensar na possibilidade de levar seu mais querido projeto adiante.

O pensamento não lhe saía da cabeça. Faria, dentro de suas possibilidades, o melhor para a concretização desse tão sonhado negócio. Quando a ansiedade começou a diminuir e a rotina voltava aos poucos ao seu ritmo, numa pacata manhã de domingo, Andy encontrava-se deitado em seu sofá vendo um desses seriados antigos reprisados nas manhãs desses dias de descanso. Foi surpreendido pelo toque de sua campainha. Um entregador, não dos correios, e sim de uma empresa de entregas particulares, trazia consigo um pacote marrom com um centímetro de espessura, do tamanho de um envelope comum. Andy assinou o canhoto dos papéis burocráticos e pegou o inesperado objeto. Agradeceu ao funcionário sendo retribuído da mesma forma e fechou a porta. Sentou-se à mesa e observou por alguns instantes, não mensuráveis, aquele pacote. Era marrom-escuro e havia alguns códigos de barra e carimbos de inspeção da empresa prestadora do serviço de entrega. Fora essas características normais de uma entrega, a cor era quase perfeita, cobrindo todo o pacote. Ao canto direito deste podia-se ver claramente um logotipo dourado e o nome da empresa. Neste momento Carter sentiu seu coração disparar. Finalmente seu tão esperado pacote transpôs a barreira do imaginário. Apesar da ansiedade explícita demonstrada por ele naquele momento, respirou fundo, colocou o pacote repousando sobre a mesa e aguardou alguns minutos para abri-lo. Acalmou-se tomando um café preto enquanto observava.

Depois de seus sentimentos estarem controlados, Andy pegou um estilete e abriu meticulosamente o pacote, fazendo uma abertura com a destreza de um cirurgião, e retirou o conteúdo. Havia nele uma pequena carta dobrada, um cartão de crédito, um cartão com um número de telefone, um telefone celular e passagens de avião. De forma bastante controlada, Andy desdobrou a carta e leu seu tão esperado conteúdo. Nela havia os seguintes dizeres, em inglês:

Prezado Dr. Andrew S. Carter,

É com grande satisfação que chegamos a esta etapa de nossa negociação. Observamos por anos a concorrência dos programas espaciais em que o senhor participou. Em nossa avaliação, o projeto chefiado pelo senhor é exatamente o que procurávamos. Disponibilizamos-nos a patrocinar seu projeto e solicitamos um encontro pessoal para o fechamento dessa empreitada. Ficariamos profundamente felizes se o senhor pudesse comparecer à nossa sede mundial, no Brasil, para a devida negociação. Adiantamos-nos, em caso de disponibilidade de sua parte, em fornecer-lhe toda a infra-estrutura necessária para esse encontro. Há no pacote em suas mãos as passagens de ida e de volta, um aparelho de telefone, um cartão de crédito para suas despesas em terras brasileiras e um número de telefone. Utilize este celular recebido pelo senhor e ligue para o número fornecido, confirmando sua disponibilidade. Caso haja esta, estaremos esperando-o no dia 20 de agosto. Não se preocupe com nada. Quando sua presença for confirmada, estaremos à sua disposição para guiá-lo em sua estada no Brasil. Um de nossos executivos estará esperando-o no

aeroporto. Aguardamos sua chegada com a certeza de fazermos um bom negócio. Desejamos desde já uma boa viagem e boa sorte.

Respeitosamente,

Li-Seug Shoi

Presidente da Seug Corporation.

Andy parou por algum momento, como de costume, para refletir sobre a situação. *Meu Deus! Por que tão longe este encontro?*, assim pensava ele de cinco em cinco segundos, mas logo se acalmou, racionalizou e organizou todas as peças deste quebra-cabeça, pesando as possibilidades e desmistificando seus temores.

Nada poderá me impedir!, começou a pensar naquele momento, mais confiante do que nunca, jogando qualquer receio para fora de sua mente totalmente concentrada naquilo em que realmente interessava ao empreendimento. Depois dessa breve reflexão, tomou as primeiras medidas necessárias para iniciar esse processo. Estava preparado desde o telefonema dado pela *Seug Corporation* especificamente para esse momento. Portanto não havia empecilhos. Seguiu a recomendação da carta e telefonou com o novo celular em mãos para o número indicado no pequeno cartão de papel vindo no pacote. Uma voz feminina o atendeu em um inglês impecável e, como se estivesse há tempos disponível para esse trabalho, a confirmação da viagem aconteceu da maneira mais simples possível. Apenas uma afirmativa da parte de Andy foi mais que suficiente, tornando essa comunicação rápida ao extremo. Era como se tudo estivesse, e provavelmente isso se confirmou pela rapidez absurda da negociação ao telefone, pronto e a fagulha proporcionada pelo telefonema detonou aquilo previamente montado com precisão de um experiente relojoeiro. Dia vinte de agosto estava próximo. Tinha exatamente uma semana para se preparar. Tempo mais que suficiente, pois Andy era extremamente frugal e montar uma mala não seria problema. Até se tivesse meia hora não o seria. A empresa estava em boas mãos, não precisariam dele por um bom tempo, afinal não havia tantos trabalhos assim e os já existentes estavam muito bem encaminhados. Por uma fortuita coincidência as circunstâncias eram favoráveis. Isso alimentava cada vez mais seu moral em relação ao negócio. Havia uma conjunção de fatores que resultaria num sucesso estrondoso, isso na boa-fé de Andy Carter, porém esse otimismo exacerbado não o prepararia para seu verdadeiro destino.

A semana seguiu seu curso como se os dias não passassem de horas. Mal se deu conta e dia vinte de agosto chegou com a

velocidade de um raio em um dia ruim de tempestade. Tudo obviamente estava nos eixos, e Andy saiu de New Jersey com a mente totalmente concentrada em seus futuros negócios com a *Seug Corporation*. Chegou ao aeroporto com três horas de antecedência e foi fazer todos os trâmites legais para seu embarque. Apesar das confusões corriqueiras dos trâmites, em função da reforçada segurança nos aeroportos, foi uma tranquilidade atípica aquele dia vinte. Andy resolveu tudo em menos de uma hora e só lhe restou esperar seu voo. Andando pelos vastos corredores do aeroporto, encontrou um café e pediu um hambúrguer com refrigerante. Imaginava se esse tipo de comida americana existia naquele país e fez a pequena refeição como uma despedida provisória até voltar para a América. Após a refeição, tomou um café preto em um copo de trezentos mililitros. Andava pelo aeroporto mais uma vez e viu lugares perto das placas indicativas dos voos. Viu vários lugares vagos e escolheu um para sentar enquanto esperava sua hora. Havia no banco ao lado uma revista semanal de notícias esquecida pelo antigo dono. Pegou-a instintivamente e se caso o dono aparecesse reclamando-a, devolveria sem maiores discussões. Deu uma folheada inicial e depois leu algumas notícias sobre política e cotidiano. Adorava ver as resenhas de livros contidas nessas revistas, mas naquela edição não havia nada que lhe chamasse a atenção. Terminada a leitura, depositou-a novamente em seu lugar original. Esperou mais alguns minutos, entretido com pensamentos perdidos até a hora do embarque. Dirigiu-se ao portão de embarque. Uma vez dentro do avião, acomodou-se em sua poltrona confortabilíssima, pois a *Seug Corporation* havia mandado a ele passagens de primeira classe. Uma hora depois, almoçou um *menu* de primeira qualidade, como os servidos em restaurantes de categoria elevada, situação à qual não estava acostumado em função de seu estilo de vida simples, dedicado exclusivamente ao trabalho, mas não reclamava daquele luxo. De certa forma o agradava aquilo tudo. Entretanto não desviava seu pensamento do que realmente importava. Uma vida dedicada à aeronáutica não se troca por algumas migalhas de luxo e riqueza, princípio impulsionador na vida de Carter. Após o

delicioso almoço servido pelos comissários de bordo, Andy adormeceu profundamente. Não teve nenhum sonho e foi um sono contínuo, sem interrupções. Quando acordou, sua mente estava leve, com a sensação de dormir por séculos. Apesar de seu bem-estar, foi acordado com um leve sacudir de uma comissária de bordo. Ficou surpreso quando se deu conta do fim da viagem. O sono o transportou, assim foi essa sensação estranha, até o término de sua viagem. O avião havia pousado suavemente, sem maiores complicações. Por isso a surpresa de Andy. Mas logo caiu em si e voltou ao velho foco. Levantou-se, mexendo-se de forma não muito chamativa, alongando o corpo depois das muitas horas de sono vividas no avião. Pegou sua mala de mão e saiu pela porta onde uma comissária indicava a saída. Depois de passar pelos trâmites legais de desembarque,

Andy esperou sua bagagem. Na verdade não passava de uma mala média, apenas contendo o básico para viagens de negócio.

Andando pelo saguão do aeroporto, um homem o abordou cordialmente.

—Dr. Andrew Carter? — perguntou um jovem homem oriental com sotaque britânico.

–Sim, sou eu.

–Bom dia, Dr. Carter. Deixe-me apresentar. Meu nome é Li-Seug Goo e trabalho para a *Seug Corporation*. Bem-vindo ao Rio de Janeiro.

–Muito obrigado.

–Espero que sua viagem não tenha sido cansativa.

–Não, não. De maneira alguma. Para ser sincero, dormi a viagem toda.

–Então está muito disposto, suponho.

–Sim.

–Por gentileza, acompanhe-me até o carro.

De repente mais dois homens de terno e gravata apareceram. Seguranças que acompanhavam Li-Seug Goo. Estes, com uma gentileza rara entre os de sua profissão, ofereceram-se para levar a bagagem de Andy. Não houve dúvida em consentir, pois não queria promover constrangimentos e demonstrava assim confiança para com seus anfitriões. Andaram todo o saguão do aeroporto e foram para o estacionamento. Ali se encontrava um carro e mais dois seguranças. Colocada a bagagem no porta-malas, um dos seguranças assumiu a direção enquanto um segundo colocou-se ao seu lado. Andy e Li-Seug Goo entraram no espaçoso assento traseiro. Os outros dois dirigiram-se a um automóvel semelhante àquele usado por Andy e Goo. Os carros saíram e por alguns minutos Andy observou a paisagem. Entraram numa *freeway* (espécie de via expressa) e a paisagem tornava-se um nítido contraste entre o que havia de mais moderno com a pior das situações miseráveis. *Um país estranho*, pensou Carter. Saindo da

estrada a cidade já podia ser vista e o contraste tornava-se mais ameno. Uma cidade moderna, apesar dos focos de pobreza serem ainda bastante nítidos, como qualquer outra do mundo, fazendo com que preconceitos adquiridos por Andy fossem derrubados naquele instante. Ele imaginava algo como nos filmes, uma selva ou coisa assim, e deparou com uma grande metrópole. Li-Seug Goo virou-se para Andy e começou, amistosamente, a falar.

–O Brasil é um país maravilhoso, Dr. Carter. O senhor irá gostar muito. Apesar de ser uma terra de contrastes, há nele um povo muito trabalhador. Fazemos muitos bons negócios aqui. E espero que sua estada também seja proveitosa nesse sentido. A *Seug Corporation* tem muito interesse em seu projeto. Mas esses pormenores serão tratados mais tarde.

–Também tenho interesse em nossa parceria, Sr. Goo. Concordo com o senhor em relação ao Brasil. É sem dúvida uma terra de contrastes, mas confesso que meus preconceitos foram derrubados aqui e agora. Vejo que o Rio de Janeiro é uma cidade como qualquer outra, com seus prós e contras.

–Ah! Também acreditava, antes de vir morar aqui, em um lugar diferente. Apesar do calor no verão, não tem muita diferença com o resto do Ocidente.

–Sem dúvida.

–Deseja beber algo?

–Água, se tiver.

–Sim, pois não.

Enquanto bebia a água oferecida por Goo, Andy observou que estavam numa estrada muito arborizada e subiam uma ladeira.

–Para onde estamos indo, Sr. Goo?

—Desculpe-me por não lhe informar, eu me esqueci completamente desse detalhe — disse Goo com sinceridade. — Estamos indo para a mansão onde o Sr. Shoi reside. Ele ordenou pessoalmente que o levasse para lá.

—Não precisava se incomodar, eu poderia ficar num hotel.

—Não se preocupe. É um costume de nosso povo hospedar nossos convidados, mesmo em se tratando de negócios. E, além disso, é um dos negócios que mais interessa à *Seug Corporation*.

—Entendo.

—Sr. Shoi deseja o mais completo sigilo em relação a essa transação. E a proximidade do senhor a ele possibilita uma negociação um pouco mais facilitada. Lembre-se de que o Rio de

Janeiro é uma cidade muito grande e o deslocamento seria um transtorno desnecessário. Por isso fazemos questão de tê-lo como nosso hóspede durante sua estada aqui no Brasil.

–Tudo bem, eu aceito e agradeço a atenção direcionada a mim.

–É o mínimo que poderíamos fazer.

O carro começou a diminuir seu ritmo constante. Houve uma pausa e este manobrou para direcionar-se a um portão gigantesco de metal. Aquele portão deveria ter uns três metros de altura aproximadamente, calculou Andy. Uma vez aberto o carro adentrou na mansão, subindo um pequeno aclive até chegar à construção propriamente dita. Neste caminho havia um jardim em estilo oriental muito bem cuidado mesclado com a vegetação nativa. A casa era de uma beleza exótica para os padrões de Andy. Em um estilo colonial brasileiro, era coberta por eras, fazendo-a parecer uma construção produzida pela natureza. Em contraposição, o teto era de um vermelho impecável, sem uma única marca de limo, contrastando com o verde natural da casa. O carro parou e um senhor de aproximadamente trinta e cinco anos esperava no alpendre da residência. Li-Seug Goo saiu primeiro e, num gesto cordial, convidou Andy Carter a sair também. O senhor de trinta e cinco anos aproximou-se de Carter e estendeu-lhe a mão.

–Dr. Andrew Carter, é uma prazer recebê-lo. Deixe-me apresentar-me. Eu sou Li-Seug Shoi.

–Prazer em conhecê-lo, também - Andy retribuiu o amistoso gesto.

–Espero que tenha feito uma boa viagem.

–Foi ótima, Sr. Shoi.

–Fico feliz em saber.

–Muito obrigado.

–Não há de quê. Sinta-se em sua própria casa.

–Muito obrigado - agradeceu Carter mais uma vez.

–Se gosta de alguma bebida ou fumar, temos os melhores de ambos. Charutos, cigarrilhas, uísque, vinhos, tudo o que há de melhor. Fique à vontade para ir até a sala de fumar ou se preferir solicite ao Sr. Oliveira aquilo que mais o agrade.

–Talvez mais tarde, Sr. Li-Seug.

–Sinta-se em sua casa.Vou acompanhá-lo até seus aposentos. Siga-me, por favor.

Um empregado dos Li-Seugs, devidamente uniformizado com uma roupa ao estilo oriental com camisa branca e calças pretas, acompanhou-os carregando a mala de Andy. Ao passarem pelos cômodos da residência, Andy ficou extasiado com a decoração. Lembrava muito um palácio chinês antigo. Havia também muito de outras culturas, como tapetes persas, porcelanas japonesas e cristais tchecos. O pé-direito, bastante alto, dava-lhe uma imponência aos olhos. Havia uma grande escadaria ao final da ante-sala, onde uma sala era dividida em duas pela escadaria, porém eles não subiram ao nível superior por ela. Foram a uma porta que se encontrava na sala da direita, e nela entraram numa pequena sala onde dois elevadores os esperavam. No segundo andar, foram recepcionados por uma sala íntima que nada mais era que um cruzamento, o ponto inicial de quatro corredores ali existentes. A minúscula comitiva seguiu para o corredor ao lado do elevador esquerdo. Seguiram mais alguns passos até chegarem ao quarto destinado a Andy. Li-Seug Shoi fez questão de abrir-lhe a porta. Entraram no aposento, decorado de forma muito minimalista, bem diferente do resto da casa, mas com todo o conforto que um quarto de hotel cinco-estrelas poderia proporcionar. Havia um banheiro, portanto era uma suíte. Uma cama de casal, uma escrivaninha, uma poltrona, um armário e uma cômoda mobiliavam aquele lugar. Estavam muito bem dispostos no ambiente, tornando-o agradável. Aquele quarto estava do modo mais agradável possível aos olhos frugais de Andy. Li-Seug Shoi voltou-se para ele e falou com uma voz muito tranqüila.

—O Sr. Oliveira colocará sua mala aqui, se quiser ele poderá arrumar suas roupas no armário.

—Agradeço a gentileza, mas não será necessário. Por força do hábito, prefiro arrumá-las sozinho, afinal não são muitas coisas.

—Tudo bem. O jantar será servido às nove horas. O Sr. Oliveira o chamará uma hora antes. Aproveite o tempo como melhor lhe convier.

—Vou aproveitar e descansar mais um pouco.

—Ah! Esteja disposto, pois teremos muito que conversar esta noite, meu caro doutor. Até mais tarde.

—Até mais tarde.

As portas foram fechadas e Andy guardou o conteúdo de sua mala no armário. Separou uma roupa para o jantar de logo mais e aproveitou para pegar seu velho livro de cabeceira para ler um pouco. Sentou-se à mesa e abriu as páginas já desgastadas e aproveitou depois para ver alguns papéis do projeto. Cansou-se um pouco daquilo e foi até a pequena sacada existente no quarto e lá se sentou numa cadeira de metal. Enquanto bebia um refrigerante retirado de uma geladeira existente no quarto, seus pensamentos vagavam pelas possibilidades daquele futuro negócio. Após uma hora, amassou a latinha de alumínio e jogou-a numa cesta de lixo próxima a uma escrivaninha como se simulasse uma partida de basquete. Olhou para os papéis e o velho livro displicentemente colocados na mesa. Desistiu de olhá-los e sentiu um pouco de cansaço. Tirou seus sapatos e deitou-se na cama. Acabou dormindo um sono bem leve, alternado entre pensamentos que lembravam sonhos e acordadas esporádicas. Andy tinha uma facilidade pouco comum em entrar num estado de semi-sono, muito proveitoso em situações como esta. Era famoso por nunca perder a hora em compromissos importantes ou no próprio cotidiano. Desde pequeno treinara essa habilidade e naquele dia não seria diferente. Durante seus alternados despertares, olhava para um rádio-relógio com seus números luminosos no tom verde. Assim mantinha o controle do tempo e surpreendentemente conseguia descansar muito bem. A única exceção em sua vida aconteceu durante o voo de hoje, onde um sono profundo consumiu totalmente sua consciência.

Um toque foi ouvido na porta e a voz do Sr. Oliveira ultrapassou a barreira física da madeira ressonando aos ouvidos de Andy. Com um sotaque meio estranho, o Sr. Oliveira repetiu três vezes o alerta de que já eram oito da noite.

—Dr. Carter? Dr. Carter? Já são oito da noite — dizia o empregado, tomando todo o cuidado para não ser inconveniente. Andy abriu a porta com cordialidade.

—Obrigado, Sr. Oliveira. Estarei às nove horas na sala de jantar.

—Quando faltar uns cinco minutos, virei até o senhor e o levarei ao recinto onde ocorrerá o jantar. Boa noite — falou o educado empregado.

Depois de uma respiração profunda, concentrou-se e fez todo o ritual para se vestir. Tomou um banho rápido e colocou a roupa separada momentos antes do descanso. Olhou-se no espelho, penteou seus cabelos, deu o nó na gravata e olhou para o relógio. Ainda faltavam quinze minutos e aproveitou para levar uma pasta

com documentos sobre o projeto *Black Mustang 03A*, muito importantes para empreender uma discussão mais séria sobre o assunto, obviamente após o jantar. Abriu a porta e esperou o Sr. Oliveira.

Oliveira chegou com uma pontualidade britânica. Não havia discrepância de tempo ao chegar.

–Podemos ir, Dr. Andrew?

–Sim.

–Por aqui, doutor.

Os dois homens seguiram o corredor até o cruzamento dos elevadores. Desta vez, o Sr. Oliveira conduziu Andy ao corredor em

frente às portas do elevador. O curto corredor desencadeava nas grandes escadarias vistas horas antes. Desceram os inúmeros degraus e foram à sala da direita, em relação à escada. Andaram pelo belo e imponente cômodo até chegarem à próxima sala, esta, sim, o derradeiro destino. Como na sala anterior, este lugar possuía uma decoração imponente. Totalmente ao estilo oriental, mas mantendo o padrão da casa com misturas. Entretanto o padrão oriental predominava, com seus vermelhos e dourados. Uma grande mesa estabelecia-se no centro desse cômodo. Andy calculou mais ou menos umas trinta cadeiras rodeando a mesa. *Um salão para grandes famílias*, pensou Andrew Carter. Contraditoriamente, o grande salão estava vazio. Foi recepcionado apenas por quatro pessoas existentes ali. Sr. Shoi foi ao encontro dele, de forma muito educada e cortês.

—Caríssimo Dr. Carter, conseguiu descansar?

—Consegui, sim.

—Aproxime-se doutor. Quero apresentar-lhe minha família — Shoi conduziu Andy pelo salão ao encontro de seus parentes. — Esta, doutor, é minha irmã Zhi.

—Prazer em conhecê-la, senhorita — deduziu a condição civil de Zhi pois achava-a jovem demais para o matrimônio.

—O prazer é todo meu, Dr. Andrew.

—Goo o doutor já conheceu hoje pela manhã — apontou tranqüilamente Shoi.

—Como vai doutor? — disse Goo.

—Vou bem, Sr. Goo.

–Este aqui é Ji, meu primo e um grande amigo.

–Prazer em conhecê-lo, doutor.

–Prazer em conhecê-lo, Sr. Ji.

Terminada a formalidade das apresentações, todos se sentaram à mesa. Shoi à cabeceira; Andy e Zhi, respectivamente, à sua direita e, Ji e Goo à sua esquerda. Cinco serviçais estavam à disposição nesse pequeno jantar. Enquanto comiam o delicioso cardápio, uma conversa descontraída sobre a vida acontecia naquela sala. Nada sobre negócios, pelo menos não diretamente, foi comentado ali. Shoi não queria causar constrangimento em seu convidado. Claro que alguns itens e elogios ao projeto *Black Mustang 03A* foram comentados durante a conversa, mas nada profundo em relação a isso. Algumas especulações displicentes também aconteceram de maneira não comprometida de ambos os lados. Assim era o espírito daquelas pessoas que tinham em comum um interesse mútuo sobre as possibilidades que ambas poderiam compartilhar. Andy descobriu a importância das pessoas à mesa. Eram todos os responsáveis de mais alto grau da *Seug Corporation*. Portanto, nenhuma pessoa à mesa estava simplesmente fazendo sala para um convidado. Todos, e absolutamente todos, tinham interesse neste negócio. Uma deliciosa sobremesa, na opinião de Andy, foi servida, e todos

degustaram o manjar com uma lentidão desproporcional ao resto do jantar. Terminado o jantar, Zhi, Ji e Goo despediram-se de Andy, retirando-se respectivamente para seus aposentos. Li-Seug Shoi pediu a Andrew Carter que o acompanhasse ao seu escritório para começarem as discussões sobre o projeto *Black Mustang 03A*.

Uma vez acomodados em poltronas existentes no pequeno gabinete, travaram uma discussão sobre o assunto.

–Meu caro doutor. Gostaria de ouvir de sua própria boca sobre seu projeto *Black Mustang 03A*.

–Basicamente é um novo conceito em transporte e aeronave espacial. Não há a necessidade de propulsores descartáveis e desenvolvemos uma economia de energia nunca antes imaginada. Conseguimos desenvolver um novo motor muito mais econômico e há também uma compactação dos reatores produtores de energia para a nave. Onde antes era inconcebível utilizar um reator nuclear, nas proporções necessárias para a nave, hoje é algo, teoricamente, concebível e de tamanho espetacularmente diminuto.

—Seu projeto é realmente fantástico — disse Shoi. — Diga-me qual foi o motivo da recusa?

—Eu poderia indicar dois motivos para a recusa dos programas espaciais: o primeiro é o alto custo desses reatores, totalmente fora de questão em relação ao orçamento disponível de ambos; o segundo motivo é a não necessidade de um projeto de autonomia tão grande.

—Quando projetou o *Black Mustang 03 A*, não pensou nesses fatores de adequação às necessidades de seus clientes?

—Pensei, mas não resisti em ir um pouco além. Eu queria algo que impulsionasse a exploração espacial. Deixei-me levar por um pequeno sonho de infância misturado a uma audácia, digamos assim, no sentido de despertar o interesse destes programas para o assunto. Sem falsa modéstia, viabilizamos de certa forma a exploração espacial.

–Ah! Interessante! Mas soube por fontes seguras que sua empresa ganhou um bom dinheiro, mesmo não ganhando a concorrência.

–Ganhamos, sim. Principalmente no setor de aerodinâmica. O projeto, com essa aerodinâmica, proporciona uma economia de 50% de combustível. Vendemos a idéia, depois de algumas negociações, com empresas do ramo de construção de aeronaves comerciais. Elas obtiveram bons resultados, chegando muito perto dessa economia dita anteriormente. Claro que o projeto ficou mutilado, mas os ganhos de economia e segurança na aviação já valeram o esforço.

–Serei franco com o senhor, Dr. Carter. Estamos interessados em seu projeto, mas não mutilado, e sim em sua totalidade.

–Todo, o senhor disse?

–Sim.

–Meu Deus! Isso é inacreditável. Até os reatores?

–Com certeza, meu caro doutor.

–Acredito que o senhor tenha noção exata dos custos desse projeto.

–Não perdemos tempo. Acompanhamos os projetos para os programas espaciais, um por um, pois sabíamos da possibilidade de algo realmente interessante acontecer nessa iniciativa. Há momentos em que devemos abrir nosso leque de possibilidades. Por mais que invistamos em alta tecnologia, sempre há pessoas, como o senhor, dispostas a superar qualquer expectativa.

–Agradeço a confiança, Sr. Shoi.

—Estamos fazendo muito progresso aqui. Amanhã, às nove horas da manhã, discutiremos o assunto e entraremos em detalhes mais profundos. Está bom para o senhor? — perguntou Shoi.

—Perfeito, Sr. Shoi. Trouxe comigo uma pasta com detalhes mais profundos sobre o projeto. Se o senhor não se importa, gostaria de deixá-la aqui. Posso?

—Claro, claro!

—Boa noite — desejou Andy com sua esmerada educação.

—Boa noite, doutor. O Sr. Oliveira irá acompanhá-lo até seus aposentos.

Assim que a porta do gabinete se abriu, o Sr. Oliveira foi ao encontro de Andy, conduzindo-o como um cão fiel ao aposento onde seu conduzido encontrava-se hospedado. Andy aproveitou que ainda não tinha sono e caminhou até uma das janelas. Enquanto relaxava, observando o céu limpo daquela noite, pensava no sucesso até agora das negociações. Sabia da possibilidade do interesse da *Seug Corporation* pelo projeto, mas seus anos de experiência com os negócios sempre o colocaram numa posição onde ter ansiedade e expectativas fora do comum não era permitida. Cautela e sobriedade são as palavras-chave nesse negócio. Mas a conversa com Li-Seug Shoi foi mais proveitosa do que imaginara. Acreditava em alguma coisa mais modesta em relação ao projeto, algum derivado menos custoso. Mas a produção na íntegra agradava demais Andy. Bebeu um copo de água e preparou-se para dormir. A noite já avançava e era preciso restabelecer as energias para o dia seguinte. Deitou-se e dormiu, com alguma dificuldade, atormentado por pensamentos otimistas e confusos.

Portas fechadas, Li-Seug Shoi esperou por alguns minutos a volta de seu empregado. Após uns dez minutos, batidas fracas podiam ser ouvidas na porta do gabinete. Oliveira entrou no gabinete, pedindo permissão, e foi ao encontro de Shoi.

–Dr. Andrew encontra-se neste momento no quarto reservado a ele.

–Muito Obrigado, Sr. Oliveira. Pode se retirar para seus aposentos, também.

–Boa noite, Sr. Li-Seug

–Boa noite.

Mais uma vez, Shoi esperou seu empregado ir. Sentou-se na poltrona onde havia tido a conversa com Andy e quando percebeu o silêncio profundo envolvendo a casa, levantou-se até uma estante atrás de sua mesa. Deu meia-volta para certificar-se de sua solidão. Abriu a porta do gabinete, olhou para os dois lados, trancou-a por segurança e voltou ao seu rumo original. De frente à pequena estante, puxou-a como se pesasse alguns gramas. A estante movimentou-se de forma a não fazer nenhum barulho. Atrás do forro traseiro desta, havia dois puxadores de metal. Shoi os segurou e puxou contra si, para devolver a estante ao seu devido lugar. Uma vez atrás dela, encontrava-se numa pequena sala. Ao seu lado

direito havia um monitor com imagens do gabinete transmitidas ao vivo. Assim, quem estivesse dentro, controlaria a hora mais conveniente de sair. Desceu uma estreita escada num canto da sala. Esta escada dava para um corredor estreito, subterrâneo e úmido. Em seu final uma porta o esperava aberta. Shoi adentrou no recinto posterior à pequena porta. Havia um amontoado de livros, mas não bagunçados. Estavam em pilhas muito bem arquitetadas, dando-lhes um ar ordenado, mas não habitual. Ali se encontrava uma criatura com uns três metros de altura envolta em um manto negro com um enorme capuz encobrindo-lhe o rosto. A criatura fez um gesto com o que seria sua mão para que Shoi se aproximasse. Este se acomodou em uma poltrona ali existente.

—Meu amigo, Li-Seug Shoi! Diga-me quais notícias trazes contigo?
— A voz metálica da criatura produzia uma sensação de eco no recinto.

—O engenheiro norte-americano já chegou e falamos sobre o projeto da nave produzido pela empresa dele.

—Estamos chegando a um ponto importante de nossa missão, meu amigo.

–Amanhã fecharemos negócio com ele, Tlüogodärami.

–Que tipo de pessoa ele é, Shoi?

–Parece ser uma boa pessoa. Usamos técnicas para perceber isso no jantar e ele passou essa impressão. Mas nunca se sabe. Posso dizer com certeza que é uma pessoa com espírito empreendedor. Um apaixonado por viagens espaciais e um excelente engenheiro.

–Uma pessoa com essas credenciais será muito útil. Vamos arriscar uma coisa, Shoi. O projeto do bom doutor é fantástico e é uma chance clara de resolvermos nosso problema. Vamos revelar mais ao Dr. Andrew sobre nossos objetivos. Uma pessoa como ele poderá ser necessária em nossa missão. Afinal, ninguém conhece o projeto melhor do que ele. Traga-o amanhã aqui, após fechar o contrato com ele. Vamos revelar a verdade, meu amigo.

–Tem certeza, Tlüogodärami?

–Tenho. Mas prepare-o um pouco para o que está por vir. Pode ser chocante para o doutor me ver sem uma prévia preparação.

–Fique tranquilo, Tlüogodärami. Vou preparar o espírito do Dr. Carter para isto. Mais alguma recomendação?

–Não. Pode ir e descanse para amanhã.

–Adeus, Tlüogodärami.

–Adeus, meu amigo.

Shoi seguiu o caminho de volta até seu quarto. Tlüogodärami voltou para seu estudo. Este consumia toda a cultura humana que lhe caía em suas escamosas patas. Seu esconderijo possuía além dos livros, muitos computadores e umas telas de vídeo que monitoravam os cômodos principais da casa e seu exterior. Assim sabia previamente o que acontecia na residência. Observou algumas horas antes a conversa de Shoi com o engenheiro e descobriu nele, além de suas habilidades profissionais, uma pessoa sincera, alguém em que se possa confiar. Pegou um livro para ler e no título estava escrito *An Essay on Man*, de Ernst Cassirer. Deliciava-se com a literatura e a produção filosófica dos humanos. Achava a escrita produzida uma manifestação cultural fantástica de seus pequenos amigos.

O dia amanheceu e Andy desceu para tomar seu desjejum com os Li-Seugs. Assim o fizeram e, logo em seguida, Shoi, apresentando uma pequena novidade, convidou-o a conhecer seu centro de pesquisas no Brasil. Foram até um pátio da casa onde se encontrava um helicóptero. Subiram na aeronave e seguiram seu rumo. Andy ficou admirado com a vista da cidade do alto. Achou-a deslumbrante.

–Esta é uma bela cidade, Sr. Shoi.

–Com certeza, Dr. Carter — Shoi esforçava-se para ser compreendido perante o barulho produzido pela aeronave.

Chegando ao laboratório, os dois visitaram as instalações e Andy ficou muito impressionado com a tecnologia de ponta dos Li-Seugs. Chegando ao escritório de Shoi, começaram as discussões finais sobre o patrocínio do projeto *Black Mustang 03A*.

–Dr. Carter, estamos dispostos a patrocinar seu projeto praticamente na íntegra. Precisamos apenas fazer pequenas modificações no projeto. Por exemplo, é de fundamental importância que a nave seja invisível aos radares.

–Invisível? Mas por quê? Quais são seus objetivos, Sr. Shoi? Espero que não sejam militares, pois assim vou embora.

–Por favor, não me entenda mal. Não há nada de militar nisso. Quero contar a verdade. Mas não por enquanto. Quero que chefie pessoalmente o projeto aqui neste laboratório e participe da missão a qual está destinado esse projeto.

–Como assim?

–Nosso objetivo é a exploração espacial, ou algo próximo a isso. O senhor está convidado a tripular a nave.

–Nossa! Não consigo acreditar, com todo o respeito, Sr. Shoi. Não que duvide do senhor, mas é algo no mínimo estranho. O senhor há de concordar comigo.

–Não se preocupe, Dr. Andrew. Eu sei que a princípio parece estranho, mas conforme o tempo passar, suas respostas virão. Esse projeto ajudará um grande amigo e mentor.

–Não consigo ver como uma viagem espacial tripulada possa ajudar alguém, Sr. Shoi.

–Vou lhe contar uma história, Dr. Andrew, e acredite, por mais absurda que possa parecer, ela é a pura verdade. Há muito tempo, diria mais de três mil anos, uma nave misteriosa chegou ao meu povo e um visitante vindo do espaço encontrava-se nela.

–Ora, Sr. Shoi. Isso deve ser alguma lenda. Como o senhor pode acreditar em algo acontecido três mil anos atrás.

–Simples, meu amigo. Eu estava lá.

–O senhor está dizendo-me que tem mais de três mil anos de idade?

—Sei que parece absurdo aos seus ouvidos, mas garanto-lhe que é a pura verdade.

—Desculpe-me, mas isso tudo parece loucura. Como posso trabalhar para pessoas assim, sem saber exatamente o que querem. Vocês podem ser terroristas ou coisa assim. E três mil anos? Isso me cheira a fanatismo religioso! — certo sarcasmo podia ser sentido na voz de Carter. — Nunca ouvi tamanho absurdo.

—Não! O senhor entendeu tudo errado. Não somos terroristas nem fanáticos. E posso provar. Venha conhecer meu amigo do espaço. Ele é a única prova de o que o que lhe digo é a pura verdade.

—Pelo amor de Deus, homem! Não posso acreditar nisso tudo! É loucura em demasia — uma sensação de mal-estar tomava conta de Andy. Aquilo se tornara um pesadelo. Entrara numa negociação com loucos e a dúvida tomou conta de seus pensamentos.

—Dê-me um voto de confiança, por favor. E tudo que peço. Posso garantir que não há loucura, nem é um plano terrorista. Veja só uma coisa, Dr. Carter, a *Seug Corporation* existe a mais de cem anos e somos uma empresa idônea e responsável. Aposto tudo que antes de nos visitar o senhor tenha pesquisado sobre a Seug.

—Com certeza pesquisei — respondeu mais calmo Andy.

—Darei uma hora para o senhor se decidir. Venha comigo e saiba a verdade ou pode ir embora se desejar. Mas pese em sua balança a credibilidade que a Seug tem e a possibilidade de realizar seu sonho de construir sua nave e ir ao espaço — Shoi levantou-se de sua mesa, colocou rapidamente a mão no ombro de Andy e saiu da sala.

Andy ficou abismado com aquela situação. Não podia acreditar no que ouvira. Mas conforme pediu o Sr. Shoi, foi pesando os prós e os contras daquilo tudo. *De repente era uma pessoa desequilibrada, mas inofensiva*, pensou Andy. Queria ver até onde aquilo ia e decidiu seguir em frente, pois o que teria a perder era mínimo. Mesmo decidido a dar um voto de confiança a Shoi, Andy manteve seu ceticismo. Uma hora depois, Shoi voltou à sala.

–O senhor vem ou não vem, Dr. Carter?

–Eu vou. Não quero ser um convidado mal-educado. E também fui instigado a saber a verdade. Vamos.

–Peço um favor, Dr. Andrew. Abra sua mente, pois o que está para saber é aterrador. A oportunidade adquirida neste momento pelo senhor é algo há muito escondido. O senhor será o primeiro não Li-Seug a conhecer meu amigo.

Foram até o helicóptero. A viagem foi bem rápida e o silêncio de vozes humanas predominou durante todo o percurso. Andy continuava cético. Ao chegarem, foram recepcionados por Zhi, Goo e Ji.

–Tlügödärami esta esperando por nós, Shoi — disse Ji.

–Tlüogodärami? O que é isso? — perguntou Andy.

–Meu amigo, Tlüogodärami, Dr. Andrew. O ser que quero lhe apresentar para confirmar o que eu disse. Venha por aqui.

Todos seguiram Shoi. Foram até o gabinete. Shoi certificou-se de não haver mais ninguém observando-lhes e trancou a porta do gabinete. Puxou a estante e convidou Andy a entrar ali. Andy entrou hesitante, mas impulsionado pela tranquilidade dos outros que entraram sem pestanejar. *Que coisa mais absurda. Passagens secretas numa casa em terras distantes. Seriam uma seita ou algo do tipo?*, perguntava-se Andy Carter. Agora que chegou até ali iria até o fim, pois seguindo a lógica, nada daquilo fazia sentido, e especular só traria mais medo à tona. Seguiram até o corredor estreito onde a porta mais uma vez encontrava-se aberta. Shoi entrou primeiro enquanto o resto da comitiva veio a seguir. Andy ficou impressionado com a quantidade de livros e o tamanho do lugar. Ao fundo via-se uma criatura com um manto com capuz negro. Andy começou a entrar em pânico, enquanto Shoi o tranquilizava.

—Não se preocupe, Dr. Andrew. Ele é um grande amigo.

A criatura se aproximou deles andando de quatro. Um cão negro o acompanhava. Ao chegar perto o suficiente para conversar, posicionou-se de pé e depois ficou numa posição sentada, assim parecia. Passava sua pata na cabeça do cão no intuito de tranquilizá-lo. Retirou o capuz e o manto e Andy pôde ver o ser na íntegra.

—Meu Deus! Não acredito em meus olhos! E quem eu imagino que seja! — falou espantado Andy.

—Isso mesmo, Dr. Andrew. E o que o senhor imagina. Apresento- -lhe Tlūogodārami.

—Nossa! Um dragão de verdade. Mas como é possível? Eles são produtos da imaginação humana. Não pode ser verdade!

—Garanto-lhe, meu caro doutor, que sou verdadeiro — disse Tlüogodärami em sua característica voz metálica.

Andy ficou um pouco em estado de choque. Shoi, Goo e Ji ajudaram-no a sentar em uma poltrona perto de Tlüogodärami. Enquanto voltava ao normal, observava Tlüogodärami sem parar. O dragão observava-o esboçando o que seria uma espécie de sorriso.

—Calma Dr. Andrew. Temos muito que conversar — disse-lhe Tlüogodärami. — Não é a primeira vez que vejo essa reação, meu caro. Shoi e todos que estão aqui a tiveram ao me encontrar. Apesar do medo existente em seus semblantes, confundiram-me com algum deus de suas crenças. Isso ajudou a amenizar nosso encontro.

Andy começou a digerir a situação. Aceitou-a de forma mais tranqüila e resolveu ficar mais receptivo à novidade.

—Devo-lhe desculpas, Sr. Shoi. Confesso não ter acreditado em sua história.

—Não fique constrangido. Entendo totalmente sua atitude. Ela só demonstra o tipo de pessoa que é. Por isso o senhor teve o privilégio de conhecê-lo. Mas lembre-se: o que viu aqui deverá ficar em total segredo.

—Não direi uma só palavra.

—Sua integridade é um pré-requisito inestimável, Dr. Andrew.

—Aproxime-se, doutor — disse Tlüogodärami. — Não tenha medo. Espero que tenha paciência, pois vou lhe contar toda a história de meu povo e como vim parar aqui.

–Estou à disposição e muito curioso para ouvi-lo, senhor.

–Por favor, me chame de Tlüogodärami, sim. Aposto que seremos grandes amigos.

Então Tlüogodärami contou-lhe toda a história dos dragões.

CAPÍTULO 4

O LIMIAR DE UMA ESPÉCIE

A grande explosão, o fator crucial da formação do universo, trouxe consigo no devido tempo um fenômeno raro, isso em comparação ao tamanho gigantesco entre galáxias, chamado vida. A vida é algo nascido com o universo. Uma parte deste. Quando determinados fatores e acontecimentos se unem, ela surge com força e perdura por muitos anos. Apesar de existir em todo o universo, de um modo geral, são acontecimentos raríssimos. Há nesse fenômeno um padrão interessante. Apesar de sua raridade há uma semelhança próxima em todo o fenômeno vida. Basicamente é o mesmo processo. Combinação de compostos químicos, clima favorável e alguma estabilidade são alguns desses fatores para sua existência. Os planetas com essas características são em número diminuto. Uma comparação seria um grão de areia em uma praia. Algo insignificante em comparação ao todo. Apesar de escasso, é o acontecimento mais belo e complexo de todo o universo. Como um

metal raro em uma mina de ferro, suas características em vários pontos superam o resto do abundante ferro.

O planeta conhecido hoje como Terra é um berço espetacular desse fenômeno conhecido como vida. Em seus cinco bilhões de anos de existência, a grande maioria desses, compartilhados com a vida, não conheceu um momento sem ela depois de seu surgimento. Se a geração de vida é um fenômeno raríssimo em todo o universo, imagine a vida inteligente. É tão raro que estatisticamente parece impossível sua existência, porém, contrariando qualquer estatística, esta existe e acontece de forma a consagrar a beleza de tal fenômeno. Nos planetas com características proporcionais ao da Terra, quando acontece isso em suas extensas histórias, acontece apenas uma vez. E se a forma de vida inteligente é bem-sucedida e desenvolve seu ápice, com milhões e milhões de anos de evolução, pode chegar a ser eterna e continuar sua jornada com a história do universo, interpretando-o e entendendo-o. O planeta Terra, na loteria dos mundos propícios à vida, ganhou a chance de desenvolver vida inteligente. Os homens, com sua jornada evolutiva, chegaram aos pré-requisitos para entrar nessa estatística quase impossível de acontecer. A humanidade é um demonstrativo dos fatores que levam a vida inteligente a se tornar bem-sucedida. Mas, mesmo nessa jornada bem-sucedida, há fracassos. Na história evolutiva do homem houve altos e baixos. Espécies de homens, como os *neanderthais*, sumiram sem deixar rastro, a não ser seus restos mortais fossilizados. Exames genéticos desvendaram alguns pontos de nossa história evolutiva. O homem moderno, ou *Homo sapiens*, descende de uma única família sobrevivente de uma era difícil. Durante sua jornada, aqueles homens souberam usar suas habilidades para sobreviver, mesmo sendo geneticamente semelhantes a outros *Homo sapiens*. Eles conseguiram desenvolver e ampliar seu leque de características destacando-se naquele

momento de seus próximos. Seus sistemas simbólicos, ou simbolismo, estavam desenvolvidos a um ponto em que sua jornada pôde finalmente continuar. O simbolismo é de suma importância para compreendermos o homem. Sem isso ele estaria extinto ou viveria como os outros animais. Viveria de um modo funcionalista, apenas suprimindo suas necessidades básicas. Comer, dormir, reproduzir-se, etc., uma vez essas necessidades supridas, não haveria a necessidade de fazer mais nada a não ser repeti-las no dia seguinte. O simbolismo separou o homem da simples necessidade. Podemos aqui distinguir como é tênue a linha que separa o sucesso do fracasso. Por isso é estatisticamente quase impossível. Mas não impossível. Sem simbolismo não há esse sucesso. Não adianta a existência de um cérebro desenvolvido se esse pequeno detalhe não existir. A capacidade de imaginar, criar, entender, interpretar, etc. nos separou da vida corriqueira, dos outros organismos, e nos colocou em um patamar onde podemos alçar vôos mais altos. O que vale para o homem vale também para a vida inteligente no universo. Não exatamente do mesmo jeito, pois nada é totalmente igual, e sempre há suas especificidades. Mas de uma maneira geral, guardadas essas pequenas diferenças, na essência, esse padrão aconteceu com o homem no planeta Terra serve de padrão geral ao resto do universo.

Indo mais fundo em nosso exemplo, podemos perceber que o homem coloca a si mesmo como fator principal de sua existência. O simbolismo, a capacidade de imaginar, constrói um universo particular. O homem cria seus problemas e questionamentos. Suas frustrações e pesadelos estão intimamente ligados às suas criações. De certa maneira, o homem deixa para trás sua história biológica e assume boa parte da direção de seu "destino". Entretanto, por mais que compreenda a si mesmo, por mais que tente controlar e absorver sua realidade física. No seu mundo particular, o ser

humano não consegue ter um domínio total, um controle predominante. Existem sempre fatores externos penetrando em seu pequeno universo, mudando sua vida, seus rumos. Sua extraordinária capacidade de se adaptar é o fator fundamental para a continuidade de sua jornada como espécie. Então temos aqui o somatório do imaginário com os fatores externos. Uma luta interna contra si e contra tudo. Até agora bem-sucedida, mas até quando? Isso nem a mais sábia de todas as criaturas do universo poderia determinar. Ou seja, há fatores internos e externos na relação sucesso-fracasso na vida dos seres providos de inteligência, a casta mais nobre da vida em todas as galáxias. O simbolizar, o classificar, o entender e o encaixar em um modelo criado fizeram com que este ser, o ser humano, conseguisse construir outro fator para seu sucesso. Falo aqui da criação da identidade. O homem criou-a e usou-a de muitas formas. Numa situação primária, foi o detalhe entre a união ou a desunião do homem. Aqueles que conseguiram desenvolvê-la tiveram melhor sucesso na jornada da vida. A identidade ou a identificação do homem com seu semelhante é um dos fundamentos para seu grande sucesso. Esse detalhe criou a civilização, a sociedade. O homem se associou aos seus, e juntos construíram um objetivo. Claro que esse pequeno detalhe na vida do homem foi uma *faca de dois gumes*. Da mesma maneira que a alteridade é fundamental para a identidade, esta também é um fator de discriminação. O homem em função de sua identidade, ou seja, o dividir-se em grupos e identificar-se com eles, trouxe um equilíbrio muito tênue para sua existência. Guerras foram travadas por grupos que se identificavam com ideais e idéias diferentes. Apesar de ser uma situação perigosa, muito do desenvolvimento da humanidade se deveu a isso. Várias culturas foram pequenas chamas, pequenos tijolos da construção de uma humanidade totalmente diversificada. A diversidade de culturas, idéias e desenvolvimento tecnológico foram os fundamentos para a criação do mundo visto no final do século XX da Era Cristã. Toda essa diversidade de criações e idéias providenciarão o sucesso do que virá a ser um dia uma única civilização humana. A civilização do homem, que apesar de suas diferenças, pequenas e insignificantes,

andarรก junta em funçŁo do prŁprio homem, fator mรกximo de uma identidade. Este homem do futuro andarรก rumo ao ideal do conhecimento, e as pequenas mazelas do passado nŁo mais os afetarรก. Claro que enquanto o homem nŁo for confrontado com um outro, ou seja, um ser de outra espŁcie com a mesma capacidade de inteligŁncia, essa identidade universal entre homens nŁo existirรก ou irรก demorar muito tempo para se desenvolver.

O exemplo do homem ilustra bem esse fenŁmeno, principalmente em seu padrŁo, regra geral, em sua essŁncia, para a existŁncia e o desenvolvimento da inteligŁncia. Acontecer esse fenŁmeno da vida inteligente Ł rarÍssimo e sŁ uma vez torna-se quase um padrŁo, como jรก foi dito; mas e se isso acontecesse novamente em um mesmo planeta? E quase impossÍvel, estatisticamente, a vida inteligente acontecer uma Única vez; imagine duas vezes. NŁo haveria a menor possibilidade, porŁm, contrariando toda e qualquer lŁgica possÍvel, isso aconteceu em um pequeno planeta azul chamado Terra. A Terra de nosso exemplo anterior. Antes mesmo de algo parecido com um homem vagar no planeta, houve outra espŁcie encaixada nas caracterÍsticas essenciais para entrar na categoria de vida inteligente. Uma espŁcie inteligente, vivenciando situaçŁes semelhantes Łs vividas pelo homem. Uma segunda espŁcie inteligente. Na verdade essa espŁcie seria a primeira e o ser humano a segunda espŁcie com essas caracterÍsticas em todo o planeta Terra.

Aproximadamente no ano 80 milhŁes antes da Era CristĨ, uma espŁcie, ainda que nŁo encaixada naquele momento em nossa

categoria de inteligência, começou seus pequenos passos evolutivos rumo a esse caminho. Há 80 milhões de anos surgiram na Terra os primeiros dragões. O dragão primitivo viveu numa era extremamente competitiva. Sua capacidade de voar possibilitou-lhe vantagens que resultariam em qualidades futuras. O vôo era uma vantagem, mas não amenizava o fardo de ser uma criatura vivente em um período tão inóspito.

O dragão primitivo foi contemporâneo dos últimos dinossauros. Os grandes lagartos possibilitaram uma vida infernal, duríssima por assim dizer, para os primeiros de uma espécie que futuramente dominaria o mundo. Sua construção corpórea, seu aspecto exterior pouco mudou. Não houve significativas mudanças em seu aspecto externo até chegar no ponto da inteligência. O processo evolutivo, seja de qualquer espécie e em qualquer grau de inteligência, cobra seus tributos no sentido em que a criatura original modifica-se extremamente em relação ao seu primeiro exemplar. Os dragões tiveram mudanças significativas em suas composições corpóreas ao longo de sua jornada evolutiva, porém, em relação ao primeiro dragão, muito se manteve, sendo a maioria dessas mudanças acontecidas no campo cerebral. Sua constituição física se adequou tão perfeitamente às exigências de uma vida extremamente competitiva que qualquer mudança drástica não levaria aos bons resultados de sua constituição original.

Um comportamento observado em uma parcela dos primeiros dragões foi a cooperação mútua. Esse comportamento não se caracterizava como uma regra geral, mas futuramente resultaria em

mais um pequeno sucesso na batalha da vida. Comumente, guardadas as devidas proporções e características, assemelhava-se muito com um formigueiro ou cupinzeiro. Havia uma cooperação mútua nesses pequenos grupos, possibilitando momentos complexos, ou seja, divisões de tarefas. Caça, guarda, etc., estavam sendo criadas instintivamente por esses seres. Apesar de ser um comportamento vantajoso para os dragões, a grande maioria da espécie não apresentava esse comportamento. Portanto, aqueles que o possuíam eram uma pequena fatia, uma diminuta parcela em relação ao todo. Geralmente esses pequenos grupos com características de cooperação agrupavam-se em cavernas. O grupo cavava, retirando com a boca os minerais indesejados, ampliando assim o espaço interno conforme a necessidade.

As características colecionadas por alguns dragões foram essenciais para seu sucesso. Há 65 milhões de anos, 15 milhões de anos após o surgimento dos dragões, dois grupos distintos apareceram: o dragão errante e o dragão da caverna. Apesar de diferenciarem-se pouco evolutivamente e as condições de sucesso serem até aquele momento muito bem-sucedidas no que diz respeito a suas respectivas sobrevivências, isso iria mudar radicalmente. As jornadas seguidas pelos dois grupos iriam mudar suas vidas para sempre. Um deles sobreviveria com uma eficiência destacada não só entre os de sua espécie como aos outros seres vivos naquele pequeno planeta azul. Há 65 milhões de anos a maré mudou. A vida passou por um processo drástico e cruel de seleção natural. A situação foi tão dura, drástica, por assim dizer, que a vida quase se extinguiu totalmente naquele período. Um asteroide atingiu a Terra e levou o planeta a um período de mudanças radicalmente opostas aos vividos até então. A prova estava lançada e os participantes do jogo da vida preparados, ao seu modo, para a luta pela sobrevivência. A condição de vida de alguns dragões, os da

caverna, pouco mudou, pois os efeitos provocados pelo asteróide não prejudicaram muito seu estilo de vida, afinal, dentro das cavernas não houve mudanças significativas. Enquanto a vida se extinguiu aos poucos, os dragões da caverna aproveitaram-se das carniças dos animais moribundos e alimentaram-se delas até os dias mais felizes de um cotidiano restaurado à sua normalidade.

Depois da catástrofe do final do período cretáceo, os dragões sobreviveram com relativo sucesso. Sua vida nas profundezas das cavernas preparou-os para o período de escuridão. Depois desse evento, sua primazia na Terra era absoluta. Claro que não foi de forma alguma fácil para eles, mas num jogo mortal provocado pelo acaso, sua vitória foi evidente. Por milhões de anos, seu estilo de vida seguiria um padrão evolutivo lento. Sua condição de irracionalidade continuaria por milhões de anos até um momento curioso de sua lenta evolução mudar totalmente a perspectiva de uma rotina muito bem-sucedida, mas praticamente estagnada, de seres que começariam sua jornada de fato no restrito grupo dos providos de inteligência e autoconsciência. Há aproximadamente 12 milhões de anos antes da Era Cristã, um salto evolutivo levaria a espécie, antes estagnada há milhões de anos, a uma jornada evolutiva de quase um milhão de anos, em que resultaria no auge evolutivo natural e derradeiro deles. Durante esse pequeno período de anos, em comparação ao todo, os dragões chegaram à aurora de sua espécie.

O início do desenvolvimento das civilizações de dragões seguiu, por assim dizer, etapas peculiares. A capacidade mental extremamente

avançada, diferenciando-o das outras espécies, somada à capacidade de imaginar, interpretar seu mundo a sua maneira, levou-o a caminhos nunca antes traçados por qualquer dragão. Dos primeiros grupos com características avançadas criaram-se as mais variadas tecnologias de sobrevivência. Agricultura e indústria primitiva logo seriam desenvolvidas. Pequenos grupos se uniram formando grupos maiores, e todo o processo histórico envolvendo essa espécie possibilitou a criação de 17 nações de dragões. Estamos exatamente no ano 11.000.596⁴ antes da lira Cristã. Essas 17 nações eram totalmente autônomas, espalhando-se pelo mundo. Obviamente elas tinham origens próximas de um grupo único que com os processos históricos e o longo tempo de colonização do mundo tiveram o resultado relatado há pouco. Em ordem de desenvolvimento decrescente, apresento-lhes os nomes das 17 nações existentes naquele período: Okinst, Cobat, Arkon, Shirz, Vonziturk, Tatakis, Gernost, Kun, Muskatzo, Maranonk, Gingard, Zinuard, Boikon, Branon, Atlunz, Mokant e Ur. Cada uma possuía língua diferenciada e cultura própria. O contato era mínimo entre elas. Não havia um comércio forte entre elas, apesar do comércio ser uma atividade utilizada pelos dragões, mas não se transformou no estilo de vida de nenhuma das civilizações. A mais sofisticada, Okinst, não diferenciava muito em seu modo de vida dos humanos do século XVIII. Houve muitas guerras no passado dessas nações por interesses diversos, mas, a partir do ano 11.000.596, elas finalmente viveriam em paz durante mil anos. Durante esses mil anos de paz entre essas nações, houve poucas mudanças em sua vida. Obviamente muito conhecimento foi criado durante esse período, mas a tradição da cultura prevaleceu por muito tempo.

Nesse período, os dragões mantinham, apesar dessa certa distância entre povos, características universais. As cidades construídas pelos dragões eram verdadeiras obras-primas em termos arquitetônicos.

Nessa área estavam muito avançados, pois suas exigências culturais produziam esse avanço. Originalmente os dragões das cavernas tornaram-se a espécie sobrevivente e essa característica foi levada à seu ápice em termos de sofisticação. As cidades dos dragões foram construídas como verdadeiras fortalezas subterrâneas. Uma torre altíssima rasgava o céu e afilava-se conforme se distanciava do nível do solo. A base, mais larga, não demonstrava a verdadeira grandiosidade dessas cidades, pois a grande maioria das construções era inferior ao nível do solo. O núcleo pulsante desse tipo de cidade encontrava-se exatamente no meio da arquitetura, ou seja, muito abaixo do solo. A parte exterior mostrava uma beleza fantástica. Esta era gigantesca. Os dragões conheciam técnicas de construção tão sofisticadas que as possibilidades tornaram-se vastas. A estrutura agüentava a gigantesca torre. Quase nada poderia derrubá-la. Linhas retas e totalmente lisas cobriam a edificação. Entre as belas linhas retas, encontravam-se baixos-relevos, onde se retratavam fatos do passado. Essas cenas em baixo-relevo contavam antigas lendas e fatos do cotidiano dos dragões. Muitos personagens, numa maioria de contribuintes do conhecimento acumulado, estavam retratados nessas cenas. Na base, havia uma grande entrada. E outras saídas do grande edifício localizavam-se nos patamares superiores. De um tom de pedra marrom-acinzentado, essa maravilhosa construção contrastava com seus arredores totalmente preservados. Havia certa consciência de preservação ambiental na cultura dos dragões, pois sabiam, por uma lógica simples, que, se a área habitada por eles sofresse interferências muito brutais de suas escamosas patas, em pouco tempo, não poderiam continuar a viver naquele lugar.

A cultura dos dragões, de um modo geral, baseava-se em filosofia e astronomia. Os contempladores de estrelas e os pensadores gozavam de uma maior respeitabilidade entre os seus. O ensino

básico de um jovem dragão começava entre os de sua família e posteriormente completado nos grandes centros de ensino e pensamento, localizados geralmente nas grandes cidades de cada nação. Todo o conhecimento dos dragões localizava-se nesses centros. Os dragões possuíam uma escrita e esta era o mais simples possível. Não havia nessa sociedade o papel, portanto livros eram objetos inexistentes. Seus registros foram impressos em placas de uma liga metálica chamada *krür*, criada originalmente na nação Ur, e em sua composição havia até ouro. Tinham grande durabilidade e todos os interessados podiam consultá-las. Sua confecção encontrava-se nas mãos dos mais renomados artesãos e seus respectivos países. Só a mistura de metais para fazer a liga exigia um artesão específico. Os escritos apareciam, nessas placas, em baixo-relevo, como nas moedas humanas. Outro artesão era designado para essa função. Todo um trabalho esmerado, minucioso e elegante era o mínimo que se esperava do artesão. Afinal, o conhecimento deveria durar por muitos anos. A visão de uma placa, com seu tom semelhante ao cobre, tornava-se indescritível, tamanha sua beleza. Até sua leitura exigia um toque especial. O curioso nesse processo de registro e leitura estava na forma como eram interpretadas. Os dragões desenvolveram a habilidade de lê-las um pouco diferente. Como se fossem uma mistura de cegos e pessoas com visão, eles liam-nas com uma velocidade espetacular, utilizando os dois sentidos, visão e tato. Todo o registro de seus conhecimentos encontrava-se obrigatoriamente nessas placas de *krur*. Em relação à contemplação dos astros, esta estava intimamente ligada ao estilo arquitetônico dos dragões. Todo o edifício possuía um observatório em seu terraço. Como possuíam bastante altura, podendo chegar até dois quilômetros, o ambiente e as circunstâncias tornavam-nos a escolha mais prática e adequada. A astronomia dos dragões estava em um patamar avançado, levando ao limite a tecnologia possível utilizada em um planeta. Muitos aprenderam em relação aos astros e ao seu próprio planeta, e, certa vontade coletiva, um chamado, os levava a desejar o rompimento da barreira que os separava dos astros. Esse fascínio pelo céu ficou por muito tempo limitado ao nível do chão,

preso pela gravidade de seu planeta natal. Mas, futuramente, surpresas e uma visão completamente diferente desse período chegariam aos dragões.

Estes mil anos de paz entre as nações só foram possíveis mediante uma semelhança entre suas políticas internas. Não havia o conceito moderno de política propriamente dita entre dragões nem a figura do político naquele período. Nesta área todas as nações iam direto ao ponto principal. Todos aqueles que possuíam um grande destaque em áreas técnicas naturalmente comandavam suas respectivas áreas, porém isso nunca era feito solitariamente. Um grupo dos melhores encarregava-se, quando necessário, de prestar esse serviço público. Podemos dizer que havia pouca semelhança com o estilo do homem nesse sentido. A aparente anarquia vivida pelos dragões estava longe de se assemelhar ao conceito bruto da palavra. Algumas características culturais de organização datadas de tempos pré-históricos demonstram que a capacidade de organização e respeito às regras preestabelecidas por todos estava inserida no cotidiano dessa espécie. Corrupção era uma palavra quase inexistente, pois o castigo e a vergonha de tal ato seria o fim de uma vida muito valorizada. Portanto, a parte de agricultura era comandada pelos agricultores, a parte da indústria pelos industriais, riquezas acumuladas pelos tesoureiros e assim ia para todos os ramos econômicos e políticos do cotidiano das nações. Claro que esse tipo de organização só é possível em função das características dos dragões. Esta foi a forma que encontraram para sobreviver e assim trouxe bons resultados por muitos anos. Organização é um ponto delicado em que os povos devem achar a melhor maneira de se conduzirem. A humanidade é um exemplo de dezenas de fórmulas organizacionais. O diálogo entre áreas estreitava-se bastante, obviamente não sendo totalmente oficial, mas os diálogos e reuniões aconteciam freqüentemente. Em

momentos de crise ou catástrofes, a capacidade de organização dos dragões surpreenderia os padrões humanos. Temos um padrão organizacional totalmente descentralizado, porém real e viável. A figura central de um líder propriamente dito foi esquecida na cultura dos dragões por muito tempo. A abstrata nação, ou o sentido de nação, tornou-se seu líder, e tudo o que estava ao alcance de um dragão para o bem-estar de sua nação não era mensurado esforços para obtê-lo. A Justiça também estava num patamar extra-oficial. Quando havia a necessidade desta, uma comissão formava-se para as devidas deliberações. Nessa parte delicada da organização, os dragões demonstravam certa fragilidade, pois uma complexidade exigida nessa área da Justiça pouco se fazia presente. Não havia nada semelhante a uma polícia investigativa e casos de injustiça foram muito freqüentes, apesar dos poucos casos de crime acontecidos nessa civilização de um modo mais amplo.

Nesse universo cultural, no ano 10.999.600 antes de Cristo, nasceu um dragão que mudaria todo o pensamento das nações de dragões. Mist Tlüogodärami de Okinst foi este ser que mudou o rumo de uma espécie. Mist Tlüogodärami foi uma espécie de prodígio não reconhecido em sua infância. Era filho de uma família de diplomatas e teve desde tenra idade contato com muitas nações de dragões. Sua família, a família Tlüogodärami, era originária da nação Okinst. Mist Tlüogodärami aprendeu vários idiomas dos povos estrangeiros e seu leque de conhecimento foi vastíssimo em comparação aos demais dragões. Com a idade de 15 anos, quando um dragão era considerado adulto naquele período, continuou sua jornada, a partir daquele momento, com independência, pelo mundo. Dedicou mais trinta anos de sua vida viajando e adquirindo conhecimento. Fez amizades por todo o planeta e isso lhe dava liberdade de ir e vir. Aprendeu e ensinou nos grandes centros de conhecimentos das nações. Sua fama cresceu a cada ano, e seus conhecimentos

propiciaram a elaboração de grandes sonhos. O principal sonho de Mist Tlüogodärami era o de unir todas as nações de dragões do planeta, onde não haveria mais esse tipo de diferenciação entre os de sua espécie. Com seu conhecimento adquirido durante trinta anos de estudos e peregrinação, criou, nesse ínterim, uma língua universal, onde todas as línguas das nações foram mescladas. Essa língua procurou uma fundamentação histórica nas línguas do passado, em que, segundo Mist Tlüogodärami, todas as línguas modernas se originaram de uma língua-mãe. Apesar da característica histórica, a língua-mãe já estava extinta há muito tempo e sua recriação não passava de uma invenção atual, sendo apenas uma tentativa de recriação da antiga língua há muito perdida.

Conforme os anos caminhavam, mais as idéias de Mist Tlüogodärami maturavam-se e se espalhavam. Suas idéias de união conseguiram atravessar as fronteiras do mundo conhecido. Muitos contemporâneos começaram a refletir sobre as idéias de universalidade entre os de sua espécie. Nesse contexto, houve divergências. A unanimidade estava totalmente fora de questão nesse assunto. Conforme mais e mais dragões adquiriam essas informações, a tensão aumentava entre os povos. A paz não foi destruída, mas um período de tensão interna e externa foi criado a partir do surgimento e de questionamentos de Tlüogodärami. Obviamente a força da tradição falou mais alto e, enquanto o sistema funcionasse, as idéias não passavam de meras idéias e nada mais.

Mist Tlüogodärami de Okinst morreu com 63 anos. Abalou as estruturas de sua sociedade, mas não mudou quase nada em sua época. Seu nome nunca foi esquecido, suas idéias seriam reconhecidas muitos anos depois de sua morte e o devido valor à sua figura encontraria os mais fantásticos reconhecimentos que nenhum dragão poderia imaginar receber.

CAPÍTULO 5

DESTINO OU ACASO?

Antigos relatos descrevem vários momentos da vida de Mist Tlüogodärami de Okinst. Momentos vividos publicamente. Tais relatos foram armazenados e interpretados depois de minuciosas entrevistas com aqueles que os testemunharam. O mais famoso acontecimento da vida de Tlüogodärami contido nos relatos conta o embate filosófico entre Mist Tlüogodärami e Drü Ieucont, um famoso pensador da época. Os dois fizeram seu embate filosófico no centro de estudos da nação Cobat. Drü Ieucont era um opositor ferrenho de Tlüogodärami, um defensor feroz da tradição. Segundo Ieucont, o sucesso da civilização dos dragões estava intimamente ligado a um sistema frágil e que qualquer mudança levaria a uma catástrofe total das civilizações. Tlüogodärami, por outro lado, como já foi dito antes, era a favor de mudanças drásticas nas culturas e nas divisões entre dragões. Esse memorável embate de pensamentos começou da maneira mais cordial, como mandava a

tradição entre pensadores, porém não houve intimidações de ambos os lados.

Os dois representantes de pensamentos antagônicos encontraram-se em um grande salão oval dentro do centro de estudos. Muitos dragões compareceram para ouvi-los, pois ambos tinham uma popularidade gigantesca na nação Cobat. O belo salão parecia uma pequena arena, porém os únicos combates travados ali estavam no âmbito do pensamento. Revestido de um granito negro, polido ao extremo, dava ao ambiente um aspecto elegante. Os lugares estavam divididos em níveis como se fossem grandes janelas de um edifício com a vista para o centro do embate. Um nível acima do outro se preenchia com dragões ansiosos pela exposição e pelo embate de linhas de pensamento tão famosas.

A sala oval era muito bem iluminada. Pequenas chamas produziam a luz do ambiente. A chama tinha seu potencial de iluminação ampliado por um espelho côncavo de metal polido. Quando todos os lugares foram completados e mais nenhum ser podia entrar confortavelmente, os acessos foram vetados a qualquer um que ainda quisesse participar. Os dois antagonistas encontravam-se um de frente para o outro distanciando-se em uns dez metros, aproximadamente. Como Drü Ieucont era integrante da nação Cobat, possuía o privilégio de iniciar o embate. Todos mantinham um silêncio, naquele momento inicial, profundo e respeitoso. Ieucont fez uma rápida reverência a Tlüogodärami, recebendo o mesmo tratamento de seu opositor. Ieucont olhou os ouvintes,

depois encarou Tlüogodärami como quem começaria enfim a expor seus questionamentos.

—Diga-me, Mestre Mist Tlüogodärami da nação Okinst - disse Drü Ieucont o mais cordialmente possível —, como podes acreditar em tão surpreendente teoria se não há registros ou provas concretas da possibilidade de algum sucesso em tão extraordinária mudança de comportamento.

—Mestre Drü Ieucont, deverias pensar além do simples visível ou do simples tangível. Minha proposta visa a um salto para um futuro no qual nossos ganhos serão ilimitados.

—Não consigo entender sua visão. Seu argumento não aparenta ter força suficiente para quebrar qualquer paradigma. Não vejo como a união pura e simples das nações poderia fazer com que nossas vidas melhorassem. Veja que temos apenas o tangível ou o visível, palavras estas proferidas por ti, como única prova de sucesso ou fracasso para qualquer argumentação - encarava com olhos vidrados para Tlüogodärami, andando de um lado para o outro.

–Quero aqui expor meu pensamento mais uma vez se Drü Ieucont, ilustríssimo pensador, e demais dragões aqui presentes permitirem que o faça.

–Por favor! Estaríamos honrados se defender seus pensamentos, para que eu possa ter a oportunidade de tentar compreendê-los mais uma vez, Mestre Tlüogodärami da nação Okinst.

–Sua atenção às minhas palavras é uma verdadeira honra - após proferir essas palavras, Tlüogodärami fez uma reverência a Drü Ieucont.

Tlüogodärami fechou os olhos, respirou profundamente sem que ninguém percebesse seu movimento respiratório. A personificação de suas idéias em imagem passava-lhe nitidamente em sua concentrada mente. Conhecia-as e pensara nelas há anos e, conseqüentemente, conseguia vê-las de modo tão sofisticado, produto de sua dedicação.

— Ilustríssimo Drü Ieucont da nação Cobat. Minha idéia de união e igualdade está mais que provada pela simples e natural reflexão sobre nossa própria existência. A união de nossos ancestrais trouxe-lhes benefícios a curtíssimo prazo. A escalada evolutiva seguiu outro caminho depois desse movimento unificador. Não podemos desprezar a força que a unificação promove nos seres vivos. Dos insetos aos dragões temos provas mais que suficientes desses benefícios. Mas meu pensamento não se restringe ao passado. Não, meus caros dragões! Penso no futuro. Acredito que nossa existência depende única e exclusivamente do ato de união entre as 17 nações. Sabemos que a partir do momento de nossa autoconsciência não podemos mais depender única e exclusivamente da vida natural para suprimos nossas necessidades. A natureza, meus caros, é implacável e, enquanto não desenvolvermos mais tecnologia que possibilite nossa emancipação, uma possível extinção torna-se algo viável e inevitável; diria até próximo, apesar de não haver um conhecimento que possibilite essa previsão. Portanto, tudo que construímos e criamos, no caso de uma extinção, seria esforço desnecessário, perda de tempo, por assim dizer. Acredito no fim da era do separatismo, listamos estagnados há gerações infundáveis. Apesar de nos considerarmos "seres superiores", não conseguimos sair dessa estagnação. Nossa cultura separatista não nos possibilita um passo à frente. Afirmo com total convicção que é uma questão de tempo o fim de nossas nações. Uma encruzilhada, senhoras e senhores, apresenta-se diante de nós. Ou escolhemos a união, o desenvolvimento mútuo de tecnologia, gastando nosso tempo com isso à nossa própria sobrevivência, ou escolhemos o futuro próximo da extinção. Talvez não em nossa geração nem de nossos filhos ou netos, entretanto, algum dia, precisaremos combater essa possibilidade e, se não estivermos preparados, todo o esforço, toda a beleza, todo o conhecimento e nossas histórias serão apenas matéria decomposta, e nada, absolutamente nada, revelará nossa existência neste universo. Minha luta é pela vida e nada mais — Tlüogodärami olhava para seus ouvintes com os olhos mais tranquilos que um dragão poderia expressar. Deu uma pequena pausa de alguns segundos, pensando e refletindo sobre o que

dissera. Com a pata no queixo acariciava seu pequeno chifre atrofiado nascido naquele local de seu corpo. Com seu dedo apontado para o alto, num reflexo involuntário, retomou seu discurso. — Dito isso, meus caros, planejei nestes últimos anos de minha vida uma estrutura em tempo médio, para que possamos fazer essa transição pacificamente e não muito traumática no que diz respeito às nossas regras culturais. Tenho projetos essenciais para nossa sobrevivência. Devemos nos concentrar nas áreas do conhecimento que nos tire dessa estagnação. O espírito incansável da busca de conhecimento é um elemento fundamental para o sucesso da empreitada. O melhor conhecimento de nossos corpos está na mira principal de meu projeto. Sem um profundo conhecimento de nossos sistemas biofísico e bioquímico não estaremos preparados para os desafios do amanhã. Devemos conhecer a natureza mais profundamente e descobrir o que ela nos reserva, suas potencialidades. Na parte de astronomia, um dos maiores desejos dos dragões, e todos aqui presentes não deixarão que eu minta, é a possibilidade de explorar o universo, as estrelas. Precisamos desenvolver tecnologia para quebrarmos a barreira do céu. Não temos a menor idéia do que podemos descobrir neste vasto universo, e tudo aquilo que seja bom não hesitaremos em desenvolver para nossa própria vantagem. Não proponho nada absurdo. Apenas temo por nossa sobrevivência — ao terminar de falar, Tlüogodärami colocou-se na posição de repouso típica dos dragões, ou seja, como se estivesse deitado de bruços com a cabeça levantada e as asas contraídas, cobrindo seu escamoso e reluzente corpo de dragão. Encarou Drü Ieucont, esperando os típicos questionamentos. Claro que Tlüogodärami desejava convencer Drü Ieucont, mas sua experiência fazia-o não acreditar nessa possibilidade, porém os dragões ouvintes poderiam, em boa parte, convencer-se de que ele tinha total razão em suas explanações. Naturalmente, isso sempre acontecia quando falava e não esperava menos daquela vez.

Um período de silêncio predominou, excedendo não mais que alguns míseros minutos, não só de ambos os lados do embate como em toda a sala oval. Drü Ieucont levantou-se e caminhou de um lado para o outro, como tradicionalmente fazia, começando, assim, seus questionamentos — Mist Tlüogodärami da nação Okinst - Drü fazia sua introdução preferida, repetindo sempre o nome de seu opositor —, devo confessar-lhe e aos dignos presentes neste embate de pensamentos que seu argumento é persuasivo, porém, meu caro e ingênuo pensador, não vejo como suas palavras possam romper o âmbito do universo contido nelas. Serei mais claro em minhas palavras. Seu pensamento não passa de pura fantasia. Pelos registros das trajetórias dos dragões, nada parecido com suas especulações jamais foi registrado. Prova viva disso está em nossa existência até o presente dia. Devo dizer aqui da liberdade de pensamento. Esta é um direito de cada um de nós. Mas levá-las a um nível especulativo como o feito pelo Mestre Tlüogodärami não me parece salutar. Não podemos simplesmente fazê-lo sem um argumento pautado em provas irrefutáveis. Lamento muito, mas não consegui me convencer mais uma vez. Não podemos mudar assim, simplesmente. A harmonia da constituição de uma civilização é profundamente tênue. Qualquer abalo sem uma justificativa forte nos levaria às catástrofes proferidas por você. Não tenho mais nada a dizer. Saúdo-lhe e peço permissão para retirar-me deste embate — Drü Ieucont levantou-se, apoiou-se em suas pernas traseiras e fez uma reverência de despedida. Nesse momento foi ovacionado pela platéia presente. Tlüogodärami ficou surpreso com a quase unanimidade da ovação para Ieucont. Até aquele momento, nunca tinha sofrido tamanha derrota intelectual e em tão pouco tempo de embate. Após a saída de Ieucont, os espectadores foram saindo, deixando o salão oval quase vazio. Poucos ficaram e estes poucos observavam o derrotado Tlüogodärami com dúvidas em relação à

credibilidade de suas idéias. Tlüogodärami não se abalou tanto, apesar de nunca ter sofrido tamanha derrota. Acostumara-se a no mínimo deixar os dragões com quem dialogava com dúvidas e suspeitas. Contudo estava preparado, de certa forma, para não convencer um grande número de dragões. Aquele ano de 10.999.539 foi a última vez que Tlüogodärami foi visto em público. Seu espírito não foi destruído, mas os acontecimentos ocorridos em Cobat fizeram-no calar-se para sempre. Dois anos depois, em 10.999.537 antes da Era Cristã,

Tlüogodärami morreu desacreditado por muitos, e a rotina das nações, com suas entranhadas tradições, continuou por muitas gerações. Apesar de desacreditado em vida por muitos, suas idéias e os registros destas permaneceram. Alguns levaram suas idéias adiante, preservando-as. Entretanto, ainda que lembrado e estudado, continuou em um patamar menor, até que dias mais difíceis o tornaram um ser à frente de seu tempo e de certa maneira a melhor alternativa para criaturas desesperadas.

O planeta Terra é um planeta com vida e de certo modo está vivo. Não em um sentido exato. Vivo, pois, como em qualquer organismo, suas variações e mudanças são constantes, nunca mantendo uma estabilidade muito duradoura. Por ser um planeta relativamente jovem, diferentemente de muitos de seu próprio sistema solar, está sempre em mutação. As mudanças ocorridas naturalmente são uns dos grandes fatores, contudo, há outro fator determinante para provocar tais mudanças. Os organismos vivos muitas vezes provocam essas mudanças. Uma superpopulação de

gafanhotos pode mudar o ambiente à sua volta terrivelmente em poucas horas. Um organismo profundamente complexo como os dragões, apesar de haver certa consciência ecológica, já dita, em suas culturas, também pode ser um fator de mudanças. Os dragões por muito tempo prosperaram com seu modo de vida. Mas tal modo, como previu Tlüogodärami, ficou totalmente obsoleto. Sua estagnação cultural e tecnológica levou-os aos dias mais difíceis de suas vidas até então. A população cresceu em progressão geométrica. Escolhas por degradar seu meio ambiente foram mal planejadas, deteriorando áreas antes preservadas, modificando assim os climas. A fome foi um flagelo terrível. A superpopulação provocou o aparecimento de doenças terríveis em graus nunca antes imaginados. A desconfiança das nações provocou um isolamento ainda maior entre elas. A paz estava abalada. A paz que perdurou por mais de mil anos arruinou-se completamente. Tlüogodärami demonstrou que não era um simples alarmista. Não mais que trezentos anos após sua morte foram suficientes para comprovar suas teorias. Tudo estava aparentemente perdido.

Guerras, fome, doenças e morte. O quadro travado por essa civilização deixava-lhe numa situação difícil. A primeira civilização com inteligência do planeta Terra estava por se extinguir. Cem anos se passaram com essa tétrica situação. Isoladas e totalmente deterioradas, as nações por suas próprias iniciativas, durante esses cem anos de terríveis dissabores, fizeram tentativas no desenvolvimento de tecnologias. Nessas áreas avançaram muito, porém a não comunicação tornou o conhecimento adquirido profundamente incompleto. Durante os cem anos de crise geral, uma das terríveis doenças surgidas em tal flagelo foi a Murksturgi, chamada assim pelos dragões, que destruía os fetos ainda em seus ovos. Os poucos que sobreviviam vinham com deformações genéticas. De deformações corpóreas à total falta de cérebro,

poucos nasciam com condições saudáveis. Tal doença, a Murksturgi, estava afetando a genética dos dragões quase irrecuperavelmente. A natureza escolhera os dragões para a extinção. Isso se tornou óbvio para muitos naquele período.

A horrenda mão ameaçadora da natureza forçou os dragões de todas as nações do planeta Terra a se reunir. As previsões de Mist Tlüogodärami de Okinst haviam se concretizado de uma forma muito mais terrível que o imaginado. Aos poucos, as nações começaram a se fundir, e o debate e a troca de informações começaram a fazer alguns efeitos benéficos. Uma grande reunião feita na nação Okinst, local onde Tlüogodärami nascera, foi o ponto final da desunião das nações de dragões. O discurso feito e aprovado por todos os representantes das nações foi lido por um dos descendentes diretos de Tlüogodärami. Como seu ancestral famoso, concordou e acreditou sempre no pensamento de seu parente. Gebst Tlüogodärami, pertencente à décima segunda geração direta de Mist Tlüogodärami, foi a responsável pela leitura do documento impresso em *krür*, no grande centro da cidade—torre de Okinst. Como única sobrevivente da família Tlüogodärami e de idade avançada, foi de comum acordo a importância do simbolismo da última Tlüogodärami fazer a leitura para todos os presentes e uma forma de retratação com o próprio Mist Tlüogodärami.

No centro cheio de representantes de todas as nações, assim está registrado o discurso da fêmea de dragão da família Tlüogodärami dos Okinst:

Aos digníssimos dragões das dezessete nações que compõem nossa civilização.

Nós vivíamos e ainda vivemos numa era de trevas. No passado, o pensador Mist Tlüogodärami de Okinst tentou nos alertar de nossas próprias responsabilidades para com o futuro. Não acreditamos em suas sábias palavras. Pagamos por nossa ignorância. Contudo, há tempo. Sempre há tempo para a boa vontade. Percebemos nossos erros e tivemos a sorte de possuímos o pensamento e os esquemas de Tlüogodärami para a construção de nossa civilização. Não percamos mais tempo, digníssimos! A única chance, a única luz neste infindável túnel escuro está absolutamente na questão de uma unificação duradoura e pacífica. Não ficaremos mais passivos aos sabores da natureza. Devemos e vamos fazer a unificação. Isso nos trará a capacidade de darmos continuidade à nossa espécie. Não percamos mais tempo. Cada dragão vivente neste planeta deve contribuir para nossa sobrevivência. Seremos operários para algo maior. Nada poderá nos exterminar. Lutaremos até o último dragão.

A convenção aprovada por todos será exposta aqui.

1. *Todos deverão falar a mesma língua. Será obrigatório o ensino da língua geral criada por Mist Tlüogodärami de Okinst e todos os textos deverão ser traduzidos para a língua geral em um prazo máximo de 50 ciclos.*
2. *Com o fim da família Tlüogodärami, o nome passa a ser título de honra. Será determinado um dragão que receberá esse honrado nome e conseqüentemente será o responsável por nossa sobrevivência em caso de catástrofe ou risco para nossa espécie. Dele será a responsabilidade de tomar decisões para nossa sobrevivência.*
3. *Daremos prioridade ao desenvolvimento de pesquisas para nossa sobrevivência. Não haverá mais tabus culturais envolvendo a pesquisa científica. Não haverá limites desde que sejam pacíficos ou para nossa defesa.*

4. *Todos os dragões são iguais e têm os mesmos direitos e deveres. O dragão possuidor do título Tlüogodärami enquadra-se nesta lei e só poderá usufruir de seus direitos e deveres em casos excepcionais. Todo dragão é um potencial Tlüogodärami, portanto deverá receber o conhecimento necessário para exercer seus deveres como tal.*

Com essas leis simples conduziremos nossa nova civilização com responsabilidade e bom-senso. Não devemos perder a esperança de dias melhores e trabalharemos para uma vida melhor. Pela visão e pela ajuda fornecidas pelo pensador Mist Tlüogodärami de Okinst, retratamo-nos e pedimos humildemente desculpas pela atitude de nossos ancestrais. Em nome de todas as Nações da civilização dos Dragões, fazemos esse pedido à última representante da família Tlüogodärami. Para a fêmea Gebst Tlüogodärami, pedimos desculpas por nossa ignorância e suplicamos a aceitação de nosso mais sincero arrependimento aos atos intoleráveis que nossos ancestrais produziram para com seu honrado e sábio parente.

Tal documento foi o primeiro passo para o grande avanço da civilização dos dragões. A união foi algo que impulsionou sua tecnologia. Em duzentos anos estavam começando um caminho de avanço tecnológico nunca antes visto por qualquer dragão. A luta contra as fatalidades da vida continuava terrível. As doenças e a deterioração genética continuavam. Contudo, as conquistas tecnológicas, os avanços e as descobertas científicas em uma velocidade compensadora os faziam caminhar. Pesquisas concentradas nas áreas biológicas tornaram possível o encontro dos códigos genéticos existentes nos núcleos das células. Após isso, não tardou muito para os dragões verificarem as vantagens em conhecer e manipular esses códigos. Seguindo a cronologia das pesquisas científicas na área de biologia, os dragões em pouco tempo começaram a manipular os códigos genéticos e mapearam, depois de muitos anos de profunda pesquisa, as funções de cada combinação. Um novo dragão surgia depois desse conhecimento. O momento da emancipação dos desgostos produzidos pela natureza estava começando. O dragão segurava as rédeas de seu caminho evolutivo. Não dependeria mais do acaso para sua jornada. O antigo código genético foi restaurado. Os dragões voltaram a possuir sua antiga forma, não mais deformada pela impiedosa natureza. Doenças de natureza genética não mais assolavam os dragões. Agora seus nascimentos poderiam ser controlados e consertados ainda na célula-mãe. Entretanto, as doenças de caráter externo, causadas por bactérias e vírus, seguiram outros caminhos.

Na área microbiológica, desenvolveram-se alguns vírus alterados geneticamente para combater as doenças externas. Não deu certo por longos períodos, pois as mutações das doenças exigiam uma demanda por novas soluções. Era um caminho sem fim até o desenvolvimento dos mecânicos, ou robôs. Os dragões desenvolveram vida artificial em sua jornada tecnológica, e esta se apresentava de toda a forma possível. Robôs semelhantes aos próprios dragões. Pequenos para manutenção de instalações quaisquer. E tão pequenos que poderiam alojar-se em vírus, bactérias ou células e comandá-las a partir do corpo do hospedeiro. Uma nanotecnologia desenvolvida para o uso do bem-estar de um povo. Os nano-robôs eram compostos por partes artificiais e partes orgânicas. Não só serviam para o uso medicinal como para pequenos reparos. As cidades dos dragões, em pouco tempo, tornaram-se grandes organismos artificiais auto-suficientes, pois tudo era controlado pelos dragões. Os nano-robôs promoveram a criação, também, da assepsia perfeita, pois seu tamanho possibilitava a destruição do menor vírus possível de existir. Com a genética e com a nanotecnologia, os dragões puderam viver muito mais com seus corpos, e sua qualidade de vida chegou a um patamar quase perfeito.

Com o advento da robótica, os sistemas computacionais foram criados juntos. Não havia mais a necessidade da utilização de placas de *krür*. As máquinas podiam armazenar e refletir sobre conhecimentos adquiridos. A base de armazenamento de dados foi construída a partir do conhecimento dos próprios sistemas cerebrais dos dragões. Neurônios artificiais, modificados geneticamente e aliados aos nano-robôs, construíram o computador mais avançado até então. Sua capacidade de armazenamento crescia conforme a

necessidade. Com tal tecnologia, os dragões começaram a crescer intelectualmente em progressão geométrica.

A conquista do espaço, a primeira fronteira fora do planeta Terra, chegou depois de exaustivo trabalho. O desenvolvimento dos primeiros transportes espaciais foi uma consequência inevitável, por assim dizer, dos contempladores de estrelas. Os velhos instintos, chamando-os para as estrelas, foram essenciais para estimulá-los a essa demanda. Os primeiros propulsores levaram-lhes ao espaço. O crescimento tecnológico levou-os a possibilidades inacreditáveis para qualquer dragão do passado. Junto aos estudos de astrofísica e engenharia, muito foi descoberto e aproveitado ao desenvolvimento de mais tecnologia. As fontes de energia cresciam com esse desenvolvimento. Fissão nuclear, fusão nuclear, energia solar, bio-eletricidade, controle da anti-matéria tiveram seus mantos descobertos, e o manto da ignorância afastado para sempre dessas áreas do saber. Os dragões chegaram aos cálculos que possibilitaram conhecer e usar as forças da astrofísica. As dobras de espaço-tempo existentes naturalmente no universo foram mapeadas.

Tarefa árdua e complexa, estas foram o máximo alcançado por esse povo. Graças à compreensão do universo, aos cálculos mais precisos e à observação, os dragões chegaram a ter uns dos mapas de dobras espaço-tempo mais complexos de todos os povos existentes nas galáxias. Conseguiram desenvolver transportes viáveis com velocidades maiores que a da luz. Sistemas magnéticos avançados aliados a sistemas rotacionais possibilitavam o conforto

dos tripulantes desses transportes velocíssimos. Os transportes se beneficiaram com o desenvolvimento de elementos químicos artificiais. Os dragões conseguiram estabilizar muitos elementos e novas ligas e substâncias foram imprescindíveis à criação dos transportes. Os transportes, com seus materiais mais resistentes, conseguiam chegar a cinquenta vezes a velocidade da luz e cada passo dado na direção tecnológica ampliava a velocidade conseguida a cada ciclo futuro. A velocidade, aliada às dobras de espaço-tempo, fazia com que todo o universo estivesse ao alcance dos dragões.

Podemos observar, na história tecnológica produzida pelos dragões, detalhes curiosos. A tecnologia que possibilitou seu bem-estar e o crescimento de sua civilização não é mérito de uma área de saber específica. Todas as áreas do saber contribuíram para o desenvolvimento de todas as metas estabelecidas pelos dragões.

O planeta Dianvinst, como os dragões chamavam a Terra, ficou inviável para suas ambições. Sua instabilidade não possibilitava segurança por mais que a tecnologia avançasse. E por retribuição ao seu planeta natal, os dragões providenciaram a mudança definitiva para outro local. Havia a quase 11 milhões de anos um quinto planeta no sistema solar, um planeta localizado entre Marte e Júpiter. Esse planeta era totalmente desprovido de vida. Não possuía sequer uma atmosfera. Contudo, seu tamanho estava próximo ao de Dianvinst, excedendo um pouco mais o tamanho deste, porém a gravidade excessiva era desprezível, tamanha a pouca diferença entre Dianvinst e ele. Os dragões batizaram-no de

Tidianvinst, traduzindo seria *Segunda Terra dos Dragões*. O planeta era perfeito para as ambições dos dragões. Neste, artificialmente, criaram uma atmosfera. A água, tão necessária à vida na Terra, foi trazida, aos poucos, para o novo planeta. Todo o clima era controlado artificialmente. Como se tratava de um planeta morto, sem atividades vulcânicas ou coisas do gênero, mostrava-se o ambiente perfeito e definitivo para o crescimento de uma civilização. Em mil anos de trabalho duro, o planeta tornou-se o novo lar dos dragões. Apesar de recursos naturais inexistentes praticamente, o planeta abastecia-se dos recursos provenientes dos outros planetas ao redor dele. Além de criarem esse novo planeta, ou melhor, moldá-lo às suas necessidades, os dragões colonizaram todo o sistema solar. Havia no sistema tudo do que precisavam. O planeta Dianvinst teve seu sistema ecológico restaurado. Toda e qualquer construção existente nele foram destruídas ou desmanteladas. Apenas uma pequena estação permaneceu para observações da vida. O planeta voltou ao seu padrão ecológico natural, após muitos anos de intervenção dos dragões em seu curso de vida. Tirando a pequena estação, todo e qualquer traço da existência de dragões naquele pequeno planeta azul apagara-se completamente. Com isso chegaram ao clímax de sua consciência ecológica. Devolvendo ao planeta a possibilidade de seguir seu rumo sem mais intervenções.

O sistema solar era o lar da civilização mais próspera existente em todo o universo. De um povo quase dizimado por doenças e crises, tornaram-se a civilização mais sofisticada de todas as galáxias. Sua prosperidade parecia não ter fim. E não foi necessária a transposição das fronteiras do sistema solar para obtê-las. Assim começou a verdadeira jornada dos seres vindos do planeta Dianvinst.

CAPÍTULO 6

AEROK

A grande civilização dos dragões prosperou. E como prosperou. O ano era exatamente o de 10.992.520 antes da Era Cristã. Sete mil anos se passaram desde a morte de Mist Tlüogodärami de Okinst, e sua tão sonhada civilização tornara-se uma realidade e prosperava com paz, justiça e crescimento tecnológico. A população de dragões estava em um número estável havia muitos anos. Um pouco mais de dez bilhões de dragões habitava o sistema solar, sendo que 80% destes habitavam o planeta Tidianvinst, quinto planeta do sistema solar localizado entre Marte e Júpiter. Mortes e nascimentos tornaram-se eventos raros, pois a vida de um dragão foi prolongada ao extremo, e os nascimentos possuíam um controle altamente rígido. Nesse sistema populoso havia um jovem nascido em uma leva autorizada pelos conselhos reguladores competentes há vinte e cinco anos. Este jovem chamava-se Krueur Skli Aerok. Krueur foi preparado para assumir funções específicas baseadas em sua

vocação e vontade. Toda a sua educação estava voltada para isso. Krueur foi preparado para se tornar um pensador, filósofo, cientista e diplomata. Na nova sociedade criada pelos modernos dragões, a educação baseada na filosofia e nas relações entre dragões estava no patamar básico de qualquer educação. Afinal, mesmo um cientista deve possuir a educação de um pensador para ter a mais sofisticada ética possível. Portanto, a sociedade dos dragões tinha como fundamento dela mesma a capacidade de pensamento de seus componentes, não necessitando de mais nada para justificar a existência da própria sociedade. Uma sociedade avançada tecnologicamente que possuía uma formação inicial baseada no pensar a si mesma como possibilidade social. O início de tudo estava enraizado no entender a si mesmo como indivíduo e como sociedade altamente estruturada.

Havia uma pequena base, implantada no planeta que viria a ficar conhecido como Marte, planeta chamado nessa época de Niiefgönst, especializada no monitoramento de um quadrante específico do sistema solar. A pesquisa dessa base estava ligada aos acontecimentos fora dos padrões preestabelecidos. Observação de asteróides, cometas, etc., tudo era monitorado por essa pequena base instalada em Niiefgönst. Apesar de sentir uma vocação para relações entre dragões, o primeiro posto de trabalho de Krueur estava intimamente ligado a esse serviço de monitoramento. Depois do término de sua formação no planeta Tidianvinst, foi imediatamente direcionado para seu primeiro trabalho.

O dia do embarque chegou e Krueur Aerok estava muito ansioso para assumir sua primeira função. Pegara um grande transporte na área de embarque de passageiros direcionados a Niiefgönst. Chegando ao local indicado, assumiu sua cabine para descansar. A cabine comportava apenas um dragão, tornando o ambiente um pouco claustrofóbico. Com o ímpeto característico dos jovens não se importou com a viagem levemente desconfortável. Enquanto esperava o término desta, entretive-se com diversos pensamentos e projeções para seu futuro. Às vezes, apesar de viver em uma sociedade altamente estável, ficava ansioso por seu futuro. Não uma ansiedade desconfortável, e sim um suave sentimento por uma indeterminação comum a qualquer ser vivente. Sua juventude, por mais preparo e conhecimento adquirido em seu planeta natal, não o permitia ter muitas certezas sobre a vida. Seus olhos, antes distraídos com seus pensamentos e anseios, voltaram ao estado de alerta corriqueiro. Uma sensação estranha despertou Krueur de seu sonho acordado. O transporte havia chegado ao seu destino. Em um segundo recuperou-se completamente de seu estado idílico e voltou às velhas rotinas e aos procedimentos para o desembarque. A nave fez uma parada antes em uma estação de treinamento no próprio planeta Niiefgönst. Ah fariam uma adaptação de dois dias em função da menor gravidade daquele planeta. Na estação outro dragão, aparentemente bem mais velho, chegou próximo a Krueur. Tinha uns dois metros e meio de altura e suas escamas reluziam um matiz em oliva claro e escuro, predominando o escuro. Seus olhos foram de encontro aos de Krueur e este correspondeu ao pequeno gesto amistoso.

—Como vai, jovem amigo? - disse o dragão desconhecido.

—Vou bem, meu caro. E o senhor?

—Estou indo na melhor paz existente neste sistema solar! — ria o amistoso dragão. — A propósito, meu nome é Harnink e me direciono para a estação de pesquisa e monitoração deste planeta!

—Prazer em conhecê-lo, meu caro Harnink. Meu nome é Krueur e também estou assumindo meu primeiro posto de trabalho nesta estação. Seremos companheiros de trabalho, então — disse Krueur ao seu amistoso novo amigo.

—Com certeza, meu jovem amigo. Você é o novo responsável pela monitoração de uns dos pontos específicos, certo? Estou indo para assumir o comando do programa, meu amigo.

—Oh! Sim!

—Veja bem, este serviço, apesar de ser necessário às pesquisas científicas e aos fenômenos prejudiciais, é extremamente fácil, pois, como todo o dragão sabe, não acontece nada desde nossa fundação como civilização única, porém nunca se sabe, meu jovem amigo, nunca se sabe.

—Quem sabe? Nossos sistemas de monitoramento são eficientes, enquanto estivermos monitorando poderemos dormir em paz e observar os belos fenômenos naturais deste vasto universo. O que poderia ser tão ruim numa rotina de observação? Acho que nada — nesse momento os dois se acomodaram em um lugar cheio de outros dragões. O som das conversas formava um ruído aparentemente único e constante.

—Está claro que o projeto é de alta rotatividade, meu jovem amigo. Pelo que sei vão substituir uma boa parte dos dragões que lá trabalham. Afinal, apesar de tranqüilo, não é um serviço lá muito compensador. Mas não desanime, pois logo você poderá conquistar trabalhos melhores. Tudo tem um começo e quaisquer experiências obtidas na vida são válidas para sempre, sejam boas ou ruins.

Os dois dias passaram rápido, pois o grupo que iria para a estação de pesquisa se reuniu e as conversas seguiam rumos agradáveis aos ouvidos de Krueur. Os novos amigos fizeram-no não perceber as adaptações sofridas por seu corpo. Estavam confinados em alojamentos com a gravidade controlada, onde aos poucos a gravidade natural do planeta foi estabelecida para melhor conforto de seus habitantes. Niiefgönst, o quarto planeta do sistema, tinha um grande campo de pesquisa e indústria e entre os vazios daquele planeta desolado havia uma cidade, construída aos moldes dos dragões, chamada de Yfunst Ghiar. Essa cidade, a única existente no planeta com a aparência de uma verdadeira cidade, tornou-se um pequeno pedaço desgarrado de Tidianvinst. A única diferença em relação às existentes em Tidianvinst estava em seu aspecto externo, pois a aparência do local não indicava a presença de indícios de uma civilização colonizando aquele lugar. A desolação vermelha do quarto planeta continuava praticamente intacta. As famosas torres arquitetônicas características dos dragões, estas pontilhando todo o planeta Tidianvinst, não se encontravam no deserto vermelho. Em seu lugar, uma montanha escavada naturalmente pela erosão identificava o local exato da cidade. A única característica incomum no local estava na grande entrada localizada na base da montanha. Esta cidade, Yfunst Ghiar, foi o primeiro lugar que Krueur conheceu antes de se estabelecer em seu destino derradeiro. O grupo destinado à estação de monitoramento fez uma pequena escala de menos de um dia na cidade. Naquele mesmo dia, todos foram direcionados para um pequeno transporte aéreo. A estação de pesquisa e monitoramento ficava a alguns quilômetros das fronteiras conhecidas da cidade e não havia uma ligação direta entre ambas. O único modo de chegar à cidade consistia em utilizar um transporte de superfície.

Krueur observava a paisagem pela pequena escotilha existente ao seu lado no transporte. A assolação vermelha daquele planeta possuía algo belo e terrível, ao mesmo tempo, no íntimo pensamento de Krueur. A beleza mortal do deserto, onde nada poderia sobreviver sem as medidas artificiais providas por aqueles vindos de fora. Mortal e ao mesmo tempo domado. Duas forças poderosas, porém antagônicas, mantidas por um delicado equilíbrio. Equilíbrio sem data para ser desfeito. O transporte sobrevoava os campos desertos do quarto planeta não se elevando muito em relação ao nível do chão. Uma montanha se aproximava e em seu pico havia uma pequena estação em forma de meia bolha totalmente blindada por um metal acinzentado escuro e sem brilho, como que oxidado. O transporte se acoplou à bolha, e seus passageiros desembarcaram ordeiramente. Seguiram um caminho até um grande salão, completamente vazio. Ah apareceu um velho dragão, cumprimentou a todos e se dirigiu a Harnink. Este o acompanhou até a entrada por onde passara o velho dragão. Duas horas mais tarde os dois dragões voltaram e o velho embarcou no transporte sem dar explicações. Momentos depois, saiu um grupo de aproximadamente 20 dragões, aparentando idades diversas. Estes seguiram o caminho do velho dragão embarcando no transporte. Harnink chamou seu grupo para que se aproximassem, pois tinha algumas recomendações.

—Meus amigos, o honorável Granges, o dragão que falou comigo há algum tempo foi o responsável direto por esta estação. Temos uma função dupla aqui — disse Harnink observando o semblante de cada dragão de sua equipe —, e esta está ligada ao monitoramento do quadrante 5620 até 5630. A primeira função é a de observação atenta de qualquer objeto estranho. Vou explicar melhor. Um

exemplo do que quero dizer é que, se algum objeto, como um asteróide, estiver perigosamente em rota de colisão com qualquer planeta do sistema ou instalação espacial, deveremos calcular e orientar os responsáveis para que nada aconteça. O segundo trabalho é o de pura observação dos fenômenos cósmicos. Deveremos enviar às instituições interessadas os dados coletados aqui.

—Sr. Harnink, já estão estabelecidas de alguma forma nossas funções aqui? — interrompeu cortesmente uma jovem fêmea que pertencia ao grupo.

—Sim, minha jovem. Todos estão previamente estabelecidos em funções específicas. Todos aqui foram escolhidos para funções que poderão exercer com muita competência. Seus históricos de treinamento os designaram para essas funções. Portanto, não haverá nenhuma dificuldade. Cada um de vocês receberá um alojamento individual e lá haverá mais instruções sobre suas funções na estação. Descansem um pouco e estudem as instruções. Daqui a três horas, vamos começar nosso trabalho — o grupo seguiu Harnink até este mostrar o setor de alojamentos. Todos foram para seus respectivos lugares de descanso.

Krueur observava atentamente ao seu redor, como de costume, e observava a simplicidade do lugar. Um ambiente bruto, de certo ponto de vista, funcional em sua essência. No caminho ao alojamento, viu os grandes sistemas computacionais. Sem dúvida a estação estava provida com o que havia de mais moderno na observação e na interpretação de dados. Mas essa tecnologia não o confortava em nada, pois não lembrava um lar de verdade. Esses pensamentos foram aos poucos esquecidos, pois a realidade o chamava definitivamente. Estudou suas funções. Nada daquilo estava além de sua capacidade. Após aproximadamente três horas de estudo e relaxamento, dirigiu-se para seu posto dentro da estação de monitoramento. Harnink encontrava-se próximo e cumprimentou com um pequeno aceno de cabeça todos que passavam por ali. Krueur observava em seu visor um pequeno ponto e palavras apareciam indicando que tudo estava bem. Assim a rotina de Krueur começou.

Cinco meses se passaram e Krueur estava totalmente à vontade com seu trabalho. Fizera amizade facilmente com todos ali e Harnink demonstrava ser um bom líder de equipe, pelo menos assim pensava Krueur. Seu trabalho na estação também o provia de conhecimento sobre o espaço. Apesar de não ser muito emocionante, não a emoção que outras funções exercem no imaginário geral, aprendeu as sutilezas de seu ofício, de maneira a sentir pequenas emoções provenientes de pequenos fenômenos naturais observáveis naquela estação. Harnink fazia uma pequena

reunião com sua equipe todos os dias para levar aos seus colegas informações relevantes provenientes de dados fornecidos por outras unidades.

— Meus amigos, o Centro de Estudos de Fenômenos Espaciais solicitou uma varredura nos quadrantes 5620, 5621, 5622, 5623 e 5624. Por isso vamos, por hoje, dar total prioridade a esses quadrantes. Krueur, você tem trabalhado com o quadrante 5621 e será o responsável por este — disse Harnink encarando-o. — Dois dragões deverão unir-se a você para a monitoração. Os dados de cada instante devem ser enviados imediatamente para o centro de estudos. Bom trabalho!

Todos agradeceram às orientações de Harnink e dirigiram-se para seus postos. Krueur, por estar acostumado com o quadrante 5621, seria o responsável por esse monitoramento. Dois grandes amigos feitos naquela estação colocaram-se à disposição para esse trabalho mútuo. Junur, o maior dragão naquela estação, era um desses amigos. Com pouco mais de três metros de altura, possuía escamas de um padrão raríssimo entre os dragões. Apesar da tonalidade ser basicamente verde- escura, reluzia um brilho azulado, raro de se ver. Junur era o mais velho da estação, depois de Harnink, pois seus chifres e suas barbatanas evidenciavam mais idade que a maioria ali. Na opinião de Krueur, Junur transformou-se num bom amigo. A segunda componente da pequena equipe era uma fêmea chamada Pakemank. Suas escamas possuíam uma tonalidade quase negra, e sua altura era de aproximadamente dois metros e meio. Também criara laços fortes de amizade com Krueur

e, portanto, a pequena equipe estava totalmente à vontade e preparada para sua tarefa diária.

Os três amigos se acomodaram em seus postos. Cada um possuía um sistema computacional e uma tela para o monitoramento. Enquanto enviavam os dados, ficavam observando qualquer movimento estranho vindo da tela.

—O que é isso na tela? — perguntou Junur a Krueur.

—O que exatamente? — questionou Krueur.

—Há um ponto na tela que não condiz com os mapas estelares e está identificado com o número 789564-213.

—Claro! Este é um pequeno detrito espacial, provavelmente um pequeno pedaço de rocha ou coisa do gênero. Os sistemas computacionais já calcularam sua rota passada e futura e não representa nenhum risco para nós. É um meteoro errante, nada mais.

—Pelos dados que tenho aqui, isso foi detectado há uns três ciclos e está próximo de nós. Mas como você disse, não há o que temer — disse com voz suave Junur.

—As chances de provocar algum estrago são praticamente nulas. O sistema mostra uma chance em trezentas bilhões, ou seja, é uma possibilidade nula, como disse - comentou Pakemank para os dois dragões.

—Enviem a próxima leva de dados para o centro, meus amigos.

—Sim, Krueur — responderam quase ao mesmo tempo os dois dragões.

Harnink passava, como sempre, em revista para detectar algum problema. Observou Krueur e sua equipe e dirigiu-se a eles.

—Como vão, meus amigos? — perguntou Harnink.

—Todos os dados estão sendo enviados para o centro, como solicitado — disse Krueur. — Nada de novo apareceu nos rastreadores. Tudo está bem.

—Bom! Muito bom!

Harnink seguiu seu caminho observando as outras equipes. Na tranqüilidade de sempre, Junur puxou conversa com os dois amigos.

—Vocês terão folga amanhã?

—Quase todos nós teremos folga. Parece que Furtink e eu vamos trabalhar - disse Krueur.

—Você vai perder a presença de Tlüogodärami na cidade, Krueur? Nossa! É uma oportunidade única de vê-lo. Dizem que este último Tlüogodärami é muito sábio — ponderou Pakemank.

—Não poderei ir e acho que não iria mesmo que fosse possível.

—Por quê?

—Serei sincero com vocês. Não acredito muito nessas tradições. Quero dizer, elas não me afetam como afeta a maioria dos dragões. Nossa estrutura é forte demais e não há necessidade de uma figura recheada de tanto simbolismo. Somos mais do que isso — Krueur sentira que expusera suas opiniões inconvenientemente. Sabia que certos assuntos eram intocáveis entre dragões e suas palavras atravessaram a tênue fronteira estabelecida pelo tabu.

—Espere um pouco, Krueur. Respeito sua opinião, afinal você ainda é muito jovem e é normal quando estamos nessa idade questionarmos as coisas da vida — disse Junur. — Porém este é nosso modo de vida e tem dado certo por milhares de anos. Observe a grandeza de nossa colonização. Nossos ancestrais saíram de seu planeta natal para colonizar o sistema solar e, quem sabe, num futuro vindouro, a galáxia.

—Concordo que nosso modo de vida nos levou ao ápice. Só me questiono se isso é realmente necessário. Não acredito nessa política. Deveríamos ser mais independentes. Talvez, e não me levem a mal, Tlüogodärami esteja ultrapassado — apesar de se sentir constrangido pelo caminho seguido por aquela discussão, Krueur ainda tentava argumentar para amenizar a situação.

—As idéias de Mist Tlüogodärami nos levaram a ser o que somos hoje — disse Pakemank. — Não devemos subestimar essa herança, Krueur.

—Não questiono. Acho Mist Tlüogodärami um grande pensador, mas deveríamos refletir um pouco mais sobre nós mesmos e pararmos de delegar assuntos tão importantes para apenas um dragão ou dois.

—Entendo — a voz de Pakemank refletia constrangimento por chegarem a um assunto delicado.

—Contudo, perdoe-me por minha insolência. Acho que exagerei em meus pensamentos. Prometo fazer uma reflexão melhor — rendeu-se por fim depois de perceber o constrangimento de seus amigos. Aquilo não levaria a absolutamente nada.

—Por favor, meu caro Krueur, nunca pare de pensar — disse Junur. - Se há algo maravilhoso em nossa sociedade é a liberdade de pensamento. Se Tlüogodärami tivesse sucumbido à tradição, não

teria produzido seus famosos pensamentos, porém concordo que devemos dedicar mais reflexão ao que questionamos.

—Sim, e peço desculpas mais uma vez. Fui agressivo em meu argumento e não é assim que devemos proceder, mesmo não concordando com determinado assunto — um silêncio tomou de assalto aquele momento por alguns segundos até que a rotina dos três voltou ao normal.

—Pena você não poder ir junto, Krueur. Iríamos nos divertir muito na cidade — lamentou Pakemank quebrando o silêncio e tentando dar um novo ar à conversa.

—É uma pena, mas alguém tem de fazer o serviço — comentou Junur, esboçando um riso descontraído para demonstrar que estava em paz com o amigo.

—Podem ir sem remorso. Divirtam-se e aproveitem. Numa próxima ocasião iremos todos para a cidade e vamos nos divertir.

O trabalho transcorreu com muita tranqüilidade. Os amigos se despediram e seguiram rumo aos alojamentos. Krueur combinara com Furtink assumir no segundo turno de trabalho e foi repousar em seu alojamento.

No dia seguinte, todos os dragões da estação seguiram juntos para a cidade de Yfunst Ghjar. Lá foram ver Tlüogodärami, que estava visitando-a e faria um embate de conhecimento, à moda antiga, com os mestres do centro de conhecimentos daquela cidade. Todos sabiam que os embates não passavam de mera formalidade, pois ninguém na sociedade dos dragões, exceto Krueur em seu íntimo, se colocava contra Tlüogodärami. Afinal, o Tlüogodärami, acima de tudo, era escolhido por defender as idéias que construíram a sociedade dos dragões. Portanto, o embate tornou-se mais uma forma de os dragões comuns conhecerem uma personalidade de sua sociedade.

Furtink foi até a sala de monitoramento e observava todas as telas, verificando se havia alguma anomalia nos dados. Alguns robôs de manutenção estavam presentes para as revisões de rotina, aproveitando a estação vazia. De seu computador, Furtink observava os dados de cada observatório e se distraiu com a presença dos robôs. Observava atentamente as máquinas fazendo

as varreduras ópticas de cada pedaço daquela sala. Um dos robôs estava conferindo cada sistema computacional, como se interagisse com os sistemas apenas com o olhar. Furtink alternava os momentos em que observava sua tela e os curiosos autômatos. *Ah! Mais um dia rotineiro...*, pensou ele.

Realmente a rotina corria tranqüilamente, como sempre, e o turno de Furtink demorava — em seu entender - a passar. Estava quase adormecendo, quando viu algo estranho na tela. Havia um sinal de alerta do centro de estudos, solicitando uma verificação no quadrante 5621. Furtink, ainda atordoado com o marasmo, entrou em estado de apreensão rapidamente. Direcionou seu sistema computacional para o equipamento responsável pelo quadrante 5621. Ali observou que o objeto classificado com o número 789564-213 estava piscando, indicando uma anormalidade. Furtink procurou mais dados sobre o objeto e os sistemas apontavam uma mudança de rota aparentemente não natural. As estatísticas de colisão aumentavam. Os números não paravam de mudar. Sem saber ao certo o que fazer, foi rapidamente ao encontro de Krueur, em seu alojamento.

—Krueur? — perguntou Furtink. — Você está aí? — Krueur abriu a porta imediatamente. — Krueur, venha comigo depressa! Há algo errado e preciso de ajuda.

—O que foi?

—Vamos rápido! Eu explico ao chegarmos lá.

Os dois dragões foram imediatamente até a sala de monitoramento. Furtink explicou rapidamente e resumidamente o problema para Krueur. Observando os acontecimentos na tela, os dois não tiveram dúvida a respeito do que fazer. Com as mudanças drásticas que o objeto fazia e as estatísticas indicando perigo, alertaram imediatamente os órgãos competentes.

—Vamos, Furtink! Devemos avisar o máximo possível de dragões, liste objeto está perigosamente em rota de colisão com o planeta Tidianvinst.

—Já ativei o sistema de alerta e estou enviando os dados detalhados.

Enquanto esperavam respostas dos centros especializados e de defesa, os dois dragões observavam os dados captados pelo sistema de monitoramento. Ficaram perplexos com o que viram, pois nada havia de natural no comportamento daquele objeto. Aquilo que parecia um mero pedaço de rocha fez o que nenhum dragão ou sistema computacional poderia imaginar. Mudou, como que artificialmente, sua rota em direção a Tidianvinst num instante incomensurável. Até poucos minutos antes dos alertas, o objeto passava por sua rota natural até fazer a guinada drástica para Tidianvinst.

—O que será este objeto? — disse Krueur.

—Não sei, mas não é natural!

—Será que dará tempo de defesa, afinal está muito próximo de Tidianvinst.

–O sistema computacional indica um acréscimo de velocidade. As chances de defesa são pífias se continuar nesse ritmo.

–Qual o tamanho do objeto?

–Não mais que dois *doroks*⁵.

–É bem pequeno, mas temos de tentar alguma coisa.

Os jovens dragões estavam ansiosos por notícias. Um alerta na tela de Krueur indicava uma notícia do centro de defesa do sistema solar alertando sobre o objeto e indicando que ele não representava perigo, pois seria destruído na atmosfera artificial de Tidianvinst. Aquilo trouxe um pouco de alívio para os dois, mas a ansiedade não passara, pois ainda esperavam a notícia derradeira da destruição do objeto. Tidianvinst era altamente povoada e

temiam a possibilidade de alguma catástrofe advinda daquilo. Neste ínterim, a equipe voltara de seu passeio pela cidade. Krueur alertara imediatamente Harnink. Este por sua vez convocou todos para seus postos e concentraram-se na monitoração do objeto. Equipe a postos, todos criaram expectativas difusas em relação ao acontecimento.

Algum tempo passou e o objeto saiu dos registros dos sistemas computacionais. Todavia, a notícia tão esperada ainda não viera. Uma mistura de alívio, especulações e incertezas tomou conta da equipe da estação de monitoramento. Um som produzido por conversas paralelas ecoava pela sala. De repente Krueur, que não tirou os olhos de sua tela, chamou a atenção de todos. Um silêncio imediato predominou no ambiente. Krueur olhou abismado para seus compatriotas, sem entender direito o que havia acontecido.

—O que está acontecendo? — disse Krueur. — A atmosfera, segundo estes dados, não destruiu o objeto. Aquilo caiu na região 42 do planeta Tidianvinst.

—Vamos esperar por mais notícias — simulando tranqüilidade, Harnink falou aos ali presentes, tentando acalmá-los. —Vamos esperar!

CAPÍTULO 7

PRIMEIRO DIA

Há mistérios espalhados por todo o universo. Talvez, algum dia, uma criatura ou uma civilização compreenda uma parte desses mistérios. Entender todos os mistérios seria uma tarefa quase impossível. Todavia, não se pode determinar ao certo se vai ou não acontecer. O mistério é uma espécie de "característica" daquele que não o conhece. Aparentemente essa redundância parece óbvia, contudo, é uma questão de referencial. Esses mistérios eram, digamos assim, exclusivos dos dragões, pois o não conhecimento de outras entidades com inteligência fazia com que qualquer situação nova fosse inédita culturalmente. Há nisso uma sensação de solidão. Dos bilhões de mistérios existentes no universo àquela raça, um, em especial, destacou-se dos demais. Aparentemente frágil e inofensivo, um corpo celeste ou alguma coisa do gênero apresentaria sua faceta aos que ignoravam totalmente sua existência. Viajando há milhões de anos, um pequeno e misterioso

corpo, aparentemente rochoso, vagou por inúmeros lugares. O objeto cosmopolita presenciou inúmeros fenômenos em sua trajetória. Nascimento e morte de estrelas, planetas desertos, planetas em início de formação, cometas, outros corpos rochosos, talvez até outras galáxias. Seu destino final, incerto até então, foi finalmente encontrado. O corpo rochoso, quebrando qualquer teoria física possível, desviou sua rota original e caiu em um planeta do sistema solar dos dragões. Como que planejado há muito tempo, esse objeto caiu no populoso planeta Tidianvinst. Alguma coisa acionou o pequeno corpo celeste, ocasionando sua chegada ao planeta. Como um pedaço de ferro atraído por um gigantesco ímã, o corpo foi atraído à rota de Tidianvinst. Aquilo foi uma mudança inesperada no cotidiano dos dragões, pois o menor pensamento sobre algo do tipo seria rechaçado por inúmeras teorias e sistemas de defesa. Sua vida pacífica não estava preparada para ações inteligentes vindas de tora. O objeto mudou sua trajetória, como que possuído de inteligência totalmente anormal. Outrora, seguindo um curso natural, por onde muitos objetos passavam, este mudou repentinamente a naturalidade da situação e direcionou-se para Tidianvinst. Imediatamente foi envolvido por bilhões de robôs-células, mas estes não conseguiram fazer absolutamente nada. O objeto criou, antes mesmo de atingir Tidianvinst, uma superfície incandescente com temperatura altíssima. Combateu, de forma inesperada, seus pequenos inimigos, indiferente à situação. Os robôs não suportaram a temperatura e foram totalmente destruídos. Pequenos soldados mortos em campo de batalha. A primeira barreira contra o inimigo inesperado apresentou-se inútil ao que se destinava. A velocidade do objeto foi acelerada ao máximo de sua capacidade. Rasgou a atmosfera do planeta, sem ao menos alterar sua temperatura interna. O atrito com o oxigênio produziu uma camada de fogo superficial na pequena rocha espacial. Com a temperatura estável, não se deixou modificar pelas condições externas, mantendo sua integridade. Ao atingir a superfície, no quadrante 42 de Tidianvinst, destruiu uma área muito populosa daquele planeta. A explosão foi ouvida a quilômetros. Um grande cogumelo de fumaça nasceu da desgraça daquela situação.

As ondas de choque foram sentidas. Tudo naquele ponto foi destruído. Uma cratera com cinco quilômetros de extensão e um quilômetro de profundidade foi aberta. Aquilo destruiu várias torres e expôs as vísceras de uma das cidades subterrâneas dos dragões. Milhões morreram instantaneamente com o choque. Vidas ceifadas, projetos destruídos, esperanças arruinadas. Contra todas as probabilidades e teorias aplicáveis, bem no fundo da cratera, estava intacto o objeto vindo do espaço. Ali repousava como se nada tivesse produzido, adormecido em seu ninho macabro construído de rochas, materiais sintéticos, ligas metálicas, corpos escamosos e sangue. Indiferente estava a isso tudo com sua textura irregular e imobilidade atual. A temperatura no ambiente, aos poucos, voltava à sua normalidade. Ah continuou estático, não se movia ou apresentava qualquer indício de vida ou inteligência. Quem o visse e não possuísse histórico daquilo, diria que tal objeto jazia há anos naquele lugar, tanta inércia aparentava. Mas o oceano de destruição produzido ali não permitia uma dissimulação do terrível objeto. A aparência era de quem esperava alguma coisa ou alguém. Contudo, ninguém poderia dizer ao certo. Um mistério mortal, assassino, espreitava na terra dos dragões. Imediatamente os órgãos de defesa dos dragões alertaram seus melhores especialistas e suas melhores tecnologias para avaliar os estragos e se o objeto estranho havia deixado algum rastro. Fenômeno tão estranho nunca fora presenciado por nenhum componente daquela raça avançada. Mesmo nunca presenciando tal fenômeno, os dragões calculavam probabilidades de desastres e, apesar de confiarem em sua cultura e sua tecnologia, no fundo, pelo menos assim imaginavam, saberiam como lidar com a pior das catástrofes. Até aquele presente momento não sabiam com certeza com o que lidavam. Por isso mandaram convocar seus melhores especialistas e os seres mais próximos envolvidos na situação. Com a união dos melhores e o esforço mútuo, resolveriam o problema, desvendando o enigma proposto pelo acaso.

Krueur posicionou o sistema para observar algum estrago no planeta. Em poucos segundos, imagens do planeta Tidianvinst chegavam com a terrível tragédia estampada em suas preocupantes imagens. Os dragões ali presentes ficaram horrorizados com a tragédia. Harnink tentava diminuir a sensação de pânico existente naquele ambiente. Seus traços faciais apresentavam enorme preocupação, desmentindo qualquer tentativa de apresentar calma aos seus pares.

—Dragões! Mantenham-se calmos, por favor. Tudo o que podíamos fazer foi feito. Não houve falhas de nossa parte. Avisamos os órgãos competentes rapidamente.

—Posso dizer, apesar de minha pouca vivência — acrescentou Krueur —, que aquilo não era natural. Senhores, a avaliação que faço é de que estamos lidando com alguma coisa estrangeira.

—Possível, mas pouco provável, meu caro Krueur — interrompeu Harnink. — Há outras possibilidades. Um fenômeno magnético ou

algo assim. Não podemos descartar nada.

—Sim! Devemos esperar! Tomara que sejamos rápidos.

— Seremos, meus caros, seremos. Nossa civilização tem mais de sete mil ciclos e se não soubéssemos resolver problemas, de qualquer escala, não teríamos sobrevivido para ver este dia. Vamos esperar.

Algum tempo depois, uma mensagem chegou à estação. Esta solicitava a presença de Harnink e dos componentes responsáveis pela tarefa de monitorar o ocorrido a dirigirem-se à cidade de Yfunst Ghiar, onde deveriam contribuir com suas experiências. Imediatamente Harnink solicitou a presença de Krueur e Furtink. Pediu a ambos que se preparassem. Os dois correram para seus alojamentos e arrumaram seus pertences. Krueur Aerok olhava com medo e incerteza para seus pertences. Pegou apenas o necessário, pois seu sentimento era de profundo desprendimento das coisas materiais. Não conseguia ver sentido nelas, pois algo catastrófico havia ocorrido aos seus compatriotas. Tal sentimento de perda tornou-se um dos sentimentos mais profundos e doloridos que Aerok havia sentido em sua breve existência. Respirou fundo, acalmou-se lembrando de sua missão ainda em andamento, e se organizou. Foi despertado de seu casulo de meditação ao sentir o

som de uma voz chamando-o pelo nome completo. Pegou suas coisas e dirigiu-se direto ao local de embarque e desembarque da estação. Um transporte apareceu na estação com o intuito de levar seus passageiros o mais rápido possível para a cidade. Ao embarcar, Krueur sentiu que seria a última vez que veria a estação de monitoramento. Olhou para a face de Harnink, este por sua vez esforçando-se para passar tranquilidade em seu semblante e, depois, virou-se para Furtink. Os três embarcaram e seguiram direto para a cidade.

Com a presença de Tlüogodärami na cidade de Yfunst Ghiar, esta se tornou um refúgio do caos vivido em Tidianvinst. As comunicações com Tidianvinst foram estabelecidas de maneira a poderem fazer decisões conjuntas entre Tlüogodärami e o conselho residente no planeta atacado. Os especialistas da estação de monitoramento que avistaram a mudança de trajetória do objeto foram convocados a se reunir com Tlüogodärami e o conselho para ajudá-los a tomar medidas imediatas.

O transporte, onde Krueur Aerok encontrava-se, seguia com toda a velocidade à cidade de Yfunst Ghiar. Em meio ao deserto vermelho, a grande montanha começava a despontar no horizonte. O tempo passava rápido e a montanha se aproximava. O transporte parou por alguns segundos ao pé da montanha. Uma grande entrada surgiu, abrindo-se da terra, como que produzida por um terremoto, absolutamente do nada. Ao entrarem, o sistema fechou a entrada, produzindo um pequeno barulho, potencializado pelos ecos produzidos na antecâmara. Um grande portão, dentro da

antecâmara, abriu-se, mostrando um caminho iluminado. O transporte seguiu-o. Aerok observava os baixos-relevos que forravam todas as paredes daquele caminho. Aquilo tudo lhe lembrava seu planeta natal. Os baixos-relevos contavam histórias dos colonizadores do planeta Niiefgönst e da construção da cidade. A grande velocidade do transporte não permitiu observar mais, apenas quando a velocidade diminuía em certos trechos. Detalhes não foram percebidos. A grande luz existente no fim do caminho aproximava-se. Quando o transporte terminou sua pequena jornada, uma imensa cidade subterrânea revelou-se aos olhos dos transportados. A cidade do planeta era uma das mais belas de todo o sistema solar. Talvez por estarem longe de seus lares originais, os dragões dali resolveram reproduzir um ambiente que lhes passasse o conforto do verdadeiro lar. Era, sem a menor dúvida, uma cidade pulsante. Muito povoada, os dragões iam e vinham seguindo suas obrigações diárias. Sistemas de transportes altamente sofisticados, uma mistura de trens com elevadores poderiam ser utilizados em praticamente todos os pontos da cidade. Aerok observava com mais intensidade a beleza da cidade, com suas construções internas, sua irregularidade e sua população. Ah o pequeno transporte seguiu um caminho que os levou até a edificação onde estavam reunidos Tlüogodärami, as autoridades da cidade e os representantes de Tidianvinst, via sistema de comunicação, tipo de videoconferência.

Rapidamente desembarcaram e foram conduzidos por dragões especialmente designados para essa específica tarefa. A reunião seria em um grande salão da edificação. Ao chegarem, Aerok observava atentamente o ambiente. Um grande salão, totalmente vazio, somente com o comunicador e sua grande tela e muitos dragões. Esse ambiente era totalmente claro e bastante iluminado. Em um granito branco, artificialmente fabricado, totalmente polido, dava ao ambiente sua característica mais marcante esteticamente.

Havia uma sensação glacial naquele lugar, apesar da temperatura controlada. Os dragões se destacavam no ambiente, contrastando com seus vultos escuros. No lugar de honra da reunião, estava o famoso Tlüogodärami. Este, por sua vez, conversava com alguns dragões próximos. O som dos diálogos fundidos formava um ruído totalmente indecifrável. Krueur possuía pensamentos próprios em relação à cultura de seu povo. Sua visão de Tlüogodärami tornou-se um pouco diferente dos demais dragões. Algumas dúvidas pairavam sobre o simbolismo do título, mas no fundo não poderia acreditar nisso nem no certo misticismo atribuído ao possuidor daquele título. O verdadeiro Tlüogodärami estava morto há muito tempo. Tamanha responsabilidade não poderia ser atribuída a um único dragão, pelo menos assim Aerok pensava. Mas inesperadamente, sem explicação nenhuma, certo sentimento de alívio e conforto foi despertado em seu âmago ao deparar com a imagem de Tlüogodärami. Por mais que contestasse em seu íntimo a questão cultural, seu sentimento o traíra desconfortavelmente. Tornou-se impossível fugir daquele vínculo de identidade. A sensação de ter alguém com quem contar naquele fatídico período dava-lhe o conforto necessário para continuar. Pensamentos e sentimentos antagônicos fluíam na mente de Krueur Aerok, criando sensações inesperadas e inéditas.

Um dos condutores, que levou o pequeno grupo vindo da estação de monitoramento até o grande salão, aproximou-se de Tlüogodärami e fez um breve comentário ao pé do ouvido. Depois de pronunciadas as palavras, Tlüogodärami imediatamente apontou seu olhar para Harnink e seus companheiros. O condutor voltou e disse a Harnink que se aproximasse, com seus companheiros, de Tlüogodärami. Imediatamente a ordem foi cumprida. Breves cumprimentos foram trocados.

— Meu caro Harnink. É um prazer conhecê-lo. Pena não ser em um momento mais pacífico. Quem são esses ao seu lado? — perguntou Tlüogodärami.

— Digníssimo Tlüogodärami, estes dois são meus companheiros de trabalho na estação de monitoramento. Foram eles que detectaram o pequeno corpo estranho antes da catástrofe — Harnink olhava atentamente para o semblante sereno de Tlüogodärami. — Seus nomes são Krueur e Furtink.

—Sejam bem-vindos a esta reunião, meus jovens dragões. Precisaremos de todas as pistas necessárias para avaliar da melhor forma possível esta situação — Tlüogodärami olhava para os dois jovens dragões com intensidade, transmitindo-lhes a mais completa tranqüilidade.

Os dois jovens retribuíram o olhar com alguma timidez. A presença de alguém tão ilustre provocava, muitas vezes, esse tipo de atitude. Reunidos no grande salão, como era o costume dos dragões desde

os períodos mais remotos de sua civilização, começaram imediatamente após a chegada de Krueur e seus amigos o debate para investigar os últimos acontecimentos terríveis. Os dragões posicionaram-se em frente à grande tela, onde nela transmitiam-se as imagens ao vivo dos dirigentes de Tidianvinst. Tlüogodärami posicionou-se como uma espécie de interlocutor, ora olhando para a tela, ora olhando para os dragões presentes no recinto.

—Meus compatriotas, nós estamos em estado de alerta e apreensão. Precisamos decidir o que fazer para resolvermos esta situação catastrófica — Tlüogodärami expunha com simplicidade os fatos aos presentes e aos dirigentes. — Como todos já devem estar cientes, um objeto, aparentemente um corpo rochoso, caiu no quadrante 42 de nosso planeta, Tidianvinst. Por isso, organizadamente, vamos determinar as prioridades para agirmos da melhor maneira possível. Sabemos que muitos dragões morreram. Não sabemos o número ao certo, mas calcula-se algo em torno de um milhão de dragões. Nunca, desde nossa unificação, tantos morreram. Um número desse tipo relacionado à morte nunca seria previsto, tão absurda seria essa suposição. A situação vivida demonstra-se totalmente diferente do que supúnhamos. Não vou demorar mais em minhas palavras, pois cada minuto é importante para solucionarmos a situação. Gostaria de ouvi-los.

—Deveríamos, em primeiro lugar, mandar uma equipe com nossos melhores especialistas, em todas as áreas relacionadas, para avaliar os estragos e encontrar alguma pista do que seria isso tudo — disse um dos dragões posicionados mais à frente.

—Sim, mas devemos relacionar os especialistas e suas respectivas áreas — Tlüogodärami completava o pensamento do dragão anterior.

—Vamos precisar de um grupo de engenheiros, de estrutura, sistemas de energia, comunicação, médicos, especialistas em astrofísica, geologia espacial, mecanismos robóticos e equipamentos para ajudar a remover sobreviventes e possíveis fragmentos do objeto vindo do espaço — disse um dos dirigentes exibido na grande tela.

—Concordo plenamente, meu caro. Precisamos mobilizá-los — sugeriu Tlüogodärami.

—Os engenheiros, equipamentos, robôs e tudo o mais já foram imediatamente convocados para essa tarefa, porém nossos melhores especialistas em geologia e astrofísica estão fora do planeta — disse outro dirigente.

—O honorável Srin Harnink está conosco neste momento. Acredito que ele seja o dragão adequado para essa missão. Seu trabalho em geologia espacial é muito famoso entre nós — recomendou Tlüogodärami.

—Estou à disposição para a missão — Harnink levantou-se imediatamente ao ouvir a sugestão de Tlüogodärami.

—Sabemos que podemos contar com sua voluntariedade, meu caro Harnink — respondeu Tlüogodärami. — Despeça-se de seus amigos, pois precisamos de você no local da catástrofe. Vá e bom trabalho.

—Obrigado, honorável Tlüogodärami.

Harnink aproximou-se de Krueur e Furtink. Olhou para seus colegas de trabalho e esboçou um suave sorriso.

—Acho que é aqui que nos despedimos. Espero vê-los o mais rápido possível. Espero ser útil nessa missão.

—Até logo, Harnink — disse Furtink.

—Até logo.

—Foi um prazer trabalhar com o senhor, Harnink — disse Krueur.

—Até logo, meu jovem. Foi também um prazer, mas acredito que trabalharemos juntos novamente. Não contem com a possibilidade de se livrar de mim tão facilmente — Harnink esboçava um sorriso para Krueur.

Depois da despedida e dos cumprimentos, Harnink foi conduzido para fora do salão branco. Os ali presentes, os dirigentes e Tlüogodärami continuaram os diálogos. Por fim, dariam uma pequena pausa e monitorariam a incursão da equipe, ali mesmo no salão branco.

Harnink foi imediatamente conduzido à nave especialmente preparada para levá-lo, o quanto antes, para Tidianvinst. A viagem foi rápida, para os padrões. Os trâmites foram anulados em função do ocorrido. Todos os convocados reuniram-se próximos ao quadrante 42. Muitos especialistas em várias áreas estavam reunidos ali com voluntários para ajudar no que fosse necessário. Havia dois robôs gigantes, que lembravam aranhas de seis pernas. Possuíam a função de guindaste e teriam a capacidade de retirar qualquer obstáculo existente no caminho. Os componentes da equipe ganharam vestes especiais. As elegantes armaduras possuíam a função de proteção, caso houvesse radiação no local. Além da proteção, funcionavam como pequenos sistemas computacionais e de comunicação com a equipe. Havia milhares de robôs do tamanho de um dragão comum, com a aparência característica destes, a não ser por suas partes evidentemente

artificiais. Dezenas de naves, de tamanho satisfatório, fariam o serviço de transporte para equipamentos, robôs e os especialistas. Quando todos estavam preparados, embarcaram imediatamente nas naves. Estas, por sua vez, seguiram cautelosamente para o quadrante 42, onde encontrariam seu interesse principal.

As naves sobrevoavam o quadrante 42, quando encontraram as beiradas da cratera. Um vôo de reconhecimento foi executado a fim de escolherem o melhor lugar possível para o pouso. Havia um lugar milagrosamente pouco destruído, bem próximo ao epicentro da explosão. A equipe desembarcou com todo o cuidado possível. Alguns robôs e robôs celulares foram soltos na área para uma varredura mais precisa. A equipe constatou a não presença de radiação ou qualquer agente tóxico na área. Mesmo não representando perigo, não ousaram retirar suas roupas especiais por precaução e um pouco de medo.

Um robô voltou de uma pequena expedição, trazendo notícias. As novidades interessaram a todos, principalmente Harnink. O robô fez um relatório de um possível corpo estranho encontrado a uma distância curta de onde a equipe estava. Harnink, com alguns outros especialistas, seguiram ao local desconhecido.

— Com o corpo, ou uma parte dele intacta, poderemos determinar a origem disso tudo — disse Harnink.

—Siga por aqui, senhor — disse o robô responsável pelo achado.

—Ative uma proteção de robôs-células, só por precaução — pediu Harnink aos outros especialistas estabelecidos no local de pouso. — Voltarei em breve, com boas novas.

Harnink, alguns dragões e robôs seguiram o caminho até o esperado achado. Entre os destroços, seu caminho foi lento e difícil. Ao caminharem, finalmente encontraram o suposto local da queda. Um buraco com três metros de diâmetro e uns dez metros de profundidade foi determinado como o local da queda do objeto.

—E aqui mesmo o local? — perguntou Harnink ao robô.

—Sim — respondeu a máquina,

—Precisaremos de um dos robôs grandes para entrarmos nesta profunda abertura. Contudo, em primeiro lugar, vamos mandar alguns robôs celulares para analisar o local e um robô normal para monitorar.

Uma nuvem de robôs celulares entrou na abertura, seguida por um robô com formato de dragão. Os pequenos robôs sobrevoaram o buraco, fazendo uma manobra de queda livre, onde todos penetraram rapidamente. Neste rasante executado pelas pequeninas máquinas, havia o corpo rochoso repousado no ponto mais profundo, como derradeiro destino delas. O robô em forma de dragão posicionou-se e iluminou o local. Com seus olhos artificiais, transmitia para Harnink as imagens do local.

Harnink verificou as imagens e uma sensação de surpresa provocou-lhe certo mal-estar. Não imaginara a probabilidade de o objeto estar totalmente intacto. Entretanto, foi isso que as imagens demonstravam. Pelos cálculos do sistema computacional, o objeto tinha exatamente as medidas detectadas na estação espacial do quarto planeta. Não havia perdido nada de sua composição original. No imaginário de Harnink, aquilo seria quase impossível, pois o sistema de defesa contra objetos estranhos já havia rechaçado

outros muito maiores, não permitindo que caíssem intactos no planeta. Um pouco confuso pela discrepância provocada pela nova situação, Harnink se recompôs e solicitou a presença do robô gigante para fazer a tarefa de guinchar aquele objeto. Enquanto isso, Harnink esperou a presença da grande máquina e dos outros dragões.

Um suave som de badaladas constantes soava nos campos devastados pela catástrofe ocorrida no planeta dos dragões. O robô caminhava, com suas seis pernas, pelo terreno difícil. Aproximou-se do objeto espacial achado e comunicou mais uma vez seus planos. Todos escutaram e posicionaram-se para executar a tarefa.

O robô gigante posicionou-se com suas seis pernas em volta da abertura. Primeiro tentou usar um de seus sistemas de guincho composto por um poderoso sistema magnético. Usou-o, a princípio, moderadamente. Demonstrando-se ineficiente, aumentava-se gradativamente a capacidade do sistema magnético. Nada, absolutamente nada aconteceu. O corpo rochoso parecia ter vontade própria. Não cedia um milímetro que fosse. Então a máquina usou sua capacidade máxima. De repente o corpo começou a ceder. Por um breve instante, a luta parecia ganha. Contudo, a máquina perdeu mais uma vez. Com o sistema magnético não houve um resultado satisfatório. Como alternativa, resolveram amarrar o corpo rochoso a um cabo sintético de altíssima resistência. Dois robôs da forma de dragões levaram o cabo até o objeto e amarraram-no firmemente. O cabo estava conectado a um sistema de roldanas de alta resistência existente

na máquina. Ao guinchá-lo, a máquina usou sua potência máxima. Desta vez, apesar do esforço excessivo, o robô de seis pernas conseguiu retirar o objeto da fenda. Após elevá-lo para perto de seu ventre metálico, a máquina começou a caminhar. Afastou-se não mais que dois metros do buraco, quando uma pane iniciou-se em seu sistema. A máquina perdeu o equilíbrio e caiu. Sua queda provocou um pequeno tremor. Todos os que ali presenciaram o fato assustaram-se com o ocorrido. O corpo rochoso soltou-se de suas amarras e ficou próximo ao robô tombado. O pequeno tremor foi provocado mais pela queda do objeto que propriamente a queda do robô. A rocha espacial afundara alguns centímetros no terreno devastado.

Harnink e os outros se aproximaram do objeto. Eles olhavam abismados para o acontecido. Não conseguiam entender o ocorrido.

- Esta rocha deve ter uma densidade absurdamente alta. Nunca vi algo assim antes — constatou Harnink. —Vamos esperar um pouco para planejarmos novamente os procedimentos necessários para retiramos esta coisa.

E assim eles aguardaram por algum tempo.

CAPÍTULO 8

SEGUNDO DIA

Todos aqueles reunidos no salão branco estavam, em graus diferentes, com alguma ansiedade. Acompanhavam atentamente as transmissões vindas de Tidianvinst. Tudo o que acontecia na área da queda, desde a chegada do grupo, foi monitorado com minúcia pelos ali presentes. Tlüogodärami andava de um lado para o outro, disfarçando como podia suas sensações. Krueur acompanhava tudo dali. Quando o objeto foi retirado da fenda e o pequeno acidente aconteceu, surpresa foi o sentimento predominante naquele belo salão branco. A tecnologia dos dragões não foi páreo para uma simples rocha e isso os deixou perplexos. Após o acontecido, esperaram as próximas novidades.

Harnink ordenou aos robôs celulares que cercassem o objeto para uma tentativa de análise de sua composição química. Um dia inteiro se passou e nada aconteceu. O mundo dos dragões estava absolutamente apreensivo. Não conseguiam acreditar naquilo tudo e na falta de capacidade de lidar com um objeto aparentemente simples, vindo do espaço. Os robôs tentavam penetrar a dura estrutura do objeto, mas não conseguiram uma amostra para análise. Um dia de tentativas que não trouxeram bons resultados. Desistindo por algum tempo, Harnink não detectou perigo em relação àquela rocha. O grupo resolveu intensificar e priorizar o salvamento de possíveis sobreviventes. Aquilo ficaria para depois, com um equipamento mais adequado e um laboratório de análise onde tudo poderia ser resolvido e questões seriam respondidas o quanto antes. Como precaução, o grupo expedicionário resolveu deixar um robô monitorando o objeto. Nada poderia fugir de seus olhos. Não queriam arriscar.

Krueur, aproveitando a pausa nos trabalhos ali no salão branco, resolveu dialogar com Tlüogodärami. Apesar de seus questionamentos culturais, sentia no sábio e famoso dragão um conforto paterno. Com alguma timidez, a presença de alguém tão ilustre causava essa sensação nos mais jovens, aproximou-se dele.

–Ilustríssimo Tlüogodärami, qual sua opinião sobre isso tudo?

—Não ousou falar nada até conseguirmos dados suficientes, meu jovem dragão.

—Não acha um pouco prematuro o desinteresse momentâneo pelo objeto?

—Talvez, sim, meu jovem. Mas em momentos como estes vividos por nós, temos de tomar decisões que nem sempre são compartilhadas por todos. Veja bem, o objeto foi encontrado e apresenta um comportamento estável. Mediante isso, podemos priorizar nossos compatriotas, vítimas da catástrofe.

—Concordo que as vítimas são prioridades máximas, porém o que vimos esse objeto fazer está longe de ser classificado como normal. Sua trajetória e seu comportamento apresentavam uma anormalidade totalmente inexplicável. Por isso temo que algo além daquilo que imaginamos possa provocar mais catástrofe.

—É um risco calculado, meu jovem. Em certos momentos devemos fazer escolhas. Agora se as escolhas são boas ou ruins só o tempo dirá. A própria densidade, por exemplo, desta rocha é absurdamente exagerada. Nunca lidamos com algo assim. Mas até você com sua ansiedade e suspeita deve concordar que há uma boa chance de não passar de um novo material vindo de fora e nada mais — Tlüogodärami fitava Krueur com seus olhos tranqüilos.

—Sim, há alguma chance — disse Krueur com alguma contrariedade.

—Sinto em seu semblante que ainda não o convenci.

—Não se sinta ofendido, ilustríssimo Tlüogodärami, mas creio que o objeto deveria ainda ser nossa prioridade. Não consigo explicar o porquê. Talvez influenciado pelo que vi na estação de monitoramento.

–Lamento não convencê-lo. Mas os jovens são assim mesmo. Quando seu amadurecimento chegar, você vai entender que devemos pesar muito bem nossas alternativas antes de tomarmos uma decisão definitiva.

–Peço desculpas, ilustríssimo Tlüogodärami. Não é que eu discorde do senhor, mas há em mim um sentimento estranho. Só queria compartilhá-lo. Mas suas palavras sábias são novas luzes em minha mente. Desculpe-me por importuná-lo com minhas ansiedades.

–Não leve para esse lado, meu jovem. Todas as idéias são válidas. Não perca esse espírito, jamais. Agora vá descansar, estamos todos precisando de um pouco de descanso.

–Eu vou descansar. Muito obrigado, honorável Tlüogodärami.

–Disponha, meu jovem. Agora vá com paz e sabedoria.

Todos se acomodaram como puderam no salão branco. Apesar de exaustos, seu sentido de dever a cumprir e curiosidade de saber boas novas não permitiam um descanso completo.

O grupo expedicionário em Tidianvinst procurava por sobreviventes, mas não encontraram ninguém vivo. Muitos cadáveres em início de decomposição tornavam o ar insuportável. Os robôs estavam recolhendo os cadáveres e os levaram a um lugar determinado que ficara responsável por depositá-los provisoriamente. O ambiente possuía uma atmosfera de destruição e morte. A rocha continuava estática, como esperavam quase todos. Nenhum sinal apresentava perigo. Sua inércia exalava eternidade desde que a deixasse repousar naquele lugar.

Harnink caminhava entre os destroços, e as visões dos dragões mortos e de belas cidades arruinadas perturbavam-no. Lembrara que há muito tempo perdera a capacidade de dar a devida importância a essas pequenas coisas da vida. Uma mudança em seu ser desencadeou-se mediante a cena de destruição. Em uma pausa nas buscas, resolveu descansar um pouco.

—Um pensamento não consegue fugir de minha mente — questionava-se Harnink. — Às vezes só damos valor a alguma coisa quando a perdemos. Estava tão absorto em meu trabalho, tão despreocupado com a vida estável que levávamos... Nunca dei o valor devido ao nosso planeta, à nossa cultura. Digo, o valor de verdade.

—Entendo o que quer dizer, Sr. Harnink — disse um dragão voluntário perto dele. — Também compartilho desse seu sentimento.

—Esta situação servirá como referência para o futuro. Admiraremos muito mais nossos feitos e nos conscientizaremos de nossa vulnerabilidade. Precisamos trabalhar para anular esse problema.

—Não há dúvida disto.

–Sejamos otimistas, acima de tudo. Por mais controlada que seja nossa vida, nunca temos o controle real de tudo. Sempre há brechas, porém não podemos deixar essa paranóia nos destruir. Admirar nossos feitos, nossas cidades, são coisas válidas. Neste momento admiro-as mais que tudo. Temos de achar um equilíbrio nesta equação. Segurança com estabilidade.

–Compreendo.

–Não se preocupe, meu amigo. Talvez eu esteja falando demais. A paisagem desolada vista por meus olhos não é o melhor alimento para minha mente cansada. A confiança de que resolveremos isso deve ser nosso lema.

Ali permaneceram por mais algum tempo. O descanso e a reflexão ajudaram aos dragões presentes a continuar suas tarefas. Harnink levantou-se acompanhado pelos outros do grupo e continuou sua missão. Olhava para os lados e via que no fundo não estava sozinho fisicamente, obviamente, e mentalmente. Ele compreendia que suas abstrações, seus pensamentos e sentimentos mais íntimos eram compartilhados por bilhões de outros dragões, seus compatriotas, seus irmãos, sua identidade, sua razão de existir.

O segundo dia da catástrofe foi um dia sem muitas novidades. Fora o trabalho de rotina na remoção dos mortos e da procura de possíveis sobreviventes, nada de novo apareceu naquela desolação total. Um dia aparentemente pacífico. As horas correram e a rotina se formava. No início do terceiro dia, algo inusitado aconteceu. Uma fissura com linhas profundamente perfeitas, apareceu na rocha. O robô deu um alerta e a atenção de todos voltou-se para a causa daquilo tudo.

CAPÍTULO 9

TERCEIRO DIA

O alerta soou com força assustadora nos comunicadores da equipe. Exaustos pelos esforços, com poucas horas de sono, todos atenderam imediatamente do inesperado aviso. Algum tempo depois do alarme, uma aglomeração de dragões e máquinas estava diante da rocha vinda do espaço. Harnink levantou questões sobre o acontecido com seus pares. O robô relatou exatamente o que havia acontecido. O corpo celeste estava intacto até que em uma fração de segundos uma pequena racha- dura apareceu. Apenas um detalhe deixava o fato realmente estranho. A rachadura em si possuía um padrão simétrico, como que fabricada por patas habilidosas ou uma tecnologia avançada. Depois da abertura da fenda, nada mais aconteceu. Os robôs celulares tentaram penetrar na parte interna do objeto, não obtendo resultado nenhum. Não conseguiram analisar a rocha, pois parecia feita do mesmo material da parte externa.

—Definitivamente, esta rocha não é natural — disse Harnink.

—*Com certeza, meu caro Harnink* — disse uma voz no comunicador, vinda do salão branco do planeta Niiefgönst.

—O que devemos fazer? — perguntou um dos voluntários ao lado de Harnink.

—Devemos observar mais um pouco.

—Por quanto tempo?

–O necessário para determinar uma estabilidade.

–E depois?

–Vamos retirá-la a qualquer custo. Devemos solicitar um equipamento mais potente — nesse momento, Harnink encarava toda a equipe com expressão de preocupação.

–Paramos as buscas por sobreviventes?

–Sim. Mas antes vou confirmar com o conselho de Tidianvinst e do planeta Niiefgönst — Harnink estabeleceu comunicação com os conselhos. - Estamos dispostos a observar o comportamento do objeto. Temos suas aprovações?

–*Faça o que achar melhor, Harnink. Confiamos em você.*

O grupo estabeleceu-se ao redor do objeto. Robôs cercavam-no monitorando-o com leitura a *laser*. Os robôs celulares formavam uma pequena película sobre a rocha, para que qualquer mudança em seu comportamento fosse sentida imediatamente. Como um ardiloso vilão, a rocha parecia brincar com seus antagonistas. Parecia planejar minuciosamente seus movimentos. Um movimento por vez, e surpresas apareciam aos olhos dos dragões ali presentes. Harnink começava a se perguntar se não deveria ter ouvido o conselho de Krueur. Aquilo demonstrou um histórico de comportamento totalmente anormal. Obviamente, como cientista, Harnink deveria se manter neutro e buscar as verdadeiras respostas sem nenhum preconceito estabelecido, porém o conjunto da obra produzido por aquela coisa levava-o a especular cada vez mais sobre algo vindo de uma civilização alienígena.

—Esta rocha é muito estranha — um dos componentes da equipe ponderou.

—Enquanto eu estiver na condição de cientista, não poderei chegar a nenhuma conclusão sem as devidas pesquisas - comunicou Harnink aos seus. - Contudo, meu bom-senso e meus olhos não me enganam. Devemos ter absoluta cautela sobre esta estranha rocha.

- Diga-nos, em sua opinião, o que seria isto? — disse um dragão ao seu lado.

—Vou falar como um leigo e não na condição de cientista. Meu bom-senso diz que estamos lidando com tecnologia estrangeira - as palavras de Harnink provocaram um espanto em todos os presentes.

—Tem certeza? Não seria algo nosso? Algum fruto de pesquisa.

—Isto não tem nada a ver com nossa tecnologia. Posso dizer que nunca vi material como este, com esta densidade. Conheço a geologia de 15 planetas e centenas de luas e nunca vi algo parecido. Convenhamos: isto não é produto nosso. Caso o fosse, os responsáveis já teriam aparecido.

—Em nossos registros, nunca tivemos nada, absolutamente nada, em relação a contato com estrangeiros. Nem contato direto, muito menos a descoberta de vestígios de alguma civilização.

—Claro está que os fatos históricos não nos ajudam — disse Harnink. — Uma vez minha especulação confirmando-se, lidaremos com algo totalmente novo.

—Realmente, se pensarmos assim, tudo faz certo sentido.

—Não vamos mais especular, dragões — Harnink pediu, olhando profundamente nos olhos de seus companheiros. — Devemos esperar pelos resultados vindos de pesquisa séria e não especulações provenientes de primeiras impressões.

O grupo resolveu descansar um pouco. Acomodaram-se em estruturas móveis. Sua simplicidade era extrema e havia apenas lugares para o descanso dos dragões. A estrutura móvel possuía isolamento térmico e de ar, possibilitando uma atmosfera não nociva, diferente da encontrada do lado de fora. Os grandes

quadrados negros, como aparentavam os alojamentos móveis, quase desapareciam sobre os escombros e cinzas do local onde estavam instalados. Ali seus sonos foram parcialmente recuperados. Algumas horas se passaram e os componentes da equipe estavam novamente em suas posições. Nenhum movimento foi detectado. Harnink solicitou a presença da maior nave disponível, pois precisava levar a rocha para um lugar mais estéril, onde começariam as pesquisas necessárias para determinar exatamente o que seria aquilo.

—Alguma previsão de chegada da nave? — perguntou Harnink.

—*A qualquer momento ela chegará* — disse uma voz em seu comunicador. Harnink esperava com ansiedade a presença da nave. Suas especulações sobre algo estrangeiro consumiam seu ser. Queria saber a verdadeira história do objeto, fosse o que fosse.

—Alguma mudança na rocha? — perguntou Harnink ao robô responsável pela equipe de monitoramento.

—Nada ainda, senhor. Como se estivesse sempre nesta posição.

—Provavelmente não há mais perigo. Preparem-se para evacuar a área, pois a nave solicitada fará seu trabalho daqui a instantes.

— Sim, senhor.

Os robôs começaram a debandar de suas posições de guarda. Um barulho leve, mas constante, começava a ficar mais claro no ambiente.

O barulho, característico dos sistemas de propulsão da nave, aproximou-se lentamente. Uma manobra-padrão. Qualquer movimento brusco poderia provocar algum acidente não desejado. O grande triângulo mesclado de negro e cinza sobrevoava o local da queda. A nave possuía dimensões bastante razoáveis. Estava longe de ser a maior nave construída pelos dragões, contudo calculava-se que poderia cumprir seu trabalho com perfeição.

—*Pedimos permissão para pousar* — ouvia-se nos comunicadores da equipe.

—Aguarde a ordem, por favor — Harnink organizava o grupo para se afastar o máximo possível. Todos se afastaram a uma distância segura.

—Estão autorizados.

A nave lentamente começou sua manobra para pouso. Como uma pluma, a nave pousou aparentando não pesar mais que um grama. Alguns especialistas em retirada de objetos saíram da nave. Um deles, um dragão alto e forte, direcionou-se para Harnink. Esse dragão também trajava a roupa especial-padrão, usada pela equipe. Dentro de seu visor, percebia-se uma tonalidade de escamas marrom-clara. Com seus olhos verdes de pupilas negras rasgadas, observavam com espanto os acontecimentos daquele ambiente devastado.

—Salve, Sr. Harnink. Meu nome é Hurk e sou o responsável pelo transporte desta coisa, seja lá o que ela for — disse o amistoso componente da nave.

—Salve.

—Trouxemos o que havia de melhor para erguermos a rocha. Mas pelo visto superestimamos o peso dela.

—Não se deixe enganar pelo tamanho desta pedra, ela possui uma densidade nunca antes vista por nós. acredite, ela é muito pesada.

—Não se preocupe, Sr. Harnink. O material pode rebocar um asteróide grande se quiséssemos. Se isto não conseguir, nada poderá.

–Não duvido de sua competência, só peço cautela.

–Teremos, com certeza.

–Então façam seu trabalho.

O grupo preparava-se para amarrar o objeto. Uma espécie de goma foi aplicada na rocha. Aquele material tinha uma tonalidade rosada, como se fosse feito de carne viva. Após a aplicação do produto, um cabo imenso feito de material totalmente sintético aproximou-se da rocha por meio das patas habilidosas de robôs que o conduziam ao destino derradeiro. A ponta do cabo abriu-se como uma flor na primavera e totalmente automática envolveu a rocha com a goma rosada. Desta não se via mais nada. O objeto vindo do espaço parecia uma continuidade do cabo. Com essa etapa da tarefa concluída, todos voltaram para a nave. Colocando-se em seus postos, a tripulação começou a ativá-la. Um pequeno barulho unido a um tremor começou a ecoar na região. Os propulsores erguiam o grande triângulo. A nave, lentamente, colocava-se sobre o objeto.

Quando o cabo de ligação chegou a uma tensão onde parecia um grande poste totalmente reto com nuances azuis, a nave ficou estática.

—Estamos prontos? — perguntou Hurk à sua tripulação.

—Sim! - ouviu-se o conjunto das vozes da tripulação numa harmonia espontânea.

—Vamos gradativamente aumentar a potência dos propulsores até chegarmos ao ponto ideal.

A nave aumentou gradativamente sua força. Os dragões da equipe expedicionária observavam de longe aquela situação tão esperada. O espanto começou a dominar as faces dos dragões que testemunhavam aquele fato. A nave gradativamente aumentava sua propulsão. O cabo criava uma tensão gigantesca. Estalos podiam ser ouvidos ao longe. Mais força e nada acontecia. Quando chegou à potência máxima, o suave som produzido originalmente deu lugar a um som muito mais forte e desagradável. O objeto

começou finalmente a ser erguido. Todos em terra comemoravam o sucesso da operação. Festa em forma de vozes felizes dominava o ambiente onde se encontrava o grupo. Por pouco tempo foi assim. O burburinho deu lugar ao total silêncio. Apenas o som dos propulsores e estalos cada vez mais freqüentes eram ouvidos. Uma onda de choque, totalmente visível aos que ali estavam, foi emitida de dentro da ponta do cabo. Aquele fenômeno repetiu-se várias vezes. Aos poucos a nave perdeu a potência inicial e caiu derrotada e quase destruída. A potência foi gigantesca. Tombando no chão, a nave explodiu, não permitindo a saída de sobreviventes. O cabo manteve-se intacto, por assim dizer. Entretanto, a ponta estava queimada.

A rocha espacial acomodou-se alguns metros após seu ponto original. E ali continuou.

Harnink não acreditava no que seus olhos testemunhavam. Ficou por algum tempo paralisado e milhões de pensamentos e sentimentos confusos tomaram conta de seu consciente sempre centrado. Não acreditava naquilo tudo. Como removeriam aquela rocha? Não conseguia imaginar mais nada. Para completar seu pesadelo, o objeto começou a abrir. Como uma esfera com dobradiças, a fenda aumentou, chegando ao ponto de ter 90° de abertura. Ninguém ousou aproximar-se do objeto.

–O que está acontecendo? — questionou Harnink.

–Estamos lidando com algo comprovadamente perigoso — disse uma das testemunhas.

–*Harnink?* -disse uma voz no transmissor.

–Sim?

–*Diga-nos o que aconteceu.*

–Infelizmente não posso relatar nada. Sei tanto quanto vocês... A situação é grave. Está além de qualquer fenômeno natural. Precisaremos de muito mais reforços.

–Veremos. Vamos reunir o máximo possível de dragões e recursos para esta empreitada.

No salão branco, os dragões também não conseguiam entender como falharam numa missão aparentemente simples. Tlüogodärami conversava com os dirigentes, e sua tranquilidade característica desaparecia gradativamente. Tensão e apreensão podiam ser quase sentidas naquela atmosfera. Krueur mantinha-se afastado da maioria, em um dos cantos do salão. Ah meditava, ao modo característico dos dragões, deitado de barriga, com suas patas dianteiras unidas e para a frente, asas fechadas cobrindo o corpo, pescoço erguido e olhos fechados. O abalo do cotidiano, das vidas perfeitas criadas pelos dragões, provocava sensações nunca antes sentidas por Krueur. Não poderia de forma alguma argumentar que estava absolutamente só em seus sentimentos. Sabia da angústia geral provocada pelos últimos acontecimentos. Contudo, precisava de alguns momentos só para si. Repensar a vida e a nova realidade. A casca do ovo fora rompida. A vida dos dragões, antes perfeita, construída pedra por pedra, por milhares de anos, na verdade demonstrou a fragilidade de uma casca de um ovo de dragão. Estômago, coração e o próprio sistema nervoso não funcionavam como deveriam. Turbilhões de sensações bioquímicas convidavam a uma pausa. Aos poucos a aceitação da nova realidade estabilizava corpo e mente. Tlüogodärami aproximou-se de Krueur. Não esperando ser interrompido por Tlüogodärami naquele momento, Krueur olhou-o surpreendido.

–Meu jovem, você demonstrou uma perspicácia, uma sensibilidade fora do comum. Talvez se tivéssemos ouvido sua opinião com menos preconceito não estaríamos nesta situação e vidas poderiam ser poupadas.

–Ilustríssimo Tlüogodärami, mesmo que eu tenha especulado e acertado, nada nos preparou para algo assim. E até agora a rocha estrangeira é um mistério para qualquer dragão deste sistema solar. Não o censuro, pois até eu gostaria de estar errado.

–Entendo, meu jovem. Nunca gostaríamos de enfrentar situações como estas, porém este é o caso típico em que o nosso poder de escolha começa a ser validado a partir de como devemos enfrentar e não se queremos enfrentar.

–Este é o ponto principal, ilustríssimo Tlüogodärami. Como devemos enfrentar este problema?

—Você é um jovem inteligente e muito mais sábio que muitos dragões mais velhos. Por isso gostaria de saber se tem a vontade necessária para trabalhar ao meu lado.

—Seria uma verdadeira honra — aquela proposta de trabalho desmontara o conceito sobre a tradição e o posto de Tlùogodärami. A honra que sentia, para Krueur, devia-se às características daquele específico dragão e não a seu *status*.

—Tenho certeza que sim, meu jovem.

—Mas antes de aceitar, devo fazer uma confissão para o senhor. Não sou um crente da função de Tlùogodärami. Não acreditava nessa função até o presente momento. Achava um simbolismo arcaico de nossa cultura. Desculpe-me pela sinceridade. Vejo com outros olhos a situação. Vi que o cargo não é apenas um símbolo arcaico. Vejo-o como um símbolo de identidade e união — em sua sinceridade, Krueur falara coisas que ainda não havia refletido direito. Falou com mais sentimento na voz do que com a razão.

–Não peça desculpa de jeito nenhum, meu jovem. A idolatria é um mal. Por isso o cargo não é para qualquer um. Modéstia à parte, um Tlüogodärami é um símbolo de conduta para todos os dragões. Não somos mais nem menos que qualquer dragão. Apenas um guia e um símbolo de nossa civilização. Lembre-se que quem imaginou tudo isso foi um dragão desacreditado. Assim como hoje você foi desacreditado por mim, o primeiro Tlüogodärami foi desacreditado por muitos. Seus questionamentos são sempre válidos, mesmo sobre o título de Tlüogodärami. Se o primeiro não questionasse sua cultura, não teríamos a base de nossa civilização. E a chave de nosso sucesso é mudar quando necessário. A mudança não é ruim. Contudo, devemos ter o bom-senso de pensar para não seguirmos caminhos sem volta. Resumindo, não fico ofendido por seus questionamentos. Isto é a essência do dragão.

–Bom, sendo assim, eu aceito trabalhar com o senhor.

–Aprenderemos muito um com o outro, meu jovem.

Tlüogodärami conduziu o jovem Krueur e apresentou-o como

seu novo assistente e aprendiz. Assim, sem querer ou almejar tal cargo, Krueur conquistou em pouco tempo um cobiçado trabalho que poderia no futuro dar-lhe prestígio inigualável entre os de sua espécie. Apresentações feitas, um burburinho ecoava pelo grande salão branco. Mais uma vez aquele grandioso ambiente era tomado pelo som produzido por conversas paralelas. Um chamado de Harnink provocou um silêncio imediato no ambiente.

—Alguém está escutando-me — perguntava com voz angustiada Harnink.

—Estamos, Harnink — disse o operador do comunicador.

—Temo ter notícias nada boas para relatar.

–Diga-nos logo do que se trata.

A imagem onde os dirigentes de Tidianvinst apareciam foi imediatamente substituída pelas imagens em tempo real da equipe de Harnink. Parecia que o pesadelo não teria um fim. Alguma coisa estava mudando na rocha espacial. Algo monstruoso, hediondo, terrível e inesperado. O pior estaria por vir.

Harnink tentava desesperadamente comunicar-se com a base de operações no grande salão branco. A situação tomara um rumo inesperado.

Ao promover sua abertura ao ângulo de 90°, instantes depois, uma espécie de tentáculo começou a sair da rocha, primeiramente com uma velocidade imperceptível, aos pouco aumentando. O tentáculo possuía a aparência de uma raiz de árvore. Sua textura rachada e aparentemente seca era totalmente desmentida por sua incrível flexibilidade. Após o surgimento do primeiro tentáculo, um segundo

seguido de um terceiro brotaram da rocha. Começavam com tamanho proporcional ao seu lugar de origem. À medida que eles se alastravam, seu tamanho dobrava a cada *dorok*. Tempos depois o tamanho dos tentáculos tornara-se desproporcional à rocha, porém ela continuava alimentando suas estranhas criações, no centro daquele fenômeno assustador. O crescimento tornou-se apavorante. Os tentáculos davam origem a novos tentáculos tão grandes quanto os primeiros. A pequena área onde estavam rocha e equipe fora totalmente dominada pela criatura. Tecendo uma irregular colcha rapidamente o solo da área desaparecia dando lugar ao pulsante e macabro ondular dos tentáculos. Um raio de aproximadamente 50 metros já estava dominado. Os robôs celulares combatiam a criatura, porém sua regeneração demonstrara uma condição fantástica. Cada ferimento provocado pelos diminutos robôs era preenchido rapidamente. Não restando recursos até o presente momento naquele lugar, os dragões localizados ali sentiram certo pânico. A situação fugira do controle, assim pensavam muitos dos presentes. Aquele tornou-se o momento de fugir e trazer uma alternativa eficiente. A equipe de Harnink preparava-se para abandonar o local.

—Não temos mais capacidade para combater isto. Precisamos de nossos melhores recursos — disse Harnink pelo comunicador.

—*Você tem razão, Harnink. Retire sua equipe rapidamente. Os transportes estão a caminho — disse a voz no comunicador.*

Harnink reuniu sua equipe o mais longe possível daquilo tudo. Esperavam os transportes com ansiedade. Alternavam olhares ora para o céu, ora para a criatura. Os robôs e os pequeninos robôs celulares fizeram uma espécie de barreira protetora na equipe. Os robôs posicionaram-se de costas para os dragões, não deixando nada despercebido.

—Fiquem todos calmos, por favor. Sairemos daqui em poucos instantes. Os transportes estão vindo em nossa direção. Rapidamente estarão aqui — Harnink passava e tentava inspirar confiança nos dragões presentes.

Enquanto esperavam sua saída dali, a morte começou a sorrir para aqueles dragões. Os tentáculos tomaram proporções absurdamente irregulares. Não havia um padrão naquele fenômeno. Um braço formado por um conjunto de tentáculos seguiu o grupo até o ponto de embarque. Os robôs deram alerta e tentaram combater a criatura. Por um tempo conseguiram controlar a situação. Os robôs celulares faziam sua parte tentando destruir a estrutura molecular da criatura. Mas a situação desproporcional tomou o sentido mais lógico. Os robôs foram destruídos e a frente de combate não existia mais. Desesperados, os dragões tentaram fugir utilizando sua capacidade de voar. Na tentativa de tirar a roupa protetora para

que suas asas pudessem ser colocadas à prova, o tempo exigido para a retirada foi uma assinatura de suas respectivas sentenças de morte. Um por um, os dragões foram envolvidos pelos tentáculos. Aos poucos sua respiração cessava. Seus corpos foram transportados à camada inferior dos tentáculos. Harnink adiará por alguns instantes sua morte, correndo o máximo que pudera. O instinto de sobrevivência falou mais alto naquele instante. Um único pensamento passava por seu cérebro: o de sobreviver a qualquer custo. O cientista, dragão centrado, desaparecera mediante esta prova de vida.

O dragão primitivo avivara-se no âmago de Harnink.

—Tenho que sobreviver — balbuciava sem parar. — Tenho que sobreviver!

—*Harnink! Estamos ouvindo você!* — disse uma voz em seu comunicador.

—Tenho de sobreviver!

–Escute! Aqui é o transporte, estamos sobre você.

–Tenho de sobreviver!

Realmente Harnink estava sob o transporte. Não percebeu e não ouviu o chamado. O transporte tentou por três vezes resgatá-lo. Todas as tentativas fracassaram miseravelmente. Os tentáculos aproximavam-se de Harnink. Seus extintos tiraram-lhe a razão. A primeira reação ao contato com o tentáculo foi o de um animal acuado. Sem alternativa, pelo menos assim pensava, pulou na criatura com a ferocidade primitiva de um grande caçador das savanas. Com suas garras, procurava retalhar os tentáculos. Poucos estragos podiam ser percebidos neles, mas suas patas estavam extremamente feridas. Suas unhas desapareceram, dando lugar a pontas ensangüentadas. Seus músculos das patas dianteiras perdiam as forças. Sua mandíbula já perdera os dentes na tentativa de agredir os bizarros tentáculos. Robôs vindos do transporte tentaram resgatá-lo. Não conseguiram. Um grande tentáculo, com uma velocidade absurda, empalou o transporte, provocando o colapso da nave. Este explodiu, matando definitivamente as esperanças dos espectadores desta dança mortal.

Com a boca ensangüentada, quase o sufocando e envolvido praticamente pelos ásperos tentáculos, ainda podia-se ouvir alguns sons semelhantes a palavras.

–Tenho... deeee... sobrevi... ver...

Suas pupilas se estabilizaram sem apresentar movimento aos estímulos luminosos. A vida deixou aquele corpo para sempre. Como uma besta comandada por ordens repetitivas, um tentáculo levou o corpo de Harnink à camada inferior, enterrando-o sob camadas de outros tentáculos. Um túmulo indigno para um dragão digno de sua espécie. Um herói, um cientista, um dragão que nunca negara ajuda aos seus.

O salão branco em peso não acreditara na situação absurda vista por todos. Aquilo estava em um patamar absurdo e assustador ao mesmo tempo. O desespero tomou conta da mente de todos os presentes no salão. A criatura, mostrada pelo visor, crescia em progressão geométrica. Precisavam tomar providências rápidas,

pois a criatura aproximava-se da fronteira da destruição original, ameaçando as áreas intactas do planeta.

—Isso saiu totalmente do controle. Precisamos achar uma solução definitiva — disse Tlüogodärami. —Alguma sugestão?

—Existe uma possibilidade, a princípio. Temos alguns sistemas de remoção de rochas à base de raio *laser* extremamente potentes. Poderíamos usar para combater essa criatura. Pelo observado até agora, ela se regenera rapidamente. Os *lasers* poderiam ser utilizados para destruí-lo até seu ponto inicial. O problema é que eles estão fora das fronteiras do sistema solar, e levaria dois dias para chegarem até aqui. Poderíamos usar todos os robôs celulares para manter a massa estável até a chegada dos sistemas a *laser* — sugeriu uns dos dirigentes de Tidianvinst.

—Cada segundo é muito importante. Devemos mandar todos os robôs celulares para conter aquela criatura — disse Krueur.

—Então o que esperamos? - disse Tlüogodärami.

—A ordem já foi dada e os robôs celulares estão a caminho — respondeu o dirigente.

—Não podemos deixar isso barato, em memória dos que perderam a vida nestes fatídicos dias — disse Tlügödärami. — E o mínimo que podemos fazer. Vamos vencer este mal.

"Vamos, sim!", ouvia-se a concordância de todos.

As massas de robôs celulares chegavam aos poucos, tentando envolver a gigantesca criatura. A impressão de fumaça esverdeada provocada por aqueles robôs cobriu a criatura. Só a fumaça verde era vista nas fronteiras devastadas. A contenção durou pouco tempo. Cada vez mais robôs celulares chegavam ao esforço de

combate, porém tornavam-se inúteis na função de estabilização. A criatura continuava, não com a mesma aceleração, a crescer. Os pequenos robôs faziam suas coreografias aéreas envolvendo a criatura da melhor maneira possível, mas aos poucos seus resultados tornavam-se insatisfatórios. Enquanto a fumaça verde impedia da melhor maneira possível o avanço da criatura, um êxodo foi promovido às pressas daquelas áreas. Relatos chegavam descrevendo invasões por tentáculos nas áreas inferiores das cidades. Uma situação demasiadamente inesperada. A expansão não era só horizontal, mas vertical também. Aos poucos a fumaça verde de robôs celulares foi diminuindo, e a expansão da criatura voltou com força total, como se perseguisse o tempo perdido. Não havia mais robôs celulares suficientes para contê-la. Parecia que nada dava o resultado esperado. As torres, envolvidas pelos tentáculos, desabavam uma por uma. Conforme crescia, mais destruição e mais velocidade alcançava a criatura. Em pouco mais de seis horas, metade do planeta padeceu deste terrível mal.

Naves e mais naves retiravam-se do planeta Tidianvinst. Aqueles com chance de sobreviver fugiam de qualquer jeito. Não havia tempo para ligações materiais. A vida estava em primeiro plano. Apesar de muitas vidas salvas, a maioria da população sucumbia aos prazeres da criatura. Muitos morreram dessa maneira. Por mais sofisticada que fosse a tecnologia dos dragões, esta não foi páreo para a criatura, tornando-se ineficiente para promover um êxodo maior. O fantástico planeta

Tidianvinst perdia totalmente suas características. A cada segundo, milhares de anos de trabalho desapareciam absurdamente.

Krueur olhava abismado para aquilo tudo. Não tiveram tempo nem de executar o plano com os *lasers*. Agora era inútil pensar nessa alternativa. Todos aguardaram passivos enquanto recuperavam-se do impacto dos acontecimentos. A grande tela não transmitia mais nada. A incerteza tomou conta dos participantes do salão branco. Algumas horas depois, adentravam no salão os dragões dirigentes de Tidianvinst. Haviam escapado antes da chegada da criatura. As ordens a partir daquele instante seriam proferidas exclusivamente do planeta Niiefgönst.

—Algo tem de ser feito! Não podemos ver nosso mundo destruído sem fazermos absolutamente nada que possa deter esses terríveis fatos — fazia um breve discurso um dos dirigentes vindos de Tidianvinst.

-Vamos pensar em algo. Nossos melhores especialistas estão concentrados para determinar uma solução final — disse outro dirigente.

—Apresenta-se a nós uma decisão difícil, neste momento — comentava Tlüogodärami. — Agir sem pensar, com grande chance de fracasso ou elaborar um plano minucioso e nosso tempo se esgotar? Precisamos achar um meio-termo. Algo eficiente e rápido.

—Este é o ponto crucial. E apresento outra questão — comentou Krueur —, será que essa coisa que destruiu metade de nosso planeta não está escondendo mais nenhuma ardilosa surpresa?

—Não entendi — disse Tlüogodärami.

—Imaginemos: de onde isso saiu? Com certeza é uma criatura orgânica. E como todo o organismo a reprodução é uma característica natural. Agora, se essa criatura se reproduzir, não só o planeta Tidianvinst estará ameaçado, mas todo o nosso sistema e nossa própria raça.

—Seu ponto de vista é ousado, meu jovem Krueur Aerok — disse Tlüogodärami. — Meu convívio breve com você demonstrou a relevância de suas palavras. Não poderemos descartar essa possibilidade. Tentaremos a destruição da criatura antes que suas palavras se concretizem.

CAPÍTULO 10

QUARTO DIA

O quarto dia, após a catástrofe, chegou não trazendo boas notícias. O planeta havia sido totalmente envolvido. O parque industrial produtor da atmosfera fora destruído totalmente. Tornara-se, novamente, um planeta morto. Morto como em sua origem. O trabalho de centenas de anos para torná-lo um verdadeiro lar fora ignorado pela besta originária de algum ponto do universo. O planeta em si, apesar de não possuir mais atmosfera, criou a aparência de uma entidade única. O grande entrelace de tentáculos pulsava dando-lhe a aparência de vida. Uma entidade de tamanho planetário.

Antes de ser totalmente tomado pela criatura, os últimos sobreviventes foram retirados. A situação precária do planeta não permitia a existência da vida. Todos os sobreviventes foram alocados nas várias colônias espalhadas no sistema solar. O moral da civilização foi levado ao grau mais baixo. Uma mistura de prostração e ódio tornaram-se os sentimentos mais comuns. A não compreensão daquele evento dominava o imaginário dos sobreviventes. Dos seus oito bilhões de habitantes, menos de um bilhão sobreviveu. Um verdadeiro holocausto dizimou a maioria dos dragões. Um dia para nunca mais ser esquecido.

Os acontecimentos tornaram a cidade de Yfunst Ghiar a capital provisória do mundo dos dragões. Essa cidade recebeu o máximo que sua capacidade permitia de habitantes exonerados de seus lares. Apesar do esforço e da escassez de lugares, foram recebidos como se ali tivessem nascido. A receptividade e a solidariedade foram fundamentais para a continuidade dessa civilização. Com o advento do completo domínio promovido pela entidade surgida da rocha espacial, providências foram tomadas. Uma nova reunião, com o máximo de dragões presentes, foi convocada. Na cidade havia um lugar onde muitos dragões poderiam se acomodar e assistir à reunião. Quanto mais deles comparecessem, melhor seria. Esse lugar daria origem à ampliação da cidade, e o local estava ainda em sua estrutura de escavação. A pedra escavada rusticamente destacava-se em suas paredes. Robôs e máquinas maiores limpavam e preparavam um sistema de som para que todos pudessem ouvir. Um tablado gigantesco se sobressaía no centro do gigantesco salão. Os dirigentes, tecnocratas, Tlüogodärami e sua equipe estariam nesse tablado, juntamente a ilustríssimos componentes da sociedade dos dragões. Uma grande tela foi trazida para o monitoramento do planeta. Esse monitoramento estaria na planilha de trabalho das estações

espaciais próximas a Tidianvinst. Em menos de doze horas o local tornou-se uma realidade viável. Transportes estavam à disposição para levar os interessados. Rapidamente o salão de pedra encheu-se de dragões. A maioria acomodada rusticamente não se incomodava com a situação. O dever os chamava. Aquela era uma situação onde ninguém poderia se abster. A abstenção não passava pela mente de ninguém, apesar do duro impacto sofrido.

Meia hora depois dos últimos lugares serem preenchidos no tablado, a reunião teve início. Tlüogodärami foi escolhido para fazer uma breve exposição da situação e acalmar os corações dos dragões ali presentes. O velho dragão, tão respeitado pelos seus, aproximou-se do centro do tablado. Olhava com emoção os milhares de dragões presentes. Fez um gesto com a cabeça, olhando para baixo, suspirou como que sugando energia vital e iniciou seu discurso.

— Meus irmãos dragões. Não preciso dizer que passamos pela maior crise de nossas existências. Nem as guerras, a fome e as doenças genéticas anteriores à formação de nossa civilização foram tão terríveis como estes últimos quatro dias vividos por todos nós. Muitos sofreram mais que outros. Mas o sentimento de revolta e dúvida são os mesmos. Agora é o tempo de resolvermos este problema e reconstruirmos nossa grandiosa civilização. Quando chegarmos ao fim desta desgastante situação, poderemos chorar pelos mortos e por nossas perdas. No entanto, agora é o período de lutarmos por nossa sobrevivência. Somos, há muitos anos, nossas próprias criações. Alteramo-nos geneticamente para fugirmos dos

desígnios da natureza, da mutação não desejada, da extinção. Sobrevivemos a tudo isso e somos vencedores nessa existência. Prolongamos nossas vidas ao máximo. Mortes foram fenômenos naturais raramente existentes. Só os extremamente velhos podiam se dar ao luxo de morrer ou de ser reconstruído. Em quatro dias nossa realidade mudou. Esta hedionda entidade ceifou vidas e mais vidas. Por isso, peço aos que possuem o conhecimento que participem e sugiram idéias. Todos nós seremos responsáveis por nossa sobrevivência a partir de hoje. Não perderei mais tempo, pois este é curto e cada segundo representa uma chance a mais de vivermos finalmente a paz e prosperidade tão almejadas e que acreditávamos tê-las até quatro dias atrás. Começamos, então, nosso debate.

Um silêncio respeitoso surgiu após as palavras de Tlüogodärami. Todos os dragões estavam refletindo sobre a nova realidade. A popularidade de Tlüogodärami superava qualquer idolatria sem sentido. Seu simbolismo era uns dos pilares da identificação dos dragões com sua cultura, com seu grupo. O cargo exigia o dragão mais especial. O dragão que se encaixasse perfeitamente nas características e ideais do Tlüogodärami original. Cessado o momento de reflexão, a reunião teve seu verdadeiro início. As imagens transmitidas da superfície assustavam cada vez mais. O caos estava instaurado. O planeta parecia completamente perdido. Os dragões desenvolveram uma cultura pacífica e nunca haviam desenvolvido alguma arma ou sistema de defesa capaz de deter o inimigo surgido em suas atuais realidades. Tudo era ditado por seu pequeno universo. Suas tecnologias funcionaram perfeitamente durante todos os anos de suas existências no sistema solar. A prova derradeira, aquilo que seria a comprovação de sua superioridade, tornou-se inútil até o presente momento da reunião.

Krueur observava os diálogos e via seus compatriotas perdidos em seus devaneios. A suspeita de uma possível reprodução daquela criatura tornou-se uma possibilidade inegável. Tal possibilidade grudara na mente de Krueur. Não conseguia pensar em outra possibilidade mais sinistra do que esta. Para desviar seu insistente pensamento concentrou-se, ao máximo de sua capacidade, na reunião. Plesk, o dirigente do planeta Niiefgönst, discursava. Era um dragão bem pequeno para os padrões. Possuía menos de dois metros de altura. Sua potência vocálica compensava sua baixa estatura. A voz ecoava pelo salão improvisado, transmitindo força e confiança. Podia-se perceber que Plesk era um dragão muito velho. Geralmente esses cargos mais altos estavam destinados aos mais velhos. A hierarquia dos dragões tinha uma profunda ligação com a idade. Idade e conhecimento, pois estes andavam juntos. O mais velho e sábio de sua área de atuação assumia um cargo desse tipo. O estilo simplório de política encaixava-se bem na cultura dos dragões. Sua capacidade de harmonia social chegou ao ápice. Essa característica já era uma herança das 17 nações. Quando seus conflitos de cultura e tradição cessaram, construíram a sociedade mais organizada das galáxias. E seu pilar máximo estava na consciência de cada dragão. O dragão tornou-se um profundo contribuinte da harmonia existente. Cada um fazia sua parte, quase que naturalmente, para a manutenção de sua sociedade. Liberdade de pensamento sempre existiu, porém a sociedade, para cada dragão, sempre foi prioridade em suas vidas. Desvios de caráter, rebeldia e crimes deixaram de existir conforme a sociedade seguiu uma evolução tecnológica. O que era raro em tempos primordiais tornara-se extinto nos últimos cinco mil anos. Plesk possuía escamas num tom de marrom bem simétrico. Contudo percebia-se um desgaste nas escamas, característico dos dragões muito velhos. Elas estavam bem opacas. Prova final de sua idade avançada. A

eloqüência de suas palavras demonstrava sua revolta pessoal com a situação vivida por todos. Discursava sem parar, com a energia de um jovem dragão.

— Dragões de todas as partes de nosso sistema solar estão hoje presentes aqui para definirmos uma resolução definitiva para este caos, esta terrível ameaça que destruiu nosso querido planeta, sede de nossa civilização. O planeta Niiefgönst tem orgulho de acolher quantas vítimas forem necessárias. Mas nossa realidade demonstra que o que sobrou de nossas colônias não dará conta de tantos refugiados. Precisamos priorizar a alocação desses dragões. Por isso chamo o honradíssimo dirigente de ciência e conhecimento para expor as possibilidades para esta questão — Plesk estendeu sua pata dianteira para chamar Okotanst, o dragão dirigente de ciência e conhecimento.

—Acredito, e serei bastante sucinto, que a melhor alternativa é colocar esses dragões o quanto antes em estado vegetativo. A hibernação torna-se a opção mais adequada. Quando estivermos com nossa capacidade recuperada, poderemos retirá-los desse estado para que se tornem produtivos novamente — disse Okotanst. Seu tom esverdeado também transmitia sua idade. Como Plesk, devia ser muito velho. Como prometido, fora sucinto em seu pensamento.

—E como faríamos isso? Precisaremos de pelo menos meio bilhão de cápsulas para atender a essa demanda — disse Vilters, o dirigente supremo do sistema solar.

—Teremos de mobilizar o parque industrial de nossas colônias para suprir essa necessidade. Acredito que em um mês poderemos estar com todas prontas. Mandaríamos os dragões aos locais de fabricação espalhados pelo sistema e lá permaneceriam até dias mais felizes — respondeu Okotanst.

—Então acho que ninguém discordará dessa alternativa, certo? Não podemos perder muito tempo - disse Vilters com suas barbatanas compridas pendentes em seu queixo. Ninguém no salão refutou a idéia de Okotanst.

Vilters comunicou a ordem a alguns dragões próximos. Estes dirigiram-se para os comunicadores próximos ao tablado. Comunicavam as outras colônias sobre as decisões tomadas. Enquanto faziam suas tarefas, a reunião continuava. Tlüogodärami levantou-se de sua posição e dialogava com seus colegas de reunião.

—Precisamos decidir as alternativas para salvar Tidianvinst — disse Tlüogodärami. — Há alternativas, com certeza. Só precisamos achá-las.

—A pergunta que me faço é a seguinte, honorável Tlüogodärami: como destruir essa criatura com incrível capacidade de regeneração? — perguntava Okotanst.

—Sim! Também me faço essa pergunta — disse Vilters.

—Minha pergunta é estritamente retórica, meu caro Vilters — argumentava Okotanst. - Minha intenção é provocar nossas mentes. Vejam bem, os robôs celulares foram inúteis contra a rocha. Esta demonstrou ser feita de um material extremamente resistente. Todavia, os tentáculos podem ser destruídos, só que sua regeneração é absurdamente rápida.

Precisamos usar uma alternativa que destrua toda a estrutura de tentáculos a ponto de não haver tempo de regeneração. Nossa sorte, por assim dizer, é que nosso alvo é restrito. Cito aqui algumas alternativas para eliminação. Sistemas a *laser* poderiam ser utilizados no planeta em vários pontos diferentes, eliminando a criatura. Em segundo lugar, poderíamos utilizar micro-ondas para desestruturar sua composição; e, em terceiro, utilizaríamos refletores solares para aquecer o planeta a ponto de matá-la por completo — Okotanst encarava profundamente os dirigentes ali presentes demonstrando em seu olhar certa desilusão com suas alternativas. — Obviamente precisaríamos de bastante tempo para armar esses esquemas. Nossa sorte é que a criatura não tem mais espaço para expandir-se. Acho que teremos tempo de sobra para esse feito.

—Tenho uma questão — expunha Tlüogodärami. — Meu assistente, Krueur Aerok, levantou-a e demonstra-se extremamente plausível. Estamos lidando com uma entidade aparentemente orgânica e se essa criatura tiver a capacidade de se reproduzir? E se a aquela rocha era um mero "ovo"? Nossas conclusões sobre com quem estamos lidando são profundamente irregulares e imprecisas. Convenhamos, não sabemos com o que estamos lidando. Não sabemos ainda. A situação aconteceu rápido demais.

—A própria expansão da criatura pode ser caracterizada como uma forma de reprodução — rebateu Okotanst.

— Não quero discordar de seu conhecimento. Devemos nos preparar para tudo — argumentou Tlüogodärami.

—Mesmo que a alternativa de seu assistente torne-se realidade, primeiro devemos refletir um pouco. De todas as criaturas conhecidas, sabemos que os sistemas de reprodução são profundamente complexos. O desta criatura, se semelhante ao exemplo de seu limiar, deverá levar algum tempo — Okotanst fazia gestos tranquilos enquanto argumentava com Tlüogodärami. — Claro que devemos nos preparar para tudo, ilustríssimo Tlüogodärami, mas esta provavelmente é a última de nossas preocupações.

—Devo discordar do honrado dirigente. Este é um problema grave, sim — disse Krueur. — Uma vez essa criatura espalhando-se, quais são as alternativas de sobrevivermos? Não precisa ser um especialista para saber que nossas chances são nulas.

Todos olharam com espanto a audácia do jovem dragão. Gestos de reprovação partiam de todos os cantos. Apenas Tlüogodärami apoiava seu assistente. Aprendera que aquele jovem possuía uma sensibilidade para calcular riscos. Suas palavras não eram meros devaneios juvenis. Apesar de não haver reprovações verbais, o clima ficou desagradável. Krueur sentiu a reprovação no ar e resolveu se abster de fazer qualquer outro comentário. Tlüogodärami dirigia-se aos dirigentes, demonstrando profundo descontentamento com a intolerância ao jovem dragão. O breve nervosismo deu lugar à calma necessária à continuação dos debates. Tlüogodärami, apesar de restabelecido de sua pequena revolta, resolveu insistir um pouco mais.

—Conjeturemos um pouco. No caso de esta criatura reproduzir-se à semelhança de seu início, quais seriam nossas alternativas? — um silêncio predominou por alguns instantes. Este foi quebrado pela voz aguda de uns dos dirigentes.

—Talvez haja uma alternativa — disse o dirigente.

Kranst era quem se manifestava. Seu cargo era o de dirigente de energia. Um sábio dragão como todos os ali presentes, no entanto, sua aparência demonstrava um ser com menos anos que os demais.

Kranst ganhou fama no passado por desenvolver os sistemas atuais de energia do sistema solar.

—E qual seria essa alternativa? — perguntou Vilters.

—Sim, digníssimo dirigente, exponha suas idéias — encorajava Plesk.

—Permitam que ele se expresse — recomendou Tlüogodärami.

Kranst dirigiu-se para o centro do tablado, acomodando-se da melhor forma possível. Com a pata no queixo, demonstrando reflexão, começou a falar.

—Procurando nas crônicas da fundação de Tidianvinst, podemos verificar que os fundadores trouxeram do planeta Dianvinst a

seguinte tecnologia: fissão nuclear. Eram usinas alimentadas por material radioativo. A energia necessária para a fundação foi retirada desta tecnologia, hoje ultrapassada. A grande questão é que essas usinas nunca foram desativadas totalmente. Localizam-se nos locais mais profundos das cidades de Tidianvinst. Cada uma tem seu antigo dispositivo. Minha idéia é a seguinte e apenas a vejo como solução desesperada no caso de a teoria do jovem Krueur se confirmar e não tivermos tempo de agir de outra maneira. Essas usinas podem ser ativadas de qualquer lugar do sistema solar. Pelos dados que tenho, continuam intactas, pois a criatura não chegou ainda em patamar tão profundo. Desencadearíamos uma reação nuclear fazendo com que o planeta fosse totalmente devastado. Garanto que nada sobraria da criatura. Contudo temos algumas ressalvas que devo expor. A primeira seria a contaminação do planeta inteiro. Levaríamos anos para descontaminá-lo. A própria reação poderia durar alguns anos, isso seria um sério problema. A segunda, se errarmos os cálculos, o planeta poderá ser destruído em trilhões de pedaços. Acredito que em caso extremo, a alternativa apresentada é aceitável.

—Aceitável? — resmungou Vilters.

—Sim!

–Perderíamos o planeta!

–Evitaríamos nossa completa destruição — comentou Kranst.

–Entendo o que o dirigente Kranst quer dizer. Não há bônus sem ônus. Se preciso for, deveremos considerar com respeito essa alternativa — argumentava Tlüogodärami.

–Mas isso é extremo demais, Tlüogodärami — contra-argumentou Vilters.

- Extremo demais? Extremo demais seria colocar nossa espécie em perigo por apego a um planeta condenado — Tlüogodärami demonstrava expressões muito sérias. Estas últimas palavras fizeram o dirigente supremo e os demais pensarem sobre a possibilidade.

—Tudo bem, mas só o faremos como última alternativa — disse finalmente Vilters. — Nós ainda possuímos uma gama de possibilidades. Portanto, não percamos a esperança.

Continuaram seus debates, discutindo problemas menores. O público participava ativamente. As primeiras providências foram tomadas e aguardavam olhando as imagens vindas de Tidianvinst.

Com um pulsar orgânico e repulsivo, o planeta Tidianvinst vivia sua nova realidade. O emaranhado de tentáculos seguia fazendo espirais, atropelando outros emaranhados. O aspecto orgânico era evidente.

Como uma massa única, o planeta em sua superficialidade assemelhava-se a um único organismo gigantesco. O local da queda já não podia ser localizado a olho nu. Os vestígios de uma grande civilização muito menos. Apesar de a atmosfera ter sido destruída, em função do não funcionamento das máquinas responsáveis pela

produção de ar, uma suave e nova atmosfera pairava sobre a nova superfície, possuindo uns cinco metros de altura. A criatura produziu seu próprio meio ambiente. Gases dos mais diversos tipos compunham a nova atmosfera. Esta, por sua vez, lentamente, aumentava seu espaço. Aparentemente era este um processo lento da criatura outrora rápida em suas surpresas.

No final do quarto dia a vida praticamente estava estagnada naquele planeta. Ledo engano. Pequenos redemoinhos feitos totalmente de tentáculos começaram a aparecer em todos os pontos do planeta. Um por um faziam aberturas ritmadas. Abre e fecha, fecha e abre. Assim aqueles redemoinhos comportavam-se. Direita, esquerda, não havia propriamente um padrão em seus comportamentos. Um tentáculo, como surgido de um truque de mágica mambembe, brotava de dentro dos buracos oscilantes. Os tentáculos cresciam até fecharem completamente, com suas estruturas corpóreas, as fendas produzidas pelos respectivos redemoinhos. Nas pontas dos tentáculos, movimentos peristálticos embalavam ao ritmo de um vento inexistente. Um inchaço na ponta interrompeu os movimentos. A própria estrutura do tentáculo passava a impressão de rigidez naquele momento. As pontas romperam-se e as tiras lembravam pétalas de flores estranhas. No centro do tentáculo, uma espécie de pedra apareceu. Uma pedra semelhante ao objeto vindo do espaço e provocador da catástrofe em Tidianvinst. Robôs aéreos sobrevoavam o novo fenômeno. Todas as imagens foram registradas por seus receptores e transmitidas diretamente ao planeta Niiefgänst. A criatura, como que profetizada por Krueur, cumpriu a "profecia". As palavras do jovem dragão confirmaram-se na realidade e aquilo não era desejado por ninguém naquele salão. Seu poder de oráculo estava fundamentado simplesmente em um pensamento racional e lógico. As vidas sofisticadas dos velhos dragões tiraram-lhes a perspicácia,

os instintos necessários para deduções daquele tipo. As quantidades excessivas de informações não foram absolutamente necessárias às deduções tão simples feitas por Krueur Aerok.

As imagens chegavam, em tempo real, ao grande monitor instalado no improvisado salão da cidade de Yfunst Ghiar. Todos os dirigentes e dragões existentes no recinto olhavam espantados, ora para o monitor, ora para Tlüogodärami. Este, por sua vez, esboçava um pequeno sorriso de satisfação. Não pela catástrofe confirmada, mas pela ironia do destino. Suas soberbas não permitiram compreender a simplicidade da verdade. Não acreditavam no que viam diante dos olhos. Todos pensaram, por poucos segundos, em Krueur e o descrédito dado a ele horas antes.

—Nossos maiores temores se confirmaram — disse prontamente Tlüogodärami.

—Deixamo-nos cegar pela falsa esperança de estabilidade da criatura — disse Plesk.

—Não nos resta alternativa nenhuma, a não ser a que eu sugeri — ressaltou Kranst.

—Vamos nos acalmar, dragões. Temos de pensar em todos os riscos. E se explodirmos Tidianvinst e a criatura persistir em sua jornada de destruição? — disse Vilters.

—Isso eu posso garantir. Seja qualquer um dos resultados citados, nada sobreviverá a essa reação em cadeia — argumentou Kranst.

—Devo lembrá-los que o quarto dia está terminando e medidas rápidas e certeiras devem ser tomadas — Tlüogodärami solicitava aos demais ainda demonstrando calma.

O público presente no salão improvisado manifestava-se a favor da destruição. Era a única chance que tinham para terminar, de uma vez, com aquele pesadelo. Influenciados e até convencidos, os dirigentes aceitaram a proposta no desespero dos fatos. Não poderiam perder mais tempo.

Todos sentiam uma exaustão extrema. Uma sensação de incerteza predominava naquele salão. O fracasso, mais uma vez, não poderia ser permitido. As vidas restantes, as vidas que dariam origem ao recomeço da civilização dos dragões, não poderiam ser perdidas por orgulho ou preconceito. A individualidade estava longe do pensamento de todos. O grupo deveria sobreviver. A decisão foi a mais extrema tomada até então.

A reunião foi encerrada. O quinto dia começara. O público debandou da área rapidamente deixando-a vazia. Os dirigentes, recomendado por Kranst, seguiram rumo à estação de energia existente no planeta Niiefgönst. Lá encontrariam os mecanismos necessários para fazer o que tinha de ser feito. Havia uma nos limites da cidade, bem nas profundezas das estruturas citadinas. Chegando lá, o dirigente apresentou-se ao responsável pela estação. A equipe existente se prontificou a ajudar no que fosse necessário.

—Espero que façamos o melhor para nosso povo — lamentava Vilters.

—Estamos fazendo a coisa certa, meu caro Vilters — Tlüogodärami consolava o contrariado Vilters.

Kranst procurou o sistema computacional da estação de energia e começou a fazer todos os procedimentos necessários para a execução da tarefa. Levaria algum tempo, pois uma reação daquela não era tão simples de executar.

-Você demonstrou ser fiel aos seus pensamentos, Krueur. E isso poderá salvar seu povo — disse Tlüogodärami ao seu novo assistente.

—Não fiz mais que minha obrigação de cidadão de uma civilização que me deu tanto — Krueur olhava comovido para Tlüogodärami.

—Você fez mais do que pensa, meu jovem. Você resgatou a essência do pensamento de Mist Tlüogodärami. Um dragão desacreditado que só teve o devido reconhecimento muitos anos mais tarde. De certa forma você conseguiu aquilo que nem o primeiro Tlüogodärami conseguiu.

Krueur, que era um contestador amador da própria cultura de seu povo, tornara-se nesses últimos cinco dias muito próximo dos acontecimentos e da própria cultura em ação. A ironia disso tudo lhe promovia uma sensação de conforto. Só não era uma sensação completa porque compartilhava da dor e das perdas de seus compatriotas.

Uma hora depois, Kranst conseguira programar todos os procedimentos para a reação das usinas nucleares. Naqueles instantes finais, todos se entreolharam, receosos ainda do que fariam. Respiraram fundo. Tentaram recriar o melhor dos otimismo. Neste último instante, todos balançavam suas cabeças positivamente. Kranst concentrou-se e pronunciou a ordem ao sistema computacional.

–Pode iniciar a reação.

CAPÍTULO 11

ÚLTIMO DIA

No espaço, numa distância próxima a Tidianvinst, brilhava, iluminado pelos raios do sol, um dos grandes projetos de engenharia da grande raça dos dragões. Vagando pelo vácuo, havia uma estrutura fenomenal. Uma grande torre projetava-se em uma de suas pontas. Larga em sua base, afilava-se cada vez mais chegando ao ponto mais alto. Lembrava uma cidade ao estilo dos dragões; uma cidade flutuante. Não possuía, obviamente, a proporcionalidade nem a riqueza de detalhes de uma cidade construída em um planeta, mas a semelhança, na estrutura básica, era incrível. De sua base larga, projetava-se para baixo uma meia esfera oval, lembrando a metade de um ovo de dragão. Sua tonalidade prateada dava-lhe uma beleza incomparável, principalmente iluminada pelos raios vindos do sol. Imperceptível, seu movimento rotatório aumentava o efeito de seu brilho. A

estação espacial Orgada transformara-se numa especial "obra-prima" do mundo arquitetado pelos dragões.

Os acontecimentos e as fatalidades ocorridas em Tidianvinst tiveram, na bela estação prateada Orgada, o mesmo impacto emocional igualmente sentido em todas as colônias do sistema solar. Todavia, a rotina fora mantida em função da possível necessidade de ajudar o planeta natal. A única anormalidade nesses cinco dias foi apenas o aumento do tráfego constante de naves de refugiados, utilizando a estação como entreposto. Ali, as rotas mais adequadas seriam projetadas para melhor orientar os pobres sobreviventes. A vida na estação seguia, para o estilo dos dragões, padrões rígidos. Essa rigidez consistia na rotação de turnos de trabalho, tripulação dividida em quatro grupos, cada um destes sendo responsável por um dos turnos da estação. A voluntariedade desse povo fazia a vida circular com normalidade, mesmo existindo um aumento na rigidez.

O quinto dia da tragédia começou como qualquer outro. O grupo destinado ao específico turno assumia suas funções, como sempre, na estação Orgada. A rotina ocorria conforme o esperado. Em uma fração de segundos essa harmonia mecânica produzida por seres orgânicos destruiu-se totalmente pelo som de um alarme. Todos os dragões correram para os comunicadores mais próximos. Sabiam que o alarme sonoro daquele tipo representava algum problema grave. Os outros componentes dos grupos restantes saíram de seus momentos de descanso para atender prontamente ao inesperado chamado. Os corredores encheram-se de dragões. Um matiz

predominantemente marrom e verde cobriu todos os cantos da estação. Semelhantes a uma manada de animais selvagens correndo para terras mais quentes, dragões apertavam-se nos corredores tornando-os inadequados para momentos como esses. As passagens laterais funcionavam como válvulas abertas, aliviando o excessivo tráfego daqueles seres fantásticos. Ao encontrarem seus lugares, onde exerceriam suas especiais funções, o tumulto diminuía expressivamente. Ao chegarem, procuravam os monitores mais próximos. Nesses monitores um dragão surgiu e ordenou à estação e a todas as naves próximas ao planeta Tidianvinst uma retirada imediata para os respectivos pontos determinados. Especificamente, a estação deveria ir para as coordenadas 3434 2565 8672. A ordem consistia, uma vez chegando à coordenada especificada, em permanecer no local até segunda ordem.

A responsável pela exuberante estação, Janusty, era um dragão fêmea com o extraordinário dom de comandar e ser obedecida. Com seus dois metros e meio de altura e uma tonalidade verde-azulada, conseguia o que queria de seus subordinados. Sabia dosar perfeitamente o tom de sua voz e transmitia confiança àqueles aos quais fazia contato. Sua carga de conhecimento e seu dom de comando faziam-na candidata perfeita para, no futuro, assumir um cargo de dirigente no sistema solar. Mas por ser relativamente jovem, seus passos ainda consistiam em trabalhos menos chamativos, no entanto, de profunda responsabilidade e importância. Ao perceber o alarme vindo do quarto planeta, imediatamente identificou-o como uma coisa desagradável. Sabia em seu íntimo que o pesadelo em Tidianvinst estava apenas começando. Certo desgosto e mal-estar tomaram conta de seu ser por alguns instantes. Não permitiu a proliferação de tais sentimentos e rapidamente os controlou. Deveria a todo custo cumprir suas funções exemplarmente. Não havia margem para

fracassos. Munida dessas convicções, respirou fundo, trincou os dentes por alguns segundos e seguiu seu caminho até seu posto, onde coordenaria as ações da estação. Uma das primeiras nos corredores, Janusty correu imediatamente para o seu posto. Este ainda estava incompleto, faltando muitos dragões, porém, em menos de cinco minutos, todos os postos subordinados diretamente a ela foram preenchidos por todos os dragões responsáveis de todos os turnos. Quatro dragões especialistas ocupavam o lugar de um. Era praxe nesses momentos a presença de todos os especialistas em seus postos, mesmo os com turnos vencidos. Com as ordens dadas, só restava a Janusty e a sua tripulação executá-la com maestria.

—Posicionando a estação à direção das coordenadas 3434 2565 8672 — ordenou Janusty.

Sim, senhora!, ouviam-se alguns dragões.

Sim, senhora!, ouviam-se todos os subordinados.

—Ativar todos os propulsores da estação Qrgada — Janusty observava o comportamento firme de sua tripulação mais próxima com seus olhos verdes de dragão.

A estação tinha dois propulsores visíveis em sua estrutura. Ambos possuíam a função básica de corrigir a órbita da estação e ajudar no suave movimento rotacional. Esses dois propulsores eram infinitamente inferiores comparados ao poder de velocidade da estação. Sob a camada polida da parte inferior desta, a que lembrava um ovo de dragão ao meio, escondia-se o verdadeiro sistema de movimento. Sessenta propulsores de última geração encontravam-se abaixo da estrutura aparentemente desprovida. Com a ordem dada, os propulsores apareceram. Seus receptáculos abriram-se, ocultando suas tampas, e, projetando-se dos pequenos buracos, surgiram os propulsores. Todos saíram, com a harmonia de uma dança exaustivamente ensaiada, de suas respectivas aberturas. Como que comandados por uma entidade inexistente a qualquer pensamento, grupos de propulsores tomaram posições diferentes. A distribuição dos posicionamentos fazia parte da manobra da estação Orgada.

A antes monolítica estação tornou-se uma espaçonave altamente veloz e manobrável. A tripulação trabalhava com todo o empenho e comprometimento possível e característico dos dragões. Não fazia o menor sentido para um dragão não fazê-lo dessa forma. Caso estivesse insatisfeito com suas obrigações, o descontente tinha total liberdade para procurar outro serviço que o apetecesse. Ao modo de uma linha de produção robótica, os dragões trabalhavam

harmoniosamente. As ordens de Janusty eram seguidas à risca. Seu modo suave, porém firme, fazia as engrenagens funcionarem. Depois do período mais tenso, e a caminho da posição indicada, todos, aos poucos, começaram a relaxar. Um forte sentimento de dever cumprido tomou conta da estação. Todavia a dúvida rondava àqueles inquietos seres. O porquê disso era a pergunta do dia. Sabiam, certamente, que se corria algum tipo de perigo. O perigo propriamente dito tornou-se uma incógnita sem resposta breve.

—Qual é o motivo de nosso deslocamento, Sra. Janusty? — perguntou um dos dragões responsáveis pelo sistema de propulsão.
— Tidianvinst corre algum perigo grave?

—Há o perigo por todos da tal entidade — respondeu com sinceridade Janusty. — Agora o que fizermos está intimamente ligado ao nosso contra-ataque.

—Será que resolveremos rápido este problema? - questionava o dragão.

–Com certeza. Aconteça o que acontecer, nunca desistiremos de tentar combater aquilo que nos afeta diretamente. Está em nosso ideário. Nosso glorioso mundo não foi construído por criaturas covardes — disse a sincera Janusty.

–Estávamos ameaçados pela entidade? Difícil de acreditar! Mas se solicitaram nossa imediata retirada, esperemos os próximos acontecimentos.

–Faço de suas palavras as minhas — Janusty esboçava um sorriso para o dragão questionador.

O tráfego de naves aumentou, pois muitas continuavam próximas a Tidianvinst. Muitas delas compartilharam a posição ordenada para a estação Orgada. Temendo o desconhecido, pediram asilo provisório à estação. Esse asilo foi concedido imediatamente pela própria Janusty, demonstrando sua preocupação com os dragões desgarrados. Os dragões recebidos provisoriamente na estação carregavam consigo as dúvidas e os anseios compartilhados por todos. Dúvidas são mais cruéis que a certeza de alguma coisa. O tatear no escuro, não sabendo exatamente por onde andar, aumentava os anseios de todos os dragões, seja no planeta Niiefgönst, sejam nos que estavam fora. O conflitante sentimento de confiança contrabalançava as sensações. Sabiam e confiavam

suas vidas aos mais sábios. Encontravam conforto nisso. Tinham a total convicção de não estarem sozinhos, mesmo em situações extremadas como as vividas em Tidianvinst nos últimos cinco dias. A fuga dos dragões, mesmo a maioria não sabendo em que patamar se encontrava, foi acionada definitivamente.

De certa forma, o que ocorreu na estação Orgada foi uma síntese da situação vivida por todos os que se encontravam perto de Tidianvinst. Guardadas as devidas proporções, afinal a estação Orgada era muito grande, a semelhança dos fatos foi muito próxima. Medo, incerteza, preocupação e vontade de sobreviver estavam na ordem do dia. Por serem uma civilização muito centrada na própria sociedade, semelhança de sentimentos e atitudes não tinha nada de extraordinário para eles.

No planeta Niieigönst, o grupo de dirigentes encontrava-se diante de uma grande tela, pela qual informações eram passadas sobre o procedimento executado por eles. Kranst, dirigente de energia, fazia os últimos ajustes até pronunciar a ordem final. "Pode iniciar a reação" foram suas últimas palavras até aquele momento. Indubitavelmente, a incerteza dominava as mentes exaustas daqueles dragões. As opções ou alternativas eram extensas em

demasia para uma previsão precisa. A única grande certeza disso estava pautada na total aniquilação da criatura. Caso, por algum milagre inexplicável, esta continuasse a existir, nada mais poderiam fazer para combatê-la. Só uma fuga covarde, talvez, salvasse alguns dragões. Teriam de viver errando pelo universo, sempre preocupados com o futuro. A decadência seria a opção única e exclusiva no caso de a criatura sobreviver. Viveriam por mais alguns anos até desaparecerem completamente. Mas essas conjecturas pouco passavam pelas mentes dos dragões ali presentes. Chegaram a um nível extremo para resolverem seus problemas e a não solução deste seria a verdadeira derrota. Não pensavam na desagradável derrota. Queriam vitória a todo custo. Mesmo destruindo seu amado planeta, construído pelos antepassados mortos e por muitos ainda vivos.

—Demos um passo importante para nossa sobrevivência — disse Tlüogodärami com seu semblante apaziguador.

—Será mesmo, Tlüogodärami? — perguntou o descrente dirigente Vilters. — Os acontecimentos até agora nos deixam em desvantagem.

—Nada é indestrutível, meu caro Vilters. A energia nuclear é antiga, está até em desuso por nós, porém é extremamente destrutiva.

Uma das mais poderosas forças "naturais" do universo. O processo não é natural, claro. A energia aberta por nós o é — disse Tlüogodärami.

—Tlüogodärami tem total razão — confirmou Kranst. — Se isso não resolver, nada mais irá. Não estaríamos lidando com a física de nosso próprio universo. Estaríamos vivendo uma era louca. Não seria real. Um pesadelo pouco provável.

—Vamos monitorar tudo. Solicitaremos grupos de naves para analisar o planeta. Tentaremos de tudo. Desistir não está em nossos planos disse Tlüogodärami. - Como já repeti várias vezes, chegamos a um ponto extremo. Resolveremos nosso problema inesperado e renascemos dos escombros de Tidianvinst.

—Se houver alguma Tidianvinst para renascermos — disse Vilters. Desculpe-me por meu pessimismo, mas estamos arriscando demais.

—Arriscando demais? Arriscaríamos se estivéssemos preocupados em salvar nossa materialidade e não nosso povo — comentou

firmemente Tlüogodärami. — E mesmo Tidianvinst não sobrevivendo à reação em cadeia, esta sempre existira como ideal. O ideal dos dragões.

—Tidianvinst foi fruto do trabalho de muitos. Não poderia desaparecer assim. Não é justo.

—O trabalho daqueles construtores não teria sentido se não fosse à benesse de todos. O que fazia do planeta ou o que era não estava centrado em sua arquitetura ou estrutura. Não, meus amigos. Estava em sua população — discorria Tlüogodärami. — Portanto, salvando o maior número de dragões possível, salvaremos aquilo que fez Tidianvinst o que era.

O assunto transcorreu ainda um pouco. As lamentações eram inevitáveis. Tratar com o desconhecido provocava sentimentos dessa ordem. O "tentar novas alternativas" sempre passava por muitas mentes desconsoladas. Não poderiam voltar em suas atitudes. O que havia sido feito não teria mais volta. Agora era esperar pelas conseqüências.

Nas profundezas de cada cidade dos dragões, havia uma primitiva usina nuclear desativada há muitos anos. Estas eram controladas pelas unidades maiores. Sua existência e manutenção ainda no mundo sofisticado dos dragões devia-se à simples idéia de utilizá-las numa emergência de energia. Serviam como reserva estratégica. Nunca, em sua consciência, utilizariam da forma orquestrada pelos dirigentes. Os últimos fatos os levaram a essa impensável atitude. Ainda intactas, apesar do resto do planeta sucumbir à vontade da criatura vinda do espaço, estas receberam a ordem extrema e começaram seus processos derradeiros. Uma por uma, entraram em colapso. O calor no local tornara-se insuportável. As rochas das estruturas começaram a derreter, formando uma espécie de lava artificial. Não havia mais volta. As cidades caíam em ruínas e grandes crateras formavam-se. Os tentáculos entrelaçados queimavam como se fossem simples lenha. O planeta inteiro ficou salpicado por pontos incandescentes. Cogumelos de fumaça brotavam das crateras e dissipavam-se rapidamente conforme o ar ficava rarefeito. Aos poucos o planeta tornou-se um simulacro de um sol nascido artificialmente. A criatura tentava, em vão, reagir ao ataque desconhecido, sem obter sucesso. O calor chegara a níveis extremos. Dez vezes mais forte que o calor do sol, nenhuma rocha-ovo sobreviveu. Semelhantes a carvões incandescentes, queimavam e pulverizavam-se. Nada da criatura restara naquele mar de fogo. Uma recriação dos piores infernos tornara Tidianvinst um caldeirão de fogo. O planeta tornou-se vermelho vivo e não havia sinal de nenhuma forma de vida.

Cinco dias se passaram e a reação provocada pelos dragões aumentava a cada dia. Sondas robóticas analisavam o planeta constantemente e imagens eram transmitidas o tempo todo. A

reação não parecia ter fim. O pior passou de especulação à realidade. As esperanças minguaram absolutamente. O planeta tornara-se inabitável. O grupo original do grande salão branco, os mesmos que detonaram o processo nuclear no planeta Tidianvinst, dissiparam-se, colocando-se em posições mais úteis. Krueur acompanhava Tlüogodärami em sua peregrinação pelas colônias. A figura dele, aos olhos de Krueur, tornava-se cada vez mais diferente do que imaginara em seu recente passado. Compreendera perfeitamente a importância, para seu povo, da figura histórica de Tlüogodärami. Vira na prática o que constataria refletindo. A esperança nos semblantes dos ajudados por Tlüogodärami reforçava sua nova visão. Percorreram todas as colônias, ajudando os refugiados a aceitarem a realidade provisória.

A hibernação começou gradualmente nas colônias. Conforme as cápsulas saíam das fábricas, os dragões refugiados diminuía seus números proporcionalmente. As instalações estavam prontas. Estas eram lugares improvisados, como o espaço da última reunião antes da reação em cadeia. Conforme o tempo passava, melhoravam os ambientes. A população destinada a este fim era numerosa demais. Não havia tempo para pormenores. Os dragões entendiam a situação e havia pouca reclamação. Muitos se conformavam simplesmente para poder esquecer o acontecido dos últimos tempos. Tlüogodärami ajudava com sua presença sempre que possível. Discursava para levantar o moral daqueles sofridos dragões.

"Meus amigos dragões. Cada compreensão e aceitação da nova realidade é exatamente a ajuda de que precisamos. Por não podermos manter uma infra-estrutura adequada para todos, precisamos que alguns se sacrifiquem por um curto período. Assim que pudermos, todos voltarão a uma rotina próxima do normal. Eu, Tlüogodärami dos dragões, prometo. Nossa civilização sempre se baseou na confiança. Nossa essência é fundamentada na confiança e na união. Por isso faremos o melhor para sanar este terrível destino que nos flagela incansavelmente. Não desistamos simplesmente de viver, não desistamos de nós mesmos".

Tlüogodärami sempre repetia estas palavras aos grupos. Se não pessoalmente, fazia-as serem repetidas em seu próprio nome. Nesse momento de crise, sua imagem se tornou mais forte do que nunca. Na escuridão, na incerteza, os funcionais dragões conseguiram o conforto e a força necessários para continuarem mediante a imagem encorajadora de Tlüogodärami.

Um chamado inesperado quebrou a rotina de Tlüogodärami. Imediatamente fora chamado para voltar ao quarto planeta, capital provisória do sistema solar, para discutirem as novidades. Solicitou a presença de Krueur, este por sua vez apresentou-se imediatamente diante de Tlüogodärami.

–Mandou chamar, ilustríssimo?

–Sim, meu caro Aerok.

–O que deseja de mim?

–Algo bem simples, meu jovem. Como você sabe, foste testemunha ocular de todos os acontecimentos até então.

–Sim, senhor.

–Portanto, acredito que, por algum motivo inexplicável, você tem o direito de vir comigo novamente ao planeta Niefgönst. Convocaram-me para algo importante. Alguma coisa relacionada a Tidianvinst.

–Estou à sua disposição.

–Prepare-se. A viagem será bem curta.

–Então, se não há mais nada, vou me preparar.

–Até mais tarde, então, meu jovem.

–Até mais tarde, ilustríssimo.

Krueur correu rapidamente para se preparar. Não havia muita bagagem. Estava em situação improvisada como muitos.

Acompanhar Tlüogodärami exigia uma vida frugal. Pegou apenas seus objetos mais íntimos e voltou na direção onde se encontrava Tlüogodärami. O famoso dragão esperava por seu novo ajudante. Outros dragões voluntários faziam companhia a ele. Krueur os cumprimentou com um simples movimento de cabeça e teve seu gesto retribuído da mesma maneira por todos ali presentes. Embarcaram na nave exclusiva de Tlüogodärami. O dispositivo espacial era bem simples, porém a velocidade era bastante elevada. Como um pássaro de linhas simples, a negra nave recebia sua importante tripulação.

—Diga-me, jovem Aerok, tem alguma teoria do que se trata exatamente esta pequena reunião — Tlüogodärami perguntava com sua simpatia característica.

—Como o senhor disse há pouco, estaremos discutindo Tidianvinst. Das duas uma: ou o planeta tem salvação e iniciaremos a futura reconstrução. Diga-se de passagem, uma alternativa pouco provável.

—Por quê? — Tlüogodärami demonstrava uma curiosidade profunda.

—Porque os últimos atos em Tidianvinst são irreversíveis. Radiação, no mínimo, é algo difícil de descontaminar. Em curto prazo, não adiantaria discutirmos tal alternativa.

—Ah! Entendo. Prossiga, meu jovem.

—Nos resta a segunda alternativa. O planeta está condenado. Provavelmente saberemos, mais cedo ou mais tarde, as conseqüências de nossos atos.

—Diga-me sinceramente, Aerok: você realmente concordava com a alternativa da reação em cadeia?

—Concordei naqueles instantes e concordo até o presente momento — a nave deu uma leve sacudidela ao levantar vôo. — Colocamos na "balança da vida" nossas opções e a vida pesou mais. A questão era desconhecida. Ainda o é. Fizemos o necessário e estamos vivos. Guardadas as devidas proporções, creio em nosso sucesso.

Aconteça o que acontecer, nossa civilização preservada é o indicativo desse sucesso. Precisamos manter esse curso. Pelo menos assim eu suponho.

— Como sempre, suas teorias são surpreendentes. Não fogem, contudo, da verdade. Sua suave rebeldia para com nossos costumes deu-lhe a perspicácia necessária para analisar os fatos de forma isenta. Sua capacidade de acertar nada mais é que sua visão quase externa de nosso mundo. Não leve para um lado negativo minhas palavras. Às vezes você parece uma criatura estrangeira. Isso não é ruim, pelo contrário. Apenas consegui isolar simplesmente seu fantástico dom.

—Serei sincero com o senhor, ilustríssimo Tlüogodärami. Muitas vezes sinto-me confuso. Nem tudo eu compreendo bem. Quero dizer: aquilo que tenho refletido. Muitas vezes sinto um antagonismo interno.

—Aceite uma verdade de um velho dragão, Aerok. Todo o ser provido de alguma inteligência é a encarnação do antagonismo. Todos nós somos muitas vezes contraditórios em si. Não estranhe essa situação. Isso faz parte de nossa formação, da própria vida. Quando somos mais velhos, queremos no fundo acreditar na estabilidade, na certeza das coisas. Esquecemos que muitas vezes

as alternativas são antagônicas. Essas oposições de alternativas, de pensamento, nos levam para caminhos completamente diferentes. No fundo de nossos subconscientes, preferimos esquecer tal contradição. Mas ela está sempre presente, mesmo ignorada.

–Esta é a síntese de minhas questões - refletia Krueur.

–Descanse um pouco, meu jovem. Estes últimos dias tornaram-se cada vez mais pesados para todos nós.

–Sim, senhor.

Krueur tentou relaxar um pouco. Não conseguia. Seus pensamentos o tornavam sempre alerta. Acomodou-se em seu assento. Como a configuração corpórea dos dragões era peculiar, seus assentos nada mais eram que uma espécie de mesa anatômica, onde qualquer dragão poderia acomodar-se deitado de barriga para baixo e suas patas dianteiras apoiavam-se em suportes próximos à cabeça. A anatomia desses assentos encaixava-se perfeitamente ao corpo de

qualquer dragão. A posição mais confortável para qualquer um daqueles tempos esquecidos.

A viagem terminou relativamente rápido. A nave não foi muito exigida, pois estava próxima do planeta Niiefgönst. Sobrevoava os desertos vermelhos, com o sol a pino. A desolação daquele lugar sempre chamava a atenção de todos. Difícil tornava-se a crença de algo viver naquele planeta deserto. Em suas entranhas, porém, a vida existia. A continuação de uma fantástica civilização pulsava nos subterrâneos de um ponto específico daquele lugar. Uma grande entrada abriu-se na parte superior da montanha. A nave entrou sem cerimônia e a entrada fechou-se instantaneamente. A pressurização estabeleceu-se novamente e um completo breu tomou conta da área. Momentos depois, a escuridão foi banida por uma iluminação forte, dando ao ambiente um matiz especial. Dragões devidamente uniformizados com belas armaduras negras recepcionaram os tripulantes da nave. Caminharam um pouco e foram conduzidos a uma espécie de elevador. Este rapidamente conduziu a pequena comitiva às profundezas da cidade. Bem próximo aos limites construídos, o governo provisório encontrava-se instalado. Vários dragões oriundos das burocracias de Tidianvinst trabalhavam naquele lugar. Tlüogodärami foi recebido, após sua chegada, pelo próprio dirigente Vilters. As formalidades de cumprimentos seguiram seus tradicionais rituais e Vilters, em seguida, levou-os ao seu local de trabalho.

Os dirigentes Kranst, Plesk e Okotanst encontravam-se na sala de Vilters com seus respectivos ajudantes. Jansky, a nova dirigente

de defesa, encontrava-se ali, também. Uma bela fêmea para os padrões dos dragões. Maior que a beleza, sua inteligência destacava-se, tornando essa beleza secundária. Uma fêmea, acima de tudo, com atitude. A relação de gêneros na sociedade dos dragões era bastante harmônica. Não havia diferença entre machos e fêmeas em suas exteriorizações biológicas. A relação de tamanho e força eram as mesmas. A diferença óbvia estava em seus sistemas reprodutivos. Estes por sua vez inutilizados geneticamente, pois a reprodução tornara-se um interesse coletivo. Dragões só nasciam artificialmente há pelo menos cinco mil anos. O sistema consistia em um casal de dragões misturarem seus genes para a formação de um novo dragão. Este recebia sistemas artificiais e algumas modificações para potencializar suas habilidades, porém havia limites. Não queriam padronizar a sociedade com "robôs" de carne e osso. Respeitavam a naturalidade da vida desde que esta não ameaçasse suas existências. As diferenças culturais também não existiam, pois no imaginário desses seres nunca se criou essa relação de poder. Machismo, feminismo ou qualquer tipo de preconceito nunca existiu na sociedade dos dragões. Por isso não era surpresa fêmeas assumirem cargos de alta patente. Isso era extremamente comum, e era impensável algo contrário a essa situação. Durante estes quase sete mil anos de corrida espacial, existiram fêmeas com o título de Tlüogodärami. Dos doze Tlüogodärami existentes até aquele momento, excetuando Mist Tlüogodärami, foram sete fêmeas a assumir a honraria. Assim os dragões viviam.

Tlüogodärami entrou com Krueur na sala de Vilters. O cômodo estava devidamente instalado ao estilo de Tidianvinst. Assentos, sistemas computacionais e até mesmo um aposento à parte ao descanso tio dirigente encontrava-se naquele lugar. Uma espécie de mesa localizava-se centralizada na sala. Havia uns três robôs

fazendo trabalhos diversos. Um deles manipulava o sistema computacional. A sala possuía uma decoração ao estilo antigo. Pedras polidas no chão, com desenhos aleatórios, de uma beleza incomparável. Os mesmos desenhos subiam pelas paredes, nos espaços onde não havia as placas de *krür*. Chamou a atenção de Krueur um baixo-relevo com uma cena bem antiga. Pelo aspecto da placa, esta era bem antiga, provavelmente de antes da colonização espacial. Ah visualizava-se dois dragões lutando entre si. *Dois dragões brigando?*, pensava Krueur incrédulo. Vilters convidou Tlüogodärami e Krueur para acomodarem-se. Expressava angústia e ansiedade em seu semblante. Todos os dragões se acomodaram e preparavam-se para ouvi-lo. Vilters aproximou-se de Krueur, percebendo o interesse do jovem pelo baixo-relevo.

–Vejo que está interessado pela imagem exposta aqui, jovem Krueur.

–Interessante! Dois dragões brigando? Nunca havia visto algo do tipo.

–Isso remonta tempos que não voltarão. Quando o rompimento da fronteira do espaço não passava de um sonho impossível, não éramos sequer uma parte do que somos hoje. Isso remonta uma

época, uma cultura extinta. A palavra já não é usada há muitos anos, só por especialistas que buscam fatos passados.

—Guerra!

—Isso mesmo, jovem Krueur. E, obviamente, uma imagem simbólica. O dragão da direita representa Okinst, uma das antigas nações primitivas, e a outra, Cobat, outra nação. Eram as mais poderosas daqueles tempos de violência, e a guerra era quase comum naqueles dias.

—Já estudei alguns trabalhos sobre o assunto. A placa de *krür* é original?

—Sim, meu jovem. Ela é originária do planeta Dianvinst. Nosso planeta natal. Nosso berço, hoje preservado como se nunca houvesse dragões naqueles belos campos, naqueles infindáveis mares azuis — os dragões estavam prontos para começarem a reunião. — Podemos conversar depois sobre esses assuntos. Falar sobre nossos ancestrais dá-me um prazer incomparável.

–Seria um prazer ouvi-lo, dirigente.

Virters e Krueur acomodaram-se em seus respectivos assentos e a reunião começou.

–Meus estimados amigos. Não guardei segredo sobre o que falaríamos. Não! De forma nenhuma. O assunto, como adiantei, é sobre Tidianvinst. Não tenho boas notícias para revelar, infelizmente.

–Conte-nos logo! — demonstrou-se angustiado Plesk.

–Calma — disse Virters. — É mais complicado do que parece.

–Estamos atentos, meu caro Vilters — Tlüogödärami o fitava com a ternura de um pai afetuoso.

-Vamos começar, então. Observem a tela no fundo desta sala. Imagens valem mais que simples palavras.

A tela mostrava um planeta em chamas. Lembrava um pequeno sol ou um planeta em formação. As palavras no canto inferior da tela diziam que se tratava de Tidianvinst. Os dragões se entreolhavam, espantados com as cenas catastróficas. Mas, pelo menos, assim pensavam a princípio, o planeta estava no lugar, não explodira. Questionamentos surgiram e indagações sobre os últimos acontecimentos. Tlüogödärami foi o primeiro a comentar e querer saber mais.

–Parece-me que a criatura não resistiu à reação,Vilters.

—Nossas análises demonstram que nada resistiu ao nosso recurso final.

—Tivemos sucesso, então — disse Plesk, demonstrando alguma felicidade.

—Neste caso, sim. Estamos relativamente salvos deste problema.

—Então o que nos traz aqui, meu caro Vinters? — perguntou Tlüogodärami.

—Há um problema mais sério, meus amigos. Uma de nossas suspeitas poderá torna-se realidade em pouco tempo. Nossas análises e nossos dados informam que o planeta está completamente comprometido. A reação das usinas continua aumentando, e muito do material radioativo segue caminho ao núcleo do planeta. O planeta apresenta rachaduras profundas e a sua total destruição é uma mera questão de tempo, infelizmente.

–Não podemos fazer absolutamente nada? - perguntou Plesk.

–Infelizmente, nada — disse Kranst. — Fomos eficientes na destruição da criatura, mas o preço foi alto. Uma vez desencadeada a reação, só terminaria quando o material perdesse a radioatividade. Isso pode levar milhões de anos e o planeta não resistirá tanto tempo. Talvez não resista sete dias. Sabíamos dos riscos e aceitamos o possível preço.

–Exatamente. Sabíamos dos riscos. Como eu disse, não há bônus sem ônus — completou Tlüogodärami.

–Não fomos nós que condenamos Tidianvinst, foi aquela criatura hedionda — comentou Okotanst. — Não havia alternativa, sejamos francos. Tentamos de tudo e não conseguíamos resultados satisfatórios. Fizemos o necessário e ponto-final. Vamos esperar o planeta condenado encontrar seu destino derradeiro e recomeçar.

—Não poderia ter dito melhor, meu caro Okotanst — elogiava Tlüogodärami ao conformado dirigente de ciência e conhecimento. — Estou satisfeito em vê-los com este espírito de luta e vontade de renascer, principalmente depois desta catástrofe. Conseguiremos com total certeza.

—E há alternativa, Tlüogodärami? — perguntou Vilters.

—Ah! Sempre há, meu amigo, sempre há. Poderíamos nos colocar na posição de derrotados e desistir de tudo, esperar a morte e deixar nossa cultura morrer. Não criamos isto tudo para ter um final assim, não mesmo. Posso garantir que, enquanto existir um dragão vivo, nossa cultura ainda existirá.

—Suas palavras, ilustríssimo Tlüogodärami, são os últimos estímulos para continuarmos e reconstruirmos nossa civilização — comentava com empolgação Okotanst.

—Muito bem, dragões. Precisava dizer-lhes isso pessoalmente. Não é uma notícia que se dê friamente. Vamos esperar a destruição inevitável de Tidianvinst e analisarmos qual a melhor maneira de voltarmos às nossas realidades — disse Vilters.

—Precisaremos saber exatamente qual rumo tomar a partir dessa realidade —Tlüogodärami olhava para seus compatriotas enquanto falava. — Mas essa decisão não pode ser tomada por poucos. É uma decisão coletiva. Todos devem participar.

—Exatamente. E todos participarão — completou Vilters.

Depois de mais algumas conversas sem muita importância, todos se retiraram da sala de Vilters. Tlüogodärami e Krueur resolveram permanecer no planeta Niiefgönst até a inevitável destruição de Tidianvinst.

–Mais uma vez sua forma de pensar lhe serviu bem, jovem Krueur.

–Têm horas que preferia estar errado, Sr. Tlüogodärami. Agora que estou desligando-me do assunto, contabilizo minhas perdas. Não ouvi falar mais de minha família. Não os encontrei nas listas de sobreviventes. Estou só. Sou o último Aerok vivo. Meus pais estão mortos. Certa revolta, mediante essa situação, começa a ganhar corpo em minha mente.

–Prossiga, jovem Krueur.

–Eu estava observando uma placa antiga de *krür* na sala do dirigente Vilters. Um baixo-relevo encenando uma briga de dois dragões. Vilters disse-me que aquilo representava uma guerra entre antigas nações de dragões.

–Sim! O que mais?

–E se estamos lidando com um inimigo? E se passarmos novamente por isso? Sei que me deixo levar por sentimentos impostos pela revolta que sinto, mas minha vontade é de vingança. Quero, neste momento, mais que tudo, destruir essas criaturas que tentaram nos eliminar da face do universo.

–E, sem dúvida, um pensamento perigoso, jovem Krueur. Contudo, receio certa coletividade nessa linha de pensamento. Estamos ainda sob o impacto dos acontecimentos e profundamente confusos. Quando nossos corações se acalmarem, nossas mentes começarão a raciocinar e essa temática virá à tona. Não tenha dúvida disso.

–Meu desejo, talvez, seja momentâneo. Independentemente disso, a questão é se esta é a linha mais correta a seguir. Disso não faço absoluta certeza.

–Ninguém o faz, jovem Krueur. Teríamos de possuir o poder de adivinhação, e isso me parece pouco palpável — Tlüogodärami tocava o ombro, com sua pata dianteira, do jovem dragão com a

atitude de um pai atencioso. Krueur sentia-se confortável. Além de ter a companhia de alguém tão famoso, podia ter a liberdade de conversar sobre o que quisesse. Tlüogodärami não fazia restrições a assunto nenhum. Era um liberal, sem preconceitos. Os dois seguiram para o coração da cidade, prontos para os inevitáveis acontecimentos previstos àqueles dias.

Tidianvinst definhava a cada dia de sua condenada existência. A pressão estava seguindo níveis insuportáveis. Uma sucessão de explosões aconteceu no terceiro dia após a reunião dos dirigentes. As ondas eram visíveis na superfície de Tidianvinst. As chamas dançavam uma coreografia de morte orquestrada pelas sucessivas explosões. Depois de um dia nessa situação catastrófica, uma reação em cadeia gigantesca provocou uma explosão nunca antes vista por qualquer dragão. O planeta existente naquela órbita não existia mais. A grande explosão foi seguida de destroços lançados a milhares de quilômetros. Um cinturão de rochas formou-se naquele local. Tidianvinst morrera fisicamente. Seus restos mortais vagariam eternamente em sua antiga órbita. O túmulo indigno para o lar dos dragões. Um monumento de rochas em homenagem à miséria, à covardia, ao desconhecido. O belo planeta adotado pelos dragões encontrara seu verdadeiro fim. Nunca uma previsão fora tão indesejada aos dragões. Como desejariam estar errados. Um dia lamentável na extraordinária história de um sofisticado povo.

Todos assistiram aos últimos acontecimentos, estáticos. O sentimento de Krueur começou a brotar na mente de cada dragão sobrevivente naqueles posteriores dias após a explosão de Tidianvinst. Uma nova realidade apresentava-se aos dragões. Um novo mundo desconhecido surgia. Seriam capazes de enfrentá-lo? Eles estariam dispostos a tudo, isso não era dúvida para ninguém. Refletiriam muito antes de agir e alguma coisa seria feita. Só não se sabia ao certo o quê.

CAPÍTULO 12

VINGANÇA

Milhões de rochas vagavam livres por uma específica órbita existente no sistema solar. O cinturão tornou-se um lugar difícil de manobrar. As diversas rochas, de todos os tamanhos possíveis, tornavam a vida da nave azul diferente de sua rotina habitual. Um mês se passou desde a explosão de Tidianvinst e os dragões analisavam a área com extremo cuidado. Rocha por rocha, poeira por poeira, nada passava despercebido aos analistas. Sondas ajudavam no trabalho da nave azul de pesquisa. Bailavam livres entre as rochas, desempenhando seu papel crucial no teatro da vida. O vai e vem das sondas lembrava filhotes de algum ser, ora explorando o mundo afora, ora voltando à proteção de uma mãe atenciosa.

A responsável pela nave supervisionava pessoalmente os andamentos das análises. As notícias eram boas e as projeções futuras indicavam a mesma tendência. Janusty observava atentamente os cientistas sob sua responsabilidade. Seu sucesso na estação Orgada abriu-lhe portas importantes em sua carreira, e um dos trabalhos mais complexos até aquele momento, a análise dos destroços de Tidianvinst, fora destinado a ela. O dragão mais adequado do quadro de especialistas em comando de naves. A própria dirigente de defesa Jannsky escolhera seu nome depois de seus últimos feitos. Sentia-se honrada em servir aos seus compatriotas. Não havia recompensa maior para um dragão. Seu sentido de sociedade reforçava-se nesses momentos de crise.

Uma base especial fora montada no planeta Niiefgönst. Nessa base, todas as informações colhidas pela nave dirigida por Janusty eram analisadas e relatórios constantes foram enviados ao comitê chefiado por Vilters e Tlüogodärami. Em intervalos aproximados de uma hora, Janusty enviava as informações e mantinha diálogos constantes. Para um maior controle, a órbita fora dividida em unidades distintas. Ao todo formavam 1.250 delas. Ao fim de uma hora de trabalho, fazia-se o envio dos últimos dados coletados, e Janusty dialogava com os responsáveis pela base no planeta Niiefgönst.

—*Janusty? Você me ouve?*

–Ouço perfeitamente. Há um pouco de estática, mas nada que impeça a boa compreensão.

–*Alguma novidade?*

–Nada de novo. Estamos trabalhando ao máximo e tirando alguns vestígios de radiação, nada mais há para se relatar. Ainda não achamos vestígios da criatura. Se algo for encontrado, enviaremos a notícia logo em seguida.

–*Estaremos esperando.*

–Fiquem tranqüilos. Não há com que se preocupar.

– Vocês já enviaram os últimos dados coletados?

– Mandaremos em poucos instantes. Estamos terminando de analisar o ponto 90.

– Quando chegar ao término da análise, avise-nos do envio.

– Eu o farei.

– Até mais tarde, então.

– Até mais tarde.

Três semanas se passaram e o trabalho tornou-se rotineiro. Não havia novidade nenhuma. Se não fosse o difícil pilotar na zona de rochas, o trabalho em si seria pouco estimulante. Até aquele período, nada foi encontrado. Mas aquele específico dia demonstrou uma quebra na rotina da tripulação. No início dos trabalhos do segundo turno os sistemas computacionais apontavam para um pequenino objeto vagando pelo vácuo. Não maior que a ponta do dedo de um dragão. Os sistemas apontavam para o objeto e valia a pena analisá-lo. Como era procedimento, uma pequena quantidade de robôs celulares envolveu o objeto e em seguida uma sonda robô aproximou-se, absorvendo a carga de informações enviada pelos diminutos companheiros de trabalho. Duas horas de análise profunda indicavam que o material era orgânico e sua constituição ou seu código genético exibia uma seqüência diferente e não conhecida pelos dragões. Na segunda etapa, mais robôs celulares entraram no serviço para a total descontaminação da amostra. A radioatividade e as impurezas tiveram um fim naquele objeto orgânico. A amostra foi conduzida para um recipiente hermeticamente fechado. Os robôs celulares fizeram os últimos procedimentos de descontaminação, ajudando a selar o recipiente. O robô-sonda armazenou o recipiente metálico dentro de si e seguiu o rumo até a nave comandada por Janusty. Ela e os cientistas da nave azul observavam, ansiosos, os procedimentos. Assim que o objeto seguiu para a nave, Janusty entrou imediatamente em contato com a base no planeta Niiefgönst.

–Estamos na escuta, Janusty.

–Nossa busca encontrou algo muito procurado por nós. Encontramos o que seria uma amostra da criatura.

–Você já conhece o procedimento. Termine a busca neste ponto e vá até a estação Orgada. Entregue a amostra e volte de onde parou.

–Entendido.

–Onde foi encontrada a amostra?

–No ponto 986. Estávamos quase finalizando esse ponto quando o sistema apontou para algo estranho.

–Ótimo, envie-nos os relatórios e siga direto para a Orgada.

–Tudo bem. Até logo.

–Até logo.

O robô chegou à nave e, numa ante-sala fechada, foi devidamente descontaminado da radiação emitida pelas rochas oriundas de Tidianvinst. Depois, dois dragões com roupas protetoras, as tradicionais roupas pretas, acompanhados de quatro robôs, conduziram a sonda até um lugar devidamente seguro. Robôs celulares devidamente recolhidos, a nave iniciou os procedimentos para seguir rumo à estação espacial Orgada. A nave saiu do cinturão de rochas e seguiu para a estação. Janusty calculou as coordenadas, acionou os sistemas magnéticos para evitar os efeitos

da aceleração e, quando chegaram à posição mais adequada, a nave impôs uma velocidade de um décimo da velocidade da luz. Em pouco menos de quinze minutos, a nave chegou ao seu destino. As manobras-padrão de aportar e desaportar, os cálculos das rotas e procedimentos-padrão demoravam mais que a viagem em si, no caso de uma distância tão curta para os padrões dos dragões. Janusty pedira autorização para aportar na estação.

–Nave Muskatzo 02 pedindo autorização para aportar.

–*Um momento, por favor.*

–Estou na espera — alguns minutos depois, a voz no comunicador voltou.

–*Entrada 54, por favor. Bem-vinda à Estação Espacial Orgada.*

–Obrigada.

Janusty sentia-se voltando ao lar. Afinal, há menos de dois meses comandara aquela estação. A nave seguiu o padrão utilizado ultimamente para a descontaminação. A entrada 54 fechou-se e uma nuvem de robôs celulares, muito intensa, começou o trabalho de descontaminação. Após dez minutos de trabalho dos pequeninos, estes desapareceram e jatos de líquidos transparentes, lembrando água quente, foram jogados na nave. Uma corrente de ar foi o terceiro procedimento. Por mais dez minutos permaneceram no local. Ao término dos procedimentos de descontaminação, um portão oposto ao de entrada abriu-se para a nave continuar sua curta jornada. Um tubo acoplou-se a uma das entradas da nave e a conexão das duas fora estabelecida. Robôs adentraram na nave de Janusty e esperaram a carga preciosa. Logo em seguida o novo responsável pela estação veio receber pessoalmente Janusty.

–É um prazer recebê-la novamente nesta estação, Janusty.

–O prazer é todo meu, meu amigo — respondia Janusty ao novo responsável.

–Esta carga é muito aguardada no planeta Niiefgönst.

–Realmente. Assim que todos os testes estiverem prontos aqui na estação, as análises devem ser mandadas imediatamente aos órgãos responsáveis, e todo o cuidado deve ser tomado com relação a esse material. Em hipótese alguma deve ser manipulado levianamente. Lembre-se que é parte de uma criatura com um grande poder de regeneração e devemos ter absoluta certeza de que a amostra está inativa. Após todos os procedimentos e pesquisas, deve ser destruída imediatamente.

- Tomaremos todos os cuidados — respondeu o responsável pela estação Orgada. - Não se preocupe. Já fomos devidamente avisados e os especialistas mais adequados já se encontram na estação para executar todos os procedimentos.

Com a amostra entregue aos mais competentes, Janusty e sua bela nave azul seguiram sua atual rotina de busca no cinturão de rochas, fixada em sua mente, como que programada, a idéia das possibilidades e potencialidades daquele material responderiam muitas questões relativas aos últimos acontecimentos da recente história dos dragões. O pensamento aparecia em sua mente

periodicamente. O peso da responsabilidade atribuído àquele pequeno objeto era fabulosamente grande, porém, com o tempo e a rotina estabelecidos, sua ocupada mente deu lugar a outros pensamentos, deixando hipotéticas especulações no âmbito da imaginação.

O material passou por uma centena de experiências antes de se chegar aos primeiros resultados significativos. O material era orgânico, pois possuía código genético com combinações das bases nitrogenadas. Contudo era um código não registrado em seu todo. Havia semelhança, todavia, com os códigos conhecidos pelos dragões. O mapeamento desse código foi feito em sete dias e os significados das seqüências em um mês. Simulações nos sistemas computacionais determinaram cada função contida nos códigos. Entendiam toda a essência daquela criatura e fizeram comparações. Muitas seqüências apresentavam modificações artificiais, demonstrando manipulação dos códigos. Nesse momento, a descoberta das manipulações indicava o primeiro indício concreto de que a criatura era proveniente de uma possível vida inteligente. Quais os objetivos originais ninguém no mundo dos dragões poderia determinar ao certo, mas as conseqüências reais e atuais foram sentidas na carne deles. Houve uma divulgação dos resultados, afinal, na cultura dos dragões não havia segredo de nenhum assunto. A comunicação e o direito à informação eram livres aos que se interessassem por elas. Com os últimos acontecimentos, não era de se estranhar um interesse maciço pelas informações. O sentimento expressado por Krueur tornou-se cada vez mais comum entre os dragões. Os sentimentos de vingança, injustiça e impotência tomaram conta dos corações daquele povo centrado e erudito. Instintos e sensações há muito esquecidos começavam sua jornada de volta à realidade dos dragões. O dragão primitivo, aquele personagem que matava para não morrer e que lutava uma

batalha por dia para apenas repeti-la no dia seguinte, começava a despertar de sua letargia envolvida por camadas de cultura e tecnologia. As opiniões separadas tornaram-se pequenos grupos tímidos, e estes começavam a crescer, chegando a patamares mais significativos. Esses pequenos grupos crescentes uniam-se, e quando os dirigentes perceberam esses movimentos, metade da população já era adepta de um projeto de vingança contra seus agressores, e a outra metade, apesar de não participar formalmente, simpatizava com a causa. Palavras antigas, como guerra e matar, há muito tempo não utilizadas, voltavam ao vocabulário dos até então pacíficos dragões. A vontade de vingança tomou proporções tão gigantescas que as palavras de cautela de Tlüogodärami, a figura mais significativa de sua cultura, não faziam o habitual efeito. Tlüogodärami tomou uma posição, apesar de perigosa, oposta aos demais. Não acreditava na vingança, pois muito se perdera e o inimigo era nebuloso. O próprio Krueur, depois de muito refletir, sentiu a incerteza de Tlüogodärami e não acreditava mais nessa alternativa. Pelo menos não se sentia bem pensando nela. Krueur apoiava incondicionalmente a opinião de Tlüogodärami. Mas como era dever de todo dragão, a idéia coletiva predominaria na decisão final de Krueur. Não abandonaria seu povo, mesmo não concordando com a opinião de todos.

Várias reuniões foram armadas naqueles tempos. Muitas idéias vieram à tona. Tlüogodärami e Krueur tentavam amenizar a onda de vingança vigente nos últimos tempos, sem obter o mínimo sucesso. Suas opiniões eram votos vencidos nessas reuniões. A ala mais radical dos favoráveis a uma retaliação aos ainda desconhecidos inimigos propunha a formação de um exército com todos os dragões disponíveis. Sua proposta se baseava no treinamento de todos os dragões nas antigas artes da guerra e da disposição dos recursos ainda existentes à criação dos

equipamentos necessários. Uma idéia a princípio simplória e até ingênua, mas que ganhou muita força naqueles tempos de confusão e incerteza.

O caminho seguido pelos discursos das inúmeras reuniões indicava a aprovação das idéias dos radicais. A última e maior delas, na qual todos os dragões ativos votariam, foi transmitida para todo o sistema solar. Várias colônias espalhadas pelo sistema solar preparavam-se para informar toda a sua população sobre essa derradeira reunião que decidiria o destino de todos. Mais de um bilhão e meio de habitantes assistia à reunião. Os debates começaram e a maioria esmagadora estava a favor dos esforços de guerra. Tlüogodärami tentava a todo custo persuadir os dragões a pensar bem, a refletir naquilo que desejavam. Em seu discurso, isto se destacava.

— Meus amigos dragões. Sei e observo o sentimento de vingança aflorar com força em nossas mentes. Não discuto se é justo ou não. Obviamente o impacto sofrido por todos nós merece o mínimo de justiça. Nada mais justo que sentimentos como vingança e justiça surjam nesses momentos. Caso optemos por esse caminho, não percorreríamos um caminho desconhecido? Com quem exatamente estaríamos lidando? Estaríamos à altura dessa demanda? Seríamos capazes de vencer uma guerra com um inimigo desconhecido? São perguntas obrigatórias para nossa avaliação. Não podemos nos dispensar de pensá-las — enquanto discursava, o público observava Tlüogodärami com respeito, apesar do pensamento diferente. — Tentemos imaginar todas as situações. A vitória total e absoluta é a

mais confortável delas. Destruiríamos essa espécie infeliz que nos trouxe a desgraça. Uma segunda situação seria encontrarmos uma civilização ao mesmo nível tecnológico existente entre nós. Quem ganharia? Talvez nós? Talvez eles? Ou simplesmente empataríamos, levando a uma guerra que causaria nossas destruições mútuas. Ninguém venceria e não ganharíamos nada com isso. A terceira e última situação é a mais aterradora. E se perdermos miseravelmente? Aonde tudo isso nos levaria? Não quero influenciar a opinião de vocês, dragões, pois nossa liberdade não tem preço que valha sua retirada, mas antes de decidirmos nosso destino, devemos pensar e analisar os riscos com essas perguntas, e seja qual for nossa decisão será fruto, espero, dessa simples reflexão. Seja qual for a decisão tomada aqui, quero que saibam e não tenham dúvida disso: eu estarei ao lado de vocês — ninguém se manifestou e o respeito para com Tlüogodärami foi decididamente cumprido. — Isto é o que tenho a dizer. Na posição de Tlüogodärami dos dragões é meu dever orientá-los sempre que for necessário.

—Prometemos pensar no assunto, honorável Tlüogodärami — disse Virtsers, o dirigente supremo. — Agora o dragão Brukst Rugyra deseja a palavra. — Rugyra simplesmente era um dos líderes do movimento pró-guerra.

—Dragões sobreviventes. Colocaram-nos nesta situação de sobreviventes. Quem? Nós devemos nos perguntar em todos os instantes de nossas agora miseráveis existências. Não sabemos, ainda. Mas nossa momentânea ignorância não nos impede de sabê-

lo. Nossa civilização foi arrasada sem prévio aviso. Covardemente arrasada. Não é uma simples questão filosófica de justiça. Precisamos realmente da verdadeira justiça. Justiça no antigo sentido da palavra. Estas "coisas", motivo de nosso flagelo, devem pagar no mínimo com o mesmo sofrimento passado por nós. Eu respeito o ponto de vista do honorável Tlüogodärami e acredito ser unânime esse respeito. Contudo acredito que neste período pós-apocalíptico tivemos tempo o bastante para refletir muito. As conclusões, meus caros dragões, já foram definitivamente resolvidas. A guerra é iminente e indispensável para que tenhamos o mínimo de justiça. Não devemos temê-los. Temos total capacidade de enfrentá-los. A herança de nossos ancestrais, toda a gama de conhecimento adquirida por tantos anos, nos dará a força necessária para não só empreender uma guerra, como para vencê-la. Não há alternativas. Ou vencemos ou vencemos. Não há derrota. Devemos banir essa palavra de nosso vocabulário. Não faremos isso, contudo, de forma aleatória ou leviana. Vamos planejar os mínimos detalhes dessa empreitada. A palavra de ordem nestes últimos tempos só pode ser uma: vingança — logo após seu discurso, Rugyra, comovido, ouvia as vozes que em um só som repetiam sem parar a palavra vingança. "Vingança, vingança, vingança". Tlüogodärami não conseguia acreditar, por mais que as evidências fossem claríssimas, naquilo que presenciava.

A votação aconteceu logo após o discurso de Rugyra. Vilters aceitou como encerrada a parte das argumentações e deixou a cargo dos dragões a decisão de aceitar ou não a guerra. Todos utilizaram seus sistemas computacionais pessoais para opinarem na votação. Não foi surpresa para ninguém, mesmo para Tlüogodärami, a vitória esmagadora da facção pró-guerra. Krueur, ao lado de Tlüogodärami, testemunhava com a mesma sensação de seu novo mentor os acontecimentos. Mais de 98% de aprovação ao pró-

guerra. Os sistemas computacionais processaram as informações praticamente em tempo real. Resultados esclarecidos e irrefutáveis, a reunião foi finalizada. Todos agora esperariam as estratégias e os preparativos para a guerra. Tlüogodärami e Krueur saíram da reunião conformados, afinal as projeções não eram otimistas para suas idéias.

—Nossa! Viveremos mais um impacto de novidades em nossas vidas antes pacíficas e prósperas, jovem Krueur. Será para melhor ou pior?

perguntava-se Tlüogodärami.

—Não faço idéia, Sr. Tlüogodärami. Depois de muito pensar, tornei-me contra essa situação. Ainda sou, mas farei o necessário e não abandonarei nosso povo. Dentro de pouco tempo, quando começarem os treinamentos, vou me apresentar como voluntário.

—E uma pena. Se quiser continuar trabalhando para mim será tão útil como servindo no exército.

–Eu agradeço a confiança, Sr. Tlüogodärami. Sempre estarei à sua disposição. Mas preciso vivenciar essa experiência. Como todos no fundo não sabem, também não sei aonde estou metendo-me. Sinto, porém, essa necessidade.

–Também tenho essa necessidade, jovem Krueur. Não ficarei passivo a isso tudo. E creio que nenhum dragão existente neste sistema solar vá ficar.

–Nenhum ficará.

–Nenhum mesmo.

–Foi um prazer, mais uma vez, trabalhar para o senhor. Até qualquer dia honorável Tlüogodärami.

–O prazer foi meu, jovem Krueur. Até qualquer dia.

Os dois dragões se despediram com um típico cumprimento de cabeça. Durante estes meses de convivência seus conceitos de um em relação ao outro mudaram radicalmente. O respeito predominava naquela nova e recente relação. Um laço eterno de amizade envolvia aqueles dois dragões. Seriam amigos até o final de suas mortais existências.

Estratégias e simulações nos sistemas computacionais começaram a surgir nos encontros entre os dirigentes. Todas as idéias sugeridas nesses encontros passavam pelo tipo de simulação existente nos sistemas computacionais. Inúmeras sugestões apareceram e foram filtradas até se chegar àquelas que representavam chance real de vitória. Assim os dragões começaram sua empreitada rumo à guerra, começando simplesmente pelo mundo das idéias, afinal não praticavam guerra há muitos anos. Sendo um conceito extinto, tiveram de recriá-lo do zero.

O primeiro ponto estava em conhecer o inimigo de verdade. Para isso foram desenvolvidas sondas do tamanho e formato de naves comuns, porém não eram tripuladas por dragões. Seriam totalmente autônomas. Os cálculos da trajetória do objeto tornavam-se difusos chegando a certo ponto. Havia, pelos cálculos, duzentos e cinquenta e seis possibilidades, ou caminhos originários, por onde a criatura poderia ter chegado. Não houve hesitação da parte dos dragões em construir mais de trezentas sondas. Com estrutura de naves ultramodernas, poderiam viajar a grandes velocidades. Os dragões já possuíam, há muito tempo, mapas das localizações das dobras naturais de espaço-tempo em muitos pontos do universo. Seus sofisticados telescópios possibilitaram esse mapeamento e cálculos avançados determinaram as exatas localizações dessas dobras com um erro aproximado de vinte quilômetros entre as coordenadas. A precisão era bastante avançada e corrigida constantemente pelos sistemas computacionais sensíveis à expansão do universo. Esses cálculos de localizações só foram possíveis graças ao padrão harmônico descoberto no universo pelos dragões. Experimentalmente já haviam testado essas possibilidades antes da catástrofe de Tidianvinst. Já haviam percorrido os sessenta e cinco mil anos-luz de distância entre o sistema solar e o fim da galáxia em pouco mais de dois dias de Dianvinst. Obviamente houve a junção da tecnologia, podendo obter velocidades nunca antes imaginadas com o conhecimento das localizações das dobras naturais. Observaram que havia realmente variações no espaço-tempo, porém o tempo em todo o universo é contínuo e variável ao mesmo tempo. Simplificando, o tempo pode correr de forma diferente em dois pontos diferentes, mas não há retrocesso. Não se pode viajar no tempo. Com essa física nas mãos, os dragões poderiam encontrar facilmente seus inimigos. Tudo dependeria apenas de alguma paciência e de muito trabalho.

Com as sondas prontas, estava pronta a primeira etapa dos esforços de guerra. Assemelhavam-se a belas naves de tripulantes. Com seu tom metálico, possuíam decorações em cores vivas em algumas de duas partes. Cada uma possuía potentes propulsores; sua quantidade era de dez para cada uma. O sistema de comunicação com o sistema solar seria impossível se não fosse a solução encontrada pelos dragões. Cada sonda deixaria, em pontos devidamente determinados, pequenos dispositivos de comunicação. Estes ajudariam a transmitir um milhão de vezes mais rápido que num sistema tradicional por ondas de rádio ou transmissão a *laser*. Poderiam, no sistema solar, obter informações praticamente em tempo real. Cada dispositivo era do tamanho de dois dedos de dragão. Como eles eram muito pequenos, cada nave-sonda poderia carregar milhares deles. Cada sonda, obviamente, não poderia usufruir de sua total capacidade de velocidade. O trabalho de busca iria exigir um tempo bem maior. Nada poderia ficar despercebido nessa busca frenética pelo inimigo desconhecido. Uma por uma, as sondas seguiram seus caminhos e seriam constantemente monitoradas por estações localizadas no décimo segundo planeta do sistema solar. Apesar de extremamente frio, seria o local mais adequado para esse serviço. Pouca interferência influenciaria nas transmissões e, para auxiliá-los, havia estações espaciais espalhadas pela órbita do décimo segundo planeta do sistema, um planeta-anão sem nome específico.

Os materiais bélicos, como naves de combate, armas e sistemas auxiliares, conheceram seu início na mesma época do desenvolvimento das sondas. Todo o conhecimento, antes usado exclusivamente para o bem-estar dos dragões, foi potencializado para a destruição do inimigo. A nave mais poderosa, onde um novo

mundo se construiria, teria um tamanho colossal. Com metade do tamanho do satélite natural de Dianvinst, apesar de estar longe de ter a mesma massa, a nave consumiria a maior parte do tempo dos dragões. Seu tamanho nunca fora imaginado antes, mas as apostas e as necessidades exigiam algo com essas medidas. Várias colônias nos satélites naturais do sexto planeta, o planeta Srun, voltaram suas indústrias para a construção da nave. Esta teria sua doca na órbita do planeta Srun. A extração de materiais provinha de dez destes satélites e as indústrias propriamente ditas, as que construiriam as peças pré-moldadas, estavam em vinte e cinco estações espaciais localizadas bem próximas às docas. As naves menores, que dariam o dinamismo necessário à guerra, podiam ser identificadas por três modelos. Um para cinco tripulantes, as *kofgtkas*, com maior poder de destruição. A segunda, a *kofgtti*, era para dois tripulantes e era tão mortal quanto à primeira, porém mais ágil. E a terceira, a nave de infantaria, conhecida como *kofgt*, para um tripulante, extremamente rápida e ágil, com um poder de destruição um pouco menor, mas tão mortal quanto às duas primeiras. As estimativas contavam com a construção de um bilhão destas pequenas naves. A própria nave principal, quando foi finalizada, teve a capacidade de construí-las para reposição.

A grande nave, a principal de todas, ao seu término teria a aparência de três globos unidos, descaracterizando um pouco suas formas arredondadas; na frente da nave, havia um entroncamento que lembrava uma tromba de elefante no formato quadrado e retorcido ao ventre da nave. De sua traseira, saíam os propulsores que dariam altíssima velocidade à nave. Dois objetos em forma de cilindros cercaram a nave dos dois lados, e propulsores existiam ali para melhor manipular a nave e manobrá-la com perfeição. Seu tamanho quase planetário exigiu o máximo de precisão possível. Em seu núcleo, houve o equivalente a cinco grandes cidades dos

dragões, onde todos residiriam em suas horas vagas e poderiam usufruir de certa normalidade. Uma grande entrada foi construída no ventre da nave, onde asteróides devidamente analisados eram recolhidos para a extração de materiais. Toda a indústria dos dragões existiu nesse novo mundo móvel. Como nômades espaciais, viveriam suas existências assim, até obterem sua sonhada vingança.

Havia, basicamente, cinco armas desenvolvidas pelos dragões. Estas, por sua vez, derivaram algumas outras, mas nada que fugisse muito do original. O potencial de reação em cadeia atômica testemunhada em Tidianvinst produziu a primeira delas. Uma bomba atômica muito semelhante à feita pelos humanos, porém dez mil vezes mais mortal e destrutiva que qualquer bomba produzida pela futura raça que habitaria o planeta Dianvinst. Essas pequenas usinas de destruição estavam acopladas em pequenas naves não tripuladas por motivos óbvios. Poderiam ser lançadas de qualquer distância e só detonariam ao atingirem seus objetivos. Um presente especial para seus algozes. Os *lasers*, antes usados somente na indústria e em sistemas de comunicação, foram elevados ao patamar de armas de guerra. O calor gerado por um feixe de *laser* era bastante eficiente nas simulações produzidas pelos sistemas computacionais. Com as informações obtidas com a amostra trazida por Janusty, esse desenvolvimento tornou-se possível. O nível mínimo de destruição era o equivalente ao de destruir uma criatura igual a que destruiu Tidianvinst. Os mais poderosos poderiam facilmente dividir um grande asteróide em dois. A terceira arma foi desenvolvida, a partir da radioatividade. Os dragões desenvolveram uma arma que produzia um projétil feito de plasma radioativo. Este saía de um canhão e, quando atingisse o alvo desejado, detonaria uma reação em cadeia pulverizando tudo à sua volta. Uma arma para patas habilidosas, pois não tinha a

precisão das bombas atômicas. Das indústrias e pesquisas da área química, os dragões desenvolveram um gel incendiário oxigenado. Produziria combustão mesmo na falta de oxigênio. Esse gel chegava a altas temperaturas, quase iguais aos da superfície do sol. Seria usado nos ataques direto ao planeta dos inimigos; poderiam facilmente torná-lo num sol artificial. Esse gel encontrava-se em cápsulas relativamente frágeis que, uma vez atiradas no alvo, detonavam a combustão logo após sua destruição.

Das quatro armas apresentadas aqui, nenhuma se comparava ao que foi desenvolvido nesta. Uma bomba-buraco negro. Esta, produto do mais sofisticado conhecimento em física, produzia um buraco negro artificial que sugaria tudo o que estava à sua volta. Por ser artificial, durava não mais que meia hora, mas era extremo seu poder de destruição. A arma mais temida pelos dragões, pois apesar de sua existência e da capacidade de manipulá-la, a situação poderia fugir do controle. Uma arma para situações extremas. Só em último caso seria usada. Contudo, não hesitariam em usá-la contra seus famigerados inimigos. Essas armas, por possuir propriedades profundamente perigosas, só seriam usadas pela grande nave principal, onde teriam armazenagem e proteção adequadas.

Não se faz guerra sem soldados. Não há guerra sem cérebros ativos. O preparo dos soldados desta guerra começara algum tempo depois do envio das sondas. Os sistemas computacionais simularam toda a capacidade de guerra das estruturas corpóreas dos dragões. Exercícios e técnicas foram desenvolvidos ao máximo. Havia o

treinamento simulando situações de todos os tipos imagináveis, e havia os implantes neurônicos, onde informações básicas eram fornecidas de forma simples para os cérebros dos soldados. Conforme a indústria e a demanda exigiam mais dragões, a reserva de dragões em estado de hibernação despertava de seus sonos profundos para servirem aos seus compatriotas. O pacífico e erudito dragão, aos poucos se tornava um guerreiro; um guerreiro moderno e mortífero. Os treinamentos eram ministrados em todos os pontos do sistema solar onde houvesse dragões disponíveis. Todos receberam treinamento e implantes. Cada dragão seria necessário para o combate que estaria por vir. Os que se destacavam no treinamento, seguiam para outros treinamentos mais específicos, formando grupos de guerreiros de elite. Estes receberiam comandos. A divisão dos dragões em termos militares seguia o próprio ritmo de suas vidas, ou seja, eram bem simples. Havia poucas patentes definidas, ou você comandava ou era comandado. O comando central com os dirigentes, um segundo patamar dos comandantes de campo e o terceiro com os soldados. Simples assim. Como era uma prática em desuso, a prática da guerra, os dragões usaram seu cotidiano como modelo para essa recriação.

No início do treinamento, Krueur alistou-se no exército dos dragões e começou em uma das primeiras turmas. Em sua curta jornada de vida, para os padrões de seu povo, havia estado em muitos lugares e em empregos diferentes para um jovem. Agora enfrentava, como muitos, mais um desafio em sua curta vida. O começo de tudo foi difícil, mas como Krueur era bastante jovem, adaptou-se bem à disciplina de um exército. Aprendera muito e já estava simulando vôos com naves de um tripulante. Sua última simulação foi a mais importante de sua inicial carreira como guerreiro, pois ali se destacara com honra e exímia habilidade. Já se destacara antes em todas as etapas do treinamento e o teste final definitivamente

abriu-lhe portas importantes. No dia da simulação, Krueur apresentava-se confiante, mas não demonstrava arrogância. Sua simplicidade e suas idéias não permitiam atitudes desse gabarito. Trajava o típico uniforme negro, ou armadura, onde teria proteção total. Este, diferente dos antigos trajes, fora desenvolvido para a guerra e fazia com que o desgaste físico do soldado fosse reduzido a quase zero. O comandante treinador, um robô que simulava um dragão de verdade, chegou até o grande grupo de mil dragões treinados e disse-lhes com sua voz artificial e tranqüila:

— Senhoras e senhores. Vamos executar nossa última simulação deste treinamento básico e nada mais justo que treinemos contra nossas próprias forças. Aqui temos mil simuladores de naves, uma para cada dragão neste recinto. Vocês serão divididos em dois grupos antagonistas e os vencedores poderão alçar vôos maiores em suas carreiras de guerreiros. Vocês receberão a cor correspondente de seus times. Coloquem-se em fila e boa sorte para vocês.

As filas andavam e os dragões recebiam suas cores correspondentes. Krueur ficou no grupo verde. Esse grupo disputaria a hegemonia contra o grupo marrom. Foi conduzido ao seu posto por robôs auxiliares onde o colocaram em seu simulador. Nada mais era que um simulado do assento da pequena nave e, quando o dragão acomodava-se nele, um visor simulando um *canopy* descia e encobria seu campo de visão. Um capacete que captava todos os comandos da nave desceu sobre a cabeça de Krueur. Esse capacete funcionava como o comando, tornando nave e piloto uma entidade

só. O piloto tornava-se o cérebro da nave e suas reações seriam as mesmas. As imagens do combate simulado deslumbravam qualquer um com seu realismo. Todos os detalhes estavam inseridos ali. Os componentes do grupo comunicavam-se entre si, mas só em seus respectivos grupos. Cada grupo tinha uma frequência diferente para não haver vazamento de estratégia.

A simulação começara e os grupos simulavam um combate de emboscada. O grupo verde seria surpreendido pelo grupo marrom. O início começou devagar, mas aos poucos ganhou força. Krueur, diferentemente da maioria, percebeu imediatamente pelos dados fornecidos pelas telemetrias da nave que havia algo estanho próximo a eles. Tentou comunicar sua conclusão aos seus companheiros.

—Amigos, aqui é Aerok. Há algo estranho nas coordenadas 15648 52987 32548. Precisamos verificar o que é isso. Vamos mandar um grupo para inspecionar e alertar a todos, caso seja o grupo marrom.

—Entendido. Um grupo de cinco naves já foi enviado, Aerok. Fique de prontidão — disse uma voz no comunicador.

—Já estou preparado. E recomendo que vocês também estejam —
Krueur ativou as armas disponíveis em sua pequena aeronave.

—São eles! Estão nos atacando! Vamos morrer! — e o grupo depois de avisá-los foi abatido imediatamente sem o menor tempo de reação. Os dragões derrotados eram conduzidos para fora dos simuladores e assistiam ao combate numa grande tela em recinto separado, ao lado da sala de simulação.

Como dois enxames de abelhas em direções opostas, os grupos entraram em conflito direto. Krueur, demonstrando inteligência e improviso, abatia todas as naves que cruzavam seu caminho. Assim que os grupos se desvencilhavam, Krueur seguiu seus adversários por trás e fez um ataque inesperado. Uma por uma as naves foram abatidas e o número de dragões ia diminuindo. Quando percebiam o ataque-surpresa e tentavam uma reação, Krueur girava sua nave em espiral para cima, confundindo seus adversários. Enquanto o grupo marrom se agrupava, Krueur colecionava mais abates ao seu histórico. Conseguiu o incrível número de duzentos abates. Todos do grupo verde foram abatidos depois de meia hora, menos Krueur e cinco componentes do grupo marrom. Com incríveis manobras em forma de oito, um por um, seus adversários foram abatidos, sobrando apenas Krueur como único sobrevivente.

—Parabéns, soldado Krueur. Você foi o único vencedor — disse uma voz no comunicador. No equilíbrio que fora o combate, Krueur se destacara irrefutavelmente.

Ao sair de seu simulador, foi aclamado por todos os seus companheiros de treinamento. O comandante-robô do grupo chegou perto de Krueur e convidou-o a acompanhá-lo. Os dois seguiram por um caminho, onde se encontrava o responsável pelo setor de treinamento. O responsável cumprimentou-o com um satisfatório elogio.

—Parabéns, meu jovem. Você terminou seu treinamento com louvor. Será indicado para o grupo de elite de nossos soldados. Prepare seus objetos pessoais, pois será transferido para o treinamento avançado, aqui mesmo no planeta Niiefgönst.

—Obrigado, senhor. Aproveitarei esta oportunidade dedicando-me ao máximo.

—Temos absoluta certeza que sim, jovem Krueur — disse o responsável pelo setor.

Krueur seguiu seu caminho. Recolheu seus pertences e seguiu para o treinamento avançado. Neste, conseguiu se destacar e tornou-se um dos soldados de elite mais bem treinados dos exércitos dos dragões. Mas sua verdadeira prova ainda estaria por vir. A futura guerra que iria travar com o inimigo ainda desconhecido naqueles tempos de início de corrida armamentista. Mesmo aprovado com louvor em seus treinamentos de duração de três anos, Krueur continuava seu treino intensamente, esperando a futura guerra.

A sonda 103 seguia seu curso pelo imenso universo, depois de vagar por 15 anos analisando os pontos determinados pelos dragões de suas estações no décimo segundo planeta do sistema. Seguiu um caminho complicado entre dobras naturais e velocidades astronômicas superiores à da luz; a nave-sonda distanciara-se três milhões de anos-luz do sistema solar. Seus sensores captaram algo diferente e resolveu seguir o caminho onde essa atividade suspeita originava-se. Quando observou o que encontrara, imediatamente enviou imagens e dados diretos para o sistema solar dos dragões. Essas imagens eram impressionantes. Um sistema inteiro de planetas dominados pela massa de tentáculos, os mesmos tentáculos que destruíram Tidianvinst, porém algo estava bem diferente do encontrado em Tidianvinst. Os tentáculos estavam fossilizados. Um mundo totalmente diferente do conhecido pelos dragões avistava-se naquela formação estranha. Como um arquipélago surgido de uma erupção vulcânica

submarina, aquilo era uma aberração naquela parte do universo. Todos os planetas estavam fundidos pelos tentáculos fossilizados transformando aquilo em uma massa gigantesca e única. Enquanto analisava o local, a sonda 103 foi interceptada por algo desconhecido. Imediatamente parou de transmitir e foi reduzida a partículas imperceptíveis a olho nu.

Na estação de recepção de dados das sondas, no décimo segundo planeta do sistema solar, as imagens e informações chegavam quase que instantaneamente. Os dragões sediados nessa base analisavam, com a ajuda dos sistemas computacionais, as informações novas transmitidas de todo o universo. As informações enviadas pela sonda 103 chamaram a atenção dos analistas. Depois de quinze anos buscando informações importantes para iniciarem sua esperada vingança, finalmente encontraram a peça que faltava neste misterioso quebra-cabeça. Olhos vidrados, o sangue gelava nas veias, e a emoção era totalmente incontrolável. Um turbilhão de sentimentos tomou conta dos participantes daquela estação. A notícia se espalhou rapidamente. Em três dias, todos no sistema solar já conheciam as novidades. Não sabiam se comemoravam ou lamentavam. Depois desses anos de espera, o sentimento de vingança começara a diminuir. Mas como o dragão não era uma espécie que voltava em suas idéias, não por qualquer motivo, mantiveram o sentimento de ódio para impulsionar a tão planejada guerra.

A construção da grande nave, a máquina final de guerra, encontrava-se com mais de 90% de sua estrutura pronta. Sua

concepção possuiu momentos de tentativa e erros. Nada daquele tipo fora construído antes. A demora consistia na complexidade do dispositivo bélico e com a situação de protótipo. Entretanto, os erros foram poucos, pois as simulações produziam condições quase perfeitas. Demoraria menos de um ano para seu término. Os dirigentes fizeram uma visita de inspeção e convidaram Tlüogodärami para juntar-se a eles. Tlüogodärami recebera o cargo de conselheiro, por seus méritos e por possuir o título com mais simbolismo da cultura dos dragões. Teria o mérito, ao qual sempre o teve não oficialmente, de interferir em qualquer assunto, expondo suas opiniões. Em seu transporte, os dirigentes admiravam o tamanho espantoso da espaçonave. Quem testemunhasse tal obra de engenharia, admitiria que quinze anos de construção fora um tempo curto para a confecção de uma máquina daquele porte. Ao se aproximarem, os três globos fundidos com a tromba de forma quadrada, e sua frente lembrando chifres fundidos de um antílope, desapareciam somente sendo vistas de longe. Aproximando-se, os detalhes eram mais nítidos. Armas, muitas armas, podiam ser vistas em suas laterais. Canhões de todos os tipos pontilhavam sua estrutura externa. Uma última linha de defesa caso seus outros sistemas de defesa falhassem. Da ponta da espécie de tromba retorcida havia uma entrada para aquele mundo à parte. O transporte dos dirigentes penetrou por ali. A entrada se fechara e podiam-se ver milhões de naves de guerra enfileiradas em vários hangares. Tudo possuía proporções monstruosas. Entraram por uma passagem onde túneis fortemente iluminados levariam ao núcleo da nave. O transporte acoplou-se em uma base presa a uma esteira de alta velocidade. Uma vez presa, começou a acelerar confortavelmente até atingir uma velocidade onde a paisagem externa já não se distinguia mais. Um leve tranco causado pela desaceleração indicava o fim da rápida viagem. Podia-se, conforme a base desacelerava, observar que havia milhares de esteiras daquele tipo, como faixas de uma rodovia psicodélica. No final do caminho, a bela cidade interna revelava todo o seu esplendor aos visitantes. Muitos robôs de todos os tipos trabalhavam intensamente para o término das obras. A própria cidade interna da

grande nave era um conceito totalmente novo para os dragões em termos de moradia. Em vez das labirínticas cidades tradicionais, onde a beleza se baseava em muitos casos na desarmonia de suas formas, esta demonstrou uma extrema organização; uma harmonia nos mínimos detalhes. Seu planejamento tornou-se visível ao primeiro contato das retinas dos visitantes. Corredores largos e construções belíssimas respeitavam os conceitos estéticos da cultura. Tudo absolutamente novo, contudo com ressonâncias em seu passado histórico e cultural. A nave se dirigiu para uma pequena torre, simbolizando as cidades destruídas no passado. Esse edifício seria o centro nervoso político deste mundo totalmente novo. Ali os comandantes, as estratégias e os dirigentes trabalhariam. O edifício fora decorado com os tradicionais baixos-relevos de base à ponta. Suas linhas perfeitas e simétricas davam o toque final. Totalmente negro, contrastava com os tons claros, quase brancos, do resto da cidade. Sua silhueta afilava-se chegando ao cume e era a construção mais alta da cidade interna. Todas as construções podiam ser vistas dali e perdia-se a vista total da cidade no horizonte de tão gigantesca e grandiosa que era.

O transporte sobrevoou as construções aproximando-se da torre negra, e diminuiu sua velocidade. Foi perdendo aos poucos altitude e atravessou em uma entrada especial. Os passageiros desembarcaram e foram direto para a futura sala de Vilters. Podia-se ver a mesma decoração existente em sua sala no planeta Niiefgönst. Muitos artefatos salvos de Tidianvinst existentes na antiga sala agora decoravam a sala nova. Os baixos-relevos de *krur* com os dois dragões lutando destacava-se naquele recinto. Sua antigüidade podia ser vista por olhos não treinados. Rústica, porém bela. Tlüogodärami acomodou-se em um assento e admirava a bela vista criada por seus contemporâneos.

- Não há dúvida de que esta espaçonave é uma façanha de engenharia, meu caro Vilters — disse o velho dragão. — Pena que seu propósito seja a destruição.

- Ora, Tlüogodärami. Não poderemos viver em paz enquanto tivermos essa mácula ameaçando-nos — disse Vilters. — Não entenda isso como produto para destruição, e sim como prevenção e um novo recomeço.

- Eu compreendo perfeitamente seu ponto de vista e de nossos compatriotas, meu caro Vilters — o semblante de Tlüogodärami emitia tranqüilidade. — Contudo, meu pensamento é público, preferia gastar nosso tempo com nossa própria reconstrução. Por outro lado, sei que tudo é uma questão de escolha, e como tudo na vida, há sempre a possibilidade de ser bem-sucedida.

- Honradíssimo Tlüogodärami, também não escondo um desejo, mesmo que mínimo, de viver em paz. Mas a escolha foi do inimigo

e não nossa. Eles desencadearam o processo. Agora devem arcar com as consequências de seu ato vil e cruel.

- E o que temos em relação ao inimigo, caro Vilters? — perguntou Tlüogodärami.

- Já está nas patas de nossos melhores especialistas. Eles têm uma civilização há três milhões de ciclos-luz de distância daqui. Se não fosse nosso conhecimento das dobras de espaço-tempo, nunca os encontraríamos. E pelo jeito não dominam esse conhecimento, pois teriam voltado com certeza para nos impor mais um flagelo.

- Agora que sabemos onde se escondem, quais são nossas prioridades?

—Vamos aguardar o término desta máquina. Testaremos-na e seguiremos nosso plano.

- E sobre meu pequeno plano de reserva? — Tlüogodärami encarava Vilters com seriedade.

- O conselho aprovou sua sugestão, Tlüogodärami. Um espaço já foi reservado no planeta Niiefgönst para este fim. Estamos construindo uma estação e a instalaremos no planeta Dianvinst. Não vejo a necessidade disso, mas o conselho aprova como recurso final. E não custará muito de nossos recursos, pois a base mais forte, no planeta Niiefgönst, já dispõe de toda a estrutura necessária.

- Sinto-me aliviado por isso. Não podemos deixar pequenos detalhes como estes despercebidos em função da grandiosidade das coisas. Isso, meu amigo, pode significar nossa sobrevivência.

- Não vamos perder. Seu excesso de zelo é apenas mais uma conveniência, meu amigo.

- Meu zelo é apenas mais uma garantia neste jogo da vida, Vilters -
Tlügödärami desviou seu olhar da bela vista oferecida pela grande
janela. — Mais uma garantia, Vilters.

- Não discordo totalmente. Não queria ser grosseiro, Tlügödärami.

- Não o foi, Vilters. Não se preocupe com nada.

E assim os dragões conversavam na iluminada e bela sala na torre
negra, torre esta que era como ébano reluzente destacado numa
cidade feita de marfim. Mais dirigentes chegavam à sala de Vilters
e os preparativos à guerra, o desencadear do processo, eram
orquestrados em seus mínimos detalhes.

Um ano se passou desde a recepção das informações da sonda 103. Os últimos dois meses foram de extremo movimento no sistema solar. Colônias inteiras deixadas sem viva alma tornaram-se regra no sistema solar. Todos migraram para a grande nave, batizada de Tidianvinst Ti, ou "Nova Tidianvinst", na tradução da língua dos dragões. Aos poucos os dragões se acomodavam ao seu novo estilo de vida. Tidianvinst Ti tornara-se seu novo "planeta", seu novo lar. Tlüogodärami preparou um plano de emergência que consistia numa simples solução em caso de catástrofe total da empreitada promovida por seu povo. Duas bases, com alguns voluntários em estado de hibernação, robôs e toda a estrutura necessária para recomeçar seriam instaladas em dois planetas do sistema solar. Uma seria colocada no planeta Dianvinst, berço dos dragões, seu planeta natal. A segunda base seria montada aproveitando-se da estrutura do planeta Niiefgönst, o mais desenvolvido após a catástrofe. Tlüogodärami encontrava-se nos últimos tempos entre os dois planetas, supervisionando pessoalmente os andamentos da construção das estruturas. Uma pequena usina alimentada com reservas de materiais construiria os robôs celulares para a manutenção das bases. Teoricamente essa manutenção seria praticamente eterna, pois os pequeninos robôs eram resistentes ao tempo. Tlüogodärami sobrevoava o planeta Dianvinst e ficava impressionado com a beleza do planeta que deu origem à sua raça. Este foi preservado e reconstruído para tornar-se reserva ambiental dos dragões. O berço de muitas vidas continuaria por milhões de anos, assim planejavam. Havia um respeito por parte dos dragões àquele planeta. Seus extensos oceanos, suas belas florestas, sua fauna exuberante, tudo despertava emoções a qualquer dragão felizado que pudesse testemunhar tamanha combinação de belezas naturais. A base localizava-se no largo oceano existente entre duas grandes massas de terra. Uma vez com as patas na base, Tlüogodärami fez a supervisão final. Conversara com o robô, seu cicerone na base.

- Falta mais alguma coisa?

- Não, senhor. Tudo está perfeito, como determinado — respondia a simpática máquina.

- Folgo em saber. Vou lacrar esta base com este sistema de segurança — Tlüogodãrami exibia uma placa em sua pata dianteira com tonalidade de *krur* e inscrições no alfabeto dos dragões, com dois dragões unidos, decorando-a. — Voltaremos em duas possíveis situações: ou em nossa possível vitória, para liberar nossos compatriotas aqui em estado vegetativo, ou no caso de uma possível derrota, pouco provável, onde poderemos recomeçar nossas vidas mais uma vez.

- Cuidaremos para que esteja à disposição quando vocês voltarem de sua jornada.

- Assim espero, meu amigo mecânico.

Tlüogodärami fechou a base e seguiu ao seu transporte. Emergindo da água salgada, a nave seguiu rumo ao planeta Niiefgönst, e Tlüogodärami supervisionou a base instalada nesta também. Com tudo pronto e devidamente fechado, seguiu para a nave Tidianvinst Ti. O sistema estava completamente esvaziado de dragões e só faltavam Tlüogodärami e sua pequena tripulação no transporte para completar esse vazio no sistema solar. Estes não tardaram em chegar a Tidianvinst Ti. Com a chegada deles, nada mais impedia a partida da grande máquina de guerra.

Naquele instante nada impediria a jornada dos dragões. Com um pouco mais de dois bilhões de soldados treinados e uma armada incrível, tentariam a sorte contra seus algozes e só o tempo determinaria o futuro dessa jornada. A escolha fora feita e a guerra começaria, inevitavelmente.

CAPÍTULO 13

CAMPO DE BATALHA

Mais um dia começava na nova cidade dos dragões. O movimento nas vias era intenso. Os dragões retomavam suas vidas da melhor forma possível. Suas mudanças haviam sido graves e a volta de algo semelhante ao seu anterior cotidiano trazia algum conforto para suas atormentadas cabeças. Krueur estabelecera-se na cidade e trabalhava diretamente para as forças armadas. Naquele dia, teria tempo suficiente para voltar a sua velha rotina anterior aos grandes acontecimentos da recente história dos dragões. O novo centro de estudos permitia a qualquer dragão adulto o ingresso livre e irrestrito aos seus conhecimentos. Muitas placas antigas de *krür* foram salvas da destruição e milhares de anos de conhecimento filosófico estavam registrados naqueles preciosos documentos armazenados nesse novo centro. Toda a história do pensamento dos dragões encontrava-se neles. Um privilégio, de certo ponto de vista, para qualquer dragão interessado no assunto.

No imenso arquivo, Krueur sentia-se feliz em manusear aquelas preciosidades produzidas por seus ancestrais. Era possível sentir o peso e os anos de conhecimentos contidos ali. Era como se fosse um vínculo físico com aqueles que já não estavam entre eles há muito tempo. No grande salão feito com o material branco existente em toda a cidade, o ambiente demonstrava todo o seu esplendor. Colunas retas espalhavam-se pelo salão com uma harmonização profundamente precisa. No alto da construção podiam-se ver os lugares onde as antigas placas estavam armazenadas. Centenas de robôs faziam ziguezagues entre as prateleiras, manuseando, conservando ou retirando as placas para aqueles que as solicitavam. A cor levemente bronzeada da liga de *krür* conferia um contraste belo ao branco da arquitetura. No patamar inferior, entre as colunas retas, ficavam os dragões concentrados em suas pesquisas e estudos. Havia muitos dragões naquele ambiente, contrastando com a situação um silêncio quase absoluto predominava no ar daquele centro de estudos muito bem iluminado. Quando um dragão dirigia-se a um robô responsável pelas placas, gesticulava suas palavras o mais baixo possível. Um robô ajudava Krueur trazendo os documentos relacionados por ele.

- Eu gostaria da placa do sábio Trunkerost, sobre a questão do Subconsciente: influência na vida real, número 2387 — recomendou quase sussurrando Krueur ao robô, enquanto observava a lista dos documentos.

- Será providenciado o mais rápido possível, Sr. Aerok — orientava a máquina.

Ao receber a antigüidade, Krueur debruçou-se nela, lendo-a com afinco. O velho hábito de ler com as patas há muito se perdera, pois a nova tecnologia de armazenagem de informações combinada com um recipiente transparente protetor que envolvia a placa não permitia este artifício de leitura existente há milhares de anos. Só os olhos naqueles tempos modernos faziam esse papel. A beleza daquele material, mesmo com artifícios para conservá-lo, não se perdia de jeito nenhum. A técnica artesanal de confecção das peças possuía um trabalho profundamente esmerado. Não parecia confeccionada por patas de dragão. Talvez a mais alta tecnologia presente em sua civilização não reproduzisse esse trabalho perfeito aos olhos dos dragões. Uma arte há muito perdida e apenas visível na herança deixada pelos antepassados. Mesmo não usando as técnicas antigas de leitura, Krueur com seus poucos anos de vida, para um dragão moderno, mergulhava nas palavras como se estas não existissem. Seus anos de estudo e pensamento possibilitavam tal habilidade. Podia quase ver imagens materializadas mediante ao som das palavras ditadas em seu cérebro. Cada palavra lida naquela placa despertava um turbilhão de idéias e era quase real. Ironicamente, a placa tratava de um assunto parecido. Os antigos filósofos gostavam de romancear seus textos, e pequenas histórias apareciam relatadas naquelas placas. O dragão experiente deveria interpretá-las para achar as chaves necessárias para sua real compreensão. Desprendido de sua exterioridade, Krueur

apresentava expressões faciais conforme seguia sua leitura; elas expressavam seus sentimentos e demonstravam um vínculo desenvolvido entre mente e corpo. Uma ligação sutil e pessoal com o mundo externo naqueles instantes de êxtase intelectual. Essa harmonia foi interrompida por um som diferente a tudo naquele mundo utópico. Um alarme bem conhecido daqueles cidadãos soava intensamente em todos os cantos possíveis da nave Tidianvinst Ti. Krueur despertou como se estivesse acordando de um bom sono e rapidamente dirigiu-se a um dos elevadores próximos ao centro de estudo. O robô, atento ao seu redor, imediatamente recolheu a placa, depositando-a em seu lugar original. O destino final de Krueur seria guiado pelo simbolismo existente no alarme. Aquilo era o alarme para se prepararem para o combate, e todo o cidadão morador daquela estrutura estava preparado para a iminente guerra. Krueur correu imediatamente a um elevador que o levasse para seu posto. Já naquele momento, como uma grande colméia atacada, muitos dragões haviam respondido ao chamado, congestionando os elevadores. Depois de algum tempo, ele embarcou em um dos elevadores disponíveis. O elevador expresso levava-o, e muitos outros dragões, à base de operações onde assumiria seu posto.

Tidianvinst Ti vagava por uma galáxia próxima à galáxia de sua origem. A grande nave de combate confeccionada pelos dragões errava exibindo sua beleza exótica por aquela região estrangeira. Ali havia um pequeno sistema solar com cinco planetas desabitados. Não havia vida naquele velho sistema e quando se diz vida é a de qualquer tipo. Nem uma simples bactéria vivia naquele lugar desolado. Com sua simplicidade, os dragões batizaram o pequeno sistema com o número 3496582 05, em que a primeira carreira de números representava a ordem de descoberta do sistema nas pesquisas, e a segunda carreira, a galáxia ao qual

pertencia o pequeno sistema solar. A grande nave rumava para seu campo de batalha e não havia sido testada na prática. O pequeno sistema solar serviria para os testes reais. Qualquer problema seria solucionado antes de um combate real. Não desejavam fracassar logo na primeira incursão ao mundo de seus inimigos. Os primeiros treinos reais começaram naquele sistema. Alarmes em tempos aleatórios eram soados ao preparo das equipes. Esse tipo de treino acontecia constantemente e não mantinha um padrão determinado. Outro treino era o de saída das pequenas naves. Os esquadrões formavam-se rapidamente e a grande nave servia como perímetro de defesa. As manobras e posições simulavam um ataque à grande nave e isso foi treinado uma vez ao dia, pelo menos, enquanto permaneceram no sistema 3496582 05. Os sistemas computacionais simulavam situações das mais diversas e os grupos seguiam as simulações treinando ao máximo a capacidade das naves. Um dos pequenos planetas desabitados servia de alvo para treino de artilharia. Os esquadrões simulavam como alvo inimigo e atacavam o pequeno planeta impiedosamente. Um enxame daquelas pequenas naves concebidas pelos dragões possuía um poder mortal para qualquer espécie. Depois dos sucessivos treinos, o planeta encontrava-se totalmente desfigurado, desprovido de suas características primitivas. Permaneceram nesse ritmo por seis meses. Tudo o que puderam imaginar de situações possíveis simularam naquele pequeno sistema. Sabiam que podiam vencer esta guerra e vingar suas perdas no passado. O último treino, especial na opinião dos dragões, utilizaria o poder bélico da grande nave. Os planetas ali presentes seriam destruídos e saberiam ao certo, de forma experimental, o poder que suas patas escamosas sustentavam naqueles tempos difíceis e drásticos.

Janusty tornara-se a comandante da nave Tidianvinst Ti por seus méritos e seu impecável histórico acumulado oriundo de seu

recente passado. O conselho de guerra ordenara o treino final onde seria testada ao máximo a capacidade destrutiva da grande nave dos dragões. O último alarme ouvido por Krueur, no centro de estudos, indicava exatamente esse treino derradeiro. Haveria um treino básico simulando um ataque com as naves menores, no final do ataque orquestrado pelas pequenas, todas recuariam imediatamente e o caminho ficaria livre para o ataque fulminante da gigantesca espaçonave. Janusty comandava de seu gabinete todas as operações. Estava interligada com todos os departamentos competentes e sua capacidade de liderança foi posta à prova nesse último treino.

Krueur se preparava no posto onde prestava serviço e rapidamente colocara sua vestimenta militar. Todos os que se submetiam aos serviços militares diretos usavam a roupa negra. Uma armadura completa que exercia uma proteção adequada para aquele que a utilizava, economizando e protegendo ao máximo a energia e o corpo do dragão guerreiro. Para sua surpresa, naquele dia, não trabalharia em uma nave individual.

– Krueur Aerok? — perguntava o dragão responsável pelos arranjos antes do combate.

– Sim, sou eu.

—Você foi designado para as unidades maiores Kofgtka. Seu posto será o de artilheiro, Aerok.

Krueur ficou levemente surpreso, mas aprendera que ordens não se discutiam e seguiu-a ao pé da letra, sem questionamentos. Sabia, por seus méritos, que um soldado de elite não exerceria funções aquém das que foi exaustivamente treinadas. As unidades maiores, ou unidades Kofgtka, chamadas assim pelos dragões, eram as naves tripuladas por cinco deles. A nave possuía mais poder de destruição que qualquer outra das naves pequenas. Possuía uma aparência simples, pois a nova indústria de guerra preocupava-se mais com eficiência do que com estética. Sua frente pontuda e reta diferenciava-se totalmente em relação à traseira, onde a nave apresentava robustez. Sua estética desajeitada e irregular escondia seu real poder de fogo. Podia carregar bombas nucleares com capacidade de destruição indescritíveis. Krueur treinara pouco com essas naves em comparação às pequenas de um só dragão, mas estava preparado para tudo. Não gostava, no fundo, de compartilhar a responsabilidade de sua própria vida a terceiros. Contudo, com uma guerra por vir, começava a acreditar que a confiança em seus pares tornava-se essencial naquela peculiar situação. Não havia alternativas naquele momento vivido por todos. Acomodou-se na posição designada e concentrou-se em sua tarefa. Naquele momento fazia parte de uma equipe e conhecia perfeitamente as conseqüências da má vontade de um componente no resultado geral do grupo.

Todos devidamente preparados, as naves menores saíram. Seguiram uma trajetória determinada e o planeta alvo começou a ser bombardeado com o poder de fogo das diminutas naves. Esse ataque modificou drasticamente a superfície apresentada momentos antes. Uma destruição total por assim dizer, daquele já castigado planeta, apresentava-se aos olhos dos analistas mais meticolosos, porém era só o começo. As naves, após essa manobra de ataque, retornaram ao perímetro mais seguro e mantiveram suas posições em defesa da nave Tidianvinst Ti. Nesse ínterim, Krueur com sua tripulação na Kofgtka preparava-se para ir com um grupo de mais quinhentas mil naves. As Kofgtka faziam a manobra em posição unida com as naves médias, Kofgtti, sendo as naves médias direcionadas à defesa do grupo das maiores e sua função secundária foi a de limpar a área de ataque de possíveis resistências do inimigo. Para evitar desperdícios, as naves Kofgtka atirariam, em seu total, cem bombas atômicas, mas a simulação ensaiaria o uso da capacidade total das bombas, ou seja, apenas algumas naves atirariam as bombas de modo aleatório. Nenhuma delas saberia ao certo se faria ou não o bombardeio real. Só o comando sabia quais naves efetuariam esse bombardeio. As cem bombas foram o suficiente para arruinar o planeta. Este explodiu cinco minutos após a última detonação. As naves, por sua vez, estavam longe o suficiente para não sofrerem danos com seu próprio poder bélico. A nave de Krueur não atirou realmente nenhuma bomba, mas os sistemas computacionais indicaram um tiro simulado com noventa e oito chances em cem de acerto. Como Krueur era o artilheiro designado, ficou satisfeito e aliviado por completar bem essa simulação. Sua tripulação fora excepcional também, aliviando um pouco a pressão da desconfiança inicial imaginada por Krueur. Receberam ordens para voltar e todas as naves se recolheram dentro da grande nave de guerra. Com o

planeta-alvo destruído, a Tidianvinst Ti manobrava para retirar-se daquele pequeno sistema solar. O comando calculava a melhor trajetória de retirada e este foi seguido à risca.

— Avise-me quando chegarmos a uma posição segura — disse Janusty a um de seus subordinados.

— Sim, Sra. comandante — disse o dragão.

— O que faremos agora, comandante Janusty? — perguntou Tlüogodärami, convidado pelos dirigentes a acompanhar a operação no comando da nave.

— Honorável Tlüogodärami, assim que estivermos a uma distância segura, vamos testar na prática o poder das bombas-buraco negro. Mas antes bombardearemos a área com nossas mais potentes bombas e limparemos o perímetro com as bombas-buraco negro.

—Será um espetáculo no mínimo interessante — disse Tlüogodärami sentindo-se preocupado. Destruição era algo novo no pensamento e na vida dos dragões; e destruição produzida por eles mesmos era algo mais novo ainda em seu cotidiano.

—Nosso objetivo é puramente experimental, Sr. Tlüogodärami. A grande verdade é que não sabemos ao certo qual é nosso poder real. Por mais que as máquinas simulem esse poder, algo tão novo não pode ser medido sem o subsídio do empirismo. Com este, podemos criar uma cultura da guerra.

—Ora, Tlüogodärami, não se preocupe — disse Vilters, também presente à sala de comando.

—Acho que transmiti algo errado ac meu pensamento, meus amigos — afirmou Tlüogodärami. — Não estou preocupado com nada. Só não estou acostumado, como todos aqui, a esse tipo de espetáculo.

A conversa entre a comandante e os ilustres dirigentes corria tranqüilamente até que o som da voz de um dragão ecoou pela sala, interrompendo bruscamente a amistosa conversa.

—Comandante Janusty, nós chegamos ao perímetro seguro — disse o dragão subordinado.

—Ótimo. Avise a todos os responsáveis para se prepararem ao ataque final.

—Sim, senhora.

Realmente a nave Tidianvinst Ti encontrava-se bem distante das fronteiras do sistema solar 3496582 05. O sistema, aquela distância, só era visível como um pequeno grupo de estrelas. A nave posicionou rapidamente sua frente em direção ao sistema.

Dentro dela, os dragões corriam ou para suas funções determinadas ou para monitores que davam uma visão daquele sistema solar. Janusty ordenou, assim que eles chegassem à posição correta, o envio das bombas nucleares de nível máximo. Em relação ao aproveitamento das reações nucleares, essas bombas eram o que havia de mais potente dos produtos derivados dessa tecnologia. Nenhuma bomba atômica feita pelo homem no século XX da era humana chegaria aos pés de tão poderosa e terrível arma. Essas bombas eram conduzidas em seus projéteis em forma de nave não tripulada. Detonariam somente na posição determinada pelo comando.

Vinte delas foram enviadas ao sistema e detonadas em pontos previamente determinados. Sua potência estava num patamar tão poderoso que uma delas seria muito mais poderosa que todas as cem bombas atiradas pelas unidades Kofgtka. Num piscar de olhos, pequenos sóis brotaram nas posições determinadas. A reação conforme se desenvolvia provocava o aumento dos sóis artificiais e estes se uniram numa forma disforme de energia, consumindo assim o pequeno sistema solar, privando o universo da presença natural daquele pequeno sistema. O que restou foi nada mais que poeira espacial espalhada aleatoriamente no vácuo e nem uma única estrela de nêutrons conseguiu se formar no antigo lugar do sol. O macabro espetáculo bélico foi assistido por bilhões de dragões com atenção e silêncio. O desconforto de um lado e a sensação de poder do outro eram antagonistas no pensamento de cada cidadão daquela nave bélica. A bomba-buraco negro foi enviada após a estabilização das poderosas bombas atômicas. A reação, assim que a bomba chegou ao centro do pequeno sistema solar, iniciou-se imediatamente. O buraco negro aumentava até torna-se provisoriamente estável. Todas as partículas existentes naquele lugar seguiam o rumo de sua extrema gravidade. A própria

nave Tidianvinst Ti sentiu o poder daquela gravidade, sendo arrastada para ela. Contudo, seus poderosos propulsores anularam o efeito com algum esforço. Os dragões na sala de comando ficaram assustados com tal poder. Só voltaram à tranqüilidade quando o efeito, após vinte minutos, cessou. Após descobrirem que tal poder só deveria ser usado em última instância e com distância muito longa do local de detonação, deram por encerrados os testes.

— Acredito que está mais que experimentado nosso poder de fogo — disse Vilters. — Sairemos agora rumo ao nosso objetivo, comandante Janusty?

— Certamente, Sr. Vilters. Vamos seguir o caminho de nosso destino final, ainda em velocidade lenta, e depois de tudo revisado, poderemos impor velocidade astronômica nesta nave — Janusty explicava da forma mais direta possível.

A nave Tidianvinst Ti vagou pelo espaço sideral por algum tempo, um pouco mais de um ciclo de Dianvinst, pois o trajeto foi seguido com muita cautela. Mesmo levando um ciclo, a viagem fora extremamente rápida, afinal, a distância era absurdamente longa. Nenhum dragão havia, até aquele momento, chegado tão longe no espaço. Três milhões de ciclos-luz seria um projeto posterior sem data fixa para esta civilização, mas os acontecimentos do passado

anteciparam o encontro dessa civilização com esta parte do universo.

Ao chegarem à fronteira de segurança, determinada pela sonda e os cálculos, todos os dragões da nave Tidianvinst Ti mantiveram-se alertas, pois a guerra estaria provavelmente para começar. Tlüogodärami argumentara, e isso foi relativamente bem aceito, que deveriam tentar antes de tudo, em nome de sua civilização avançada com mais de sete mil anos, um diálogo com aquelas supostas criaturas, e talvez conseguirem algum acordo, se fosse possível, para evitar qualquer tipo de catástrofe. A questão era como manifestar de forma universal o sentido de paz ou diálogo com aqueles ainda desconhecidos seres. Como seriam? Os acontecimentos em Tidianvinst não davam subsídios para conclusões absolutas. Longe disso. Por mais que estivessem preparados e desenvolvidos naquele momento, ainda andavam em zona obscura. No comando da nave todos os dirigentes e comandantes estavam reunidos para discutirem a melhor forma de contato.

— Esta suposta civilização, suposta porque sinceramente não posso afirmar com certeza se o são, deve ter alguma coisa em comum conosco apesar da distância e de mundos completamente diferentes que nos separam — argumentava Tlüogodärami. — Devemos encontrar um método simples e direto para tentarmos uma comunicação com eles. Nosso ódio e sede de vingança nos trouxeram até aqui, meus amigos. Mas sinto a necessidade de uma tentativa pacífica de nossa parte em respeito à nossa própria

civilização, fundada na paz e na construção de um mundo justo e próspero. Estaríamos contrariando os princípios que nos fundaram se ao menos não tentássemos algo mais ao estilo de nossa civilização.

– Não vejo como contrariá-lo, Tlüogodärami — disse Vilters. — Acho que também ninguém discorda de sua argumentação — todos faziam sinais de afirmação às palavras de Vilters. — Contudo, e faço de suas palavras as minhas: como faremos para nos comunicar com esse povo? Precisamos pensar e muito na melhor alternativa.

– Sabemos muito pouco de nossos algozes — Janusty começou a expor sua opinião. — O mais universal possível em termos de comunicação é a aproximação pacífica, sem reação a princípio. Dependendo do comportamento de nosso inimigo, poderemos evoluir na negociação. Não consigo ver nada mais universal do que a demonstração de contato pacífico. Qualquer outro símbolo íntimo nosso poderia não ser correspondido da maneira que o vemos.

– Também imaginei tática semelhante — comunicou Tlüogodärami. — Não vejo de outra maneira este primeiro contato. Se pudermos impedir uma guerra, acho que será válido, porém não devemos

mandar nenhum dragão para essa missão. Vamos mandar nossos robôs semelhantes a nós. Assim, depois desse contato inicial, poderemos assumir de onde os robôs começaram a futura diplomacia com os estrangeiros.

— Concordamos, então — afirmou Vilters que teve apoio total dos que participavam da reunião. — Comandante Janusty irá providenciar o pequeno comitê de contato com os estrangeiros.

— Vou mandar três naves do tipo Kofgtka, com quinze dragões artificiais. Elas estarão desarmadas como demonstração de nossa boa vontade — disse Janusty.

Como planejado, três naves partiram rumo ao gigantesco aglomerado de planetas disforme e profundamente bizarro aos olhos dos dragões. Os quinze robôs faziam as funções de uma tripulação comum àquelas naves. Seus tamanhos eram despercebidos em comparação à nave Tidianvinst Ti. O comando aguardava ansiosamente aos acontecimentos posteriores, e a inquietação no ambiente podia ser sentida por qualquer um presente. As naves seguiram cautelosamente até as proximidades do território inimigo. Como sua forma disforme era planamente distribuída, a massa do aglomerado de planetas não exercia força de gravidade proporcional a sua massa real. Se fosse uma massa

compacta, aquilo produziria uma gravidade altíssima. Os robôs monitoravam as proximidades durante seu percurso. Ao se aproximarem de uma parte do aglomerado, receberam a ordem de permanecer ali, pois estariam em uma posição segura e não ameaçadora. Mesmo parados, não deixavam de analisar a área onde se encontravam para verificarem a presença de alguma força estrangeira. Nada aparecia em seus dados. Tudo indicava uma solidão profunda, como se só eles estivessem ali esperando. Contudo, não desistiriam tão fácil. Por mais tempo que o estimado, as naves permaneceram na zona de segurança determinada enquanto esperavam algum tipo de contato. O comando estava quase desistindo dessa alternativa quando os sensores detectaram a aproximação de um objeto com tamanho adequado a uma espécie de nave. Esperaram mais dados para uma confirmação mais precisa. Os próximos dados indicavam um tamanho não muito diferente das Kofgtka e sua trajetória indicava um movimento artificial, demonstrando que era manipulada por alguém. Não mais que alguns instantes, a nave estrangeira encontrava-se diante das três naves dos dragões. Pouca distância separava os dois grupos. A nave ficou estacionada diante deles como se os observasse de modo traiçoeiro; lembrava uma cobra fingindo-se de morta, entretanto atenta a tudo, pronta para dar o bote.

A tecnologia estrangeira demonstrou ser profundamente estranha para os dragões. Aquela pequena nave possuía uma aparência nunca imaginada por qualquer um deles. Havia uma mescla de tecnologia sofisticada com uma mistura orgânica. O lado artificial era bem distinto do lado orgânico daquela nave. Como um polvo gigante, seus inúmeros tentáculos mantinham-se contraídos como um punho fechado, dando-lhe a aparência de um botão de rosa hediondo. Havia um brilho na parte orgânica como se aquilo transpirasse uma substância viscosa e transparente. Sua ponta,

uma espécie de boca nunca vista antes, mantinha contrações ritmadas como um relógio preciso e, no entanto, eram pouco percebidas em função de sua pífia magnitude. Um vulcão ainda em estágio inicial. Essa massa aparentemente orgânica repousava sobre a mais sofisticada tecnologia. Como um receptáculo feito sob medida, cobria a base da nave até sua parte traseira, onde poderosos propulsores se localizavam. Todo o engenho e a sofisticação tecnológica podiam ser observados naquela parte da espaçonave. A própria contradição encontrava-se resumida naquela tecnologia, assim pensaram muitos dragões. A nave continuava observando os visitantes como se não tivesse reação ou não visse coisa nenhuma à sua frente. Os dragões ficaram intrigados com aquela situação. Eles tentaram, de toda maneira, uma comunicação, todavia, nenhuma resposta vinha da parte antagônica. Os sistemas computacionais, quebrando o silêncio do inútil contato, indicavam o movimento de inúmeros objetos como aquele vindo na direção dos embaixadores e da nave Tidianvinst Ti. Imediatamente Janusty ordenou as manobras-padrão tanto ensaiadas naqueles anos de exílio. O velho e conhecido alarme soou por todos os cantos da nave Tidianvinst Ti. Os dragões ouviam no alarme o início daquilo há muitos anos planejado e refletido. Sabiam que a grande guerra, aquela onde seu futuro seria determinado, começaria naqueles instantes onde o som ecoava por todos os cantos.

As três naves Kofgtka receberam ordens para partirem imediatamente, retornando para a grande nave. Mal receberam a informação e a nave estrangeira, antes estacionada e inofensiva, seguiu em direção a eles. Sua velocidade significava um ato de agressão e aquilo que apenas indicava uma suposição tornou-se realidade. A nave atacou os diplomatas e de dentro daquela espécie de boca saiu em altíssima velocidade uma substância

altamente corrosiva. As três naves foram atingidas com precisão cirúrgica e em pouco tempo pararam de funcionar, consumindo-se naquela estranha reação química provocada. Aquele foi o exato instante do início de uma guerra de proporções nunca antes vistas entre duas espécies separadas por milhões de anos-luz.

As primeiras impressões indicavam a presença de uma civilização avançada. Os dragões teriam um trabalho duro nessa guerra, mas estavam dispostos a combatê-la a qualquer custo. Seu preparo os indicava para essa tarefa. Os acontecimentos do passado não poderiam ficar impunes ou poderiam voltar a acontecer; um ciclo vicioso se formaria entre essas civilizações quase desconhecidas uma para outra.

Krueur Aerok seguiu como qualquer componente daquela gigantesca nave à sua posição previamente indicada por inúmeros treinamentos. No tumulto dos acontecimentos, Krueur pegou sua velha conhecida Kofgt, onde obtivera tanto sucesso no passado. Contudo, agora a realidade era outra e poderia não voltar depois desse combate, afinal aquilo não era mais uma simulação. Um peso na consciência surgira naquele instante e o sentimento de medo começava a dominá-lo.

Rapidamente conseguiu achar um equilíbrio entre seus sentimentos para fazer aquilo que deveria ser feito. Obviamente seu medo não passou, pois o pensamento da futura morte o assombrava o tempo todo, entretanto sabia que se deixar dominar por aquilo só iria levá-lo mais rápido para o túmulo. Entre o temer e o acontecer, lutaria com todo o seu empenho para não concretizar seus piores pesadelos. Voltou ao seu cotidiano não permitindo sua derrota antes mesmo de começar o combate. Acomodado no tradicional assento dos dragões, onde o dragão posicionava-se como se fosse em uma motocicleta de corridas humana, observava atentamente os visores esperando autorização para sair em combate. Levas e levadas de naves eram liberadas. Havia um quase congestionamento naquele suposto tumulto, porém a situação transcorria conforme o ensaiado. Questões que exigiam velocidade davam a falsa impressão de caos, entretanto, tudo seguia o protocolo e não havia atrasos ou caos verdadeiros até o momento da saída de Krueur. O visor da pequena nave Kofgt indicava a preparação para o combate. Aerok preparou-se, fazendo os procedimentos-padrão. Verificava todas as armas disponíveis naquele dispositivo de guerra, "engatilhando-as" ao combate. Com a tensão à flor da pele, Krueur não desgrudava seus olhos da tela principal, esperando a autorização derradeira, onde seguiria para o *campo de batalha*. O reflexo alternado, como uma luz que pisca, de uma imagem sobre suas pupilas indicava o momento tão esperado e temido. A nave manobrava junto a milhares de outras, seguindo o caminho como um cardume de peixes nadando sobre um oceano nebuloso e turbulento. Aquela manobra inicial era relativamente lenta em comparação ao potencial da nave, contudo o procedimento não era muito demorado. Eles passavam pelo portão final rumo ao vácuo do espaço. Krueur estava entre eles. Guerreiros há muito treinados para aquele dia especial.

As naves estrangeiras seguiam o mesmo rumo iniciado pela primeira, no momento do contato com as naves designadas pelos dragões para a fracassada tentativa de diplomacia. A formação daquelas naves não estabelecia nenhuma estratégia a princípio. Sua desordem não estabelecia ainda uma informação precisa sobre possíveis formações de combate desenvolvido pelos estrangeiros. A única coisa observável neles estava na compactação que suas naves faziam, tornando aquela gigantesca quantidade de espaçonaves quase uma entidade única. Assim permaneceram até chegar ao seu alvo. Ao se aproximarem da contra-ofensiva dos dragões, a massa compacta de naves estrangeiras se espalhou, ampliando ainda mais seu campo de batalha. Demonstrando intenção de uma manobra de defesa, compactando-se, e uma manobra de ataque, dissipando-se. Krueur observava atentamente a manobra do inimigo, cada vez mais concentrado em sua missão, não permitindo mais que o medo o subjugasse. Com controle total de sua mente, o ataque começou. O choque de duas forças concebidas por duas civilizações foi inevitável. Os arsenais foram postos à prova. Um combate de proporções gigantescas foi desencadeado.

Krueur logo a princípio abatera duas naves com seus canhões de curto alcance. Como o combate era muito próximo, não convinha usar um poder de fogo maior, pois poderia ser catastrófico para ele próprio e os companheiros combatentes ao seu lado. Descobrira que elas não possuíam muita resistência, sucumbindo facilmente ao poder de fogo dos dragões. Contudo, Krueur observava que, apesar de não possuírem muita resistência, eram letais quando pegavam alguma nave de seus companheiros. Não deviam ser subestimadas e todo o cuidado era pouco naquele campo de batalha obscuro. Enquanto abatia mais algumas naves estrangeiras com alguma facilidade, os sensores detectaram duas naves perseguindo-o

perigosamente. Naquele momento a necessidade de decisões rápidas foi requisitada pelo problema. Rapidamente, Krueur solicitou ao sistema computacional uma trajetória onde pudesse sair do tumulto maior e levar seus perseguidores a um campo mais aberto. O sistema respondeu ao seu apelo demonstrando a trajetória mais adequada. Krueur confirmou o desejo de segui-la e assim o fez. As naves o perseguiam implacavelmente. Periodicamente tentavam atirar com suas armas corrosivas sem obter, contudo, o sucesso desejado. Krueur manobrava em ziguezague para despistar qualquer tentativa de atingi-lo com suas armas. Instantes depois a nave conseguira sair daquele campo congestionado seguindo caminho mais livre. Seus possíveis alvos continuavam a perseguição obstinadamente, tornando o caminho de Krueur perigosíssimo. Tentara manobras de todos os tipos, mas as duas naves alienígenas pareciam ler seus mais íntimos pensamentos. Seus canhões eram inúteis, pois, ao atirar, as naves desviavam facilmente com o privilégio do local oriundo do tiro estar no campo de visão dos próprios. Estava quase desistindo quando subitamente uma idéia passou-lhe pela mente. Seria altamente arriscado, mas poderia dar certo, afinal todas as manobras-padrão treinadas à exaustão não funcionaram até aquele momento. Krueur aos poucos abaixava a nave imperceptivelmente e numa manobra arriscadíssima parou literalmente sua pequena nave usando os propulsores dianteiros. Não sentira a brusca frenagem em função do sistema magnético que compensava tal efeito nocivo. As duas bizarras naves passaram em alta velocidade alta sobre a cabeça de Krueur, sem perceber a manobra a tempo. Rapidamente retomou o curso em sua anterior velocidade e agora perseguia seus rivais. Antes que uma delas escapulisse de seu campo de tiro, usou toda a potência de suas armas contra elas, aproveitando o campo aberto e sem outros companheiros. Sem perceber o que as atingira, as duas naves estrangeiras estavam totalmente destruídas, impossibilitadas de voltar ao combate. Com a raiva e a confiança característica dos guerreiros vitoriosos, Krueur voltou ao epicentro do combate, destruindo todas as naves que apareciam diante de si. A nave Tidianvinst Ti usava, também, seu poder de fogo para abater

algumas naves errantes que escapuliam da zona de combate. Casulos de sobrevivência seguiam caminho para a nave-mãe, escoltados por algumas naves Kofgtti e Kofgtka. Algumas horas depois, seguindo esse ritmo, o combate se encerrara com a vitória absoluta dos dragões. Na zona de combate, vários restos de naves de ambos os lados, tendendo infinitamente mais para o lado dos estrangeiros, vagavam pelo espaço infinito. Um alívio tomara conta de Krueur naqueles momentos de vitória. Seu treinamento demonstrara-se profundamente eficiente e a confiança crescera a partir daquele instante. Seguindo o caminho para casa, Krueur, ao pousar, avistou a empolgação e a festa promovida por seus conterrâneos. Aquele dia seria, desde já, de descanso e comemoração, pelo menos momentaneamente.

Janusty dialogava com os dirigentes sobre o sucesso da primeira empreitada. O ânimo estava em alta naquele recinto. As vozes juntas formavam um único som em frequência mediana, expressando literalmente o contentamento dos dragões ali presentes. Naquele instante os dragões batizaram seus inimigos com uma expressão de sua língua geral. Aquelas criaturas estrangeiras passaram a se chamar mocubrinles. Expressão esta que significava "criatura hostil estrangeira". Um silêncio tomou conta do recinto quando Janusty começou a falar.

– Nossa vitória hoje foi incontestável e destruimos completamente a força mandada por esses mocubrinles. A campanha aqui neste sistema deformado será curta mediante a prova irrefutável vista

hoje em batalha - os olhos de Janusty deixavam transparecer seu orgulho e confiança.

— Não há a menor dúvida, comandante — disse Vinters. — Nossa vitória é apenas o início de uma guerra vitoriosa. Apesar de estes móbiles serem sofisticados, não foi uma tarefa difícil de cumprir. Parabéns a todos os participantes dessa empreitada, e que mais vitórias venham e nos levem ao fim desta guerra com honra e dignidade — Vinters caminhava de um lado para o outro, encarando os ali presentes. Todos balançavam suas cabeças positivamente, concordando com as palavras do supremo dirigente. — Quais são as informações sobre a integridade da nave, comandante Janusty?

— Não sofremos absolutamente nada na nave-mãe — respondia prontamente Janusty. — Perdemos mil duzentos e cinquenta e três naves, sendo a maioria esmagadora do modelo Kofgt e infelizmente tivemos cento e vinte e uma baixas. Desde os acontecimentos no planeta Tidianvinst, nós não havíamos perdido tantas vidas.

— É lamentável — disse Vinters, demonstrando profundo pesar e sendo retribuído por seus pares com o mesmo sentimento. — Não deixemos essas vidas destruídas em vão, meus amigos. A melhor

forma de homenageá-los será com vitórias nesta guerra; e cada dragão presente nesta espaçonave não deve pensar diferente desta simples idéia. Acredito que se dermos nosso melhor, nada nos impedirá de chegarmos à sonhada vitória — todos, como que coreografados para uma peça teatral, concordavam com cada palavra proferida por Virtsers. Todos, menos um: o dragão com áurea simbólica mais importante nas mentes daquele sofrido e sofisticado povo. Num canto, obscurecido pelos ali presentes, Tlüogodärami observava seus companheiros, concentrado no que foi dito no movimentado recinto.

A cautela foi um princípio sempre utilizado por Tlüogodärami em suas reflexões. Apesar de compreender os princípios básicos fomentadores daquela guerra, sempre tivera um pé atrás em relação àquilo tudo. A situação em si era extremamente perigosa. Apesar do respeito obtido pessoalmente e por seu simbólico título, sofrerá o mesmo destino, guardadas as devidas proporções, do primeiro Tlüogodärami, sendo praticamente desprezado em suas colocações. Entretanto, sua presença era imposta por si mesmo nestas reuniões. Sabia que seus compatriotas estavam obcecados pela sede de vingança e enxergavam de forma limitada os perigos existentes naquela situação. Numa posição desconfortável desde o início daquilo tudo, colocara-se no papel de contestador para que o campo de visão daquela situação ampliasse o horizonte dos dragões. Como a maioria do que fora proposto por ele foi significativamente desprezada, não perdia mais seu tempo discutindo questões menores. Apenas tentava refletir sobre aquilo tudo observado por seus experientes olhos de dragão, pois, se algum dia a situação fosse coberta pelo manto da desgraça e do fracasso, poderia ajudar os seus sabendo exatamente quais as soluções para sanar antigos erros. A cegueira imposta pela arrogância dos dirigentes alimentava o silêncio de Tlüogodärami.

Antes uma figura respeitada em qualquer ambiente do mundo dos dragões, agora não passava de uma figura retrógrada e passiva, na opinião daqueles que tinham o poder, fazendo com que o silêncio fosse bem recebido pelos dirigentes.

A sonoridade da reunião foi quebrada pela presença de um jovem dragão militar que se dirigiu imediatamente, após sua entrada, ao encontro de Janusty. Comentou algumas coisas ao pé do ouvido e retirou-se imediatamente sem fazer a menor cerimônia, como se estivesse muito atarefado. Mediante a rápida saída do jovem dragão, Janusty comentou com Vilters as últimas novidades. Este não teve dúvidas e, não pensando duas vezes, compartilhou a notícia com todos ali presentes.

— Capturamos o que parece ser um dos mocubrinles. Finalmente saberemos o que são essas criaturas e poderemos aprender mais com sua bizarra tecnologia e suas verdadeiras intenções — falava empolgado com as possibilidades até então. Apesar dos ataques sofridos no passado, nenhum dragão havia tido contato com criaturas alienígenas na vida; seria um acontecimento fantástico se não fosse a condição terrível daqueles dias iniciais de guerra.

Os presentes na sala de Janusty, até mesmo Tlüogodärami, foram conduzidos até um local não acessível a todos naquela nave. Diante

de pequenas aberturas cobertas com superfícies transparentes reforçadas, havia uma sala de pesquisa com vários robôs especializados. Ali se encontrava uma das estruturas orgânicas com sua parte tecnológica totalmente destruída. A estrutura, semelhante a um botão de rosas fechado hediondo, enrugado e seco, encontrava-se centralizada no recinto especial, cercada por robôs prontos para executarem suas funções mediante as ordens dadas pelos dragões. Os dragões acomodaram-se, alguns nas pequenas escotilhas, outros observando uma tela onde imagens eram geradas mostrando todos os acontecimentos ali vividos naquele ambiente de pesquisa especial. Os robôs começaram a operação determinada e com bastante esforço e paciência, conseguiram abrir a estrutura. Uma criatura, com a metade do tamanho de um dragão mediano, saiu surpreendendo os que ali presenciavam tal operação. Nada os prepararam para o que viram. A criatura não se assemelhava em absoluto com nada visto por eles. Seu corpo totalmente desestruturado rastejava pela sala, não se distanciando da abertura forçada pelas máquinas. Sua pele enrugada lembrava a casca de uma árvore morta, porém demonstrou uma flexibilidade tremenda. Não aparentava possuir ossos, pois seus movimentos eram absolutamente livres. Contorcia-se como que sofrendo espasmos aleatórios e emitia um som perturbador sentido, até mesmo, fora do recinto mediante a vibração das superfícies transparentes. Os robôs tentavam uma aproximação e a consequência disso estava na retaliação provocada pelo ser estrangeiro. Rastejando, chacoalhava o que parecia uma cabeça de medusa, com tentáculos semelhantes a galhos secos. Na verdade, por não possuir uma constituição próxima das criaturas viventes em Dianvinst, não se podia definir o que era exatamente. Sua cor marrom-acinzentada começou a mudar como que refletindo a luz decomposta. Tons de azuis e vermelhos diversos, alternando com pretos, cinzas e brancos, provocavam um espetáculo à parte. Abismados com o que viam, os dragões alternavam seus olhos ora para as telas e escotilhas, ora para seus companheiros próximos.

O espetáculo alienígena perdeu seu encanto quando a criatura parou de emitir suas cores psicodélicas e rapidamente dirigiu-se para dentro do que restou da nave. Antes de entrar, pôde-se perceber uma espécie de órgão sensorial, parecido com uma mancha negra no centro dela, se era realmente o centro de uma criatura tão deformada. Uma reação química começou a acontecer diante dos olhos assustados daqueles espectadores. Um vapor branco começou e invadir toda a sala. Não havia mais imagens nítidas dos acontecimentos internos. Os robôs tentavam conter a reação, mas eram rapidamente destruídos. Seus membros mecânicos derretiam como que atacados por um ácido poderoso. Momentos depois do bizarro acontecimento, a fumaça branca foi substituída por uma explosão, e o que era branco tornou-se chamas. Uma fornalha de alta temperatura foi criada naquele recinto. Depois de breves momentos, tudo se extinguiu como se nada tivesse acontecido. A nave e o ser foram pulverizados, sobrando uma tentativa de cratera no local onde antes se encontravam. Cinzas denunciavam a existência de alguma coisa ali presente antes dos acontecimentos testemunhados pelos dragões, e nada mais. Os robôs estavam em precária situação, apesar de muitos ainda estarem operantes. O recinto de pesquisa sobreviveu não se rompendo, demonstrando a eficiência de sua estrutura reforçada. Ao levar à nave, os dragões temiam a existência de algum artefato bélico e sabiam que a sala resistiria bem, caso acontecesse algo semelhante ao que realmente aconteceu naquele recinto.

Virters refletiu sobre as possibilidades daquilo tudo. Estava com um tesouro em suas patas. Poderia ampliar seu poder se conquistassem aqueles mocubrinles. Como uma serpente venenosa, depositou seu veneno no imaginário dos outros dirigentes. Encontrava-se secretamente com cada um e expunha seu ponto de vista em relação às possibilidades daquela conquista. Todos os dirigentes se corromperam com o futuro poder. Tlüogodärami, obviamente, foi deixado de lado nesse assunto. Virters sabia que não conseguiria corrompê-lo. Secretamente sonhava com o futuro. Sua atitude pretensiosa e sua ganância deturpavam sua visão da realidade. Decidiu não atacar de imediato a massa disforme de planetas. Queria a todo custo que fosse mantido intacto. Conquistariam os mocubrinles e iniciariam uma nova era no universo, com os dragões reinando absolutos. Senhores do universo e ele, Virters, seria a autoridade máxima daqueles senhores.

Sessenta dias se passaram desde o primeiro combate e ainda havia esperança nos semblantes dos agora guerreiros dragões. Em termos de estratégia pouco evoluíram. O campo de batalha apresentava-se grande demais para ainda chegarem a um veredicto e um ataque final. Havia incursões dos estrangeiros em todos os dias daquela guerra longe de casa. A estagnação, contudo, não desanimava em nada os dragões. Não haviam acumulado sequer uma única derrota até aquele momento e a cautela era aceita como estratégia maior para a grande vitória, inevitável no consciente coletivo daqueles seres de Dianvinst e Tidianvinst. Aqueles combates diários desviavam uma boa parte dos recursos, por isso a estagnação. As poucas sondas enviadas para mapear e monitorar o conglomerado de planetas não conseguiam, até aquele momento, avançar muito no território do inimigo. Apesar de inúmeras informações obtidas nesses sessenta dias de Dianvinst, não eram absolutamente suficientes à construção de uma estratégia viável

para um ataque eficiente. Mas em relação a isso, até aquele momento, elaboravam planos para um maior sucesso da missão de exploração.

O sexagésimo dia de guerra guardou uma surpresa quase decisiva para aquele combate em seu todo. A rotina indicava pelo menos um ataque por dia dos estrangeiros. Em algumas ocasiões houve mais de um, mas no todo o padrão indicava um, sempre com o insucesso do inimigo. Aquele padrão tático repetitivo perdera totalmente o sentido para os dragões. Talvez não tivessem toda a capacidade de gerir uma guerra ou aquilo representava uma resistência fraca. Até quando poderiam mandar naves de ataque tornara-se uma incógnita, contudo não poderiam mandar para sempre. Muitos compartilhavam esse pensamento, e como o sucesso da defesa sempre fora eficiente, não estavam preocupados com aqueles ataques diários. Desviando totalmente de qualquer padrão, o sexagésimo dia quebrou rotinas recentemente adquiridas. O dia começara normalmente e os alarmes de preparação soaram para aqueles convocados para os combates do dia. Os dragões mantinham um rodízio bem variado, pois nunca precisavam usar suas forças totalmente. Um combatente comum não precisava lutar mais que uma vez a cada cinco dias. A comandante Janusty encontrava-se na área de monitoramento, onde centenas de dragões estavam enfileirados, monitorando seus sistemas computacionais. Nada poderia escapar despercebido diante da nave Tidianvinst Ti. Não diferente de outros momentos, durante o expediente de trabalho, o ataque foi identificado nos sistemas. Quebrando quaisquer expectativas repetidas, nada como aquilo fora detectado antes. O número de naves inimigas em direção à grande nave estava num patamar numérico ainda não calculado pelos sistemas computacionais. Mesmo não possuindo um número exato, a quantidade de naves visíveis pelos sistemas nunca fora observada

até aquele momento. Eram pelo menos mil vezes mais abundantes que os ataques anteriores e seguiam com velocidade maior que a padrão. Os avisos de perigo começavam a brilhar nos monitores dos dragões ali presentes; nada como aquilo era esperado ou sequer imaginado.

Krueur encontrava-se em sua base de comando, esperando o alarme. Fora escalado para pilotar sua Kofgt naquele dia. Encontrava-se entediado quando de súbito o alarme sonoro ressoou por todas as áreas habitadas na nave Tidianvinst Ti. Aquele específico alarme só fora ouvido em treinamento e logo seu coração disparou. O som possuía um significado bastante marcante, mesmo só ouvido em treinamento; o alarme significava a convocação de todos os soldados disponíveis. A defesa de hoje exigiria força total dos dragões. Krueur rapidamente correu para sua pequena nave e posicionou-se para o combate. Todos os dragões presentes fizeram o mesmo. Suas naves dirigiram-se em um comboio organizado, para um patamar geral, onde outras unidades encontravam-se reunidas. As liberações dessas unidades estavam adiantadas e não demorou muito para que Krueur e seus companheiros dragões fossem para suas posições de defesa no espaço. Nesse ínterim, Krueur aproveitou para se informar sobre os últimos acontecimentos. Buscou a frequência de seu comando e recebeu suas ordens. No pequeno monitor próximo aos seus olhos, procurava diagramas informando o que estava acontecendo. Ficou surpreso com a quantidade de naves alienígenas rumando em direção de Tidianvinst Ti. O dia definitivamente estava seguindo um rumo atípico. Krueur ouvia atentamente os diálogos vindos das frequências.

O Kofgts das unidades 2067 devem se posicionar nos pontos indicados nos sistemas computacionais. Confirmem pelo transmissor o entendimento — *KRUEUR, ENQUANTO OUVIA AS ORDENS, OBSERVAVA NO MONITOR AS COORDENADAS ENVIADAS PARA ELE.*

O Kofgt unidade 2067-550 confirmando a ordem — disse Krueur, respondendo ao pedido anterior. Logo em seguida recebeu a afirmação no monitor indicando que estava livre para seguir as coordenadas.

As naves do inimigo chegavam aos bilhões. De todas as posições imagináveis, aquelas naves apareciam atraídas pelo conflito; insetos atraídos pelo néctar precioso e necessário. Depois de sessenta dias, um novo comportamento do inimigo surgia diante dos olhos confusos dos guerreiros dragões. Os grandes aglomerados dissipavam-se tomando uma posição inédita até então. De qualquer lado existente na grande nave dos dragões, havia naves inimigas em grandes quantidades rumando naquelas respectivas direções. Krueur percebeu aos poucos que as pequenas naves Kofgts estavam formando um escudo protetor de naves envolvendo todos os lados da nave Tidianvinst Ti. Como um véu, as naves tentariam formar um escudo de defesa, uma linha de frente para eliminar a insurreição alienígena. Como não havia o suficiente para cobrir a nave toda, literalmente, a sensação, ao longe, era de uma névoa rala envolvendo a grande nave. Em poucos instantes, a

formação de defesa estava feita e restou aos dragões a amarga espera do ataque do inimigo.

Krueur não tirava os olhos de seus monitores e da escotilha existente na nave, alternando movimentos de sua cabeça para dar conta da pequena tarefa. Sua pata dianteira estava a postos com o dedo no gatilho para começar os tiros de defesa. Encontrava-se totalmente envolvido naquela função. A nave e Krueur, naqueles instantes de tensão, tornaram-se uma só entidade. Os sentidos mais primitivos despertaram naquele momento. Audição, visão, olfato e tato estavam mais ampliados do que nunca. Assim parecia na mente de Krueur. Não sabia se era por certo nervosismo ou se realmente aquilo estava acontecendo, mas no mínimo era assim que se sentia. Pronto para defender a si e seu povo contra aquele inédito ataque dos mocubrinles.

A espera terminou abruptamente. As naves mocubrinles começaram seus ataques em escala nunca antes vista. Seguiam em grupo, enquanto as naves dos dragões tentavam abater ao máximo seus inimigos. A barreira formada pelos dragões cumpria sua função, enquanto a grande massa de naves inimigas se afunilava mediante essa barreira imposta. Krueur nunca havia visto tantas naves juntas e batera de longe, logo nos primeiros minutos, seu recorde de naves abatidas. E o mais terrível era que não paravam de aparecer. Brotavam na frente de Krueur como água de uma nascente e não havia perspectivas de cessação daquele ataque. As poucas violações acontecidas eram estancadas, por assim dizer, com os tiros vindos da nave Tidianvinst Ti até um substituto conseguir

colocar-se na posição do companheiro abatido. Os sensores da grande nave apontavam, e esta informação chegou a todos os envolvidos no combate, que a grande parte da aglomeração estava na parte dianteira da Tidianvinst Ti. Tudo levava a crer que estavam interessados em atacar a parte onde havia a arma derradeira da nave. Os dragões se questionavam como sabiam daquilo se não havia contato direto, a não ser o combate entre aquelas duas entidades. Demonstravam ser um inimigo respeitável com inteligência ainda mais superior ao que os dragões imaginavam até aquele momento. Os dragões responderam com duas estratégias. A primeira, bem-sucedida, foi abrir caminho naquele caos e colocar uma frota de naves acima do turbilhão de naves e fazer um ataque por dois flancos. A segunda foi retirar uma quantidade de naves da parte traseira e reforçar a parede de naves na parte dianteira. O combate, anteriormente bem-sucedido aos dragões, começou a entrar num estado de equilíbrio. A maior parte do combate encontrava-se na parte dianteira e os dragões achavam que aquele ataque inimigo teria seu fim mediante apenas uma questão de tempo. A vitória dessa vez seria mais difícil, porém outro resultado não passava pela mente dos dragões.

No calor do combate, Krueur continuava em sua posição, combatendo o máximo que podia. Quando a concentração de mocubrinles passou a estar na parte dianteira, Krueur recebeu ordens imediatas para reforçar aquele flanco. Imediatamente rumou para as coordenadas estipuladas pelo comando, e o combate recomeçou tão intenso como antes. As naves apareciam aos milhões e cada vez mais estava difícil de abatê-las. Demonstravam padrões de manobras não vistas até então e o medo tomou conta de Krueur. Uma boa parte das naves foi obrigada a retirar-se de suas posições fixas para combater mediante a habilidade do inimigo. Não diferente de muitos, Krueur Aerok foi obrigado,

também, a sair de sua posição predeterminada para combater com mais eficiência. O combate livre trouxe mais eficiência, a princípio, para ele e os demais. Mas, ainda assim, o número de naves pertencente aos dragões era demasiado inferior. Krueur continuava combatendo como se aquela situação não tivesse fim. As naves os perseguiram e, durante o caminho congestionado, tentava abater o máximo possível. Conforme o tempo passava, essa eficiência tornou-se discutível. Seu rendimento não estava mais adequado, mediante o cansaço produzido pelo combate. Mas ainda assim seu espírito guerreiro não permitia desistir tão fácil de sua posição. Durante uma perseguição, depois de oito horas de combate ininterruptas, a nave de Krueur sofreu uma pane energética e seu sistema de defesa interrompeu o funcionamento constante. Não acreditara naquilo nos primeiros instantes, depois procurou consertar de alguma maneira aquela perigosa situação. Não obteve sucesso. De repente uma parte dos sistemas começou a funcionar e verificou uma carga baixíssima. A nave de Krueur, naqueles instantes de pane, fora atingida duas vezes, sem trazer-lhe muito prejuízo. Os sistemas apontavam, depois de sua volta parcial, a vinda de doze naves na direção de Krueur. Este, por sua vez, testou a eficiência de suas armas, não obtendo os resultados esperados. Ficou apreensivo mediante a situação e pensou rapidamente no que fazer. Suas armas não funcionavam e a nave estava seriamente sem energia. Calculou a distância para uma fuga para Tidianvinst Ti e começou o trajeto até ela.

Na fuga, Krueur sentiu a falta de rendimento de sua nave e estava quase impossível fugir de seus alvos. Quando chegou até um perímetro próximo à nave Tidianvinst Ti, fora atingido impiedosamente pelas naves inimigas. Numa fração de segundos, tempo não suficiente para piscar os olhos, apertou o gatilho de ejetar a cápsula de sobrevivência. Um segundo depois disso e teria

sucumbido com sua pequena nave. Rapidamente, a defesa da grande nave destruiu ou afastou seus perseguidores. Em estado de choque por seu quase falecimento, Krueur não conseguia refletir direito sobre o ocorrido. Sua cápsula rumava sofrivelmente para a nave-mãe, quando foi interceptada por uma nave-reboque, que estava rumando para a nave levando sua carga viva. Foi a primeira vez que perdera um combate e isso trouxe muito o que refletir sobre toda aquela situação.

Igual a Krueur, milhões de outros dragões sofreram do mesmo mal. As baixas também estavam em um patamar nunca antes visto desde os acontecimentos em seu querido planeta Tidianvinst. Mesmo assim o combate estava no auge de seu desenrolar. Quando os dragões acharam que estavam revertendo o quadro trágico daquela covardia numérica, o inimaginável aconteceu. Os sensores da grande nave Tidianvinst Ti alertaram ao comando e às naves dos dragões, a vinda de uma segunda leva de naves alienígenas tão numerosa como a primeira. Essa nova leva de naves seguiu em massa para a parte traseira da grande nave dos dragões. O comando tentou reagrupar suas naves, mas o combate existente na parte dianteira não permitiu um rearranjo eficiente. Muitos dos combatentes convocados estavam no calor do combate sem poder se preocupar com ordens, pois poderiam custar suas preciosas vidas. Bilhões de naves alienígenas não tiveram dificuldades de atravessar a enfraquecida parede formada pelas naves dos dragões. Os sistemas de defesa da nave Tidianvinst Ti começaram a funcionar alucinadamente. Um forte clarão formou-se mediante os tiros empreendidos pelos canhões de defesa. A parte dos propulsores começou a ser atingida pelos ataques e, rompendo qualquer barreira imposta ou defesa arquitetada pelos dragões, bilhões de naves alienígenas invadiram o sistema de propulsão. Muitas delas se chocaram diretamente com a nave, produzindo

explosões e a quantidade astronômica delas começou, depois de um árduo trabalho destrutivo, a aniquilar os propulsores da nave Tidianvinst Ti. A destruição foi incomensurável, deixando uma ferida profunda na maior obra de engenharia e tecnologia produzida pelos dragões.

Janusty em sua sala de comando foi rápida em convocar suas naves de volta. Precisariam de todos para tentar conter a enorme destruição provocada pelo inimigo. As armas da nave Tidianvinst Ti tentaram a todo custo suprir a falta de seus combatentes no campo de batalha. Quando a maioria voltou para a nave-mãe, numa atitude desesperada, ordenou o lançamento das armas mais poderosas dos dragões. Estas por sua vez localizavam-se na frente da nave. Três projéteis saíram dos canhões dianteiros. As naves mocubrinles, vendo a saída daqueles projéteis, seguiram com força máxima para atacar a já danificada frente da nave. Sem calcular os riscos, a atitude empreendida pelos dragões mostrou-se desastrada. As bombas detonaram próximas demais da nave Tidianvinst Ti e algo inimaginável aconteceu. Três buracos negros se formaram, e um foi sugado pelo outro até sobrar apenas um. A grande gravidade do fenômeno sugou tudo próximo. Naves dos dragões, naves dos mocubrinles, absolutamente tudo. A grande nave-mãe começou a ser sugada. Vários destroços da parte dianteira voavam para o buraco, desmanchando a bela obra de engenharia. Durante vinte minutos ficaram à mercê do fenômeno artificialmente criado, impotentes. Quando este finalmente terminou seu ciclo, uma massa astronomicamente densa e pequena tomou seu lugar. A parte dianteira ficou seriamente danificada, como carne em decomposição avançada. Contudo, a parte da frente da nave-mãe ficou livre de seus algozes a um custo extremado e desnecessário. Os dragões não esperavam um desfecho como esse.

Os danos foram gravíssimos e demoraria muito para serem reconstituídos em sua total plenitude.

Todos os dragões disponíveis seguiram rumo aos trabalhos de contenção das áreas destruídas. A área da parte traseira já fora hermeticamente fechada pelo sistema computacional e os dragões avaliariam os verdadeiros estragos, que a princípio eram muitos e graves. Todos os propulsores foram destruídos e muito oxigênio fora desperdiçado até todo o sistema isolar aquela parte da nave.

Virters imediatamente chamou Tlüogodärami e juntos dirigiram-se à sala de comando onde a comandante Janusty se encontrava.

— Bom os senhores terem chegado, temos muito que conversar — disse Janusty com expressões não muito cordiais.

— Quais foram os estragos, comandante? — perguntou Virters, também de forma direta e expressando preocupação.

– Não sabemos ao certo as extensões dessas destruições, mas sabemos que foram gravíssimas. Os acontecimentos deste dia podem ter nos custado a guerra, senhores.

– Não é possível, somos muito superiores que esta raça de infelizes - disse Vilters emocionalmente abalado.

– Sinceramente, dirigente Vilters, superiores ou não, tivemos uma terrível derrota hoje — disse Janusty ao abalado dirigente supremo.

– Ilustríssimo Tlüogodärami, diga algo que possa iluminar este período de trevas vivido por nós — Vilters olhava para Tlüogodärami reproduzindo um olhar exigindo esperança.

– Nossas atitudes foram arrogantes, meu caro Vilters. Agora só nos resta aceitar a derrota e tentar nos preparar o melhor possível para o tempo futuro — pronunciou-se Tlüogodärami surpreendentemente calmo naquele ambiente nervoso. —Vamos analisar aquilo que nos sobrou e fazer o melhor com isso.

– Sei que não o ouvi como deveria, ilustríssimo Tlüogodärami. Peço-lhe desculpas. Mas não posso acreditar nesta derrota. Conseguiremos sair desta, de alguma maneira.

– Aceite o preço de nossa arrogância, Vilters. E não disse que sairemos derrotados. Sobreviver a esta sucessão de erros torna-se uma vitória — Tlüogodärami caminhava encarando seus pares, ainda transmitindo calma.

– O que a senhora nos diz, comandante Janusty — perguntou Vilters.

– Não temos dados exatos, mas perdemos muitos dragões. Nosso arsenal de naves foi reduzido drasticamente e teremos de repor

isso o quanto antes. E o problema mais grave está na nave-mãe. Ela está totalmente ilhada neste sistema. Não podemos nos mexer até conseguirmos consertar totalmente os propulsores e, se me lembro bem, é a parte mais complexa da nave. No caso de destruição total, isso levará muito tempo.

— E sem o poder de locomoção, não poderemos suprir nossas necessidades de matérias-primas — completou Tlüogodärami aos demais.

— O quanto exploramos daquele asteróide capturado antes de virmos para o sistema dos alienígenas?

— Próximo de setenta por cento dele, Sr. Tlüogodärami — disse a comandante Janusty.

— Isso não é uma boa notícia — Vinters estava visivelmente decepcionado com a notícia.

– Não mesmo — pronunciou-se Tlüogodärami. — Teremos de fazer economia drástica de nossos recursos e tentar de todas as formas sobreviver a este período sombrio de nossas vidas.

– Isso não é justo, Tlüogodärami.

– Poderia não ser quando nosso planeta foi atacado pela primeira vez, mas este segundo período de trevas foi uma escolha nossa e daqui para a frente devemos consertar nossos erros.

– Entendo e me arrependo de não ouvi-lo.

– Não coloque todo o peso do mundo sobre suas costas, meu caro Vilters. Somos todos responsáveis. De agora em diante vamos procurar fazer o melhor para nosso povo e aceitar nossa momentânea derrota.

– Sim.

– Agora vou para meus aposentos para refletir um pouco sobre isto. Precisando de alguma coisa, me contatem — Tlüogodärami despediu-se de Janusty e Virters.

—Vamos nos reunir com todos os dirigentes e discutir a situação assim que tivermos dados mais consistentes — informou Virters. — Quando a comandante Janusty estiver com esses dados, informará a todos.

– Gostaria de recebê-los também, comandante — pediu educadamente Tlüogodärami.

– Enviarei o quanto antes, ilustríssimo.

– Vou refletir também sobre isso, Janusty, e quando estiver com mais dados, mande chamar-me imediatamente — disse Vilters, enquanto Tlüogodärami já se encontrava longe daquela conversa.

– O mais rápido que eu puder averiguar, dirigente.

Um período trágico apresentou-se para os dragões. Não era seu feitio fugir de suas responsabilidades e tentariam a todo custo consertar sua nave e fugir para quem sabe reconstruir mais uma vez sua extraordinária civilização. Tlüogodärami saiu da sala de comando extremamente pensativo e retirou-se aos seus aposentos para refletir sobre aquilo tudo. A seu ver, estava mais que na hora de impor energeticamente seu ponto de vista, alertando e freando os egos daqueles dragões não libertos das glórias passadas.

CAPÍTULO 14

EXTERMÍNIO?

Dois estrondos foram sentidos em toda a nave Tidianvinst Ti. Com alguma confusão relacionada a um sono inadequado, Krueur não sabia se ouvira mesmo os estrondos ou aquilo não passava de um sonho ruim. Naquela altura, pouco importava a real situação. Tudo estava perdido mesmo e muito em breve a guerra acabaria com o extermínio dos últimos dragões. Cinco anos se passaram desde a primeira derrota sofrida por eles. Aquela primeira derrota foi o início do fim. Durante esse período crítico da guerra, o inimigo usara sua força total, obtendo uma vitória esmagadora contra os dragões. A destruição do sistema de propulsores da nave e de boa parte dos canhões das armas mais poderosas deixaram os dragões numa situação perigosa e irreversível. Mas na época os dirigentes acreditaram e fizeram toda a população da nave acreditar na possibilidade da vitória. Como os estragos foram grandes, não houve recursos para restaurá-los devidamente. O inimigo, apesar

de enfraquecido, não deu um segundo de trégua durante esses longos e penosos cinco anos. Apesar de toda a economia promovida na nave Tidianvinst Ti, os recursos chegaram a patamares impraticáveis à empreitada desejada por aquela civilização.

Durante o período de contenção dos danos, os dragões se desgastaram muito nessa tarefa. O máximo que conseguiram para não deixar o contingente de soldados diminuto foi o simples isolamento das áreas destruídas. Depois disso, durante um ano mantiveram as defesas exemplarmente, mas a era de ouro daquela civilização havia sucumbido aos seus mais íntimos desejos. A decadência derradeira começou de fato após um ano da destruição dos propulsores e conseqüentemente a vida naquele ambiente artificial decaiu com o passar dos últimos quatro anos.

Virters e os outros dirigentes, aos poucos foram depostos nos quatro anos de decadência final. No caso específico de Virters, este cometera suicídio ao saber que suas pretensões não seriam concretizadas e não suportando a derrota, há muito tempo prevista por pouquíssimos dragões desprezados, não agüentou imaginar o que viria nos próximos anos. A anarquia e a divisão dentro da nave tomaram proporções só vistas antes da fundação daquela sociedade maravilhosa. A divisão tornou o que era apenas uma possibilidade em algo inevitável. Divididos, os dragões aceleraram sua derrota e as sutis engrenagens sociais para o bom funcionamento dos dragões desapareceram completamente, tornando-os irreconhecíveis desde então. Krueur ficara na facção do exército. Estes negociavam com os mineradores, industriais e o setor de

alimentos a defesa da estrutura. Apesar de considerar-se uma facção, o exército tinha suas rupturas internas. Milhões de divisões tornaram-se autônomas, tornando as manobras militares impraticáveis. Tudo estava perdido. Cada um por si. Quando muitos dragões morreram e a sanidade voltou ao consciente coletivo daquela sociedade, uma luz no fim do túnel surgiu para iluminar as trevas vividas por eles. Tlüogodärami promovera, como uma espécie de conciliador, a unificação daqueles últimos e sofridos dragões. Tornara-se o dirigente supremo daquela sociedade. A princípio não desejava este cargo, mas seu dever não permitiu outra atitude perante situação tão catastrófica. Adotou uma política primitiva, porém eficiente. Nos primórdios da civilização, onde os dragões não possuíam organização ao estilo moderno, seu sistema simples tornara-se eficiente. Tudo girava ao redor do líder e este governava com mão de ferro. Naqueles tempos de guerra e anarquia, onde os instintos mais primitivos afluíam nos dragões, medidas proporcionais faziam-se necessárias. Governando com mão de ferro, respeitando obviamente seus princípios filosóficos, Tlüogodärami conseguiu restabelecer a ordem na medida do possível. Aquilo só foi possível porque mesmo na mais profunda escuridão, onde o ato de sobreviver falava mais alto que qualquer princípio, a figura de Tlüogodärami continuava respeitada pelos dragões. Nasceram e cresceram aprendendo a respeitar aquela figura quase mitológica e seus representantes diretos na simbologia dos dragões. Mesmo o estado mais primitivo de vida não conseguiu apagar do consciente coletivo o significado de e o respeito atribuído a Tlüogodärami. Só este ser, carregado de simbolismo, conseguiria alterar a situação vivida.

Organizados novamente, conseguiram impedir a derrota derradeira. Adiam provisoriamente, pois o perigo externo continuava com sua força restabelecendo-se a cada dia. Naquele último ano os

velhos projetos de Tlüogodärami foram levados adiante. Seus mais brilhantes pensadores e cientistas se reuniram para tornar reais seus planos mais secretos. Esses planos foram mantidos em absoluto segredo por um ano inteiro e o momento certo chegou, quando um dragão não envolvido naquilo tomaria conhecimento daquela situação. Tlüogodärami chamou dois soldados a sua presença, para cumprirem suas ordens o mais rápido possível.

- Meus amigos, preciso de um grande favor — disse docemente Tlüogodärami para os dois jovens soldados. — Sejam discretos, é o que peço.

- O que o senhor desejar, ilustríssimo — respondeu um dos soldados.

- Na última contagem de vivos verifiquei a existência de um piloto de combate chamado Krueur Skli Aerok. Aqui estão as informações necessárias para localizá-lo. Tragam-no a mim o mais rápido possível e diga-lhe que o chamo à minha presença. Acredito que não se recusará, pois é um velho amigo.

- Sim, senhor! — responderam quase que num único som os dois soldados.

Seguindo as orientações fornecidas por Tlüogodärami, os dois jovens soldados seguiram seu rumo. Não seria difícil achá-lo, pois depois da derrota sofrida há cinco anos, a grande cidade existente no coração da nave estava completamente vazia e abandonada, servindo vez ou outra como fonte de matérias-primas necessárias à continuidade da guerra. A população sobrevivente estava alojada nos outros patamares da nave Tidianvinst Ti. Krueur possuía um alojamento perto da saída das naves de guerra; quando solicitado ao combate, estaria próximo de sua nave para exercer seu já frustrante trabalho. Ao ouvir os estrondos, Krueur depois de despertar de fato de seu perturbado sono, saiu automaticamente para seu posto de comando, onde esperava por ordens para entrar mais uma vez em combate. Ao chegar lá recebeu de seus superiores a notícia de que não haveria até aquele momento nenhum combate. Perguntara sobre os sons que ouvira e recebeu como resposta apenas a notícia de um ataque pequeno já controlado. Como o sono demoraria a voltar, resolveu ficar com seus companheiros conversando sobre banalidades, o tipo de assunto que faz a dor da realidade sumir por alguns instantes.

Os dois jovens soldados chegaram sem muito esforço até o alojamento indicado e descobriram que Krueur não estava lá. Começaram a perguntar sobre seu paradeiro aos transeuntes

presentes nos corredores, até que avistaram um dragão com símbolos de piloto estampados em seu uniforme negro. Este dragão informou-lhes que possivelmente o piloto Aerok estaria perto do comando dos pilotos de ataque, na plataforma cinco. Imediatamente munidos dessa informação seguiram o caminho indicado. Ali havia um grupo com aproximadamente quinze dragões em uma conversa descontraída. Podia-se ouvir o ressonar das risadas bem longe do ponto de origem. Um dos dragões da roda de conversa saiu dela e seguiu em direção aos soldados. Estes interceptaram o dragão desgarrado para mais informações.

- Salve, piloto! — cumprimentou um dos soldados. — Saberia informar-me sobre o paradeiro de Krueur Skli Aerok, também piloto?

- Os senhores vão encontrar a quem procuram ali naquele descontraído grupo de dragões — disse o amistoso guerreiro.

- Agradecemos a informação — fazendo uma reverência, o outro soldado agradeceu.

Não perderam tempo nenhum e rapidamente dirigiram-se ao barulhento grupo. Chegando lá o som de risadas e palavras deu lugar ao silêncio. Todos observavam os jovens soldados. Estes, por sua vez, não deixaram intimidar-se pelo silêncio repentino e perguntaram o mais diretamente possível aquilo que queriam saber.

- Procuramos por Krueur Skli Aerok. Algum de vocês é o Sr. Aerok?
— perguntou um dos jovens soldados.

- Então sua procura acabou — respondeu Krueur demonstrando cordialidade. — Eu sou Krueur Skli Aerok. Em que posso ser útil?

- Precisamos conversar em particular, Sr. Aerok. Viemos sob ordens do ilustríssimo Tlüogodärami - ao ouvir o nome de Tlüogodärami,

Krueur despertou em sua mente a lembrança do convívio com seu amigo e todas as situações presenciadas naqueles dias fatídicos. Afastaram-se do grupo para que pudessem conversar mais

intimamente. Krueur despediu-se de seus companheiros e seguiu com os dois jovens até um lugar mais reservado.

- Falem, por favor, falem — disse Krueur.

- Tlüogodärami pediu que o senhor nos acompanhe, pois deseja falar-lhe pessoalmente.

- E do que se trata esse assunto?

- Não sabemos. Só recebemos ordens para escoltá-lo até a presença do ilustríssimo — como não tinha nada a perder e sabia possuir uma marcante amizade com Tlüogodärami, não impôs resistência ao pedido do velho amigo, resolvendo ir com os dois soldados até seu destino derradeiro.

O caminho foi um pouco tumultuado por causa das contenções e economias. Muitos caminhos alternativos mais rápidos foram vetados para o fim de economizar energia e recursos. Mesmo assim não foi muito demorado e assim que chegou ao gabinete destinado ao dirigente supremo, Krueur foi anunciado pelos dois jovens dragões.

- Ilustríssimo Tlüogodärami? Trouxemos Krueur Aerok.

- Muito obrigado, meus jovens amigos. Faça-o entrar, por favor.

- Sim, ilustríssimo.

Escortado pelos dois soldados, Krueur adentrou no gabinete onde Tlüogodärami se encontrava. Muitos objetos de arte e cultura encontravam-se naquele ambiente. Muitas das antigas placas de *krür* adornavam as paredes, principalmente as placas ilustradas com belos desenhos. Muitas ele já havia visto nos arquivos da extinta cidade, dentro da nave. Ao avistar o famoso amigo, Krueur foi rapidamente ao encontro dele, fazendo um cumprimento mais

íntimo, cumprimento habitual daqueles que se conhecem há muito tempo.

Tlüogodärami correspondeu do mesmo jeito e seus olhos expressavam a mais profunda satisfação e esperança.

- Como vai, meu caro amigo Krueur?

—Vou bem, Sr.Tlüogodärami, na medida do possível. E o senhor?

- Também tento tornar a vida um pouco menos amarga, meu amigo. Venha por aqui e se acomode, pois precisaremos conversar — Tlüogodärami conduziu Krueur até um ambiente naquele grande gabinete onde poderiam se acomodar. Devidamente acomodados, a conversa seguiu um curso natural. — Qual é seu pensamento em relação a esta guerra, jovem Krueur?

- No começo concordei com a incursão e até me alistei para de alguma maneira ajudar nossos compatriotas, porém, com o passar dos anos, tornou-se uma verdadeira catástrofe. Isso mesmo antes de chegarmos ao combate real.

- Por que uma catástrofe, Krueur?

- Os riscos eram grandes e desnecessários, Sr. Tlüogodärami.

- O investimento foi maciço e não nos preparamos para o pior.

- Interessante! E por que não nos preparamos para esta situação?

- Fazendo uma análise de mim mesmo e de meus companheiros, pude verificar certa arrogância existente na idéia de vitória.

- Continue, por favor, continue — Tlüogodärami estimulava o jovem em seus pensamentos.

- Fomos, de certa forma, levados a acreditar que nossa vitória seria fácil, simples. Deixamos que nosso conhecimento acumulado produzisse a pretensão de deduzir, de prever tudo a nossa volta. Estávamos totalmente enganados. Infelizmente, nossa derrota está próxima. Seria uma lição valiosa se sobrevivêssemos a este holocausto.

- Talvez a lição seja de grande valia, meu caro Krueur.

- Mas como, Sr. Tlüogodärami, ainda acredita na vitória?

- Não exatamente, meu caro Krueur. Chegamos num patamar sem volta, infelizmente, porém nem tudo está perdido.

- Como assim? — Krueur questionava seu ilustre amigo.

- Durante estes anos todos, mesmo antes da guerra, na construção desta nave, refleti muito sobre tudo isso. Sabia desde o início da possibilidade de derrota. Ela sempre existiu por menor que fosse e nossa realidade atual corroborou essa idéia. Estávamos lidando com algo desconhecido, meu amigo. Como ter tanta certeza de uma vitória se não sabíamos ao certo com quem lidávamos? Um erro básico ocultado por nossa arrogância. Ainda temos a tecnologia para derrotá-los, mas com as condições atuais, com nossa economia destruída, não adianta nada estar munido dela. A verdade não é se seremos derrotados nesta guerra infeliz, mas quando seremos. Mas isso não quer dizer que seremos destruídos.

- Estamos ilhados aqui, Tlüogodärami. Sem uma vitória, como poderemos sobreviver? — Krueur prestava muita atenção ao seu interlocutor.

—Você chegou ao ponto crucial, meu amigo — com uma risada de satisfação, o semblante de Tlüogödärami exalava uma confiança contagiante.

- Ainda não consigo entender.

- Preste atenção, Krueur, ao que vou lhe dizer, pois você será uma peça importante neste sistema elaborado. Há alguns ciclos negocieei incessantemente com o dirigente Virtsers a construção de duas bases. Elas são cápsulas de sobrevivência para nossa espécie. Nelas estão contidos todos os nossos conhecimentos. Há alguns dragões em estado suspenso armazenados e uma infinidade de tecnologia pronta para desencadear nossa reconstrução, caso não fôssemos felizes nesta empreitada frustrada.

- E onde estão essas bases?

- Uma delas está em nosso planeta natal, Dianvinst; a segunda está no quarto planeta, exatamente nas profundezas de sua capital. Ambas estão aptas a fornecer o necessário para nossa

reconstrução. Não poupei esforços e diplomacia para chegar a este resultado.

- E como faremos para ativá-las? Pelo que sei a única nave capaz de chegar a Dianvinst seria esta, mas a destruição de nossos sistemas de propulsão a desabilita para essa tarefa. E nenhuma de nossas naves menores tem tecnologia suficiente para empreender uma viagem tão longa.

- Talvez você esteja enganado, jovem Krueur. Neste ano de trabalho como dirigente, fiz com que se construísse uma nave para levar apenas um dragão nela. Ela não tem a tecnologia de uma grande nave como esta, mas poderá ser útil em sua própria maneira. O navegante levará consigo um suplemento de medicamentos e tecnologia para viver por até um bilhão de ciclos, se for o caso. E em estado de suspensão, não sentiria o tempo longo de viagem. Infelizmente não conseguimos construir uma nave que possa alcançar velocidades astronômicas e que tivesse o tamanho certo. Não há matéria para isso. Pelo que pude averiguar a grande questão não é a velocidade em si, mas a conservação do piloto. O tamanho diminuto da espaçonave não permite um sistema de contenção dos efeitos de altas velocidades. Qualquer ser vivo sem este sistema morreria com as forças promovidas pela aceleração. Como disse anteriormente, faltam-nos recursos, e a tecnologia para manipular as matérias-primas que possuímos no momento não permite produzir a situação ideal, ou a nave ideal.

- Neste caso a tecnologia e a escassez não nos favorecem.

- Exatamente, Krueur. A viagem será longa para nosso piloto. Mas não vejo isso como um problema grave. Nosso silêncio por alguns milhares de anos poderá ser útil para nossa reconstrução e, quando estivermos realmente preparados, poderemos contra-atacar.

- Então cometeríamos o mesmo erro do passado, Tlüogodärami — Krueur olhava fixamente, sentindo-se um pouco decepcionado com o velho amigo.

- Lamentavelmente, não poderemos deixar passar isto em branco, Krueur. Quando procurávamos nosso inimigo, lançamos várias sondas para procurá-los. Uma delas esteve aqui e foi destruída, mandando antes disto as informações com que nos baseamos para enfrentá-los. A origem daquele corpo celeste veio exatamente daqui, confirmando nossos cálculos. Só que uma das sondas enviou-nos recentemente informações sobre nosso inimigo. Enquanto estávamos em guerra, elas vasculharam o universo e encontraram

a fonte original disto tudo. Este local não passa de uma colônia, Krueur — Tlüogodärami parecia preocupado.

- Como? — Krueur não acreditava nas palavras do ilustre dragão.

- Infelizmente não são boas notícias. Estas entidades funcionam como uma doença degenerativa. Crescem como um tumor, destruindo vários locais no universo. E tudo começa com aquele pequeno asteróide-ovo. A sonda descobriu o exato local, original, de onde tudo isso teria começado. E não é uma visão animadora. Se o aglomerado disforme de planetas a nossa frente parece gigantesco, o epicentro do império dessas criaturas é mil vezes, pelo menos, maior que esse local onde travamos guerra. Não é uma questão de escolha, Krueur. Isso pode se tornar perigoso e não teremos paz se algum dia o universo inteiro estiver dominado por essas entidades. Não correremos os mesmos riscos, pois desta vez conhecemos com quem lidamos e teremos de aprender a nos adaptar a isso. Nunca deixe de se informar sobre o inimigo e não o subestime. Teremos de elaborar estratégias e melhorar infinitamente nossas armas. Nossa força terá de sobrar para que possamos enfrentá-lo dignamente.

- Confesso que preferia não saber dessas informações, Tlüogodärami. Já escolheram o piloto para a nave ou fui chamado

aqui para indicar alguém? O que não faltam são pilotos com muita experiência em nossas tropas.

- Infelizmente não é tão simples assim, Krueur. O piloto da nave que salvará nossa civilização deve ter características especiais. Não basta simplesmente ter talento como piloto. O único capaz de entrar nas bases sem destruí-las deverá ser um Tlüogodärami. Estou muito velho para esta missão. Por isso fiz minha escolha, já faz algum tempo, do dragão que me substituirá. E uma de nossas funções no cargo de Tlüogodärami. Como sou dirigente, também, vou dar a esse dragão a incumbência de governar nosso povo. Um jovem sábio, com bom-senso e discernimento foi encontrado e este demonstrou ser mais sábio que muitos dragões detentores do poder, fora seu talento como piloto, que em cinco anos de guerra sobreviveu dando tudo de si para seu povo, mesmo não concordando com a situação em si.

- E quem seria este dragão? - Krueur demonstrava uma curiosidade inocente.

- E ainda este dragão demonstra modéstia, apesar de tantas qualidades. Meu escolhido é você, Krueur — levantando-se, Tlüogodärami colocou sua pata dianteira no ombro de Krueur, encorajando o jovem.

- Não posso aceitar, Tlüogodärami. Não sou capaz de executar tamanha tarefa.

- Muitas vezes não somos capazes de observar e entender nossos próprios talentos, Krueur. Vejo em você todas as qualificações para me substituir. E você verá que as tem tão logo assuma essa demanda. Tornar-se Tlüogodärami é a maior honraria de seu povo. Não a despreze.

- Não estou desprezando-a, longe disso. Só que fui pego de surpresa. Mas se o senhor consegue ver além de meus próprios olhos, quem sou eu para questioná-lo. Apesar de temeroso, aceito a incumbência.

Exatamente como se dará isso? — o sentido de dever não permitia Krueur negar suas ordens, porém escondia perfeitamente seus íntimos temores em relação a isso tudo. Um pensamento de fracasso não saía de sua mente.

- Ótimo, então. Apesar de a responsabilidade ser gigantesca, você entenderá rapidamente que é o único capaz de exercê-la, meu jovem amigo. Reflita um pouco. Darei a você algum tempo e depois entraremos em detalhes mais funcionais. Fique aqui e não saia. Vou trazer alguns dragões que saberão dar-lhe orientação mais adequada. Fique, descanse um pouco, coma alguma coisa e voltaremos a nos falar em breve — Tlüogodärami levantou-se e saiu do recinto. Foi até a sala anterior à sua e contatou alguns dragões pelos sistemas de comunicação.

Krueur levantou-se e não conseguia ficar quieto. Não acreditava naquilo tudo. Acostumara-se com a rotina da guerra e contava os dias até sua morte. Contudo, não poderia recusar um pedido de seu amigo, com quem aprendera muito em certo período de sua ainda jovem existência. Havia um recipiente com pedaços de carne processada seca; lembrara-se que seu estômago roncava implorando por algum alimento. Carne era um luxo existente para poucos naquela época de escassez. A ração diária, apesar de nutrir os soldados adequadamente, não tinha o fator da satisfação provocada por comida de verdade saboreada em papilas gustativas devidamente umedecidas por saliva. Não fez cerimônia e comeu com sofreguidão os pedaços de carne existente no recipiente. Um bem-estar tomou conta de si. Há muito não sentia isso, apesar de não ser carne pura. Mesmo assim o sabor estava lá. Voltou ao local onde começara sua conversa com Tlüogodärami e, acomodando-se ao modo dos dragões, deitado com a cauda envolvendo seu corpo como um muro que protege um castelo, pensou muito na nova vida

que levaria daquele instante em diante, aceitando, aos poucos, a nova realidade.

Cerca de uma hora depois, Tlüogodärami entrou com dois outros dragões. Apresentou-os como chefes de pesquisas que exerceram seu trabalho com maestria para a missão designada a Krueur.

- Como vão, meus amigos? — disse Krueur amigavelmente.

—Vamos bem, jovem Sr. Tlüogodärami — a resposta foi um pouco inusitada, pois Krueur acabara de saber de sua indicação e já era chamado pelo nome de Tlüogodärami.

- Jovem Krueur, farei com que cada dragão saiba da boa nova. Ainda está disposto? — perguntava o velho Tlüogodärami para Krueur.

- Não posso recusar sua proposta, Tlüogodärami. Faço-a por meu povo, não por decisão própria. Contudo exercerei a função como se a tivesse desejado desde tenra idade.

- Esta é a essência do dragão, jovem Krueur Tlüogodärami. O alicerce de nossa sociedade baseou-se exatamente no sentido de dever que cada dragão carrega consigo. Erramos no passado e talvez ainda cometamos algum erro no futuro, porém este sentido de dever para com toda a comunidade nos diferencia de qualquer espécie neste universo, sejam as conhecidas de nosso sistema solar, sejam quaisquer outras existentes neste vasto universo. Isso é nosso maior símbolo e tenho certeza que se no final só existir você de nosso povo, enquanto estiver vivo nossa essência também o estará.

Os cientistas explicaram a Krueur e Tlüogodärami todas as funções da nave preparada para levar Krueur numa longa jornada de tempo indeterminado até o ponto de origem da civilização dos dragões. O velho Tlüogodärami, após os detalhes expostos pelos cientistas, explicava a nova situação ao seu sucessor. Tentaram umas dez vezes simular a saída da nave e o cerco promovido pelos estrangeiros não permitia a eficiência desejada. Todas as tentativas foram verdadeiros fracassos e estavam procurando imaginar uma maneira segura de despachar a nave que traria esperança para a raça dos dragões. Tlüogodärami explicou o plano para Krueur.

—Você entrará na nave e será escoltado por nossos melhores pilotos com suas naves devidamente equipadas. Eles terão a tarefa de levá-lo até um patamar seguro, onde sua jornada começará. Quando estiver seguro, utilize o sistema de alta velocidade desenvolvido por nossos cientistas e, uma vez no ponto certo, desvencilhe-se do sistema e siga a trajetória determinada.

- Sim, eu o farei.

- Lembre-se de acionar o sistema de sobrevivência em altas velocidades. Ele é extremamente precário e não durará muito, somente o tempo suficiente para estar seguro. Não olhe para trás, jovem Tlügödärami. Precisamos que sua tarefa seja bem-sucedida. Lembre-se de que muitos se sacrificarão para o sucesso dessa jornada.

- Minha escolta será de quantas naves? — Krueur perguntou para se situar.

- Quinhentos dos nossos melhores soldados. Entretanto, não serão somente eles. Haverá muito mais. Planejamos um ataque ao inimigo e entraremos com força total. Enquanto estiverem distraídos, você e sua escolta seguirão para fora do alcance dessas criaturas bestiais. Precisamos apenas esperar o momento certo. Não tardará muito esse momento. Precisamos apenas esperá-lo um pouco.

- Entendo.

- Sua bagagem foi preparada. Levará consigo toda a nossa cultura, história, ciência e tecnologia e todos os códigos genéticos de nossa espécie. Também levará algumas de nossas placas de *krür* mais preciosas e antigas. Durante estes anos, nossos pesquisadores, engenheiros e cientistas desenvolveram inúmeros projetos. Desenvolva-os, pois poderão ser a diferença entre vitória e derrota. Não permita, caso haja uma segunda guerra, uma derrota baseada na arrogância. Procure desenvolver-se sempre. Busque estar um passo à frente de seu inimigo e não deixe a simplória vaidade desencadeada pela beleza e pelo poder que a tecnologia nos dá desviá-lo do caminho seguro. Saber dosar ousadia e cautela é uma dádiva rara.

- Farei o melhor possível.

- E quando estiver em apuros, lembre-se daquele jovem dragão que era muito sábio, porém não compreendido. Volte sempre ao básico quando a situação parecer impossível e recomece sempre, não subestimando a si mesmo e ao seu inimigo.

- Não se preocupe. Cumprirei meu papel com toda a dedicação possível — Krueur passava tranquilidade em suas atitudes. Parecia ter entendido logo de imediato sua nova função e não deixava a desejar no papel que lhe foi designado.

— Tome isso aqui, jovem Tlüogodärami — Tlüogodärami deu a Krueur uma pequena placa de *krür*. Ele observou atentamente aquele pequeno objeto bronzeado. Nunca havia na vida observado um trabalho tão esmerado. Pensara que não se fazia esse tipo de trabalho nos dias atuais.

- Belo objeto, Tlüogodärami — observava a placa que possuía, dentro de uma espécie de ovo estilizado, inscrições e símbolos representando a história de seu povo. Podia ver o nome das

dezessete nações e no centro duas cabeças de dragões, antagonistas, unidas pelo pescoço - Nunca vi uma placa tão bela.

- Esta é a chave para entrar nas bases. Somente o Tlüogodärami a possui. Proteja-a de todas as formas possíveis.

—Vou protegê-la.

Durante vinte e seis dias eles esperaram. Parecia um período de tempo infindável. O velho Tlüogodärami estava preparando as mentes dos dragões da grande nave, e seu sucessor tornara-se em pouquíssimo tempo conhecido. A semelhança psíquica com o velho Tlüogodärami deu a Krueur o carisma necessário para conquistar cada dragão vivente naquela nave espacial. A pequena nave de Krueur passou por inspeções constantes e sua preparação era repetida todos os dias, esperando a oportunidade exata para o sucesso da missão. Depois de vinte e seis dias a hora chegou e tudo estava pronto. Krueur trajava um uniforme novo. Sua

armadura negra era extremamente sofisticada. O formato seguia o padrão muscular de seu dono, dando-lhe linhas mais minimalistas. Possuía um capacete, mas antes de adentrar na nave, ainda não o vestira. O velho Tlüogodärami estava reunido no hangar com muitos dragões e esperavam o embarque de Krueur. Junto à nave, havia quinhentas outras com seus pilotos devidamente acomodados, esperando apenas que o novo Tlüogodärami decolasse. Krueur apareceu ao público, sendo ovacionado por eles. Ficou um pouco constrangido, pois não se acostumara aos protocolos inerentes de sua função. Cada dragão presente via na figura do novo Tlüogodärami esperança e sentiam nele a verdadeira figura de um líder. As associações com o passado sempre ajudavam a construir essa imagem, pois os antigos Tlüogodärami sempre ajudaram seus ancestrais de uma maneira ou de outra e não passava na mente daqueles esperançosos dragões a mínima possibilidade de fracasso empreendido por um Tlüogodärami, seja ele quem for.

- Meus amigos — disse o velho Tlüogodärami ao público presente —, nosso novo Tlüogodärami carrega consigo uma grande responsabilidade. Não vou demorar muito, mas devemos demonstrar nossa crença em sua jornada e desejarmos do fundo de nossas consciências que ele tenha o sucesso necessário. Agora nosso Tlüogodärami vai falar algumas palavras — Tlüogodärami cedeu o lugar a Krueur naquele momento.

- Dragões. Não tenho outra intenção a não ser o sucesso desta demanda a mim exigida. Abraço meu posto e a minha demanda

com a responsabilidade que sempre cultivei como dragão e cidadão. Nunca deixei de cumprir minhas responsabilidades e prometo não abandonamos, apesar de não saber ao certo quanto tempo esta viagem levará, seja qual for a situação. Eu voltarei e mesmo que não haja mais nenhum vestígio de nossa presença neste sistema deformado, honrarei a memória de cada dragão que já habitou esta nave e aos nossos mortos destruídos naquele dia fatídico no planeta Tidianvinst — depois dessas curtas palavras, mais uma vez Krueur foi ovacionado pelos dragões ali presentes. Com os protocolos cumpridos, avistou sua nave, para onde se dirigia. O velho Tlüogodärami acompanhou Krueur até ela. Olhando para o velho amigo, Krueur fez um cumprimento mais íntimo. Foi correspondido imediatamente, como se o velho Tlüogodärami fosse uma espécie de pai. — Diga-me, ilustríssimo, qual é seu verdadeiro nome? — Tlüogodärami se assustou levemente com a pergunta, pois havia muitos anos que não pronunciava seu nome verdadeiro.

- Meu verdadeiro nome é Suktus. Xajsed Oprust Suktus — respondeu Tlüogodärami ainda surpreso com a pergunta.

- Então até um dia, velho amigo Xajsed Oprust Suktus.

- Até um dia, Krueur Skli Aerok Tlüogodärami.

Uma ponta de flecha se assemelharia com a nave de Krueur. Toda em tons prata, havia quatro bolhas ovais negras bem abaixo da ponta e um estágio descartável anexado, onde o sistema de propulsão mais forte e o protetor de forças se encontravam. Adentrou na nave. Havia os painéis, todos ligados, um assento ao estilo dos dragões e uma câmara para a suspensão. O espaço era diminuto, porém não precisaria de muito.

Podia ver nos painéis as imagens dos dragões ainda observando a nave. Um aviso sonoro disparou avisando para todos se retirarem do recinto. Krueur se acomodou em seu assento para a decolagem. O sistema computacional acionou a nave e um suave barulho podia ser ouvido naquele hangar. As outras naves de escolta começaram seus procedimentos e todos começaram suas jornadas. Uma sinfonia de propulsores tomou conta do ambiente. Um grupo de naves saiu na frente enquanto a nave de Krueur levantou vôo e logo em seguida foi acompanhada do restante de sua escolta.

A saída da grande nave dos dragões correspondeu às expectativas, pois as outras pequenas naves de combate davam a devida cobertura, tornando o ambiente próximo razoavelmente tranquilo. Contudo, não duraria para sempre e a escolta conduziu a nave de Krueur pelo caminho ainda perigoso. Os transmissores emitiam uma

miscelânea de comunicados vindos das naves de combate. Usavam uma frequência exclusiva para não serem detectados, pois não sabiam até aquele momento se o inimigo utilizava sistema semelhante ou coisa parecida. Krueur ouvia atentamente às transmissões, orientando-se dos acontecimentos, pois nunca se encontrara naquela situação. Sua nave não possuía armas e sentia-se desprotegido, pois até aquele momento conduzira naves de combate devidamente armadas, em que o sucesso dependia exclusivamente dele — e entenda sucesso por sobrevivência. Apesar de o medo e do receio existirem, procurou confiar em sua escolta. Se a missão fracassasse, não haveria muito tempo de vida. Era tudo ou nada naquele momento.

A esquadra de naves começou sua jornada pelo lado oposto ao dos combates. Seguiu discretamente as linhas da superfície da nave Tidianvinst Ti até acharem que não seriam mais vistos. Pelos planos do velho Tlüogodärami, os dragões tentariam levar o combate exatamente para o lado oposto ao da fuga. Tudo acontecia como o planejado e as quinhentas naves mais a de Krueur afastavam-se aos poucos de sua nave-mãe. Quando Tidianvinst Ti não passava de um ponto luminoso nas escotilhas das naves em fuga, houve uma esperança coletiva de que tudo daria certo. Logo este sentimento coletivo foi desarmado, pois aquilo que temiam aconteceu. Os sistemas apontavam a vinda de naves estrangeiras. Ainda não se tinha o número exato, mas seguiriam o procedimento para essa situação. Krueur seguiria sua viagem até o ponto exato onde usaria o estágio para sair daquele sistema, escoltado por vinte e cinco naves, e o restante faria uma barreira de resistência para que a fuga fosse a mais amena possível.

O grupo se separou e, enquanto Krueur afastava-se, a resistência já sabia a exata quantidade de naves vinda para aquele lado. Eram exatamente, segundo os sistemas, mil e oito naves alienígenas. Um alívio tomou conta dos combatentes, pois aquilo demonstrava uma manobra-padrão alienígena. Apenas acreditaram numa separação do grupo de combate maior e seguiram seus parâmetros para destruir todos que estivessem naquele combate. Não perceberam que aquilo era uma fuga. Os sistemas da nave Tidianvinst Ti transmitiram aos combatentes uma varredura daquele lugar e não havia suspeitas de mais naves dirigindo-se para aquela área. Isso confirmava o que se imaginara anteriormente.

As quatrocentos e setenta e cinco naves foram de encontro aos seus inimigos e o combate começou. Aqueles combatentes escolhidos à risca honraram a confiança daqueles que os escolheram. As naves estrangeiras combateram de modo franco e aberto, num choque de frente com as naves dos dragões. No primeiro encontro muitos foram abatidos de ambos os lados e a balança pedia para os alienígenas, porém o equilíbrio foi estabelecido e o combate tornava-se duríssimo. Como uma seleção macabra, os fortes e mais aptos sobreviviam para empreender um combate mais demorado e técnico. As naves alternavam situações de ataque e defesa, até que apenas seis naves dos dragões sobraram contra apenas uma dos alienígenas. Os seis perseguiram o último sobrevivente e o destruíram numa manobra conjunta. Aquele combate tornara-se duríssimo, custando a vida dos melhores combatentes dos dragões, porém obtiveram a vitória

necessária para o bom funcionamento da missão. Seguiram seu rumo até reencontrarem Krueur e sua escolta.

Quando as seis naves se encontraram com as outras, Krueur lamentou a perda daquelas vidas e demonstrou via comunicador sua dor e seu lamento. Contudo, não perderam ainda o foco do que tinham que fazer e conseguiram chegar, depois de algumas horas, ao ponto determinado à partida de Krueur. A nave Tidianvinst Ti e o gigantesco aglomerado de planetas dos alienígenas já não eram visíveis a olho nu, eram apenas mais dois pontos minúsculos luminosos naquele vasto universo. Krueur tomara a iniciativa e se despediu de seus companheiros.

- Adeus, meus amigos, vocês contribuíram para que a esperança dos dragões não se extinga.

- Nós é que agradecemos por esta honra, ilustríssimo Tlüogodärami — *respondeu um dos combatentes.*

– Farei de tudo para não fracassar e eu voltarei, não sei ao certo quando, mas voltarei, e mudaremos esta situação algum dia, não permitindo que os dragões entrem no esquecimento da vasta história do universo.

– *Adeus, ilustríssimo* — respondeu outro combatente via comunicador.

– Até quem sabe algum dia.

Krueur esperou os combatentes seguirem o caminho de volta e quando não eram mais visíveis e a solidão tomou conta de seu ser, agiu conforme as instruções. Calculou a trajetória no sistema computacional e ativou os propulsores. A nave empreendeu uma velocidade astronômica e, apesar dos estabilizadores, Krueur podia sentir amavelmente a aceleração. Apesar de estar acostumado a esse tipo de sensação herdada de seus anos de combate, aquela era diferente, estava muito além daquilo que sentia anteriormente. Dois dias depois, Krueur não dormira absolutamente nada e se sentira totalmente enjoado. Aos poucos a nave foi desacelerando e seu precário estabilizador chegara ao seu período útil funcionando muito mal. Entretanto, apesar do mal-estar, Krueur sobrevivera e mais uma diminuta vitória somava-se às demais até aquele momento.

Sentia-se exausto e resolveu descansar por algum tempo. Depois que o cansaço e a náusea sumiram e a concentração voltou ao seu estado normal, Krueur preparou a nave para sua longa viagem. Ativou o sistema pré-programado e ativara a câmara de suspensão. A grande tampa abriu-se e Krueur imediatamente acomodou-se dentro da apertada estrutura. Havia ali dentro um encaixe perfeito com a armadura negra de Krueur, onde esta fazia parte, também, do equipamento. Uma leve pressão foi sentida em suas costas, como se a câmara se integrasse à armadura. Após alguns segundos sentiu seus olhos pesados e adormeceu em um sono pesado, onde a escuridão seria sua companheira naquela longa viagem. A nave se desconectou do estágio e seguiu seu longo percurso até o planeta Dianvinst.

Treze dias de Dianvinst se passaram desde que o novo Tlüogodärami seguira em sua missão. Para obter o sucesso, o velho Tlüogodärami não economizara em absolutamente nada. Conseqüentemente, gastara seus últimos recursos e não havia uma resistência aceitável para defender a nave Tidianvinst Ti. Já não havia em número suficiente naves de combate e seria suicídio tentar alguma coisa com elas. O velho Tlüogodärami determinou

naqueles dias derradeiros que todos deveriam aproveitar os momentos que lhes restavam para se desligarem daquela guerra, pois lamentavelmente já estava perdida. Algum pânico aconteceu, mas a crença no sucesso do novo Tlüogodärami em sua empreitada amenizou a situação. Os dragões tentaram restabelecer um pouco seus cotidianos há muito perdidos, entregando-se aos raros prazeres que ainda restavam naquela miséria toda. Os ataques estavam mais freqüentes e a resistência interna tornara-se cada vez mais ineficiente. Nestes treze dias, tentaram aproveitar ao máximo o que podiam. Os últimos canhões de defesa da nave Tidianvinst Ti foram destruídos completamente nos sucessivos ataques e a última linha de defesa externa sucumbira em sua própria decadência.

O velho Tlüogodärami encontrava-se em sua sala de onde ainda governava, quando recebeu a notícia dos poucos militares ainda na ativa.

– Senhor, nossas defesas não são suficientes para evitar a destruição da nave. O que devemos fazer? — disse um dos soldados encarregado de informar o infortúnio ao velho Tlüogodärami.

– Não há mais nada que possamos fazer. Façam o que melhor convier a vocês. Não há mais nada que os impeça. Eu libero todos e declaro extinta nossa pátria. E cada um por si neste momento — no momento mais crítico daquela situação, os soldados não esperavam que seu comandante tivesse esse tipo de reação. Contudo, sabiam que as alternativas coletivas eram nulas e acataram a ordem, um pouco decepcionados, e informaram aos últimos sobreviventes a total liberdade que desfrutariam a partir daquele momento. Fariam o que quisessem.

Alguns dragões tentaram fugir, mas foram interceptados pelo cerco de naves alienígenas. A quantidade delas igualava-se ao grande ataque de cinco anos atrás, onde o começo do fim dos dragões desencadeara-se. A desorganização foi generalizada. Alguns grupos de resistência aguardavam nos hangares, caso a nave fosse invadida, para impor alguma dificuldade ao inimigo. Não queriam vender suas vidas por um preço barato. Algumas naves dos dragões estavam pousadas com suas armas apontadas para as entradas da nave. Armas manuais foram distribuídas aos interessados na defesa. A maioria esperava em seus alojamentos, aguardando o fim de um modo mais sereno. Tlüogodärami encontrava-se ainda em seu gabinete e também preparou seu espírito para o pior: a morte.

Não havendo mais resistência externa na nave Tidianvinst Ti, as naves estrangeiras apertaram o cerco. Dividiram-se em dois grupos e uma delas invadiu, até certo ponto inesperadamente, a nave em suas entranhas. Quando estas chegaram aos hangares, encontraram a fraca resistência e, apesar de algumas delas

sucumbirem ao pequeno grupo de dragões, não tardou para cumprirem essa pequena etapa da invasão. Numa questão de instantes, os hangares ficaram repletos das naves alienígenas. O segundo grupo sobrevoava a parte externa da nave e atirou exatamente no ponto onde se encontrava um dos estabilizadores, onde uma de suas funções era o de prover gravidade artificial à nave. O mecanismo possuía um alto grau de sensibilidade e, sob fogo inimigo, rapidamente se desestabilizou. As tropas de alienígenas, com suas formas hediondas e seus mecanismos exóticos de locomoção, invadiram a nave acompanhados por artefatos bélicos indescritíveis aos olhos dos dragões. Faziam prisioneiros a cada ponto percorrido. Tlüogodärami encontrava-se desligado de tudo, foi acordado de seu transe por um estrondo e um tremor. Depois, mais alguns tremores e uma grande sacudidela o derrubaram. Caído no chão, acreditou por alguns instantes que o fim se aproximava muito rapidamente. Mas não foi isso que aconteceu. Sentindo-se um pouco nauseado, sentiu também, contraditoriamente, uma sensação de leveza. Quando se interou da realidade, percebeu que estava flutuando e observava muitos objetos seguindo essa mesma tendência. Percebera que os estabilizadores da nave haviam sido desativados e a falta da gravidade artificial proporcionou aquele momento novo. O velho Tlüogodärami abriu suas asas, coisa que não fazia há anos, e só assim conseguiu se locomover naquele hostil ambiente. Aproximou-se da porta e verificou o som de vozes. Abriu e viu muitos dragões usando do artifício de suas asas para locomoção. Contudo, suas jornadas tornaram-se curtíssimas. A nave em pouco tempo se infestou das criaturas estrangeiras. Seu aspecto bizarro provocava um medo incontável aos muitos dragões contemplados pela companhia nada desejada. Imediatamente, Tlüogodärami se afastou da porta e esperou no fundo de sua sala os próximos momentos.

Guindirs era um dragão naqueles tempos de guerra não muito envolvido com o ambiente bélico. Trabalhava na supervisão de uma fábrica de alimentos processados e naqueles últimos dias de guerra conseguiu aflorar o guerreiro existente em sua essência. Tomou a decisão de formar um dos grupos de resistência e liderou seus dragões até a chegada dos estrangeiros. Conseguiu com muito esforço retardar por alguns instantes a entrada daqueles indesejáveis, porém, como já se esperava, seu trabalho não durou muito. Depois de perder metade de seus dragões, foi identificado pelos alienígenas como o líder daquele grupo de resistência. *As criaturas pareciam todas iguais*, assim pensava Guindirs. Naquele tumulto de alienígenas surgiu um que aparentava ser diferente. Apesar de ser visivelmente da mesma espécie, possuía o dobro do tamanho dos outros, como se fosse mais velho ou algo assim. Guindirs foi levado à presença desse alienígena diferente. Podia-se ver que além de seu maior tamanho, possuía mais daqueles tentáculos estranhos como se fossem chifres longos e flexíveis. Um dos tentáculos segurou Guindirs pelo pescoço e, de dentro de um orifício existente na parte mecânica da criatura, podia-se ouvir palavras distinguíveis. A língua geral de Dianvinst, a língua usada pelos dragões há mais de sete mil anos estava sendo pronunciada por aquelas criaturas horrendas. Apesar de um sotaque desagradável, Guindirs entendia perfeitamente aquelas palavras.

— *Quem é o líder?*— perguntou o mocubrinle grande.

- Líder? — questionou-se Guindirs.

- *Quem é o líder?*— voltou a perguntar a criatura.

- Não sei!

- *Quem é o líder de vocês?* — desta vez a criatura demonstrou agressividade, apertando o pescoço de Guindirs. Em pânico, resolveu falar.

- Não possuímos líder, senhor, porém, nos últimos tempos, nosso povo é governado pelo ilustríssimo Tlüogodärami. Ele pode ser considerado nosso líder.

- *Onde está Tlüogodärami?*

- Eu não sei!

- *Onde Tlüogodärami está?*

- Eu juro que não sei! — neste momento sentiu seu pescoço mais do que nunca apertado. Sentia uma sensação estranha. Sua cabeça estava pesada e uma forte pressão tomava conta de si. Quase desmaiou, mas sentiu a normalidade voltar a si. A criatura continuava, contudo, segurando-o pelo pescoço. Tomado de um medo extremo, resolveu colaborar, pois só queria que aquilo tudo acabasse. — Não sei onde ele está, mas posso levá-los até o local onde costuma se encontrar.

- *Mostre o caminho.*

- Sim, senhor.

Guindirs mostrou o caminho até a sala de Tlüogodärami. As criaturas alienígenas não tiveram dificuldade em invadir a sala onde se encontrava Tlüogodärami. Guindirs foi levado e o alienígena grande entrou com outros alienígenas menores. Tlüogodärami olhava para eles com seus olhos transmitindo raiva por aquilo tudo. Indiferentes aos sentimentos transmitidos por Tlüogodärami, simplesmente o levaram junto aos outros dragões capturados. A guerra havia acabado. Os mocubrinles deram o xeque-mate nesta partida da vida.

Um clarão de luz fez com que as pupilas dos olhos amarelos de Krueur se contraíssem, formando apenas dois rasgos estreitos. Confuso, olhava para o teto de sua pequena nave, não compreendendo bem o que estava acontecendo. Conforme as horas passavam e sua força e consciência voltavam a um estado normalizado, Krueur entendia bem sua real situação. Percebeu que estava próximo de seu objetivo. Contudo guardava a sensação de o tempo não ter passado. Sentia-se como se tivesse fechado os olhos por um segundo e de repente abria-os novamente e sua missão chegara à um outro patamar. Não sentira o tempo passar, como se não tivesse dormido por nenhum momento. O cansaço e a estranheza que sentia denunciavam o contrário, mas, para sua mente, apesar dos efeitos físicos, o tempo não havia passado. Levantou-se e foi diretamente até o sistema de computação da nave para saber onde e quando exatamente estava naquele momento. Assustou-se com o tempo calculado pela nave. Quase onze milhões de ciclos se passaram, aproximadamente, desde os

acontecimentos da guerra que escapara com maestria. E estava a um dia de distância do planeta Dianvinst. Podia observá-lo de uma das escotilhas. Seu belíssimo tom azulado contrastava com as extensões de terra multicoloridas e o branco das nuvens formadas pelos vapores de água. Aquela bela visão do planeta natal de seu povo o emocionara profundamente. Sentia-se finalmente em casa, de alguma maneira, apesar de não ter nascido naquele planeta. Contudo, ali era o berço de sua civilização e ali reconstruiria a antiga glória de seu povo. Acomodou-se no assento e começou a trabalhar no pouso. A pequena nave não possuía muita energia, apenas o suficiente para um pouso suave no território do planeta. Ativou o sinal para que recebesse alguma resposta da estação descrita pelo velho Tlüogodärami. A própria nave há uns três dias havia feito a mesma tarefa, mas não recebera nenhuma resposta. Krueur estava preocupado, pois contava com a existência daquela estação. Aquilo era crucial para o sucesso da missão. O planeta era grande e talvez a estação ainda não tivesse recebido a mensagem enviada, assim pensava Krueur, o novo Tlüogodärami. No dia seguinte não recebeu nenhuma resposta e aquele momento tornou-se crítico. Tlüogodärami devia tomar uma decisão o mais rápido possível. Naquele momento não havia muita alternativa e resolveu pousar no planeta. Procurou o melhor lugar para pousar naquele momento, calculando com o sistema computacional. Procuraria a estação após se estabelecer no planeta Dianvinst. O sistema computacional traçou a melhor rota e começou a executar o pouso. Das escotilhas, Tlüogodärami podia ver as chamas formadas pela fricção da carenagem de sua espaçonave com a atmosfera de Dianvinst. Após alguns segundos, a luz avermelhada das chamas deu lugar ao escuro. Uma noite bela apresentava-se aos olhos de Tlüogodärami. A nave aos poucos desacelerava e nos visores podia-se ver o local do pouso. Um descampado cercado por algumas árvores foi o local determinado para o pouso ao norte do continente maior de Dianvinst. A nave finalmente se preparou para pousar e, quando o fez, Krueur sentiu que uma parte da missão havia se cumprido, porém muito ainda devia ser feito e cumpriria custe o que custasse.

Enquanto a nave esfriava, Tlüogodärami se preparava para descer e sentir novamente uma atmosfera amigável e natural. Algum tempo depois do pouso os sistemas computacionais alertaram Tlüogodärami de presenças próximas à nave. Verificou as pequenas criaturas, estranhando aquele evento. Nunca soubera da existência desse tipo de animal em seu planeta, mas como muito tempo se passara, pensou que devia ser alguma variação dos antigos animais existentes em Dianvinst. Resolveu sair e fazer contato com aquelas pequenas criaturas conterrâneas. Tlüogodärami saiu por uma das escotilhas negras e quando desceu da nave e colocou suas patas no solo, postou-se sobre as patas traseiras e imediatamente viu as criaturas. Realmente, nunca as havia visto ou tomado conhecimento sobre a espécie. Demonstavam alguma inteligência, pois logo percebeu que trajavam roupas feitas artificialmente, provavelmente confeccionadas por elas mesmas. Retirou seu capacete e sentiu o ar puro daquela região, rico em odores naturais, invadir seus pulmões. Há anos não experimentava essa sensação. A simplicidade dos atos básicos deu lugar à atenção despertada pelas criaturas. Tlüogodärami olhou-as e estas corresponderam a seus gestos. Deu uma gargalhada de satisfação e esboçou um sorriso, demonstrando atitude amistosa. As criaturas, ao olharem para o rosto de Tlüogodärami sem o capacete, ajoelharam-se mediante sua presença, como se vissem algo sagrado ou divino. Acontecia, ali, o primeiro contato de duas criaturas nascidas no mesmo planeta, com a mesma capacidade intelectual, mas separadas pelo tempo até aquele exato instante. Nascia uma parceria potencialmente promissora, mas ainda não sabiam disso. Tlüogodärami encontrou a tribo dos Li-Seugs.

CAPÍTULO 15

OBSCURIDADE REVELADA

Nos subterrâneos da mansão Li-Seug, na cidade do Rio de Janeiro, um encontro nunca imaginado pela maioria dos habitantes da Terra aconteceu nos alicerces daquela grandiosa construção. Ali, Andrew Carter ouvia com absoluta disposição o que seu interlocutor relatava. Palavra por palavra era registrada no subconsciente de Andy. Não sabia se a grande emoção ou o medo inconsciente produziam tal efeito, ou se era mera curiosidade, mas aquela situação inusitada e aquelas palavras pronunciadas pela voz metálica grudavam como que livres de futuro esquecimento. Seu campo visual não conseguia desvencilhar-se da face do dragão. Seus quase três metros de altura, com rosto bestial, chifres, pele escamosa e olhos amarelos penetrantes estavam marcados quase a fogo na mente de Carter. O fascínio e a curiosidade daquele dia mantinham-se vivos, ainda que estes já estivessem revelados. Toda aquela história fantástica parecia ficção científica ou coisa do

gênero. Nunca em seus mais terríveis delírios poderia imaginar algo tão desvencilhado do cotidiano humano. Contudo, sua visão da criatura e a certeza de estar totalmente lúcido causavam-lhe ainda alguma estranheza, mesmo sabendo que aquilo tudo, a princípio, consistia na mais completa realidade, nua e crua. Fantástica, sim, mas totalmente real. Seus anfitriões, os Li-Seugs, ouviam atentamente o relato do dragão, mesmo tendo experimentado inúmeras vezes as palavras proferidas por Tlüogodärami, prestavam atenção como se fosse a primeira vez. Talvez suas atenções não se focassem na história em si, e sim ao ouvinte atento. Tlüogodärami parou por alguns segundos, enquanto comia alguma coisa, olhou para um relógio digital perto de uma mesa e verificou que estava tarde, a noite já encobria o céu com seu manto negro, e achou que falara demasiadamente. Voltou ao diálogo com Carter, depois de mastigar e engolir o alimento.

— Dr. Carter, basicamente esta é minha história — disse Tlüogodärami enquanto acariciava Andarilho, o lobo negro que permanecia ao seu lado, ora mastigando alguma coisa dada por ele, ora olhando para Carter com seu olhar lupino de profunda tristeza.

— É inacreditável. Não que eu duvide da história, mas não esperava de nenhuma maneira tomar conhecimento de algo assim — argumentava Andy. — Acreditei que esta viagem só seria mais uma de negócios e o senhor há de convir que tais informações são surpreendentes, no mínimo.

– Peço desculpas, mas não havia outra maneira de convencê-lo, Dr. Carter. Pesquisamos sua vida e, pelos dados colhidos, a integridade é algo predominante em seu ser. Portanto, não trabalharia conosco caso não soubesse mais sobre nós — disse Tlüogodärami.

– Entendo. E depois de sua chegada ao nosso planeta, o que aconteceu? — perguntou Carter.

– Os Li-Seugs me adotaram; se posso dizer assim. Aprendi seu idioma e trocamos informações. Consegui sobreviver estes anos todos graças a eles, pois minha existência seria solitária e desastrosa, e ajudei no que pude essas pessoas maravilhosas. Minha gratidão é eterna. Confesso que houve momentos em que não acreditava ser possível retomar o projeto de reconstrução de minha civilização. Contudo, nos últimos duzentos anos da história da humanidade, um salto tecnológico pôde ser apreciado por meus velhos olhos. Percebi que a oportunidade havia chegado. Saímos do interior da China e construimos um império corporativo onde poderíamos desenvolver tecnologia e angariar recursos para levar tal projeto adiante. Fomos extremamente bem-sucedidos. Shoi e seu povo descendiam de um grupo de comerciantes e não foi difícil conseguir retomar sua antiga vocação.

– O que aconteceu com a nave? Pelo que entendi, ela desceu intacta ao nosso planeta — perguntou curioso Andy Carter.

– A nave entrou em colapso pouco tempo depois de meu pouso — explicava o dragão. — Ela foi construída de maneira precária, afinal, meu povo estava num momento de escassez. Ainda assim serviu-me bem. Somando-se a isso a idade que possuía, as peças deste jogo tornaram-se desfavoráveis. Ela talvez não tivesse dez milhões de anos, pois o tempo realmente é relativo, principalmente utilizando-se as passagens naturais das dobras espaciais, mas ainda assim andamos muito tempo e ela não conseguiu voltar à ativa.

– Esta nave ainda se encontra com vocês?

– Certamente. Ela é objeto de estudo há muitos anos. Contudo, nunca conseguimos reproduzi-la. Todavia, retiramos boas idéias dela e muito de seus dados foram preservados. Vou levá-los ao planeta Marte para decodificá-los com o equipamento presente

por lá — Tlüogodärami olhou mais uma vez para o relógio e voltou sua atenção a Shoi. — Acho que já conversamos em demasia por hoje. Amanhã falaremos mais e acredito que o Dr. Carter precise se alimentar e descansar. Afinal, é muita novidade para assimilar em tão pouco tempo. Meu caro amigo Shoi: leve-o para jantar e descansem, pois teremos muito para conversar e negociar.

– Sim, Tlüogodärami. Iremos imediatamente.

Todos os presentes se levantaram e cumprimentos de "boa-noite" foram trocados. Carter apertou a pata de Tlüogodärami com o tradicional cumprimento humano e foi correspondido cortesmente pelo dragão. Sentiu a força daquela pata, apesar da delicadeza imposta por Tlüogodärami no ato em si, e não só o potencial de sua força física como a força da sabedoria de uma criatura tão antiga e vivida. Surgia o início de uma grande amizade, assim sentia Carter. Cruzaram o corredor escuro e saíram na passagem do escritório da mansão. Shoi sugeriu a Carter que, se fosse de sua vontade, poderia ir ao seu aposento e fazer sua refeição por lá. Carter aceitou de bom grado, pois começara a relaxar após o contato com Tlüogodärami e o cansaço físico e a fome começaram a tomar conta de sua fisiologia. Não sentira o tempo passar durante o contato com o dragão. Após chegar ao seu quarto, recebera sua refeição trazida pelo Sr. Oliveira. Comeu com sofreguidão e deitou-se imediatamente, perturbado pelos pensamentos adquiridos durante este dia inusitado. Depois de uma hora pensando, rendeu-se ao mais profundo sono e, como que transportado, acordou com os raios do sol em sua face, indicando a aurora do novo dia.

Andy desceu e foi recepcionado pelos Li-Seugs com a mesa do café da manhã posta. Tomou seu desjejum e logo depois foi conduzido por Shoi ao local onde Tlüogodärami se encontrava costumeiramente.

– Bom dia, meu caro doutor. Como passou a noite? — dirigiu-se o dragão a Carter.

– Bom dia, Tlüogodärami. Apesar do dia fantástico, não tive problemas para uma boa noite de sono.

– Hoje faremos ótimos negócios, Dr. Carter — Shoi esboçava um sorriso cordial.

– Com absoluta certeza — reafirmava Tlüogodärami.

No refúgio onde Tlüogodärami se ocultava do resto da humanidade, havia uma extensa biblioteca. Livros espalhados por toda a parte e arrumados de diversas maneiras. Havia livros organizados em estantes de madeira maciça ricamente entalhada e escurecida pelo tempo. Os volumes se alternavam ora para belíssimos e antigos volumes ricamente encadernados, ora para brochuras envelhecidas. Contudo, sentia-se que cada peça da extensa biblioteca era admirada igualmente por seu dedicado dono. Outros volumes, diversos também, encontravam-se empilhados como que muito estudados, com diversas marcações que lembravam cabelos de papel brotando daquelas junções de folhas prensadas. A maior parte das pilhas de livros estava próxima a uma espécie de mesa adaptada onde visivelmente fora projetada para um ser desprovido de uma corriqueira anatomia humana poder utilizá-la funcionalmente e com o devido conforto. Ao centro da biblioteca, duas poltronas do tipo Barcelona, forro negro contrastando com o aço inox de sua estrutura, encontravam-se sobre um rico e antiquíssimo tapete persa tecido com a mais macia e nobre lã de ovelhas. Posicionadas como se fossem assentos de um espetáculo, tinham a maior parte do tapete como palco. Tlüogodärami conduziu Shoi e Carter às poltronas, acomodando-os nelas sem muito esforço. Por sua vez, Tlüogodärami posicionou-se deitado, ao modo dos dragões, com suas patas para a frente. Sua cauda circulava seu corpo e a ponta encontrava-se quase com suas patas dianteiras e seu pescoço mantinha-se ereto, com seu olhar penetrante não desviando um segundo sequer de seus interlocutores.

– Bom, Dr. Carter. Seu projeto *Black Mustang 03A* serve muito bem ao nosso propósito — disse Shoi tentando iniciar a conversa.

– Meus compatriotas, Dr. Carter, principalmente o grande Tlüogodärami, meu antecessor, propôs aos líderes de meu povo a condução de um projeto como reserva em caso de emergência. Apesar de os dragões daquela época terem ficado cegos pela sede de vingança e arrogância oriunda de nossa avançada e quase perfeita sociedade, pelo menos era o pensamento corrente, foi permitido ao último Tlüogodärami, antes de mim, conduzir tal projeto. Foi uma espécie de milagre dentro de tantos sentimentos provocados por tempos estranhos e difíceis. Mas por razões sem a menor lógica, mediante obviamente a conjuntura daqueles tempos como parâmetro, Tlüogodärami conseguiu executar seu projeto de emergência. Este nada mais era que a construção de duas estações, onde nossa cultura e tecnologia estariam armazenadas como reserva em caso de catástrofe. A tarefa não foi fácil, pois apostamos alto demais naquela guerra e a possibilidade de derrota foi pouco cogitada pelos dragões naqueles tempos. Quando fui conduzido para a missão de reconstruir meu povo, meu superior mandou-me diretamente ao planeta Terra, berço de nossa civilização e lugar mais adequado à sobrevivência de qualquer componente de minha espécie. Contudo, o planeta Terra tem características de um ser vivo gigantesco. Sua superfície é extremamente instável e a estação existente aqui foi destruída pelas constantes mudanças do planeta, situação constatada nos anos sessenta do século XX por uma equipe chefiada por Shoi. Afinal, dez milhões de anos não são dez anos. Infelizmente, tive de adiar meu projeto por algum tempo. Minha nave estava totalmente incapacitada e, apesar do avanço tecnológico dos dragões, não sou o guardião de tão alto conhecimento. Portanto, tive de esperar e me conformar com tal

situação. Mas como vocês humanos dizem: "o mundo dá muitas voltas". Nos últimos duzentos anos, houve uma guinada no rumo tecnológico da humanidade e a evolução dessa tecnologia seguiu um rumo profundamente rápido. A partir do momento em que o homem colocou seus pés na Lua no final dos anos sessenta, minhas esperanças se renovaram. A segunda estação está numa cidade dos dragões localizada no planeta conhecido por vocês como Marte. Essa específica estação encontra-se em condições mais estáveis por causa do próprio planeta, mais estável, e localiza-se em uma estrutura resistente, pois esta cidade tinha o que havia de mais moderno naqueles tempos perdidos. Marte, para nós dragões, era uma espécie de campo de pesquisa e extração de matérias raras. Apesar de ter vida inexistente, possui fontes ricas no que diz respeito à construção de tecnologia. Portanto, meu caro doutor, seu projeto nos convém, pois abre a possibilidade de tornar o inalcançável durante quase três mil anos em alcançável.

— Bem, no que eu puder ajudar, acho que nosso negócio está feito — Carter balançava a cabeça positivamente. — Tudo aquilo que o projeto *Black Mustang 03A* for útil estará à disposição da *Seug Corporation*.

— Compraremos do senhor esse projeto, Dr. Carter — Shoi gesticulava demonstrando a importância daquele ato. — O senhor não sairá perdendo de jeito nenhum nesta história. Pagaremos a quantia de dois bilhões de euros pelo projeto e convidamos o

senhor a participar deste com um salário de cinco milhões de euros anuais. O que o senhor acha?

– Meu Deus! É muito mais do que imaginava. Claro que aceito a proposta.

– E se me permite, Shoi, gostaria de convidar o Dr. Carter para participar de nossa missão. Nada mais justo que o idealizador do projeto poder experimentar sua própria criação, na prática — disse Tlüogodärami num tom de voz amistoso.

– Concordo com você, Tlüogodärami. A presença do Dr. Carter seria muito bem-vinda.

– Confesso que seria um sonho muito antigo tornando-se realidade, meus caros. Aceito, também, este convite.

– Possuímos um projeto de uma nave invisível aos satélites e radares da Terra. Seu projeto, doutor, entraria com os sofisticados mecanismos de propulsão e tudo o mais. A modificação idealizada por nós seria apenas na parte externa, mantendo seu projeto original quase na totalidade.

– E quando começaríamos o projeto em si — Andy Carter não conseguia esconder sua ansiedade.

– O quanto antes, Dr. Carter — disse Tlüogodärami.

– Temos em mente o seguinte: o senhor voltará para os Estados Unidos, e pegará tudo que for necessário para sua mudança, como objetos pessoais, plantas do *Black Mustang 03A*, protótipos, etc. Resolva as pendências com sua empresa — explicava Shoi objetivamente.

– Sim, entendo.

—Toda a estrutura da *Seug Corporation* estará à sua disposição. Um de nossos velozes cargueiros fará o transporte. Nossas equipes nos Estados Unidos estarão de prontidão para servi-lo da melhor maneira. Não pouparemos recursos, Dr. Carter. Gastaremos até o último centavo em prol desse projeto — Shoi observava com expressão de profunda convicção para Andy.

— Não tenho a menor dúvida sobre isso, Sr. Shoi.

— Tomamos a liberdade de disponibilizar um de nossos aviões para sua ida e seu respectivo retorno. Quando o senhor quiser, poderá partir.

— Acredito que amanhã mesmo poderei partir.

–Então estará tudo pronto para amanhã de manhã. Temos toda a estrutura para o início do projeto localizado ao norte deste país. Paralelamente ao nosso projeto, haverá outro para o desenvolvimento de um foguete, onde este levará um satélite ao espaço. Esta é nossa fachada, Dr. Carter. Assim que a nave estiver pronta, o foguete desviará os olhares e será lançado conjuntamente à nossa missão. A floresta amazônica camuflará o local da construção, pois possuímos instalações subterrâneas para não levantar suspeitas, abaixo do local oficial do foguete. Tentaremos produzir o máximo possível de interferência para que nada seja localizado. Mas isso está ainda em nosso futuro e estamos ainda abertos a sugestões — Shoi olhava para Tlüogodärami e este balançava sua cabeça afirmativamente.

–Quero agradecer ao doutor por seu envolvimento — disse Tlüogodärami. — O senhor é peça fundamental para o sucesso de nossos planos.

–Eu é que agradeço aos senhores, pois há nisto muito mais que dinheiro. Sinto-me honrado em participar - agradecia Carter aos seus anfitriões e agora companheiros.

–Nós também estamos honrados com sua presença, Dr. Carter.

Alguns pormenores foram estabelecidos e resolvidos naquela reunião. Andy Carter preparou-se para sua viagem de volta, como planejada há pouco tempo. O avião levou-o de volta ao seu país de origem e lá tudo ocorreu conforme o combinado. Os funcionários da *Seug Corporation* demonstraram eficiência excepcional nessa área. Os meandros burocráticos e os inconvenientes de transportar objetos fora de uma escala aceitável não tiveram muito trabalho, a não ser o de assinar alguns papéis. Sua empresa foi deixada nas mãos de seus executivos mais eficientes e o dinheiro injetado pela venda do *Black Mustang 03A* renovou as possibilidades do negócio familiar de Carter. Pouco mais de um mês e Andrew Carter voltara para assumir seu posto de engenheiro principal no projeto secreto da *Seug Corporation*, imaginando naquele momento a ignorância total da humanidade em relação ao obscuro segredo detido por ele. Mesmo encontrando-se com Tlüogodärami inúmeras vezes, ainda havia um sentimento de incredulidade e loucura pairando em seu mais íntimo pensamento. Custou algum tempo para aceitar a nova situação, ou melhor, assimilar aquilo ao que considerava normal. O envolvimento com o trabalho ajudou. Suas preocupações passavam não mais para questionamentos da própria realidade, e sim à concretização de seu querido projeto espacial melhorado pela tecnologia da *Seug Corporation*. Contudo, mais alguns anos seriam necessários para concretizar aquilo que fora requisitado para fazer.

Quase dois anos e meio se passaram desde o envolvimento de Andy Carter no projeto patrocinado pela *Seug Corporation*. Seu sonho estava quase se realizando. Aos poucos a nave criava forma e tornava-se uma realidade palpável. Realmente a *Seug Corporation* não economizara recursos para o projeto. Profissionalmente, Carter não teve reclamações, pois se encontrava no paraíso dos engenheiros aeronáuticos. Como pessoa, possuía igual sorte. Poucos no mundo realmente poderiam chegar tão perto das realizações de Carter. Além de deter consigo uma história secreta conhecida por pouquíssimas pessoas, seu sonho de infância aproximava-se a cada segundo movimentado no ponteiro do relógio. O espaço sideral seria alcançado em pouco tempo e logo sujaria as solas de suas botas com solo marciano.

No primeiro ano de trabalho, Carter fez inúmeras sugestões aceitas prontamente pela cúpula da *Seug Corporation*. Uma das sugestões resolvia perfeitamente o problema do disfarce do vôo tripulado a caminho de Marte. O foguete de fachada teria a falsa missão de explorar o sistema solar com velocidade nunca antes tentada por nenhuma agência espacial. Carter sugerira o uso de estágios gigantescos acoplados ao estágio principal onde o sistema de satélite estaria disposto. Em um dos estágios, a nave estaria estrategicamente escondida. A justificativa de gigantescos estágios propulsores estava exatamente na velocidade de viagem exigida como nova meta para esse tipo de pesquisa.

Tlüogodärami e a família Li-Seug encontravam-se residindo ali desde o início do projeto e acompanhavam a fase final deste atentamente, compartilhando das mesmas ansiedades conforme o projeto criava corpo. Tlüogodärami residia especificamente na base de lançamento. Todos os envolvidos ou eram do clã dos Li-Seugs ou profundamente ligados ao grupo. Portanto sua estada não era mistério para ninguém. Sua anatomia nada humana circulava por todos os lugares e, apesar de diferente dos humanos, sentia-se totalmente à vontade. Periodicamente se reunia com Shoi e Carter para discutirem detalhes importantes relacionados ao projeto. Não existia um dia sequer que isso não acontecesse. Obviamente privava sua presença nas partes de fachada, pois o projeto de disfarce atraía a curiosidade da imprensa e forte inspeção tanto nacional quanto internacional. Os governos mundiais não imaginavam o verdadeiro objetivo do empreendimento da *Seug Corporation*. O esquema fora muito bem arquitetado e o clã Li-Seug possuía um vínculo com Tlüogodärami indestrutível. Iriam até o final com seu amigo custasse o que custasse.

Faltando apenas seis meses para o lançamento, as expectativas eram gigantescas. Carter dirigia-se para a sala onde Tlüogodärami se encontrava para mais uma reunião. Trajando um jaleco longo, seu semblante expressava sua total dedicação. Barba por fazer e olheiras profundas não indicavam sua verdadeira obstinação. O cansaço era apenas físico e sua mente estava completamente em sintonia com os demais. Apesar de ter ganhado peso e fumado mais do que deveria, ainda gozava de boa saúde. Olhara para seu

relógio de pulso e o atraso evidenciava-se pelo comportamento frenético de suas pernas impondo velocidade maior que o padrão pelos corredores da base. Chegara à porta da sala levemente ofegante e cumprimentara informalmente Shoi e Tlüogodärami, dada a intimidade criada durante o período de trabalho e da convivência freqüente. Shoi, sentado em uma poltrona, trajava uma camisa de linho branca e calças cinzas. Seu cabelo impecavelmente arrumado refletia as luzes frias das luminárias. Tlüogodärami encontrava-se numa posição pouco usual para os dragões. Sentava-se ao modo humano, pelo menos na medida do possível, e lembrava uma figura dos contos de fadas, onde seu manto negro contrastava com a fumaça emitida por seu cachimbo também negro ao estilo *churchwarden*. Um odor levemente ácido, proveniente do cachimbo de Tlüogodärami, lembrava muito o cheiro de couro curtido com pinheiro queimado. Carter sabia, há muito tempo, que o dragão era uma das poucas criaturas deste mundo capazes de fumar *latakia* pura proveniente da Síria.

– Desculpe-me pelo atraso, senhores. Um dos testes provocou esse imprevisto.

– Ora, Dr. Carter, não há esta necessidade. Estamos entre amigos — disse Tlüogodärami realmente em um tom de voz suave transmitindo sua situação de não ofendido pelo pequeno atraso de Carter.

– Espero que o teste tenha ocorrido como planejado — disse Shoi.

– Tudo ocorreu conforme o planejado. O início do teste atrasou em função de alguns imprevistos no preparativo. Nada que possa preocupar-nos no que diz respeito ao andamento do projeto.

– Perfeito, Dr. Carter — disse Shoi. — Semana que vem teremos o projeto finalizado?

– Certamente, Sr. Shoi. Apenas pequenos detalhes impedem o projeto de chegar ao seu fim. Esses detalhes serão eliminados no prazo de uma semana, no máximo.

– Sim, meu caro doutor. Tranqüilizo-me com suas palavras — Tlüogodärami exalava fumaça azulada enquanto sua voz metálica expressava suas opiniões. — Nosso treinamento começará após o término do projeto. Precisamos nos preparar às condições inóspitas encontradas no espaço e em Marte.

– Faremos testes diários na nave em busca de qualquer problema durante os seis meses restantes ao lançamento. Isso diminuirá o risco de falha — apesar do cansaço físico evidente, a explicação dada por Andy Carter demonstrava uma mente ávida por mais desafios, tornando-se a contradição personificada.

– O caro doutor terá de se ausentar muito do projeto, porém acredito que estará em boas mãos com a equipe — disse Shoi.

– Não há dúvida em relação a isso. Minha presença já não se faz tão necessária.

Depois de discutidos mais alguns pormenores, o dragão colocou seu cachimbo descansando sobre uma mesinha próxima e levantou-se. Dirigiu-se a um móvel com inúmeras gavetas e ali pegou alguns objetos estranhos. Chamou Carter e Shoi, compartilhando a visão de seus objetos.

–Veja isto, meus amigos — Tlüogodärami segurava uma pequena placa com baixos-relevos, onde um símbolo antigo dos dragões podia ser observado. — Isto, meus amigos, é a peça-chave para nossa missão. Talvez se eu a perdesse durante algum momento nestes três mil anos aqui na Terra nossa missão seria profundamente prejudicada. Sem isso, não serei reconhecido na cidade localizada em Marte. Uma antigüidade mesmo quando meu povo estava vivo. Todos os Tlüogodärami o tiveram em mãos.

–E este aqui, Tlüogodärami? — perguntou Carter.

–Este representa o poder dado ao dirigente supremo. Com eles juntos, sou a autoridade máxima dos dragões. Mas como vocês humanos dizem, foi um *presente de grego*. Do que adianta receber tão grandes honrarias se não há mais a civilização que as criou. Mesmo que minha jornada seja totalmente bem-sucedida, não pretendo exercer essas funções para sempre. Assim que completar todos os objetivos desta jornada, meu povo viverá como nos dias antigos, antes das catástrofes acontecidas há mais de dez milhões de anos. Nunca tive vocação nem para dirigente, muito menos para soldado. Mas como cidadão, consciente de meu dever para com os dragões, não pude recusar este fardo.

– Um fardo pesado para qualquer um, eu diria — disse Shoi.

– Não há dúvida — reafirmou Carter.

– São apenas lamentos de um velho dragão, meus amigos. Fico feliz por compartilhar minha esperança com vocês. O futuro é incerto e cada vez conseguimos subir os degraus da vida com bastante sucesso.

O dragão remexia outras gavetas, organizando algumas coisas pertencentes ao seu passado. Trouxe à tona de um mar de miscelâneas um recipiente hermeticamente fechado, muito semelhante à pequena placa. Com sua escamosa pata dianteira, abriu-a apertando uma espécie de dispositivo. Dali retirou uma espécie de cápsula prateada. Olhou para Carter e a entregou.

– Como o senhor demonstrou uma amizade fora do comum, mesmo esta história parecendo louca, gostaria que recebesse isto de presente.

– E o que seria isto?

– Isto, meu amigo, é o segredo de minha longevidade e da longevidade dos Li-Seugs. Tecnologia dos dragões. Esta pequena cápsula se instalará em seu corpo e a partir deste momento não terá mais qualquer doença ou oxidação. Ela tem validade de mil anos. Junto com Shoi, decidimos que o senhor é digno de compartilhá-la conosco. Aceitando este presente, nos daria muita honra.

– Claro que aceito — disse Carter surpreso com o presente. — Só um louco recusaria essa oportunidade.

– É só tomar como se fosse um remédio comum e a "mágica" da tecnologia vai despertar — disse Shoi, animado.

Andy Carter tomou a cápsula e depois de um dia, sentiu seu corpo rejuvenescer. A sensação era extremamente prazerosa. Nunca em sua existência sentira-se tão bem. Todas as dores crônicas, principalmente na coluna, suas dores de cabeça constantes por causa de uma sinusite sumiram como se fosse "mágica". Tlüogodärami e Shoi disseram que a cápsula era uma pequena usina, onde espécies de robôs orgânicos, chamados de robôs celulares, faziam o papel de mantenedor de suas funções orgânicas. Há anos a humanidade sonhara com essa tecnologia. Muito se falava em nanotecnologia, mas até aquele momento nada significativo fora criado. Contudo, Carter desfrutava de seus benefícios, ironicamente recebendo a herança de uma civilização há muito extinta, com tecnologia existente antes da própria existência dos homens na face da Terra.

Durante os seis meses finais do projeto melhorado do *Black Mustang 03A*, nada ocorrera à nave, correspondendo esta a todas as expectativas planejadas. A tripulação fora composta por Shoi, Ji, Zhi, Goo, Tlüogodärami e Carter. Todos os componentes da tripulação fizeram constantes simulações para dominarem com perfeição o manuseio daquela espaçonave. A saúde deles foi monitorada durante aqueles seis meses finais e, como esperado, todos estavam bem. Conforme se aperfeiçoavam, o tempo passava e o grande dia se aproximava, meses se tornaram semanas, e semanas em dias, até sobrar apenas algumas horas para o evento há muito aguardado.

CAPÍTULO 16

Rumo ao Planeta Marte

A notícia de um grande evento sempre atraiu um número incalculável de pessoas. Sejam simples curiosos, repórteres, políticos ou celebridades, não importa a que tipo de evento, e sim suas grandiosidades. Essas classes de pessoas são atraídas como hienas sobre uma carcaça de zebra ou algo parecido. A proposta oferecida por uma das maiores, se não a maior, empresa do mundo à exploração espacial iniciava uma nova era para a humanidade. Portanto, o lançamento do foguete de fachada empreendido pela *Seug Corporation* atraiu muitas pessoas, de todos os escalões da sociedade mundial. Shoi Li-Seug, com Tlüogodärami, planejou minuciosamente cada detalhe daquele importante dia. Quanto mais pessoas vissem a decolagem, menos seriam questionados por eventos estranhos. Afinal, eles não estavam "escondendo nada" do grande público, a não ser um pequeno detalhe inapropriado ao conhecimento da humanidade, e até aquele momento só dizia

respeito ao restrito grupo do alto escalão da *Seug Corporation*. Assim funcionava aquela fachada. Seria, portanto, o álibi perfeito.

O grupo designado para essa missão treinou incansavelmente os procedimentos de pilotagem e aterrissagem da espaçonave. Nada poderia dar errado. Todos os mínimos detalhes foram cuidadosamente calculados com a maior precisão possível. A nave, em si, fora concebida para ser invisível aos radares. Sua aparência estranha não era novidade para a humanidade. Já se construía, há anos, aviões com esse conceito. As linhas retas e quebradiças davam à nave um aspecto de quebra-cabeça em terceira dimensão. Comprida e estreita parecia um foguete usado nas missões Apoio, porém seu aspecto em linhas retas dava uma nova dimensão ao conceito de foguete. Não se tratava na verdade de um foguete. Era uma nave completa, sem a necessidade dos inconvenientes estágios balísticos. Nada do tipo fora concebido até então pela humanidade. Sua forma bizarra servia perfeitamente aos propósitos originais. Não houve de maneira nenhuma preocupações com aparências ou pompa nesta missão arquitetada por Tlüogodärami. O único luxo imposto por Tlüogodärami fora o batismo da nave. Como isso pertencia tanto à cultura humana como à cultura dos dragões, naturalmente não houve espanto por essa reivindicação. Em homenagem ao projeto de Andy Carter, a espaçonave chamou-se *Mustang*.

Dia 1º de julho de 2018, às seis horas da manhã, seria um dia que mudaria todo o rumo da humanidade, se tudo ocorresse perfeitamente. Naquele horário, todos já estavam prontos para o

procedimento de entrada na espaçonave. Vários componentes da equipe especial da Seug estavam preparando o caminho para os missionários. Todos usavam trajes espaciais projetados para as condições fora da Terra. Esses trajes lembravam muito os antigos trajes dos dragões. Na verdade, o antigo uniforme de Tlüogodärami serviu como base de pesquisa e desenvolvimento dessas novas indumentárias. Tlüogodärami, por sua vez, usava seu antigo traje, há muito tempo conservado por ele e os Li-Seugs. Totalmente negro, tinha a forma estilizada da musculatura dos dragões e coberto de símbolos apenas legíveis a Tlüogodärami. Suas asas colavam-se ao corpo e eram totalmente cobertas pelo traje. Apenas o formato estilizado lembrava a existência delas. Assim vestido, o dragão lembrava mais um réptil gigante, como que suas asas de membranas delicadas jamais tivessem existido. Seu capacete também lembrava uma cabeça de dragão com pouca expressão e seu olhar morto quase se fundia ao resto do traje. Os trajes humanos tomaram emprestado o estilo. Eram também negros e com um capacete arredondado possuidor de uma viseira também negra que cobria todo o campo da face. Nas costas e na frente havia pequenas protuberâncias onde se localizavam dispositivos que reciclavam o ar e regulavam a umidade. Não era tão bela como a armadura de Tlüogodärami, mas conseguia reproduzir boa parte de sua funcionalidade. A nave encontrava-se ao nível do chão, em posição horizontal, e os seis missionários adentraram na nave negra como se fossem se fundir ao dispositivo. Na sala de comando, havia cinco poltronas confortáveis bem fixadas e painéis de controle com grandes telas de cristal líquido, encontrando-se estas à frente de cada componente. No centro da apertada sala, havia um local especial para Tlüogodärami. Uma espécie de poltrona desenhada especialmente para o dragão. Nitidamente a criatura se colocaria de braços naquela poltrona especial, e realmente se posicionou dessa maneira. Ao se posicionar, perto de suas patas dianteiras, Tlüogodärami ativou as travas que serviram como cinto de segurança. Duas traves acolchoadas em forma de "L" envolveram-no confortavelmente. O resto da tripulação acomodou-se em suas poltronas, onde havia sulcos para o encaixe das

protuberâncias existentes em seus uniformes. Apertaram seus cintos de três pontas. Até aquele momento não faziam mais nada a não ser esperar. Os outros procedimentos estavam a cargo do pessoal de terra. Atrás deles, dentro da nave, havia uma espécie de alojamento montado, onde poderiam descansar e fazer as tarefas básicas do dia a dia. Na parede ao fundo do alojamento, uma escotilha selava a área dos equipamentos. Um transporte com pneus gigantesco onde em cada suposto eixo havia três pneus posicionados em forma de triângulo, mais trajes reservas compunham aquele ambiente. Ferramentas das mais diversas também estavam armazenadas ali. Um braço mecânico com uma pinça em sua ponta estava retraído a um canto do teto e serviria como guindaste à retirada do transporte ali armazenado. Ao fundo desse compartimento, localizava-se o coração da nave. Aquela parede selava o sistema e o reator que impulsionaria a nave espacial, e apenas uma escotilha hermeticamente fechada dava acesso ao perigoso ambiente.

O silêncio na cabine de comando fora quebrado por uma voz metálica muito conhecida daquela tripulação.

— Meus amigos. Estamos prestes a começar nossa jornada — disse Tlüogodärami em tom de discurso. — Não tenho palavras para agradecer a generosidade de vocês. Apesar de ser um problema exclusivo, nunca estive ou me senti só nesta jornada, pois vocês estiveram todos estes anos à meu lado e ainda continuam de livre e espontânea vontade. Meus mais sinceros agradecimentos e que nossa jornada seja impecável.

Todos fizeram gestos, comovidos com as poucas palavras proferidas por Tlüogodärami. A nave fora fechada e cabos presos à espaçonave entraram em tensão. Ela fora erguida e levada para um caminhão especialmente adaptado para carregá-la ao local onde esta seria escondida em sua camuflagem de estágio balístico. O procedimento de camuflagem durou cerca de meia hora. E mais uma hora e meia para ser acoplado ao foguete oficial. A montagem completa do artefato balístico tornou-o absurdamente gigantesco aos padrões da Terra. Este, por sua vez, repousava sobre um caminhão gigantesco. A plataforma móvel foi levada por um elevador de carga até a superfície. Os raios de sol da manhã penetraram o fundo do silo onde duas portas se contraíam liberando a passagem. Aos poucos o que era apenas uma ponta de foguete tornou-se o próprio. Os convidados e curiosos ficaram espantados com a obra de engenharia, e não houve um que não ficasse de boca aberta com a façanha da *Seug Corporation*. Um dos executivos fez um discurso enaltecendo o feito da iniciativa privada e a nova era da corrida espacial. Todos os presentes aplaudiram e mais meia hora se passou até o foguete se posicionar em seu derradeiro local de lançamento. A tripulação da *Mustang* observava os acontecimentos externos mediante à transmissão enviada pela sala de controle em terra. Nos alto-falantes espalhados pela base, uma contagem regressiva fora transmitida. A contagem de vinte números decrescente foi acompanhada pelas pessoas presentes ao lançamento. Após a contagem, as ignições dos estágios ativaram-se e gradativamente aumentaram. O foguete finalmente começava a levantar vôo. Conforme ganhava altitude, sua aceleração aumentava. Quinze minutos depois, a terrível notícia foi transmitida para o mundo todo. Uma pane causada por problemas elétricos havia provocado a inutilização do foguete, sendo este destruído como forma de proteção para que seus pedaços não caíssem em

cima de ninguém. Durante dias, a *Seug Corporation* deu detalhes do empreendimento desastroso e suas ações nas bolsas de todo o mundo despencaram violentamente. Contudo, as coisas foram apaziguando-se e a empresa pouco sofreu, pois seu tamanho e poder não tinham quase limites.

Durante a contagem regressiva, não houve ninguém da tripulação da *Mustang* que não se sentisse emocionado. A grande maioria ali nunca havia estado em tal situação. Somente Tlüogodärami experimentara tal sensação, porém havia três mil anos que não a tinha e nunca fora dessa maneira, pois a tecnologia desenvolvida pelos dragões, com seus estabilizadores e tudo o mais, tornava a viagem altamente tranqüila, como se não tirasse as patas do chão. A força da gravidade aumentava gradualmente. Todos faziam força para suportá-la. Uma sensação estranha, principalmente porque se encontravam na posição vertical. Nove minutos depois a gravidade já não existia e a velocidade se estabilizou. Todos continuaram suas funções preestabelecidas. Continuamente, sem olhar para trás, o monitoramento tomava todo o tempo da tripulação. Nada poderia falhar. Os rádios não paravam de transmitir várias freqüências, tornando muitas vezes a união dos sons incompreensível. Andy e Goo sentiram um leve enjôo, mas não chegaram a ter refluxo. Uma pausa nas transmissões e um som de alarme pôde ser ouvido em todo o veículo. Aquele sinal indicava o novo procedimento a ser executado.

— Todos preparados? — perguntou Shoi para a tripulação. Em um quase único som, todos responderam monossilabicamente o tradicional e esperado "sim".

Quatorze minutos depois do lançamento, Tlüogodärami ativou o sistema para desacoplar o estágio falso do foguete. Assim que o falso separou-se do restante, os estágios verdadeiros pararam de funcionar e uma contagem regressiva de um minuto ativou-se. O estágio falso abriu-se ao meio como uma noz e finalmente a nave espacial *Mustang* provou o vácuo do espaço sideral. Em menos de dois segundos, a *Mustang* ativou seu sistema de propulsão e ganhou certa distância dos restos do foguete. Terminada a contagem regressiva, as partes explodiram, formando uma bola de fogo alimentada pelo oxigênio líquido e o combustível do projétil; do planeta Terra pôde-se ver o peculiar espetáculo pirotécnico.

Sob a proteção da carenagem da *Mustang*, a tripulação comemorava timidamente o sucesso daquela primeira etapa. O primeiro dominó fora derrubado, agora era só ver a seqüência cair para chegar ao objetivo final. Tlüogodärami sentia-se satisfeito pelo sucesso e finalmente pôde fazer a diferença exigida por sua missão nesta vida, e o fardo não era leve, porém já havia iniciado e não via maiores problemas até chegarem a Marte.

- Esta primeira etapa foi um sucesso — disse Shoi para todos ali presentes. — Manteremos as transmissões interrompidas para não levantarem suspeitas.

- Qualquer que seja nosso destino, tão cedo não haverá volta ao planeta Terra. Portanto, estamos por nossa conta a partir daqui — disse Tlüogodärami.

- Sistema ativado para a aceleração em dez minutos — disse Goo, e Ji observava na tela as condições e equações para corrigir a rota da *Mustang*.

Após dez minutos, como prometido, a nave *Mustang* começou sua aceleração até alcançar a velocidade de 100 mil quilômetros por hora necessária para conseguir chegar a Marte em aproximadamente trinta dias. Apesar da aceleração menor que a experimentada na decolagem, todos se acomodaram devidamente em seus assentos para suportar o incômodo da aceleração. A nave seguia seu rumo com seus propulsores nucleares aumentando

gradativamente seu potencial conforme a aceleração exigia mais energia. A certa distância, os propulsores lembravam uma estrela ou corpo celeste em diminuto movimento.

Durante quase trinta dias, a rotina na nave foi das mais monótonas. O trabalho de monitoração dos sistemas não exigia muito da tripulação e o revezamento amenizava ainda mais essa função. Basicamente, tirando os afazeres diários naturais dos seres vivos e as pequenas tarefas exigidas pela nave, foram dias regados a conversa e contos de histórias há muito tempo esquecidas pela humanidade; afinal, excetuando-se Andy Carter, todos ali poderiam ser considerados fósseis vivos. Seus feitos em relação à longevidade de suas vidas não foram superados por nenhum homem ou dragão até aquele momento. Tlüogodärami recontava com muita motivação suas histórias como soldado, os acontecimentos no planeta Tidianvinst e sua vida na civilização dos dragões antes dos terríveis acontecimentos que os levaram à guerra. Por sua vez, Shoi relembrava sua vida antes e depois de conhecer Tlüogodärami. Lembravam do velho mestre Sue que nunca aceitou a presença de Tlüogodärami e falecera um ano depois do encontro, recusando-se a modificar seu destino e desejando a morte mais do que tudo. Hoje em dia acreditavam que o velho mestre sofria de algum problema mental característico das idades avançadas ou simplesmente fora muita informação nova para sua mente extremamente vivida. Goo, por outro lado, demonstrou ter um senso de humor bastante aguçado e todos riam com suas piadas e brincadeiras. Tinha o dom de imitar muitas pessoas, e suas imitações de Tlüogodärami provocavam risadas peculiares no dragão. Ji demonstrava ser um bom ouvinte, porém nunca perdera sua timidez e ouvia mais do que falava. Neste período, Zhi e Carter começaram a se envolver de maneira mais íntima, porém nada que alguém na nave pudesse perceber e nem

eles conseguiam determinar com certeza o que estava acontecendo a ambos. Talvez ali começassem as primeiras emoções do que poderia ser algo mais sério no futuro.

No trigésimo dia, como calculado, a nave estava muito próxima de seu objetivo. A tripulação largou a rotina adquirida durante o mês e retomou os procedimentos treinados para aquela situação. Com todos posicionados em seus lugares, começaram a desaceleração da espaçonave. Feita a desaceleração, a nave seguiu para a órbita do planeta. Todos aproveitaram o momento de calma para olhar o planeta através das escotilhas diminutas espalhadas pela *Mustang*. Depois de alguns segundos de contemplação, a tripulação da *Mustang* voltou aos seus lugares, sem esconder suas admirações, evidentes em suas expressões faciais.

- Custa a acreditar no que vejo — disse Andy a todos os presentes.
— É um sonho! Finalmente chegamos ao planeta vermelho.

- Daqui ele não parece tão vermelho — comentou Goo com seu peculiar humor.

- Esta etapa é a parte mais difícil, meus amigos — Tlüogodärami falava num tom de voz mais sério que o normal. — Devemos lembrar que este planeta é inóspito para qualquer ser nascido no planeta Terra. Precisamos achar a localização exata da cidade antes de pousarmos. Vamos nos concentrar nisso, para o sucesso tornar-se absoluto.

Todos voltaram suas atenções para Shoi, depois das palavras de Tlüogodärami. Muito atentos, captavam cada palavra proferida por ele.

— Sabemos que provavelmente a cidade está localizada entre a região chamada de *Argyre* e a *Calota Polar Sul*. Circularemos o planeta usando nossos *scanners* para mapear e mandaremos uma frequência igual à usada há trinta anos para determinar o ponto exato de sua localização — neste momento, Shoi transferiu um mapa para os monitores da tripulação, baseado em fotos de satélite do planeta, e ali estavam as regiões bem destacadas.

Naqueles instantes de aproximação ao planeta Marte, a tripulação comprometeu-se com suas tarefas há muito treinadas. A nave chegava cada vez mais perto da órbita planetária e,

conseqüentemente, a força produzida pelos motores diminuía até ficar mínima, para que a nave não entrasse na atmosfera marciana. Um satélite pequeno, não muito maior que um ser humano, desacoplou-se da nave *Mustang*. Uma medida de segurança para que pudessem saber com exatidão sua localização no deserto planeta vermelho. Após esse desacoplamento, a nave seguiu a trajetória planejada. Os *scanners* rondavam a região sempre que a nave passava entre *Argyre* e a *Calota Polar Sul*, e dados eram acrescentados aos sistemas computacionais da nave. Shoi e Tlüogodärami, principalmente, não conseguiam tirar seus olhos dos dados recebidos. Um sinal enviado também saía freqüentemente da nave, com o intuito de receber alguma resposta. Toda vez que a nave passava por aquela região, mais dados obtinham-se, porém a freqüência enviada não recebia resposta alguma. Há cerca de trinta anos, usando grandes instalações de telecomunicações da *Seug Corporation*, Shoi enviou uma freqüência idêntica ao planeta Marte durante um ano e obtiveram a resposta tão esperada. A equipe de cientistas da *Seug* conseguiu, com o auxílio de Tlüogodärami, decodificar alguns dados existentes na velha nave que o trouxera de volta ao sistema solar, e essa freqüência, apesar de primitiva, teria resposta caso a base instalada na cidade dos dragões em Marte ainda estivesse intacta. O resultado positivo trouxe esperança ao velho dragão e a corrida para alcançá-lo começou no segundo depois da confirmação da resposta à freqüência enviada. Por isso repetiam a experiência, pois recebendo uma resposta à freqüência, o local da cidade poderia ser determinado facilmente.

Uma sensação de preocupação invadiu a espaçonave depois de três dias sem resposta. Talvez a freqüência estivesse fraca demais ou coisa do tipo. Um misto de preocupação e ansiedade quebrou a rotina do ambiente interno e impôs medidas mais radicais.

- Quais são as possibilidades disponíveis para este caso? — perguntou Shoi à tripulação da *Mustang*.

- Talvez pudéssemos aumentar a frequência da transmissão para que a possibilidade de encontro de uma resposta pudesse ser ampliada — disse Carter aos demais.

- Esta solução simples deve resolver nosso problema - comentou Tlüogodärami de modo incentivador. — Até que ponto podemos ampliar a frequência, Dr. Carter?

- Se não me engano, o máximo é trinta vezes maior ao utilizado. Há também outra possibilidade, um pouco mais arriscada. Contudo temos todas as condições favoráveis aqui.

- E qual seria, Dr. Carter? — perguntou Shoi.

- Na verdade é mais um complemento à amplificação do sinal. Caso não obtenhamos sucesso nesta primeira tentativa, poderemos entrar na atmosfera do planeta e rodear a região com a nave o mais próximo possível, aumentando a capacidade da transmissão.

- Não devemos descartar qualquer alternativa — interveio Tlüogodärami. - Parece plausível a proposta oferecida pelo Dr. Carter. Afinal, não temos nada a perder.

- Todos em seus assentos e vamos colocar em prática essa primeira idéia — Shoi solicitou e foi atendido prontamente.

A frequência foi aumentada ao seu máximo. As esperanças aumentaram proporcionalmente. Desta vez, acreditavam, obteriam sucesso. A nave *Mustang* circulou a órbita de Marte por mais dois dias e, apesar dos esforços a bordo, nada, absolutamente nada progrediu durante estes últimos tempos. Não houve alternativa a não ser a entrada na atmosfera do planeta, como sugerido por Andy Carter. Resolveram não mais esperar e usaram sua última

carta neste jogo de nervos. A tripulação já sentia alguns sintomas do estresse por causa das tentativas frustradas e pelo exaustivo trabalho dos últimos dias. Ainda assim o otimismo não os abandonou e continuaram em frente. Naquele momento decisivo, a tripulação da *Mustang* manteve-se em seus lugares, e os preparativos para a entrada naquela atmosfera inóspita foram providenciados. A nave *Mustang*, que até aquele momento lembrava vagamente um foguete negro, revelou uma de suas facetas. Suas asas que quase ocupavam todo o espaço de suas laterais abriram-se, tornando-a semelhante a um pássaro negro. Escudos saíram dos compartimentos da barriga da nave, seguindo a aerodinâmica desta, para protegê-la do atrito da atmosfera marciana, rica em dióxido de carbono, sendo este atrito produtor de calor. Os escudos protegiam até a ponta da nave e, uma vez no ambiente estável, seriam descartados.

Chegando o momento exato da entrada na atmosfera, onde o ponto exato iria levá-los próximo ao local desejado, lentamente a nave penetrava na atmosfera do planeta Marte. Mais momentos de estresse se amontoavam à coleção já adquirida pela tripulação. Todos sentiam a tensão no ar, pois sempre esse tipo de operação encaixava-se naquilo que podemos chamar de momento crítico. Qualquer erro levaria anos de trabalho ao fracasso e esquecimento. Todos mantinham seus olhos ora nos controles, ora nas luzes emitidas através das escotilhas. Shoi comandava essa operação, pois obtivera excelência nos treinamentos.

- Calma! Estamos indo muito bem! — Shoi tentava passar tranquilidade.

- Mais cinco minutos e poderemos estabilizar a nave — disse Tlüogodärami.

Assim que passaram pela entrada na atmosfera, e o calor não era mais um problema, os escudos, como planejado, soltaram-se da nave, ainda incandescentes, e começaram o mais lentamente possível a sobrevoar a região demarcada nos mapas. *Scanners* e a frequência foram ativados e o processo de busca começou. Cinco horas depois finalmente captaram alguma coisa nos sensores. Animados, investiram mais forte o sinal na pequena região indicada.

- Realmente há indícios de que ela está próxima, mas precisamos de uma confirmação. Vamos descer um pouco mais a nave para obtermos um melhor resultado — disse Tlüogodärami com sua característica voz metálica.

- Vamos descer até o limite de cinco mil metros e sobrevoar a região encontrada pelos sensores — sugeriu Carter. Todos concordaram.

A nave desceu até o limite preestabelecido e ampliaram ao máximo a freqüência. Algum tempo se passou e, para alívio da tripulação, os sensores indicavam com precisão o local da cidade dos dragões. Todos comemoraram a façanha. Olhavam estupefatos para o mapa e felicitavam-se por mais uma vitória naquele jogo, porém algo os surpreendeu.

Uma onda muito forte saída do local da cidade dos dragões, podendo ser vista a olho nu, foi exatamente em direção à nave. Todos largaram o momento de euforia e colocaram-se em seus respectivos lugares. Algo estranho estava acontecendo. De repente a nave deu um forte tranco, e uma pane elétrica tomou conta do local. A nave estava completamente desativada e aquilo não era nada bom. Tlüogodärami assumiu o comando e tentava fazer alguma coisa.

- Precisamos ativar a nave novamente, se não vamos cair — disse Tlüogodärami.

- Vou tentar chegar ao reator e ligar a energia de emergência

- disse Shoi.

- Estamos perdendo altitude — disse Goo olhando pelas escotilhas frontais.

- Não vá, Shoi. É muito perigoso. Não dará tempo - disse Carter.

- Precisamos retomar o controle manualmente e tentar fazer um pouso de emergência. É nossa única chance.

—Vamos todos nos concentrar nisso — disse Tlüogodärami.

A nave perdia absurdamente altitude e começava a sair do prumo. Tlüogodärami, Shoi e Carter conseguiram estabilizá-la a muito custo, fazendo uma força extrema nos manches. Estabilizada, começaram a perceber a contínua perda de altitude e planejaram rapidamente um pouso de emergência. A nave seguia seu caminho mortal e avistaram um local sem muitos acidentes geológicos. Não possuíam o luxo da escolha e decidiram por aquele local mesmo. Conforme a nave aproximava-se do solo marciano, a parte frontal era mantida elevada ao máximo possível. Quando a parte traseira arrastou-se pelo solo, rapidamente o resto dela chocou-se com as rochas e abriu-se um rasgo naquele solo. Com o impacto, a nave aos poucos se arrastava e o bico tendeu a penetrar mais fundo no solo, fazendo um efeito de alavanca. Conseqüentemente a *Mustang* capotou e de cabeça para baixo finalmente parou sua terrível trajetória. Todos devidamente amarrados em seus cintos de segurança, ainda sofriam os efeitos do pouso forçado. Ji, que não era de muita conversa, foi o primeiro a se manifestar.

— Estão todos bem? — perguntava ao resto da tripulação.

Todos, aos poucos, manifestavam-se positivamente e a situação não era nada favorável. Estavam de cabeça para baixo e aos

poucos se soltavam dos cintos. Shoi verificou a integridade de cada tripulante e constatou que nada grave havia acontecido aos seus, a não ser o grande susto produzido pela queda. Tlüogodärami estava próximo do grupo e não conseguia tirar um pensamento de sua mente: *O que faremos agora? O que faremos?*

CAPÍTULO 17

Niefgönst

"Estão todos bem?"

Perguntas deste tipo ecoavam livremente naquela cabine. Talvez não acreditassem no fato de que estavam todos bem e que, apesar da situação difícil, ninguém havia se ferido. Apesar da capotagem, um tremendo inconveniente, a aterrissagem em condições de emergência saíra quase perfeita, afinal todos estavam vivos e aparentemente a *Mustang* não sofrerá danos graves em sua carenagem. Conseguiram diminuir o impacto com as manobras de emergência. Contudo a capotagem deixou a nave terrivelmente mal posicionada e ainda não se sabia se conseguiriam fazer os sistemas

elétricos voltarem à normalidade. Ainda amarrados em seus cintos, recuperavam-se do impacto psicológico proveniente da situação adversa. Aos poucos, soltavam-se das amarras e reuniam-se no teto da nave. Tlüogodärami, apesar de preocupado com a situação, tentava demonstrar calma naquele momento desfavorável.

— Já tentei fazer alguma coisa para esta nave funcionar por meus controles e não obtive sucesso, infelizmente — disse Tlüogodärami aos demais.

—Vou até o fundo da nave para verificar os reatores — disse Carter.
— Contudo, vou sozinho, pois caso haja algum vazamento de material radioativo, a situação se tornará perigosa para todos.

— Então vá, Dr. Carter, e verifique nossas chances — recomendou Shoi.

Carter verificou o capacete do traje e seguiu rumo à última escotilha interna onde encontraria os reatores. Antes de entrar, pegou um contador Geiger-Müller na cabine antecessora dos

reatores e verificou o transporte de terra caído, porém seus peculiares pneus amorteceram a queda, deixando-o de cabeça para baixo e intacto aparentemente. Ficou tentado em verificar as condições do transporte, todavia voltou imediatamente ao princípio básico de sua tarefa. Chegou até a escotilha, menor que as outras existentes na nave e, como o sistema eletrônico de travas da escotilha não estava funcionando, abriu-a manualmente com algumas ferramentas encontradas na cabine. Não foi uma tarefa fácil, mas como conhecia todo o projeto da nave em suas mais profundas minúcias, sabia exatamente aonde ir para destravar aquela escotilha. Abriu uma tampa, à força, para ter acesso ao mecanismo de trava. Depois de fazer uma alavanca com um pedaço de aço existente para possíveis reparos, estocado ali na cabine, destravou o sistema de travas, destruindo-o perpetuamente. Uma vez aberta, escorregou para dentro da pequena escotilha e ligou uma lanterna manual que não fora danificada pelo impacto vindo da cidade dos dragões. Havia naquele compartimento dois reatores nucleares pequenos. Um dos grandes trunfos do projeto *Black Mustang 03 A* estava diante dos olhos de Andy Carter. Fez um exame superficial nos reatores, utilizando o contador Geiger-Müller e confirmou a segurança de ambos. Depois procurou as chaves manuais para reativá-los. Contudo, as inúmeras tentativas de ativação apresentaram-se frustradas. Carter não conseguia entender a situação. Era como se o material radioativo alimentador dos reatores estivesse inativo. O que fosse aquilo vindo da cidade desativara os reatores em sua essência energética. Ao sair do compartimento, frustrado pelo fracasso em ativar a nave *Mustang*, veio-lhe uma imagem esperançosa. O transporte poderia não estar danificado e essa idéia renovou as esperanças de Carter. Procurou entrar por uma escotilha lateral e engatinhando pelo teto dirigiu-se ao assento principal. Olhando para cima, procurou a chave de ignição daquele carro e, quando a ativou, um alívio tomou conta de sua alma atormentada. O motor estava funcionando e, por alguma razão, até aquele momento não imaginada por Carter, o transporte não fora afetado pela onda. Desligou-o e correu o mais rápido que pode pelos caminhos intrincados da nave *Mustang* até chegar aos

seus companheiros na cabine principal. Uma vez reunidos com seus companheiros, relatou os fatos a eles.

— Temos alguns problemas, meus amigos — relatava Andy Carter. — Os reatores da nave estão totalmente inoperantes. E como se o material radioativo de um momento para outro perdesse suas propriedades. Em resumo, todo o urânio perdeu sua meia-vida, tornando-se chumbo. A nave está condenada e só uma troca do material radioativo poderia torná-la viável novamente. Como nossas condições atuais não permitem tal feito, fazê-la voar novamente está fora de cogitação.

— E agora? — perguntou Zhi. Todos aparentavam acompanhar a pergunta dela.

— Não sei se vocês ouviram o som do motor do transporte, mas este está funcionando, apesar de sua posição desfavorável.

— Ouvimos, sim — afirmou Tlüogodärami.

– Nossas esperanças de continuidade estão agora exatamente naquele transporte — disse Shoi.

– Mas todos os dados da localização da cidade estão contidos no computador da nave. Mesmo o transporte funcionando, como vamos saber para onde ir — questionava-se Ji.

– Podemos copiar para o computador do transporte os dados contidos na nave — sugeriu Goo.

– Mas como se não há energia para transferi-los — disse Ji.

– A idéia de Goo é simples e boa — disse Tlüogodärami com sua voz metálica. — Há como transferir esses dados para o transporte de forma segura, Dr. Carter?

– Há esta possibilidade. Podemos retirar o disco rígido da nave, mas isso pode de alguma maneira danificá-lo. É um pouco perigoso.

– Entendo — murmurou Tlùogodärami.

– Uma segunda alternativa seria isolarmos os sistemas computacionais da nave e transferirmos o conteúdo do disco rígido para o transporte. Para isso, devemos fazer uma ligação energética do transporte diretamente ao sistema computacional da nave. Como existe uma ligação com o intuito de transferir dados ao transporte, essa parte não será um problema. Precisamos apenas transferir energia do transporte para o sistema da nave, contudo não devemos simplificar as coisas, pois se houver uma transmissão forte demais, há a possibilidade de tudo ser destruído.

– E o senhor sabe exatamente como proceder nesse caso? — perguntou Shoi.

– Confio mais na transmissão de energia do que na retirada do disco rígido. Há risco em ambas as alternativas, mas temos mais chances de sucesso na transferência, pois conheço os mínimos detalhes deste projeto.

– Por que a retirada do disco rígido torna-se um problema, Dr. Carter? - perguntou Tlùogodärami.

– Há uma total incompatibilidade dele com o sistema do transporte. Esse disco rígido foi desenvolvido especialmente para a nave *Mustang* e o transporte não possui as condições ideais para seu total desempenho. Há o risco de se danificar e perdermos os dados contidos nele. Como ainda há outra possibilidade mais confiável, apesar de delicada, acredito que não precisaremos apelar a esta opção, ainda. O sistema está preparado para receber a energia do transporte e regular sua intensidade ao uso adequado do próprio sistema computacional.

– Acho que temos uma posição definida nessa situação. Tentaremos a alternativa sugerida pelo Dr. Carter — disse Tlüogodárami aos demais da tripulação. - Na situação atual, não temos muito a perder.

– Realmente — comentou Shoi. —Alguma outra sugestão?

Todos concordaram com a alternativa. Divididos em duas equipes e orientados por Andy Carter, os tripulantes da *Mustang*, inclusive Tlüogodärami, começaram os procedimentos para a tentativa de fornecer energia aos sistemas computacionais da nave. Shoi, Goo e Carter seguiram para a cabine onde o transporte e os materiais necessários se localizavam.

– Dr. Carter! Aqui estão os fios de reserva! — Goo alertava a ambos da localização dos fios, armazenados em caixas brancas fixadas numa das paredes internas da nave.

– Há mais que o suficiente para levarmos energia ao sistema — disse Carter observando a quantidade de fios expostos nas caixas

abertas.

Enquanto preparavam as conexões para a transferência de energia, Carter procurava, mediante seu conhecimento profundo do projeto, a área do transformador de energia que eliminaria os riscos de destruição dos sistemas computacionais. Com vários papéis diante de seus olhos, certificava-se de tudo com esmero para não cometer erros. Quando se sentia cansado ou preocupado, andava para ver os procedimentos da preparação dos cabos de energia e, após se acalmar, retomava seu pensamento e reafirmava seus cálculos e linhas de raciocínio para aquela execução. Com toda a minúcia do trabalho, levaram um pouco menos de três horas para executar aquele improviso. Shoi se encontrava no transporte enquanto Goo e Ji esperavam do lado de fora. Carter estava na cabine intermediária entre o sistema computacional da cabine principal e a que continha o transporte. Cabos passavam de forma improvisada por todos os ambientes da nave como que indicando a demarcação de um caminho seguro. E não mais que segurança era esperado naquela delicada situação. Zhi e Tlüogodärami olhavam atentamente para as telas de cristal líquido espalhadas pela cabine, esperando um bom resultado no final das contas. Shoi ativou o motor do transporte e este emitiu seu som característico. Após se desvencilhar da posição ingrata de estar de cabeça para baixo em relação aos comandos, correu para a chave ligada ao cabo para ativá-la. Olhou para seus companheiros do lado de fora, pela escotilha, e esperava um sinal positivo de ambos. Ji e Goo olhavam alternadamente, ora para Shoi, ora para a entrada da cabine onde Carter permanecia. Com um sinal de positivo, Carter autorizou a ativação da chave. Ji, da mesma maneira, levantou seu polegar dando a Shoi o subsídio necessário para ativar a chave do cabo. Shoi não pestanejou e ativou a chave em milésimos de segundos após a confirmação de Ji. Iluminado pelas luzes vindas de todos os

lados do transporte, torcia pelo sucesso. Carter imediatamente dirigiu-se para a cabine principal e com o zelo de Tlüogodärami e Zhi, foi até o local onde o transformador estava instalado. Parou por alguns segundos, passou mentalmente o projeto por sua perturbada mente, respirou profundamente e ativou a outra chave localizada no transformador. Interjeições podiam ser ouvidas na cabine principal. Estas expressavam alegria por causa do sucesso obtido na operação. Carter respirou mais uma vez, e desta vez era um suspiro de alívio, e correu para chamar os Li-Seugs para ajudarem aos demais na transferência dos dados para o transporte. Shoi ficou no transporte para verificar a eficácia da transferência de dados e controlar o andamento do fluxo de energia enviada aos sistemas computacionais da *Mustang*.

Tlüogodärami ergueu seus companheiros para poderem se acomodar o melhor possível nos assentos. Enquanto se prendiam com os cintos de três pontas, tentavam se adaptar à posição desconfortável. Contudo, a tarefa foi amenizada em função da gravidade menor exercida pelo planeta. Todos acomodados, Tlüogodärami se dirigiu abaixo de seu assento, e com um pulo inesperado segurou-se nos apoios das mãos. Com um movimento de força pura, colou seu corpo ao assento, como se não existisse a influência da gravidade opondo-se ao movimento. Estabelecida a conexão com o transporte, os dados transferiram-se em pouco mais de dez minutos. Tlüogodärami conferia, junto aos demais, se havia ainda informações relevantes para serem enviadas ao transporte. Depois de verificar que não existia nada mais importante naquele sistema computacional, desceu novamente de seu assento e ajudou os demais em suas respectivas descidas. A energia cessou seu fluxo e o sistema computacional foi desativado para sempre. Reunidos novamente no teto da cabine principal, conversavam sobre os novos problemas surgidos. A

tripulação levantou a questão da saída do transporte da nave e aquilo se tornou problemático por alguns instantes.

– Como tiraremos o transporte desta nave? — perguntou Shoi aos seus pares.

– Isto é um grande problema, pois a saída está obstruída por estarmos de cabeça para baixo — disse Tlüogodärami.

– Não exatamente, Tlüogodärami — disse Carter ao ouvir as palavras do dragão.

– Não entendi, Dr. Carter.

– Existe uma escotilha no piso daquela cabine do mesmo tamanho da localizada acima. Era para facilitar as operações de montagem

e foi selada após o término da construção. Sua abertura é possível mediante ato manual. A camada de cerâmica externa seria facilmente destruída se forçássemos com o transporte.

—E o que estamos esperando? — disse Goo com seu habitual entusiasmo.

—Vamos com alguma cautela, pois até agora ela foi essencial nesta demanda — disse Carter aos demais.

—Mais uma vez nosso caro Dr. Carter tem total razão. Vamos planejar cuidadosamente os procedimentos — disse Tlüogodärami.

—Abaixo do piso há uma trava manual que une toda a estrutura interna daquela parte da *Mustang* — Carter relatava a situação aos demais. — Alguém deve abrir o alçapão e destravar a escotilha. Depois a força do transporte fará o trabalho de abri-la, teoricamente.

– Vamos recolher tudo que for importante na nave e carregar o transporte — disse Shoi.

– Então vamos agir! — concluiu Tlüogodärami.

Tudo que aparentava importância fora armazenado no transporte. Alimento, ferramentas, os trajes reservas, tudo colocado adequadamente naquele veículo. Entretanto, o espaço dentro dele ficou limitado aos assentos da tripulação. Aquele realmente era um caminho sem volta e todos estavam conscientes disso. As atitudes tomavam um caminho quase militar, pois o ambiente e a situação vivida até aquele momento tornaram-se drásticos e limitados.

Tlüogodärami prontificou-se a abrir a escotilha enquanto a tripulação acomodava-se da melhor maneira possível em seus lugares. Depois de enfrentarem alguma dificuldade em se prenderem nos cintos de segurança e estarem devidamente pressurizados em seus trajes, esperavam apenas a atitude de Tlüogodärami para saírem da nave *Mustang*. O dragão trajando sua

roupa do tempo da guerra subiu com habilidade sobre o transporte tombado e procurou o alçapão no chão onde jazia a alavanca que destravaria aquela oculta escotilha. Uma vez localizada, abriu-a e encontrou uma espécie de chave vermelha. Como Andy Carter havia orientado, ele torceu a chave continuamente, e de repente, quando ouviu um som de rangido, a estrutura tremeu assustadoramente, fazendo com que o chão, agora teto da nave, afundasse em sua direção. Contudo essa deformação não chegou a provocar grandes estragos e imediatamente adentrou no transporte de terra e acomodou-se em um assento similar ao encontrado na *Mustang*. Com o transporte devidamente selado e motores funcionando, estavam prontos para transpor mais uma barreira imposta até aquele momento.

– Todos prontos? — perguntou Tlüogodärami.

– Sim — Shoi respondia por todos.

O transporte começou a mover-se no apertado espaço. Manobras de vai e vem faziam com que a tração nas rodas conseguisse adquirir força suficiente para subir as pequenas paredes da nave. Os pneus batiam de um lado ao outro até que um grande impulso fez com que a escotilha esboçasse uma abertura, mas logo depois voltou a se fechar. Não desistindo, o transporte continuou sua

manobra e, conforme desenvolvia seu movimento, mais esboços de uma abertura definitiva aconteciam. Os movimentos contínuos começavam a destruir tudo em volta daquela cabine. Mas antes que houvesse mais estragos, o transporte finalmente conseguiu romper aquela barreira. A escotilha abriu-se completamente, com suas portas impactando-se nas laterais da *Mustang*, e o transporte finalmente encontrou a atmosfera marciana sobre sua couraça metálica. A tripulação aproveitou o ensejo daquela manobra arriscada e, quando o transporte estava numa posição de noventa graus, aproveitaram aqueles milésimos de segundo para colocá-lo em sua posição normal. Como havia chegado muito mais para a direita ao estar em noventa graus, conseguiu se segurar com a tração exercida por seus pneus e não caiu novamente dentro da escotilha. Houve uma comemoração contida dentro do transporte e naquele momento precisavam determinar onde exatamente estavam em Marte.

— Goo e Zhi, procurem em seus sistemas algum sinal do satélite deixado por nós na órbita de Marte — determinou Shoi.

— Espero que aquela onda que nos abateu não tenha danificado o satélite — disse Carter.

-Também espero boas notícias, caro doutor — disse Tlüogodärami, escondendo sua preocupação.

—O que seja aquilo, provavelmente foi direcionado a nós — disse Ji aos demais.

—Vamos aguardar — respondeu Shoi.

Nem dois minutos se passaram e mais uma sensação de alívio tomou conta da tripulação. O satélite continuava operante e mandava sinais para o transporte. Eles descobriram que a nave havia caído a um raio de aproximadamente quatrocentos quilômetros de distância do local onde se localizava a cidade dos dragões. Uma vez sabido o local exato onde estavam, trataram de calcular a direção exata para rumar à cidade dos dragões.

—Caímos depois da região de *Argyre*, mais precisamente ao nordeste desta — disse Shoi, observando os dados enviados pelo satélite.

– Bom, teremos que rumar para o Sul — completou Ji. — Até aqui a situação apresenta-se fácil. Estamos no Norte e queremos ir para o Sul — todos contiveram risadas para não constranger Ji. Mas ele mesmo seguiu o espírito da equipe e riu de sua própria colocação. — Deixando um pouco o humor de lado - agora falava com sua típica seriedade —, os mapas apresentam certa facilidade na primeira etapa da viagem. *Argyre* é uma espécie de deserto plano. Mas depois dela, há um terreno bastante acidentado.

– Torceremos para que não haja nenhum grande obstáculo para impedir nossa chegada — disse Goo à tripulação.

– Mesmo que haja algum obstáculo, este veículo foi planejado para atravessar quaisquer tipos de obstáculos impostos em terrenos acidentados — disse Andy Carter, respondendo aos anseios de Goo.

O transporte seguia o caminho preestabelecido mediante informações obtidas do satélite instalado pela nave *Mustang* na

órbita de Marte. Carter, Tlüogodärami e Shoi decidiram guiar o transporte com o máximo de cuidado pela primeira parte do caminho, pois um terreno rico em irregularidades tornava-se perigoso mediante a imprudência de qualquer espécie. Sacudidas notavam-se à todo momento. Aos poucos, com os ânimos voltando a um estado normal e deixando-se envolver pela rotina monótona da viagem, perceberam a gravidade menor exercida pelo solo marciano. Como não havia necessidade de todos se dedicarem à direção do veículo, a maioria deixava-se entreter com a paisagem do planeta. Carter, por exemplo, não tivera tempo de observar a materialização de seus mais profundos sonhos de terra infância. Um estalo mental tomava conta de si. *Sim!*, pensava ele, *Finalmente estou em Marte!* Não conseguiu, perante tal pensamento, conter sua emoção. Não sendo um homem demonstrador de seus sentimentos, não externou estes, porém isso não diminuía sua profunda emoção por uma vitória pessoal quase impossível em circunstâncias normais. O impossível tornara-se possível e viu a frase tão usual personificada em sua própria realidade.

Tlüogodärami conduziu o veículo boa parte do tempo até ali, tomando o máximo cuidado em sua condução. Quando chegaram à região de *Argyre* propriamente dita, Tlüogodärami permitiu-se descansar um pouco, pois o terreno era bem menos acidentado que o padrão encontrado até aquele momento. Goo e Ji, entediados com a viagem, dirigiram o veículo no trecho tranquilo daquele caminho misterioso. Carter, também entediado, puxou conversa com o dragão, para diminuir a monotonia causada pela interminável viagem.

– Tlūogodārami, o que pretende realmente ao chegar à cidade dos dragões — perguntou Carter não contendo uma curiosidade há muito reprimida por sua postura educada. — Desculpe-me por fazer pergunta tão impertinente, mas não consigo sanar esta minha curiosidade.

– Não há o que se desculpar, meu caro doutor. Pretendo dar uma segunda chance ao meu povo.

– Isto ficou evidente, mas penso se não há outra motivação para esta reconstrução?

– Não compreendo. Há motivo maior que o de regenerar um erro do passado? — perguntou o dragão ao curioso Carter.

– Penso que, talvez — Carter procurava as melhores palavras para dizer aquilo —, haja sentimentos ocultos nesta missão.

– Sentimentos ocultos?

– Serei franco, Tlüogodärami. Não há a possibilidade de o estímulo a esta missão ser motivado por um certo sentimento como a vingança?

– Ah! Vingança! — o dragão esboçava um sorriso amistoso como se Andy Carter compartilhasse consigo um pensamento. — Sabe, Dr. Carter, não negarei que já possuí por algum tempo tal sentimento. Talvez esse sentimento de vingança fosse o primeiro estímulo à minha sobrevivência. Mas três mil anos de reflexão sobre tudo o que vivi no passado, tudo o que meu povo viveu e sofreu, deram-me uma nova perspectiva disso tudo, e o sentimento, antes forte e jovem, morreu asfixiado por sua própria falta de capacidade de subjugar argumentos mais lógicos.

– Espero não ter sido impertinente em minha pergunta — desculpava-se Andy Carter ao dragão.

– Não, claro que não. Sei que entre humanos há sempre um sentimento contraditório em relação ao se falar a verdade. Por não querermos enxergá-la, torna-se ofensiva muitas vezes. Contudo não a temo. O sentimento de vingança levou meu povo ao declínio. Não posso deixar que isso ocorra novamente.

– A vingança corrói a consciência, deixando-nos cegos.

– Exatamente. E essa cegueira abre precedentes para coisas piores. Os dragões não morreram em paz, Dr. Carter. A vingança contra um inimigo desconhecido tornou-os corruptos. Corromperam-se com as possibilidades de riquezas e poder que conseguiriam caso derrotassem aquelas criaturas. Acabou, contudo, do jeito que acabou.

– Mas pelo menos o antigo Tlüogodärami, seu antecessor, conseguiu não ser cegado pela vingança nem pela corrupção.

– E um pensamento assustador, Dr. Carter. De tantos milhões de dragões sobreviventes, apenas um conseguiu enxergar e até planejar alternativas para a sobrevivência de seu próprio povo.

– Olhando por esse ponto de vista, realmente torna-se assustador.

– Imagine caso meu antecessor fosse seduzido pelo sentimento de vingança e pela arrogância advinda da tecnologia avançada desenvolvida pelos dragões: não estaríamos aqui conversando.

– Realmente assusta muito!

– O mais assustador disso tudo, e até diria decepcionante, é que apenas um dragão tenha pensado nisso. Apenas um! Claro que eu compartilhava de muitas idéias de Tlüogodärami, mas por algum tempo a vingança me alimentou. E acredito que muitos dragões

não queriam, bem no fundo de suas consciências, aquela guerra. Contudo, ninguém contestou quaisquer atitudes tomadas, apenas o velho Tlüogödärami à sua maneira, assim como o primeiro Tlüogödärami o fez em sua época por outras motivações históricas.

Carter observava pela escotilha a paisagem árida de Marte. Estava refletindo sobre os argumentos apresentados pelo dragão sobre as motivações e sentiu-se, até aquele momento, satisfeito com suas palavras. Contudo, estimulado por seu companheiro humano, Tlüogödärami sentiu-se à vontade para continuar divagando sobre suas conclusões durante tão elevado tempo de reflexão permitido pelo exílio no planeta Terra.

— Levantemos uma hipótese, meu caro doutor — disse Tlüogödärami retomando a conversa com Carter. — Quanto tempo existe entre aquela guerra travada pelos dragões e o tempo atual? Acredito que quase onze milhões de anos seja tempo mais que suficiente para o limiar e a decadência de qualquer civilização alienígena ou para nós mesmos. E uma soma de tempo considerável. Portanto, mesmo alimentado por sentimentos de vingança, a hipótese de ainda existir alguma criatura ou civilização para alimentar tal sentimento é quase improvável.

– "Quase improvável" é a expressão correta, Tlüogodärami. Se algo que vi durante nossa amizade é que o improvável torna-se palpável com muita facilidade.

– Claro que seres que existiam apenas no patamar mítico, como os dragões, aparecerem diante dos olhos da humanidade, seria um fato pouco provável. Mas estamos lidando com um fator de não conhecimento da existência de uma espécie, tida apenas como lenda ou criação da mente de algum antepassado humano. A ignorância torna-a improvável. Contudo, mediante exemplos bem estabelecidos, quase onze milhões de anos é um período mais que suficiente para esse tal inimigo tornar-se uma mera lenda — Tlüogodärami dava uma suave risada perante a comparação que fizera com a palavra lenda.

– Olhando por esse prisma, é bem provável a não existência desses inimigos. Contudo a hipótese de ainda estarem vivos existe, apesar de improvável.

– Exatamente, Dr. Carter. Não cometerei erros iguais aos feitos no passado. O fato de ser muito improvável a existência deles não quer dizer que a nova civilização dos dragões não esteja preparada para enfrentá-los. Só não seremos os primeiros a dar o primeiro passo em relação a isso. Não buscaremos vingança por

algo novamente desconhecido. Isto é quase um paradigma universal para qualquer ser vivente com inteligência neste gigantesco universo. Por mais inteligentes e sofisticados que sejamos, não há razão sem emoção. O sentimento e a construção dos símbolos que nos fazem ser o que somos; aquilo que respalda nossa identidade, nossas crenças, nosso caráter construído é totalmente unido à razão. Sem a união dos dois, não há inteligência capaz de prosperar no universo. Quero dizer com isso que seríamos apenas robôs se não tivéssemos esse algo a mais. Contudo, terei de dar prioridade ao racional. Por isso sentimentos exacerbados, como os estimulados no passado, não poderão ser os pilares principais de uma guerra.

Tlüogodärami subitamente interrompeu a conversa com Carter. Reparou pela mesma escotilha observada muitas vezes por Andy Carter que o dia marciano se extinguia e as sombras intensas daquele planeta tornavam a situação profundamente perigosa. Shoi, que era espectador da calorosa conversa travada entre Carter e Tlüogodärami, percebeu a expressão preocupada do dragão e constatou ao olhar pela escotilha aquilo que preocupava seu amigo. Olhou, ao mesmo tempo em que Tlüogodärami, para a tela de cristal líquido e verificaram que estavam próximos do fim da cratera *Argyre Planitia*. Obviamente só passaram por um pequeno pedaço da região, pois a cratera tinha uma distância aproximada de mil e oitocentos quilômetros. Não havia alternativa para aquela situação a não ser parar e esperar o dia recomeçar. Shoi e Tlüogodärami estavam em sintonia em relação à atitude a ser tomada.

— Não há o que fazer, meus amigos — disse Shoi. —Vamos pernoitar aqui mesmo e esperarmos a luz do novo dia nos conceber alguma segurança novamente.

Todos concordaram e realmente precisavam de descanso para repor a energia perdida diante de tantas situações preocupantes. Muito apertado, o transporte não fornecia a melhor das acomodações para uma noite tranqüila de sono, mas não havia alternativas naquela situação. Contentaram-se com o que possuíam. Acomodaram-se da melhor maneira em seus assentos e tentaram dormir um pouco. Não foi uma noite das mais interessantes para a tripulação. Todos tiveram sonos leves perturbados por constantes despertares e, no dia seguinte, com o retorno da iluminação, não estavam em seus melhores dias. Eles fizeram um rápido desjejum com a comida trazida, o que não era grande coisa, contudo estavam mais que habituados àquela comida desidratada e com sabor pouco acentuado. Apesar de cansados, conseguiram repor parte da energia e a vontade de conseguir aquele objetivo alimentava cada espírito presente no transporte. A vontade promovia a energia necessária para continuarem a missão com a obstinação de que precisavam.

A jornada continuava na mesmice tornada habitual. A aparência do local transmitia certa semelhança com um deserto liso, sem dunas gigantescas. Segundo as informações enviadas pelo satélite, estavam quase saindo da parte do caminho que passava por *Argyre Planitia*.

À olho nu não se via ainda este fim. Depois de constatarem a aproximação via satélite, não demorou muito para verem uma imagem diferente nas escotilhas que serviam de pára-brisas, e essa imagem foi um pouco assustadora. Um paredão gigantesco brotava na linha do horizonte a cada metro percorrido pelo transporte. Todos voltaram suas atenções ao paredão rochoso. Apesar de ser o fim daquele trecho, não tinham muitos motivos para comemorar. Aquilo não havia sido planejado. Ao chegarem muito próximo da escarpa, verificaram que aquele exato local onde o transporte chegara não possuía nenhum lugar seguro para transpor a barreira natural.

– Ah! Deus! Mais um problema! — resmungava Ji.

– Ora, Ji! Não seja rabugento! — comentou Goo.

– Não há necessidade de desespero. Vamos achar algum lugar mais adequado para subir esse paredão — disse Tlüogodärami com seu tranqüilizador tom.

– O que o satélite nos diz, Zhi? — perguntou Shoi à irmã.

– A área será fotografada e dentro de algum tempo o satélite nos mandará essas imagens e poderemos escolher para onde ir.

Em meia hora as imagens começaram a chegar ao transporte. Todos começaram a analisar aquelas fotografias para escolher o melhor lugar para transpor a barreira natural. Não foi fácil. O satélite mandava imagens seqüenciais e a cada pedaço vindo não se encontrava alternativa. Depois de quinze imagens à direita do transporte, avistaram um lugar apropriado para transpor a barreira. Com certeza o lugar daria uma subida segura para o transporte, sem colocar a missão em risco.

– Qual a distância dessa rampa natural? — Carter percebeu que era bastante distante do lugar em que se encontravam.

– O satélite calcula aproximadamente uns cem quilômetros - informou Zhi.

– Ter quatrocentos quilômetros de raio do local de nossa queda à cidade dos dragões não traduz a verdadeira realidade do caminho — disse Ji.

– Não adianta reclamar, meu caro Ji. Ainda bem que temos escolha. O que são mais cem quilômetros para quem transpôs uma barreira planetária? — disse Tlüogodärami com a intenção de animar Ji e o resto da tripulação.

– Sim, Tlüogodärami. Compreendo o que quis dizer — respondeu prontamente Ji.

O transporte virou à direita e seguiu o caminho paralelo à escarpa. Até aquele momento seguiram numa velocidade cautelosa. Não passavam de sessenta quilômetros por hora e todos já estavam

cansados daquilo. Tlüogodärami, sentindo certa ansiedade no ar, começou a questionar se não poderiam andar mais rápido.

—Este transporte não se locomove mais depressa do que essa velocidade? — perguntou o dragão a Carter.

—Podemos chegar a uns duzentos por hora — disse Carter. — Contudo, não é recomendável por causa do caminho desconhecido.

—Acho que podemos ver, só um pouco, o que este transporte pode fazer — sugeriu Goo, com um brilho nos olhos exalando aventura.

—Como esta cratera não apresenta nenhuma grande falha no caminho, acho que não faria mal um pouco mais de velocidade — disse por fim Carter, convencido de que poderiam ousar mais.

Tlüogodärami concordou e prontamente impuseram, aos poucos, mais velocidade àquele veículo. Depois de algum tempo, o carro alcançou um pouco mais de duzentos quilômetros por hora. Os pneus de cada eixo, empilhados em três, rodavam alucinadamente. A pouca gravidade do planeta provocava sensações apenas conhecidas dos mais ousados pilotos de automobilismo. Um leve rastro de poeira indicava a trajetória do veículo. Todos mantinham os olhos na direção e contornavam os limites seguros da escarpa como se essa fosse protegida por um campo de força daqueles de ficção científica. O ponto onde a subida se encontrava estava mais próximo a cada minuto passado. Empolgados com a sensação de liberdade que só a velocidade possibilita, não perceberam uma falha no caminho. Havia um rochedo naquele, e só deram-se conta tarde demais. As rodas passaram por cima da rocha e finalmente foram colocadas à prova naquele tipo de situação. Enquanto um dos pneus era travado por um ponto de atrito, o pneu acima girava e assumia a posição, transpondo a pequena barreira. No geral, a pedra fez o transporte se projetar no ar. Mantiveram a calma habitual e continuaram impondo velocidade. O bem localizado ponto de massa do transporte não permitiu que este capotasse. Os sons de risos nervosos ressonavam no ar e alguns minutos depois o silêncio predominou mediante a imponente presença da saída. Realmente aquele pedaço da escarpa poderia ser transposto com muito mais facilidade, contudo ainda era perigosamente íngreme e teriam de tomar todos os cuidados possíveis. Contudo parecia a subida de uma duna gigantesca e Carter sugeriu a subida em ziguezague para uma maior segurança. Seguiram de um lado ao outro da subida, movimentando-se como que costurando, com seus peculiares movimentos. Ao término daquela subida, depararam com um resto de caminho bastante acidentado. As emoções obtidas embaixo não poderiam ser repetidas e a cautela tornou-se novamente necessária. Com alguns inconvenientes durante o percurso, mas nada grave, finalmente chegaram ao ponto indicado onde supostamente estaria a cidade dos dragões.

Um morro com uns dois quilômetros de diâmetro, quatrocentos metros de altura e relativamente plano em seu topo dormia imponente em seu sono geológico diante do transporte vindo do planeta Terra. Tlüogodärami observava fascinado aquele monte. Não acreditava que depois de milhões de anos ainda o reconhecia. Mantivera em sua essência o formato muito próximo ao que ele se lembrava.

– Finalmente chegamos, meus amigos — falava o dragão com exaltação na voz metálica. — Não tenho palavras para exclamar minha felicidade.

– Onde fica a entrada? — perguntou subitamente Goo, interrompendo o êxtase de Tlüogodärami.

– Boa pergunta. Se não me falha a memória, no lado leste há uma entrada - disse Tlüogodärami, lembrando-se depois das palavras de Goo, que ainda faltavam detalhes ao fim daquela missão. — Vamos até lá!

O transporte direcionou-se para a posição leste do monte e, contornando-o rapidamente, chegou até um local nitidamente artificial. Apesar de encontrar-se em ruínas, havia ali os fragmentos de uma antiga e suntuosa civilização. Os restos demonstravam uma sofisticação somente compreendida por seres capazes de construir algo tão maravilhoso como os dragões; e os seres humanos possuíam essa capacidade. Tlüogodärami reconheceu a entrada e imediatamente procurou sua caixa. Dentro daquela caixa, ele tirou uma pequena placa ricamente ornada, muito semelhante à própria caixa. Depois solicitou que deveria sair do transporte e verificar mais de perto a entrada. Todos pressurizaram seus trajes e Tlüogodärami imediatamente saiu do transporte para a inóspita atmosfera marciana. Subiu algumas ruínas e procurava uma espécie de fechadura existente perto daquele portão. Depois de uma hora procurando, encontrou finalmente aquilo que buscava. Por pouco não percebera o encaixe daquela fechadura, coberto por poeira e detritos. Limpou o melhor que pôde e imediatamente encaixou a pequena placa de *krür*, e umas luzes começaram a piscar como se aquele sistema fosse novo em folha. Tlüogodärami imediatamente se afastou em direção ao transporte e o gigantesco portão que selava há muito tempo aquela cidade tornou a se abrir mais uma vez. Dentro do transporte novamente Tlüogodärami ordenou que passassem sem medo sob aquele portão. Lentamente o portão se escancarava, e o transporte subiu pelas ruínas à frente dele. Visivelmente emocionado, Tlüogodärami não conseguia conter sua felicidade.

- Meus amigos, sejam bem-vindos à cidade de Yfunst Ghiar do planeta Niiefgönst!

CAPÍTULO 18

Variáveis

O transporte adentrou aquela passagem aberta por Tlüogodärami. Apesar de estar em ruínas do lado de fora, aquela primeira parte da cidade encontrava-se totalmente intacta. A antecâmara aparentava ser uma área de transição ou rápida quarentena. Podia-se ver rocha escavada rusticamente nas extensas paredes, no centro de uma parede escavada, à frente do transporte, havia mais um portão que dessa vez encontrava-se intacto em relação ao portão externo. Não houve a necessidade de intervenção, pois o portão se abriu sozinho revelando facilmente seus segredos. Entraram em um túnel totalmente cilíndrico, extremamente largo, muito bem iluminado e feito de metal claro polido. Devia ter um diâmetro aproximado de cinquenta metros. Depois de oito minutos naquele cilindro, passaram deste para outro estágio do caminho. Depois do fim do túnel, assustaram-se com o que viram. Havia naquela câmara um gigantesco ecossistema que lembrava muito o planeta Terra. Uma

estrutura gigantesca, servindo de ponte, atravessava todo aquele ecossistema como se fosse uma passarela de turistas em um parque temático. O lugar era de uma grandiosidade inexplicável. Aos olhos dos humanos da tripulação, aquilo se tornava a síntese do extraordinário. Nunca até aquele momento poderiam imaginar um pedaço da Terra localizado no desértico planeta Marte. Árvores e plantas ocupavam aquela área. As copas das árvores simulavam um extenso tapete verde. Ao longe, parecia um conglomerado de nuvens verdes, dando uma leve sensação de maciez. Um pequeno éden no subterrâneo do deserto alienígena. Carter, ao deslumbrar aquele ambiente pela lateral do transporte, calculou pelo menos uns sessenta quilômetros de cada lado. Na verdade não se podia estimar ao certo a distância, pois as visões laterais se perdiam em horizontes artificiais. A única sensação confiável era a de estarem descendo cada vez mais fundo. Ao passarem próximos a cascatas de água, entraram em mais um túnel, e este parecia idêntico ao anterior.

Atravessado o túnel, chegaram finalmente a uma parte da cidade dos dragões. O ambiente estava intacto, como tudo ali dentro. Não havia um grão de poeira em nada. Algum desavisado poderia pensar que aquela cidade ainda era habitada por alguns seres. Entretanto, o absoluto silêncio do ambiente e o vazio de vida denunciavam o abandono. Por isso mesmo encontrá-la intacta e excepcionalmente limpa tornava-a impressionante aos olhos da tripulação da nave *Mustang*. As construções dos dragões mantinham uma lógica impecável. Embora fossem feitas no subterrâneo, possuíam a magnitude das mais sofisticadas obras de engenharia. Havia corredores de passagem que poderiam ser comparados com as ruas humanas, porém muito largos e sem local para a passagem de transporte. Os supostos edifícios demonstravam riqueza nos mínimos detalhes. Placas em baixo-relevo decoravam muitas das

construções contando partes da história dos dragões. Contudo, algumas construções aparentavam independência, como se fossem edifícios ao estilo humano, e outras se integravam às paredes escavadas, outras ainda se integravam do chão ao teto, das mais variadas formas imaginadas. O transporte tornou-se minúsculo em proporção à grandiosidade daquela construção e não imaginavam que aquele trecho da cidade era apenas um início bastante tímido da grandiosa cidade e do que fora a civilização dos dragões, somente Tlüogodärami imagina isso.

Resolveram parar por algum tempo, pois o pior da missão já acabara; assim concluíram depois dos últimos acontecimentos. Poderiam procurar com calma a estação e parecia que Tlüogodärami sabia exatamente onde esta se localizava. Procuraram um lugar para ficar, e naquela cidade deserta não faltavam opções. Na direção oeste daquele pequeno trecho da cidade, eles encontraram alguns pequenos alojamentos quase terminados em suas construções e totalmente vazios, o que dava a sensação de legalidade, pois naquele lugar não existia vestígio de nenhum antigo morador. Saíram do transporte e sentiram-se como se estivessem no planeta Terra, a não ser pela gravidade baixa. Acomodaram-se naquele alojamento, onde puderam descansar finalmente com algum conforto. Com o alívio proporcionado pela resolução dos problemas até ali, o sono foi arrebatador. Todos sem exceção dormiram como mortos.

Carter foi o último a acordar do grupo. Dormira como se fosse transportado no tempo. Era como se fechasse os olhos e no minuto

seguinte os abrisse novamente, mas totalmente renovado. Um sono semelhante ao que tivera viajando ao Brasil para fazer o negócio de sua vida com a *Seug Corporation*. Olhou para o pulso e percebeu um segundo depois que não estava com relógio. Perguntou a Goo que passava ao seu lado e este informou do tempo exato em que estavam ali. Calculara um sono de aproximadamente quinze horas. Nada mau para uma pessoa que costumeiramente dormia não mais que seis horas por dia. Levantou-se e foi direto ao encontro do grupo, que comia tranqüilamente algo semelhante a um café da manhã. Todos estavam sem seus capacetes, e Carter surpreendeu-se com isso. Não ousara retirá-lo por desconhecer as condições da cidade. Ao se aproximar ainda mais, seus amigos o encorajaram a retirar o capacete.

– Bom dia, Dr. Carter — disse Tlüogodärami quando Carter se aproximou do grupo. — Vejo que ainda usa seu capacete. Aconselho a tirá-lo, pois além de ser mais confortável, há total segurança em fazê-lo, como o próprio doutor pode constatar.

– Bom dia, Tlüogodärami. Como chegaram a essa conclusão?

– Simples. Shoi e eu fizemos uma análise do ar daqui com o dispositivo instalado no veículo e este indicou que o ar é

exatamente igual ao da Terra. Depois fomos para a parte empírica e até agora não morremos — o dragão dava um discreto riso.

– Com esse respaldo, também retirarei o meu.

Logo depois de retirar o capacete, Carter se reuniu ao grupo e compartilhou da comida desidratada. Não era a melhor das refeições, mas saciava a fome perfeitamente e mantê-lo-ia bem disposto durante o longo dia de trabalho que provavelmente teria. Enquanto se alimentavam, Carter puxou conversa mais uma vez com o dragão. Não conseguia conter a curiosidade alimentada pelas maravilhas que viu até aquele momento.

– Por que a cidade está intacta, Tlüogodärami?

– Da mesma forma que podemos retardar a morte, a cidade funciona como uma entidade viva. A nanotecnologia, pesquisada e sonhada pelo homem era uma realidade bem presente há onze milhões de anos em meu mundo, Dr. Carter. Portanto, o sistema até hoje funciona, e funciona muito bem!

– Aquela gigantesca floresta também é impressionante.

– Aquele ecossistema não é natural, Dr. Carter. Não fizemos objeções à modificação genética das plantas para se adaptarem a região inóspita de Marte. Sem essa mudança em seus códigos, não haveria a menor possibilidade de vida aqui, Dr. Carter, como também nos modificamos, caso contrário morreríamos escolhidos pela loteria da extinção.

Carter se calou, refletindo sobre aquilo dito pelo dragão. Em seu mundo, estes assuntos eram extremamente polêmicos e conhecer uma espécie livre de tais questões morais demonstrava-se intensamente fascinante. Após a refeição frugal, eles decidiram seguir caminho, pois a cidade era bem grande e intrincada, e com um transporte sobre rodas aquilo demoraria um bom tempo para a chegada ao destino final, a estação onde Tlüogodärami reiniciaria a jornada de seu povo.

Durante o início do caminho, não havia um ser naquele veículo que não olhasse deslumbrado para a cidade. Até Tlüogodärami, que já conhecia aquele lugar, olhava como se fosse sua primeira vez, também. Mas houve algo que chamou a atenção de todos. Uma edificação gigantesca se sobressaía de tudo ali construído. O edifício possuía um revestimento da mais bela e polida pedra existente. Tlüogodärami explicou que aquela rocha estava por todos os cantos, pois nada mais era que rocha marciana, porém com o polimento esmerado tornava-se uma rocha belíssima. Rapidamente a edificação foi reconhecida por Tlüogodärami e este afirmou que ali era uma espécie de centro administrativo, fórum, arquivo e museu, tudo ao mesmo tempo. Aquilo indicava que estavam no centro antigo da cidade, e o edifício simbolizava além de suas funções citadas o marco zero da construção da cidade de Yfunst Ghar. Resolveram parar mais uma vez e contemplar um pouco a grandiosidade do lugar. Saíram do transporte e adentraram a construção. Por dentro havia as famosas placas de *krür* tão citadas por Tlüogodärami e logo de cara algo assustador chamou a atenção dos viajantes. Algumas placas gigantescas, com dez metros de altura, nitidamente mostravam cenas de guerras primitivas. Dragões estilizados, com musculatura acima da média se digladiavam em pleno ar. Corpos mutilados e vencedores alternando lados indicavam um cotidiano de guerra infindável. Depois placas totalmente lisas, umas três de tamanho tão grande como as dezenas anteriores, estavam curiosamente depositadas antes daquilo que realmente assustou a todos ali, menos o dragão Tlüogodärami. Naquelas placas, logo a seguir, havia várias figuras deformadas que pouco lembravam a composição física de um dragão, mas ao mesmo tempo indicavam que eram dragões. As contraditórias criaturas possuíam deformações de todas as espécies. Diferentes dos guerreiros mutilados existentes nas placas anteriores, aqueles nitidamente deformaram-se por outro motivo. Parecia o trabalho de um artista surrealista contido naquelas placas. Mas em vez de guerra, aquelas criaturas deformadas construía objetos e, a cada objeto criado, uniam-se aos demais, formando a imagem de um dragão gigantesco.

– Ah! — admirava-se Tlüogodärami. — Essas placas de *krür* são muito antigas, porém são cópias das originais, bem menores, por sinal. As primeiras mostram o período de caos que minha civilização viveu antes de seu surgimento propriamente dito. O símbolo dos dragões abraçados é a representação de Tlüogodärami e como suas idéias mudaram nossa história. Depois as placas sem nada representam as trevas, pois sabemos muito pouco desse período, apenas que foi a época inicial de nossa decadência. Estes dragões deformados são os pais fundadores da última grande civilização dos dragões. Eles, apesar de extremamente doentes, uniram-se para de alguma maneira mudar o rumo hediondo reservado a eles pela história evolutiva dos dragões.

– Nossa! Nunca vi baixos-relevos tão perfeitos! Nem as efígies das mais raras e bem concebidas moedas de ouro se comparam à beleza dessas placas — disse Shoi ao amigo dragão.

– Tirou as palavras de minha boca — disse Carter.

– São como hieróglifos sofisticadíssimos — disse Zhi. — Uma síntese de como seria a linguagem escrita da humanidade se continuasse usando essa forma de representação. Os dragões chegaram ao auge no que se refere a isso.

– Bondade sua, Zhi — disse Tlüogodärami demonstrando alguma modéstia. — Contudo é o que chamaríamos de arte em nossa civilização, claro que não chegamos nem perto dos humanos no que se refere à arte propriamente dita. Contudo, admirávamos isso diante de nossos olhos, e muito.

O esplendor daquelas placas de *krür* chamou a atenção por muito tempo dos ali presentes. Poder-se-ia admirá-las por dias seguidos sem ao menos se cansar daquilo observado. Cientes da falta de disponibilidade de tempo deixaram para outra oportunidade a chance de observar mais a história dos dragões. No breve caminho de volta ao transporte, algo estranho naquele universo de silêncio despertou a atenção do grupo. Tiveram a nítida impressão de movimento muito próximo. Um vulto foi visto por Shoi e Tlüogodärami, escondendo-se à direita deles. Depois as suspeitas foram confirmadas e mais dois vultos seguiram na mesma direção do primeiro. O sentimento de medo incontrolável manifestou-se neles. Aquela sensação promoveu os instintos de homens e dragão. *O que será aquilo?*, pergunta corriqueira na mente daquele grupo expedicionário.

—Devem ser robôs — disse Tlüogodärami aos demais. — Entretanto, vamos entrar no transporte até termos certeza absoluta das condições de segurança.

Todos entraram e rapidamente tentaram usar os sensores do transporte para descobrir alguma coisa. Aparentemente, na entrada da construção, não havia nada. Contudo, estavam cientes daquilo visto e esperavam para encontrar uma resposta mais convincente. Depois de algum tempo de espera, os vultos exibiram suas verdadeiras formas. Dois robôs construídos pelos dragões apareceram diante do transporte. Tlüogodärami olhou-os desconfiado, pois pareciam construídos com peças de outras máquinas. Reconhecia por alto as peças de diferentes modelos inseridas em uma única máquina e ambos os robôs tinham formas completamente diferentes. As máquinas, contudo, lembravam e muito a anatomia dos dragões. Na realidade pareciam dragões trajando armaduras e as mesclas de peças diferentes o tornavam um turbilhão de cores oxidadas e metal bronzeado exposto em um pouco mais de três metros de altura. Como dois cães fiéis ao dono, abriram passagem para algo inusitado até aquele momento. Um dragão vivo passava entre os robôs. Diferentemente de Tlüogodärami, aquele dragão possuía menos de dois metros de altura, com escamas tendendo a um vermelho-castanhado e amarelo forte. Seus olhos possuíam um azul profundo e frio e sua face não demonstrava qualquer expressão ao encarar o transporte usado pelo grupo liderado por Tlüogodärami. Trajava um manto de cor verde-escuro que lhe cobria a maior parte do corpo, e este manto estava bem roto com algumas partes danificadas. Até a lapela e punhos das mangas, com tiras de metal com inscrições, estavam desgastadas pelo tempo. Suas asas estavam fora do traje

e abriram-se alçando um breve vôo terminado bem próximo ao veículo. Observava atentamente o que para ele era um objeto estranho, e tocou levemente, com cautela, o transporte vindo da Terra.

– Deus! Veja Tlüogodárami, é outro dragão! — exclamou Goo ao observar a criatura aproximando-se.

– Não estou entendendo. Não deveria haver nenhum dragão acordado. Segundo o velho Tlüogodärami, há poucos dragões em estado de suspensão e só quando eu ativasse a estação é que eles voltariam à vida.

– Talvez ele tenha acordado para nos recepcionar — disse Shoi.

– Não creio. Mas tudo é possível. Algo não se encaixa.

– Como assim? — perguntou Carter.

– A indumentária é estranha. Ela é um símbolo de luto entre os dragões. Contudo a que ele está usando é típica dos escalões mais altos dos dirigentes. Se não me engano, já vi o dirigente Vilters usando traje muito parecido na catástrofe antes da guerra. E veja o estado daquela vestimenta. Parece velha como que extremamente usada.

– O que vamos fazer? — perguntou Shoi ao dragão.

– Esperem aqui. Vou sair e conversar com nosso amigo — Tlüogodärami parecia preocupado com aquela surpresa.

Tlüogodärami saiu do transporte sozinho e com o capacete recolocado. Por trás do visor olhava com cautela para o dragão e suas máquinas. Imediatamente, após a abertura da escotilha por onde Tlüogodärami saiu, o dragão de traje verde-escuro retrocedeu e observou-o de longe. Os robôs imediatamente se colocaram em posição defensiva, como se guardassem algo muito precioso. Por

trás dos robôs, ainda observando Tlüogodärami com seu traje negro, o dragão com um movimento de mãos afastou os robôs de seu caminho e movimentou-se lentamente na direção de Tlüogodärami. Os robôs iam atrás de seu mestre, não desgrudando seus olhos artificiais de Tlüogodärami. Então o dragão subitamente começou a falar uma língua somente conhecida por Tlüogodärami; a língua geral dos dragões. Aos ouvidos daqueles humanos da Terra, os sons guturais lembravam ora uma linguagem, ora um rosar articulado.

— Quem é você, dragão? — disse o dragão na língua geral de Tidianvinst, encarando Tlüogodärami. — Por que trajas uma roupa de guerreiro?

Educadamente, Tlüogodärami retirou o capacete e encarou com seus olhos amarelos de dragão seu compatriota há muito tempo separado de seu povo. Emitindo o mesmo som gutural com sua voz metálica, respondeu à pergunta daquele dragão.

— Meu nome é Krueur Aerok — disse Tlüogodärami ainda não revelando seu atual nome. - Meus trajes são realmente de guerreiro, pois participei da guerra travada por nosso povo há muito tempo. E quem é você, meu amigo?

– Meu nome é Souki Vendurs. Sou o líder deste lugar vazio — as palavras ditas pelo dragão chamado Vendurs soaram estranhas aos ouvidos de Tlüogodärami. - Se você está aqui, Aerok, quer dizer que vencemos a guerra. Onde estão os outros dragões?

– Isso é uma longa história, meu amigo. Nossos compatriotas morreram, é tudo que posso dizer de imediato. A questão que se impõe aqui é como você não está em estado de suspensão?

– Isso também é uma longa história, Aerok.

– Acho que temos muito que conversar. Devo informar antes de tudo que não estou sozinho.

– Mas você disse que todos os dragões morreram. O que quer dizer com isso?

—Você entendeu errado. Não são dragões, porém são meus amigos e amigos de nosso povo.

– E eles provavelmente estão neste dispositivo de onde você saiu.

– Exatamente!

– Então os traga aqui para nos conhecermos, Aerok.

Tlüogodärami foi imediatamente ao transporte e seus cinco amigos saíram demonstrando algum receio.

– Não se preocupem. Apesar de peculiar a história deste dragão, acho que ele é inofensivo — disse Tlüogodärami aos seus companheiros.

– Ele quer conhecê-los e como gesto de boa vontade, nós não podemos negar este obséquio.

– Confiamos em você, Tlüogodärami — disse Shoi.

– Reitero as palavras de Shoi e digo que também confio em você - disse Carter.

– Obrigado, meus amigos. Não deixarei nada de ruim acontecer com vocês.

Um a um foram saindo do transporte e Tlüogodärami conduziu-os à presença de Vendurs. Este observou intrigado e pela primeira vez esboçou alguma expressão.

– O que são seus amigos, Aerok? Que tipo de criaturas elas são?

– São humanos, Vendurs. E são de nosso planeta natal Dianvinst.

– Ah! São como animais de estimação ou coisa semelhante — aquilo foi mais uma afirmação do que uma pergunta proferida por Vendurs.

– De forma alguma, meu caro. Eles são tão inteligentes como nós. Graças a eles é que neste dia estamos conversando.

– Um povo inteligente, então. E pensávamos que só nós é que éramos providos de inteligência. Mas como nunca ouvi falar nestes tais de humanos?

– Não poderia, pois eles são posteriores à nossa destruição. Em nosso planeta de origem, nasceu outra raça capaz de pensar e criar, assim como nós.

– Então eu os respeito, Aerok. Se forem amigos dos dragões, também são meus amigos.

Tlüogodärami apresentou cada um deles e apesar das barreiras de linguagem, os gestos de gentileza são universais entre os seres inteligentes e nesse caso não foi diferente. Tlüogodärami falava o nome de cada componente de sua tripulação e Vendurs fazia um leve aceno com a cabeça como gesto de cumprimento e recebia o mesmo gesto em resposta. Tlüogodärami e os cinco humanos foram convidados a seguir

Vendurs para que informações pudessem ser trocadas entre os dragões. Dentro da construção onde as placas de *krür* ornavam o ambiente, seguiram até um grande salão iluminado por luz vinda de fora. Ali se sentaram em uma espécie de acolchoado, e Carter, curioso, não conseguiu identificar o material, mas não era nem tecido nem espuma, isso ele podia afirmar. Os dois robôs não deixavam seu mestre por nada e com um a cada lado, Vendurs acomodou-se ao estilo dos dragões naquele acolchoado. Tlüogodärami fez o mesmo.

– Aerok, eu estou aqui há pelo menos uns trinta ciclos de Dianvinst. Não sei ao certo como aconteceu, mas acordei dentro de uma cápsula de suspensão num depósito de dejetos. Lembro-me que fui voluntário para a estação organizada pelo ilustríssimo Tlüogodärami. Na verdade eu era um técnico em construção eletrônica; com meus conhecimentos montei com dejetos expurgados da cidade estes dois robôs que me servem muito bem. Contudo, os últimos trinta ciclos foram solitários até que há algum tempo nesta cidade começou a acontecer coisas estranhas.

– A que tipo de coisas você se refere? — questionou Tlüogodärami ao dragão.

– Não sei dizer ao certo, mas é como se ela esperasse a chegada dos dragões que foram à guerra. Muito dos sistemas desativados começaram a funcionar novamente, apesar da manutenção sempre ter sido constante durante todos esses anos.

– Disse ter acordado há trinta ciclos — Tlüogodärami traduzia as perguntas e respostas aos seus companheiros.

– Sim.

– Há trinta anos mandamos o primeiro sinal para Marte — agora Tlüogodärami falava em inglês com Shoi.

– Sim, Tlüogodärami. Foi há uns trinta anos mesmo.

– Interessante. De alguma forma ele foi retirado do estado de suspensão após o envio do sinal. Mas isso não poderia acontecer.

– Por acaso eu ouvi a criatura *humano* dizer a palavra *Tlüogodärami*, Aerok? — perguntou Vendurs a Tlüogodärami com seu semblante inexpressivo.

– Desculpe-me, Vendurs. Explicarei adiante isso. Mas posso garantir que sua solidão acabará em breve.

– O que aconteceu com a guerra, Aerok?

– Nós perdemos, infelizmente, e essa derrota se perdeu no passado.

– Por quê?

– Faz muito tempo que isso aconteceu.

– Quanto exatamente?

– Quase onze milhões de ciclos de Dianvinst — Tlüogodärami falava como se desse uma péssima notícia.

– Impossível. Onze milhões de ciclos é muito tempo. Se você diz quem ser, um guerreiro daquela época, como pode estar vivo até hoje?

– Não quando se viaja nas condições às quais me submeti — Tlüogodärami continuava sua tradução livre.

– Levando-se em conta a veracidade de suas afirmações, por que você e só você, Aerok, sobreviveu?

– O Tlüogodärami me incumbiu à missão de voltar e reconstruir nosso povo.

– Mas por que você? Se não estou enganado, somente o Tlüogodärami pode reconstruir nosso planeta.

– Certamente. Eu sou o Tlüogodärami.

– Não, meu amigo. Eu conheci o verdadeiro Tlüogodärami e sei que não é você.

— Antes de partir nesta missão, fui declarado o novo Tlüogodärami e dirigente supremo dos dragões.

— Você? — o tom de voz de Vendurs soava desprezo.

Depois de ouvir as palavras de Tlüogodärami sobre sua condição, Vendurs começou a ofegar de maneira doentia. Levantou-se inundado de ódio e agora sua face inexpressiva deixava claro seu mais profundo sentimento. Olhou para todos ali e seu tom de voz mudou completamente. Berrava assustadoramente e encarava Tlüogodärami falando na língua geral de Tidianvinst.

— Basta! Eu sou por direito o verdadeiro dirigente supremo e como ousa encher meus ouvidos com mentiras.

– O que disse? — Tlüogodärami não deixava a tentativa de intimidação afetá-lo. — Isso é loucura de sua parte. Posso provar.

– E como pretende fazer isso?

– Eu possuo a insígnia de Tlüogodärami e só um Tlüogodärami possui este símbolo — por um segundo, Tlüogodärami desejou não falar sobre a insígnia, pois ela era a chave para tudo, inclusive ativar a estação.

– Mostre-me a insígnia, então — Vendurs entendeu em sua loucura que com a insígnia tornar-se-ia aquilo que de fato durante trinta anos cultivou em sua perturbada mente.

Rapidamente Tlüogodärami virou-se para Shoi.

– Acho que estamos em perigo. Vocês devem correr o mais rápido que puderem. Vão até o transporte. Eu os acompanharei.

Vendurs ouviu as palavras de Tlüogodärami e entendeu por seus movimentos o que ele tinha dito para os humanos. Numa fração de segundos mandou seus robôs obstruírem a passagem da tripulação. Tlüogodärami fez um movimento de cabeça e o grupo entendeu que deveriam correr. O dragão seguiu seus companheiros, e tentava de todo modo impedir a ação daqueles robôs. Um dos braços mecânicos do robô tentou atingir a cabeça de Tlüogodärami, enquanto Vendurs esbravejava palavras inaudíveis. O dragão se esquivou, mas o outro braço atingiu-o em cheio no queixo. Surpreendido com o golpe e sentindo suas conseqüências, Tlüogodärami, atirado ao chão, via seus amigos correrem pelas passagens em direção ao transporte enquanto um dos robôs os perseguia. Virou novamente na direção de seu algoz mecânico e viu somente o braço direcionado ao seu rosto. Depois do impacto, ficou totalmente inconsciente.

O caos substituiu o que fora antes silêncio e escuridão. Tlüogodärami subitamente acordou mediante pancadas desferidas por seu algoz. Vendurs observava-o novamente com seu olhar frio e

inexpressivo. Quando constatou que Tlüogodärami estava realmente acordado, parou de esbofeteá-lo e continuou em silêncio. Tlüogodärami fora desprovido de seu traje e naquele momento encontrava-se preso pelas patas a uma espécie de coluna. Com um olhar inquisidor, Vendurs esboçou suas primeiras palavras.

– Onde está a insígnia, ilustríssimo Tlüogodärami? — disse Vendurs com tom de ironia na parte final referente ao título de Tlüogodärami.

– Com certeza está muito bem guardada, Vendurs. Onde estão meus amigos?

– Cale-se! Isso não é mais de seu interesse. Mas saiba que sofrerão conseqüências terríveis mediante sua insubordinação.

—Você está indo contra todos os ideais de nossa civilização.

– Civilização? — Vendurs ria sinistramente. — Pelo que me consta, ilustríssimo, nossa civilização é composta por apenas dois dragões.

– Se você participou do projeto da estação de resguarda, sabe muito bem que essa condição mudará rapidamente.

– Sim, estou ciente de tudo. Mas quando isso acontecer, eu serei o Tlüogodärami e sua existência será um mero grão de areia pulverizado numa galáxia gigantesca.

—Você está completamente louco e pagará por isso — pela primeira vez em muito tempo, Tlüogodärami demonstrava ódio em sua voz.

– E quem vai me punir? Você? Aquelas criaturas repugnantes? Não me faça rir, ilustríssimo.

Um dos robôs aproximou-se de Vendurs e balbuciou em seu ouvido palavras que Tlüogodärami não conseguiu distinguir. Ele observou calmamente com seu típico olhar frio e retirou-se sem dar maiores explicações. Ao observar com mais calma o local onde estava, reconheceu-o de imediato. Vendurs o levava até o salão ainda por construir onde houve muitas decisões que mudaram o destino dos dragões. Tlüogodärami teve um pensamento sinistro, pois sabia que ali se encontrava a estação e logo encaixou as peças do quebra-cabeça. Aquele dragão louco realmente queria roubar-lhe sua posição de *status* e só precisava da insígnia para adquirir o título e sua história. Não era possível que depois de tudo que passara durante a guerra e o exílio na Terra, sua missão fracassasse miseravelmente daquele jeito; e ainda expusera seus amigos a uma condição de perigo. A raiva começava a possuí-lo, como nunca antes acontecera.

Enquanto Tlüogodärami segurava um robô, o grupo correu para o transporte e, quando eles viram o dragão ser agredido pela máquina, instintivamente quiseram ajudar o amigo. O segundo robô, contudo, estava no encalço deles e o instinto de sobrevivência falou mais alto naqueles segundos de desespero; tentariam um

resgate depois. Rapidamente entraram no transporte e tomaram suas posições. Fecharam hermeticamente as escotilhas e deram ignição ao veículo. O robô foi em sua direção e como um dragão de verdade pulou em cima do transporte. Shoi deu marcha à ré imediatamente e a inércia fez o trabalho esperado. O robô escorregou e deixou-se tomar pelas leis da física, caindo na frente deles. Com a velocidade certa o veículo deu um "cavalo de pau" e tomou a direção oposta, impondo o máximo de velocidade possível. O robô foi atrás, mas de longe não conseguiu impor a mesma velocidade e, com alguns minutos, despistaram a máquina. Esconderam-se num dos edifícios comuns, camuflando-se naquele universo construído. Ao longe, observavam o robô procurando por eles, sem o sucesso desejado pela máquina.

– O que faremos, Shoi? — perguntou Andy Carter.

– Esperar.

– Esperar?

– Sim, Dr. Carter. Esperaremos até o robô desistir. Depois vamos segui-lo e ver o que vão fazer com Tlüogodärami.

– Mas não é arriscado? Podem matar Tlüogodärami.

– Pelo que pude entender, Dr. Carter, o dragão precisa de Tlüogodärami para encontrar a insígnia do título, importante para os objetivos planejados por ele.

– Como você sabe disso. Tlüogodärami depois da confusão parou de traduzir o diálogo.

– Ora, Dr. Carter. Eu convivi três mil anos com Tlüogodärami e não foi só ele quem aprendeu nossos idiomas. Também aprendi o dele e acompanhei a conversa.

–Brilhante! — Carter estava exultante. — Pelo menos não estamos no total escuro.

–Exatamente! — disse Shoi com a mesma exultação. — Vamos esperar e seguiremos a máquina e, quando estiverem distraídos, resgataremos Tlüogodärami das mãos insanas daquele dragão.

Ficaram espreitando a máquina que por algumas horas procurou incansavelmente por eles. Depois dessas horas de procura, desistiu e rumou numa direção diferente daquela iniciada na perseguição. Com muita cautela, seguiram o robô em seu caminho desconhecido.

–Calma, pessoal, muita calma! — pedia Shoi à tripulação. —Vamos ter o máximo de cautela.

–Afinal, para onde está indo este robô? — perguntou Goo a Shoi.

–Se meus instintos de guerreiro ainda não me abandonaram, ele está voltando ao seu mestre e conseqüentemente a Tlüogodärami, também.

O robô de Vendurs recebera a mensagem de seu companheiro e este o avisou que estava voltando seguido pelas criaturas trazidas por Tlüogodärami. Imediatamente aproximou-se de seu mestre e criador e sussurrou-lhe a notícia ao pé do ouvido. Vendurs dialogava apaixonadamente com Tlüogodärami, quando foi subitamente interrompido por seu robô.

–Sr. Vendurs, as criaturas seguem o número um e estão próximas.

–Obrigado. Vamos nos ocultar por algum tempo.

–Sim, senhor.

Saíram sem dar explicações. Ocultaram-se em uma caverna escavada na rocha nua perto dali, com visão privilegiada do local. Alguns minutos depois o robô entrou no salão escavado na rocha e viu Tlüogodärami preso a uma espécie de coluna. Imediatamente parou diante do dragão e ficou estático como se fosse uma estátua. O transporte adentrou no salão com velocidade máxima, dirigindo como se fosse num circuito de corridas, e fazendo uma curva, chocou-se com o robô e lançou-o bem longe do ponto original. As escotilhas do veículo se abriram e Shoi e Ji saíram para socorrer Tlüogodärami. Ficaram chocados com a situação vivida pelo amigo e rapidamente tentaram soltá-lo.

–Shoi,Ji, tomem cuidado! Vendurs ainda está por perto.

–Não se preocupe, Tlüogodärami.Vamos tentar soltá-lo — disse Shoi.

O material das amarras de Tlüogodärami parecia matéria de outra dimensão. Estava totalmente unido, sem fissuras, e não conseguiam compreender como aquilo poderia ter sido colocado ali.

– Como vamos soltá-lo, Shoi? - perguntou Ji.

– Não sei, parece aço fundido à sua carne.

– E um produto artificial e não metal — disse Tlüogodärami. Desfaz-se com algum tipo de solvente ou reagente.

—Vou pegar um pé de cabra lá no transporte — sugeriu Ji.

–Vá o mais rápido que puder, meu amigo — pediu Shoi, muito preocupado. — Ficarei aqui e tentarei alguma coisa.

Shoi usava seu pé dando golpes dos mais diversos, mas nada daquilo adiantava. O material continuava intacto. Num piscar de olhos, Ji estava de volta com pés de cabra e Andy Carter o acompanhou carregando mais algumas ferramentas. Ji e Shoi fizeram alavancas no material, mas só fizeram suas mãos latejarem de dor. Nada mudou. Carter observou o material e havia trazido um maçarico de plasma para tentar cortar aquilo. Colocou o visor de proteção e começou, bem longe da carne de Tlüogodärami, a tentar libertar o amigo dragão daquelas estranhas amarras. Enquanto conseguia algum progresso, foi interrompido por Ji. Desligou o maçarico e tirou a proteção, quando viu o robô derrubado pelo transporte movimentando-se em sua direção. Shoi e Ji pegaram os pés de cabra como se fossem espadas e ficaram numa posição defensiva, prontos para o que viesse. Andy Carter ligou o maçarico novamente, mas dessa vez usaria a ferramenta como arma, também. A entidade cibernética foi com toda a sua habilidade para cima dos Li-Seugs. Voltando à velha prática, Shoi e Ji combatiam a máquina com a mesma destreza do passado. Usando os pés de cabra defendiam-se e tentavam atacar o oponente de três metros de altura. Contudo, o impacto do braço mecânico no pé de cabra era de uma intensidade difícil de agüentar. Rapidamente foram colocados fora de combate e lançados a uns cinco metros de distância do inimigo. Apesar de cansados, não perderam a perseverança típica e tentaram se recompor novamente para voltarem ao combate. Carter tentava destruir algum ponto vital da máquina com seu maçarico e chegou a desferir alguns golpes que arranharam a pele metálica do robô. Contudo não tardou para ser colocado fora de combate. O robô segurou o corpo de Carter e friamente arrancou-lhe a perna direita na altura do joelho. O grito de dor foi algo assustador e sangue jorrou a ponto de atingir Shoi e Ji. Como que descartando um pedaço de sucata, o robô atirou

Carter e seu membro decepado para longe de si. Foi para cima de Shoi e Ji e desta vez foi fulminante em sua atitude. Os golpes desferidos para cima dos dois foram demais para suas resistências e rapidamente perderam os sentidos. O robô lutava como se fosse uma criatura bestial totalmente desprovida de qualquer ética ou sentimento. Os robôs criados pelos dragões possuíam um sofisticado sistema de programação que os tornavam quase reais e pacíficos, mas estes, pertencentes ao dragão Vendurs, não se encaixavam nestes preceitos. Portanto, com essa característica, lutou bestialmente e venceu seus diminutos oponentes.

Vendurs observava as frustradas tentativas de resgate de Tlüogodärami. Saiu da caverna escavada na rocha nua e aproximou-se do local onde Tlüogodärami continuava amarrado. Passou pelos desacordados Shoi e Ji, com profundo desprezo por eles. Os robôs se posicionavam atrás de seu mestre enquanto Vendurs olhava para Tlüogodärami. Numa atitude insana, chutou o corpo de Carter para o lado, pois andava na posição semi-ereta.

– Diga-me onde está aquela maldita insígnia, ilustríssimo, caso não queira sofrer o mesmo destino dessas criaturas repulsivas.

Ódio e revolta tomavam conta do espírito de Tlüogodärami. Nunca havia visto tamanha deslealdade na vida. Seu raciocínio lógico e

sua ética consumiam-se, tornando-se naqueles instantes breves resquícios de uma consciência desprendida, desaparecendo completamente, e dando lugar a uma ira incontrolável.

– Souki Vendurs! — Tlüogodärami berrava externando toda a sua raiva. — Não deveria nem pensar em fazer algo assim com um dos seus, nem com um amigo dos dragões, canalha! — sua musculatura começava a se enrijecer.

– Não diga asneira! — falava Vendurs sem alterar a voz.

– Suas atitudes acabaram de abrir os portões do inferno!

– Inferno? O que é inferno? —Vendurs demonstrava sua ignorância em relação à palavra dos humanos.

– Dentro de pouco tempo entenderá o que digo, criatura vil!

Olhos inflamados, Tlüogodärami fazia uma força descomunal e suas amarras começavam a se romper. Num piscar de olhos, soltara-se delas e olhava ensandecido para Vendurs. Temendo a raiva de Tlüogodärami, Vendurs ordenou aos robôs que o prendessem novamente. A ira adormecida do dragão primitivo manifestava-se em Tlüogodärami. A imagem de Carter gravemente ferido e dos corpos estirados de Shoi e Ji, amigos de longa data, alimentavam seus mais profundos instintos de destruição. A tensão do momento não permitiu a ninguém ali ver alguns detalhes. O transporte havia fechado suas portas e discretamente dava marcha à ré e, quando os robôs se posicionaram para deter Tlüogodärami, Zhi e Goo aceleraram com tudo.

– Vamos, Goo, mantenha os freios dianteiros ativos enquanto eu acelero — disse Zhi ao amigo.

– Entendido. Não perca a mira! — exaltou-se Goo com o calor do momento.

Os pneus atritavam com o solo emitindo uma fumaça branca intensa e alcançou velocidade suficiente, fazendo com que o veículo se movimentasse de um lado ao outro sem sair do lugar. Ao avistar o avanço dos robôs, Goo soltou os freios e o transporte foi em direção a eles. Numa fração de segundo não percebido no conflito, o veículo passou como um vulto, atropelando as duas máquinas de Vendurs. O impacto gigantesco provocou pane neles e o veículo foi parado subitamente por uma parede de rocha, esmagando as máquinas e sua própria dianteira. Na hora do impacto, até Vendurs sofreu um leve encosto e por pouco não foi vítima do veículo em alta velocidade. Caído, levantou-se e encarou novamente Tlüogodärami, agora com raiva pelo acontecido. Dentro do veículo, Zhi soltou seu cinto de segurança e olhou para Goo.

—Você está bem, Goo?

– Sim, Zhi. E você?

– Bem. Mas acho que não poderemos repetir a dose — ambos riram daquela breve situação. Abriram a escotilha e saíram para auxiliar seus amigos feridos.

Ao saírem, o cenário era assustador. Tlüogodärami, completamente descontrolado, andava de um lado para o outro como uma fera acuada, enquanto Vendurs esbravejava irritando mais seu adversário. Sem perder a empáfia, Vendurs retirou seu manto de luto verde-escuro e aproximou-se de Tlüogodärami, disposto a fazer o serviço que seus agora destruídos robôs não tiveram a oportunidade de executar. A esquerda, Tlüogodärami percebeu que havia bastante espaço e ali seria um bom lugar para acabar com aquela situação absurda. Desfraldou suas asas, com olhos inflamados e raiva na mente, voou naquela direção planejada e, seguindo seus passos, Vendurs também voou ao mesmo local.

Pousaram na área aberta e os olhares dos dois dragões não se desgrudaram. Os olhos inflamados e cheios de ódio de Tlüogodärami fitavam os olhos azuis, frios e sarcásticos de Vendurs. Andavam com as quatro patas no chão e enquanto encaravam-se mutuamente, circulavam ao andar, ambos esperando e analisando o primeiro passo um do outro. Uma demonstração inevitável dos instintos suplantando qualquer sofisticação social criada em milhares de anos. Respirações alteradas, as análises continuavam enquanto o primeiro dragão não alcançasse o estágio seguinte. Mesmo naquela situação totalmente ancestral, havia uma ambivalência nela. Apesar de totalmente dominado pela raiva nutrida pelo sofrimento de seus amigos, Tlüogodärami não abandonara totalmente sua razão. A convivência com os humanos valeu-lhe lições importantes na arte da guerra e do combate. As artes marciais, principalmente suas filosofias, vinham-lhe à mente

para auxiliar seus instintos brutos. O princípio básico de que quem ataca primeiro tem o domínio de seu adversário decidiu sua ação. Com velocidade acima do melhor corredor humano, rumou para atacar seu adversário. Vendurs mantinha sua frieza e, quando Tlüogodärami atacou-lhe, foi surpreendido com a força de seu adversário. Tlüogodärami segurou-lhe o corpo e usando a energia cinética acumulada da corrida e com as costas arqueadas como pêndulo, projetou Vendurs, arremessando-o a uns dez metros. Este caiu no chão, levemente atordoado e com o orgulho ferido. Não havia mais frieza em suas expressões e parecia finalmente acordado para a realidade daquela situação. Desejava, além de loucamente almejar o poder, destruir definitivamente aquele dragão que queria tomar-lhe o que naturalmente era seu de direito.

Mal teve tempo de respirar e Tlüogodärami novamente corria em sua direção. Desta vez conseguiu se desviar e acertou-lhe as costas com as patas traseiras. Tlüogodärami, sentindo levemente o golpe, virou-se rapidamente e desferiu golpes com as patas dianteiras. Unhas cortaram a carne de Vendurs que sentiu pela primeira vez na vida sua tez violada e expelindo sangue. As gotas rubras escorriam pelo ombro escamoso, misturando-se com os tons vermelhos-castanhados e amarelos naturalmente existentes. Tentou fazer o mesmo, mas não obteve o mesmo sucesso que Tlüogodärami.

Enquanto Vendurs tentava desferir golpes, Tlüogodärami aproveitou-se daquela situação e segurou com firmeza as patas dianteiras de seu adversário. Fazendo uma força descomunal, pois Vendurs tentava a todo custo se desvencilhar daquilo, levantou-se e

usando uma das patas traseiras como apoio pegou velocidade com a outra e jogou seu inimigo contra uma parede de rocha escavada. Durante a trajetória, Vendurs chocou-se no chão e arrastado como um saco de carne encontrou o fim da linha naquela parede escavada. Desta vez percorreu fantásticos quarenta metros. Grande parte do impacto atingiu as costas.

Quando olhou para trás, viu alguns fragmentos de rocha ainda existente desde a época da escavação. Ao olhar Tlüogodärami furiosamente vindo ao seu encontro, instintivamente pegou as rochas e atirou-as no dragão. As primeiras não surtiram o efeito desejado, pois as esquivas hábeis faziam bem seu papel. Contudo, observando o padrão daquelas habilidades, Vendurs conseguiu acertar Tlüogodärami no exato momento em que o dragão desviava de uma pedra estrategicamente atirada para determinar seu movimento, jogando logo em seguida naquela exata posição de defesa outra pedra.

Atordado, pois o fragmento de rocha acertou-lhe na região da testa, Tlüogodärami lutava para manter os sentidos. Cambaleou, sentindo o impacto, e naquele exato momento sentiu medo de fracassar.

Sentindo o momento de fragilidade do oponente, Vendurs pegou duas rochas, segurando-as firmemente nas patas, e correu utilizando apenas as patas traseiras, para terminar de vez aquele embate. Suas rudimentares armas desferiam golpes na cabeça de Tlüogodärami e uma das vistas do dragão foi danificada com aquilo. Encharcadas de sangue do dragão ferido, as rochas presas naquelas garras faziam o caminho macabro da morte ao se chocarem contra Tlüogodärami.

Com uma dor alucinante na cabeça e cego de um olho, não tardou para que novamente qualquer sentimento fosse suplantado pelos instintos primitivos daqueles que desejam sobreviver e, acima de tudo, vencer um combate. Raiva e o sentido de dever a cumprir misturavam-se na mente do dragão. *Não posso falhar! Há muito em jogo aqui,* pensava Tlüogodärami. Não havia alternativa naqueles segundos de agonia do que atacar com tudo Vendurs para retomar o controle da luta. Fechou as patas como punhos cerrados e desferiu um soco no queixo de Vendurs. Este largou imediatamente suas armas primitivas, paralisado momentaneamente pelo golpe. Uma onda de impacto que, atravessando seu cérebro, o forçou a dar alguns passos para trás. Tlüogodärami aproveitou aqueles instantes de vulnerabilidade e girou num semicírculo, usando a cauda para derrubar Vendurs. Este caiu de lado, e, dando-lhe as costas, Tlüogodärami mais uma vez desfraldava suas asas e levantava vôo, indo próximo ao teto da caverna escavada.

Nutrido pelo ódio causado por quase vencer seu adversário e fracassar nos últimos instantes, Vendurs trincava os dentes enquanto via Tlüogodärami levantar vôo. A adrenalina e o ódio funcionavam como analgésicos para as dores físicas; em compensação, a dor sentida no ego só poderia ser curada com sangue, e de preferência todo o volume de sangue de Tlüogodärami espalhado pelo chão daquele salão. Levantou-se, ainda com orgulho ferido, e desfraldou também suas asas, perseguindo Tlüogodärami pelos mesmos caminhos aéreos.

Tlüogodärami sabia que não faria Vendurs fracassar completamente com o golpe desferido no queixo, mas aquilo daria tempo suficiente para planejar algo eficaz e avaliar suas reais condições. Sentiu que as pedradas desferidas por Vendurs tinham-lhe privado a visão de um olho, e isso era uma desvantagem. A dor de cabeça havia passado momentaneamente e o corpo ainda não sentia o cansaço do combate. Sabia que rapidamente Vendurs se recuperaria e a especulação tornou-se verdade. Em seu encalço, ele seguia o mesmo caminho anteriormente percorrido por Tlüogodärami e, a uma distância de não mais que oito metros, os dois dragões, batendo as asas translúcidas iluminadas pelas fontes artificiais, encaravam um ao outro.

—Vou te matar como nossos ancestrais faziam no período primitivo, seu dragão repulsivo — berrava Vendurs, rosnando após as palavras ditas.

– Renda-se agora e terei piedade de você, criatura doente! —
Tlüogodärami ainda sentia a cultura falar mais alto, apesar de inundado de ódio.

– Render-me? Nunca!

– Que seja, então!

O que veio a seguir lembrava muito a placa de *krür* mostrada por Tlüogodärami à tripulação da *Mustang*. Num vôo certo, Tlüogodärami agarrou-se a Vendurs e, como na imagem, estavam digladiando-se enquanto voavam. Após a fusão de corpos em combate, caíram em espiral, pois não conseguiram manter o vôo. Um pouco antes de se chocarem com o chão, largaram-se, ganharam altitude e começaram tudo novamente. Com fúria de ambas as partes, tentavam se morder e, nesse quesito, por ser mais alto, Tlüogodärami levava vantagem. Mordia alucinadamente o pescoço de Vendurs e começava a fazer profundas feridas. O sangue escorria e com dentes rubros continuava o ato mecânico.

Vendurs se desvencilhou, sentindo a derrota aproximar-se. Num ato desesperado, virou-se de costas à procura de algo para atacar o dragão. Neste ínterim, Tlüogodärami agarrou-se às asas e, instintivamente, sem pensar por um segundo sequer, mordeu a junção de uma delas com as costas do dragão. Com dentes afiados e determinados, rompeu couro, carne e tendões, fazendo com que seu adversário caísse sem mais recursos para voar. Durante a queda, desferia golpes com todas as patas na cabeça de Vendurs e aquilo se tornou um ato de pura insanidade e violência.

Caído no chão e já sem forças para continuar, Vendurs apenas esperava fragilmente seu destino derradeiro. Tlüogodärami, possuído pela insanidade, não queria parar aquele combate. Agarrou a cauda do caído Vendurs e atirou-o contra o chão. Atacava-o, quebrando-lhe os ossos dos membros. Quando mais uma vez segurava a cauda para jogá-lo contra uma parede de rocha, o corpo projetado de Vendurs voou sem impor resistência e chocou-se violentamente contra uma parede, escorrendo por ela até o chão, perto de uma pequena rocha solta.

Quase desfalecido, Vendurs não agüentava mais as dores sentidas. Corpo e mente estavam profundamente feridos, praticamente destruídos. Seus delírios de grandeza não mais frutificariam no mundo que um dia conhecera. Na verdade, naquele exato momento de sofrimento, pensava exatamente como chegara naquela situação. Lembrava que sua missão original era auxiliar em caso de emergência Tlüogodärami na reconstrução, caso fosse necessária. Em algum momento de sua existência, o caminho se desvirtuou e

nutriu durante trinta ciclos de Dianvinst, na solidão daquela cidade-fantasma, uma profunda pena de si mesmo. Teria de ser recompensado por seu sofrimento e não via outra maneira, a não ser tornar-se ele mesmo o salvador e guia dos dragões. Sonhos estes destruídos. E a justiça, tão almejada, jamais daria o ar da graça. Preferia morrer à vergonha de não ser aquilo que minuciosamente planejara. Via, com um olhar conformado, o rosto mutilado de Tlüogodärami, ainda tomado do mais primitivo ódio.

– Mate-me, ilustríssimo! O que espera! Estou derrotado!

– Cale-se, criatura vil! Isso é pouco para pagar o que fez aos meus amigos e ao que fez contra seu próprio conterrâneo.

– Mate-me, cretino! — gritava Vendurs usando suas últimas forças.

Viu a pedra de rocha maciça perto do corpo de Vendurs. Idéias povoaram sua cabeça. *Darei um fim a esta história*, pensava por um segundo, e ainda dominado pelo rancor, pegou a rocha imaginando a cabeça daquele dragão odioso esfacelada após um impacto

fulminante. Não teve dúvida, segurou e levantou a rocha. Deveria ter uns trinta quilos ou mais, não importava naquela altura dos acontecimentos. Aproximou-se do dragão impotente, e este demonstrava um ar de sucesso, afinal receberia exatamente o que ordenara naqueles instantes derradeiros. Tlüogodärami olhou fixamente para os olhos frios de Vendurs e quando se preparava para matar aquele dragão que ousou destruir três mil anos de espera, um turbilhão de sentimentos e pensamentos dominou todas as células de seu corpo de dragão. E então ficou estático com a rocha segura nas patas dianteiras paralisadas.

Capítulo 19

Ressurreição

Em momentos de profunda crise e desespero, às vezes somos colocados em situações desvinculadas de nossas rotinas. Situações estranhas que nos colocam à prova, e delas a verdadeira essência do ser é demonstrada. Nestes momentos, a verdade surge nua e crua, sem maquiagem ou ornamentos. O caráter construído será levado ao seu mais profundo desafio e, perante esses momentos, descobre-se se foi moldado com argila crua, vulnerável a qualquer intempérie, ou do mais bem concebido titânio, resistente e sólido. A constituição cultural, os princípios e as filosofias de um ser serão colocados à prova nessas situações extremas e o resultado disso dará o aval do que é verdadeiro no universo simbólico de uma criatura provida de inteligência. A verdade dirá se é digno de possuir a capacidade de pensar e criar, ou se continua selvagem como os ancestrais primitivos de eras longínquas há muito tempo

esquecidas. Se realmente tornou-se autônomo, senhor de seu rumo, ou um escravo das decisões aleatórias da natureza.

Tlüogodärami, com gosto de sangue de dragão na boca, uma dor alucinante em seu olho direito perdido, ferido e exilado por muito tempo, contemplava atônito o resultado de uma raiva contida, a mistura e o embate entre o sofisticado e o civilizado contra o selvagem e o primitivo. Ao olhar para o corpo mutilado, ferido e imóvel de Vendurs, observava quase a derrota daquilo que por muito tempo acreditara. O ponto-final, a destruição de sua essência, estava exatamente naquela pedra. Se matasse Vendurs daquela forma brutal, nunca mais se recuperaria de ato tão repulsivo. Percebera que chegara ao exato momento de uma escolha que, dependendo do resultado, não teria mais volta. Deveria matá-lo? Deveria deixá-lo viver? O conflito final entre o instinto e a razão chegara a sua rodada final.

— Mate-me, ilustríssimo, e demonstre toda a sua glória e poder! — disse Vendurs mais sarcástico do que nunca, apesar de estar gravemente ferido.

— Cale-se, Vendurs. Chega!

—Vamos! Está esperando o quê?

Olhando aquele corpo decadente e sua própria condição, com sentimentos confusos, não sabia ao certo ainda o ato a tomar. Foi dominado por uma profunda tristeza. Não havia prazer naquilo. Não podia continuar. A guerra fora vencida e não havia mais necessidade de continuar com aquilo. Não poderia reerguer a civilização dos dragões com as patas sujas de sangue. Reconstruir com uma mácula na fundação. Isso seria um fantasma eterno e não haveria redenção para aquilo. Já havia tomado sua decisão.

— Não, Vendurs! Não vou matá-lo. Esqueça essa alternativa. Você viverá e será julgado por seu crime. Matá-lo seria um ato impensável para seres com minhas características. Esqueça! Não haverá sangue na reconstrução da civilização dos dragões. Já foi derramado muito sangue no passado e muitas vidas destruídas por nada. Esse período de trevas definitivamente encerra-se hoje e agora!

Vendurs não acreditava nas palavras de seu inimigo. Se tivesse forças, cometeria suicídio, pois não agüentaria viver aquele período de vergonha e fracasso. Tlüogodärami se virou e com o olho bom, viu seus amigos próximos ao transporte batido. Desfraldou as asas e voou rapidamente em direção a eles. Ao pousar, viu Zhi chorando ao lado de Carter. Shoi e Ji se recuperavam, acordados, do embate que tiveram com os robôs. Carter continuava desacordado. A perna decepada de Carter jazia perto do grupo com uma poça de sangue contrastando com a rocha parda ao lado do local do corte. Tlüogodärami caminhou em direção a Zhi. Lágrimas escorriam pelo rosto da irmã de Shoi.

— Calma, Zhi. Carter é muito forte e irá viver — disse Tlüogodärami, comovido pelas lágrimas da amiga.

— Dr. Carter não merecia tal sofrimento — Zhi tentava manter a fluência das palavras, mas derramava-se em lágrimas.

—Veja — apontou Tlüogodärami com seu dedo réptil para a perna de Carter. — O corte está fechado. E nosso querido Dr. Carter parece despertar de seu sono terrível.

– Ah! — Zhi exclamava e suas tristes lágrimas converteram-se em lágrimas de felicidade.

Ainda atordoado e sem entender o que havia acontecido, Carter olhava para seus amigos, que demonstravam felicidade em seus sorrisos. Olhou para a perna, ou o que havia sobrado, e começava a se lembrar dos acontecimentos há pouco vividos.

– Minha perna! Como? Não sinto nada! — falava o atordoado Andy Carter.

– Calma, doutor! — pedia Tlüogodärami. — Você está bem e isso é um ganho precioso. Quando lhe dei aquela cápsula, não era apenas um mero elixir de uma vida longa. Dentro de algumas semanas sua perna renascerá, como em uma salamandra. Não será um processo agradável, mas depois desse período, será como se não houvesse acontecido absolutamente nada.

Shoi se levantou e dirigiu-se a Tlüogodärami.

– Boa luta, velho amigo.

– Obrigado, meu caro Shoi. Mas é algo de que não posso me orgulhar. Contudo, foi necessária e sou grato por não ter ido adiante nessa minha fúria. Não conseguiria viver com isso.

– Não há o que lamentar - disse Shoi ao amigo. —Você fez o necessário e não só seus amigos recentes estavam em perigo, como tudo pelo que lutou foi colocado numa situação catastrófica. Mas onde está a tal insígnia desejada por Vendurs?

– Ah! - exclamou o dragão. - Escondi-a em local bem seguro, ou pelo menos eu achava — Tlüogodärami olhava para o transporte batido.

– Estava no transporte todo este tempo?

– Sim e Vendurs não desconfiou de nada. Pelo menos não teve tempo de cogitar a possibilidade.

– Ainda teremos de procurar o local da estação e não temos mais o transporte para nos locomover. Será que ainda está longe?

– Mais perto do que imagina, meu amigo.

– Por quê?

– Porque já estamos ao lado dela. Foi em algum lugar nesta área vazia que a estação foi construída. A entrada será fácil de encontrar. Não foi à toa que Vendurs me trouxe aqui, pois queria abrir a estação com minha insígnia.

– Faz todo o sentido.

– A insígnia é uma chave e não mais que isso. Abrir a estação só seria o início do fim de Vendurs. Rapidamente sua máscara cairia perante os dragões acordados e o sistema não o reconheceria.

Tlüogodärami e Shoi entraram no transporte e rapidamente, ao lado do assento de Shoi, num compartimento no chão, retirou a velha e ornada caixa que Tlüogodärami carregou por toda a vida na Terra. Dali retirou a insígnia, a mesma que abriu os portões de entrada da cidade de Yfunst Ghiar. Os dois dragões com pescoços unidos e opostos se destacavam na peça cor de cobre escuro.

– Como eu disse há pouco, Shoi, esta é a chave e apenas uma chave.

— Mas se era apenas uma chave, e Vendurs queria usá-la para usurpar seu posto, por que tanta luta? — perguntou Shoi, curioso.

— Ora, meu amigo, não poderia deixar tal responsabilidade na mão de um louco. E sabe-se lá o que ele iria realmente fazer. Quando o vi, percebi seu comportamento fora do usual e seu linguajar peculiar denunciou sua confusão mental. Todavia, como ele apareceu aqui totalmente desperto, ainda é um grande mistério. Talvez obtenhamos resposta mais consistente ao fim desta jornada.

— E o que são estes outros objetos dentro da caixa? — perguntou Shoi com os olhos fixos na caixa aberta.

— Melhor que explicar, será vê-las em ação, meu velho amigo — divagava Tlüogodärami manuseando aqueles objetos nitidamente providos de alta tecnologia. — Este, por exemplo, tem todos os códigos genéticos dos dragões. Toda a história genética de meu povo está aqui neste minúsculo objeto — Tlüogodärami segurava um pequeno dispositivo com conexões, mas minúsculo em comparação à insígnia.

– Muito semelhante àquele dispositivo desenvolvido pela *Seug* que trouxemos para cá — disse Shoi observando o objeto na pata dianteira de Tlüogodärami.

– Exatamente, Shoi. Só que o que desenvolvemos tem outra função mais prática. Diria diplomática, até. Vamos procurar a entrada da estação para que minhas palavras tornem-se a mais pura realidade.

Tlüogodärami dirigiu-se aos outros da tripulação e disse-lhes que não demoraria e que toda a ajuda necessária para o repouso de Carter seria providenciada em breve. Zhi cuidaria de Carter enquanto Tlüogodärami saía com os outros. Ji resolveu ficar com a amiga para ajudá-la no que fosse necessário. Divididos pelas circunstâncias da vida, Shoi, Goo e Tlüogodärami seguiram à procura da estação. Havia uma entrada semelhante a uma caverna onde Vendurs escondeu-se há pouco, antes da luta travada com Tlüogodärami.

– Aposto que há algo interessante naquela caverna, Tlüogodärami — disse Goo ao dragão.

– Confirmo sua aposta, meu caro Goo. Havia certa afinidade de Vendurs com aquele lugar.

—Vamos ver o que realmente há de interessante ali — reiterava Shoi.

Os três seguiram até a entrada da caverna. Ali não tinha uma iluminação decente e precisaram usar algumas lanternas trazidas do transporte. Os feixes de luz emitidos pelas lanternas iluminavam um lugar escavado rusticamente, como que esquecido há muito tempo. Parecia propositadamente abandonado e natural. Não fizeram cerimônia e adentraram na caverna. Mal começaram a andar e depararam com um portão contrastante naquela caverna mal escavada. Não havia mais dúvidas na cabeça dos três; ali só poderia ser o que tanto procuravam naquela cidade.

Naquele portão deslumbrante, havia um local onde faltava um detalhe. Aquele detalhe lembrava o formato da insígnia de Tlüogodärami e provavelmente era a fechadura daquela ornada

porta. O dragão olhou emocionado para seus amigos e teve reciprocidade de ambos. Finalmente, depois de milhões de anos de espera e três mil anos de exílio e planejamento, onde a incerteza dominou a vida de Tlüogodärami, aquela história chegava ao fim. Uma nova era nasceria a partir daquele momento e a vida mudaria a um patamar nunca antes imaginado por nenhum humano no planeta Terra. O nascimento de uma nova realidade estava para acontecer dentro de apenas alguns segundos.

Delicadamente e não contendo a emoção, os dedos escamosos de Tlüogodärami seguravam a insígnia e lentamente levavam-na ao seu encaixe derradeiro. Encostou a insígnia naquele encaixe e empurrou-a e um estalar ouviu-se no ambiente. O portão escancarou-se e estavam livres para cruzá-lo. Um robô recepcionou-os e, diferentemente daqueles usados por Vendurs, parecia mais harmonioso em sua forma artificial. Andando graciosamente, com naturalidade, semelhante ao andar de Tlüogodärami, o robô dirigiu-se educadamente, como demonstrava seu tom de voz, a Tlüogodärami.

— Seja bem-vindo, Sr. Krueur Skli Aerok. Acompanhe-me, por favor.

Shoi entendera perfeitamente as palavras harmoniosas da máquina, porém Goo não entendera muita coisa, pois nunca se

dedicara ao aprendizado daquela língua extremamente complexa de Tlüogodärami. Em sua língua, Tlüogodärami solicitou ao robô que inserisse os dados contidos naqueles pequenos dispositivos carregados por anos e prontamente a máquina correspondeu às expectativas. Depois colocou o dispositivo semelhante, desenvolvido pela *Seug Corporation*. O autômato inseriu os dispositivos na região do peito e rapidamente devolveu-os a Tlüogodärami. Naquele instante ela começou a falar em inglês.

– Posso continuar a falar nesta língua, ou se preferirem, posso mudar para mandarim ou o dialeto Li-Seug — disse o robô surpreendendo a todos ali.

– Não, obrigado. Preferimos o inglês, língua comum a todos de minha tripulação — Tlüogodärami falava em inglês com o robô.

– Como queira — respondeu educadamente a máquina. — Parabéns pelo cargo de Tlüogodärami Sr. Aerok, é um cargo de muita responsabilidade — disse a máquina, interada dos últimos acontecimentos da vida dos dragões.

– Obrigado, meu amigo — respondeu Tlüogodärami.

Andaram pelos corredores simples e encontraram uma sala bem grande com muitos sistemas computacionais. Tlüogodärami finalmente se sentia em casa depois de todo aquele tempo. Muitos outros robôs apareceram, usando a nova língua aprendida e dispostos a trabalhar pela causa da reconstrução. Tlüogodärami dialogava com o robô que os recepcionara e se interava do funcionamento daquela estação.

– Quanto tempo para os outros dragões em suspensão estarem em condições de voltar às suas vidas? — perguntou Tlüogodärami ao robô.

– Não demorará muito, senhor — disse a Tlüogodärami. — Será uma questão de alguns momentos, somente isso.

– Tenho amigos do lado de fora e um deles está gravemente ferido. Apesar de possuir robôs celulares em seu corpo e estes terem dado conta do recado em relação aos primeiros socorros, ele e os outros precisam de ajuda. Traga-os aqui e aloje-os adequadamente.

– Sim, senhor.

– Há um dragão chamado Vendurs lá fora, também profundamente ferido. Não compreendo como ele estava vivendo na cidade, mas este é perigoso. Ministre os socorros necessários e o mantenha isolado até receber um castigo adequado ou descobrirmos mais sobre seu passado.

– Sim, senhor, já foi providenciado.

Três robôs seguiram o caminho oposto transposto por Shoi, Goo e Tlüogodärami, e rapidamente chegaram ao local onde Carter, Zhi e Ji se encontravam. Deitado, ainda muito atordoado pelos acontecimentos, Carter alternava sonos leves com acordadas

repentinas. Numa dessas acordadas, viu os dragões prateados voando em sua direção e com a mão apontava para eles. Zhi e Ji, a princípio, pensaram ser mais alguma coisa vinda do dragão louco atirado a poucos metros dali. Contudo, ao se aproximarem, descobriram que aqueles robôs eram totalmente diferentes dos usados por Vendurs. Educadamente, dois dos três pousaram perto deles e com vozes suaves dirigiram-se aos ali presentes.

– Senhores, fomos mandados pelo ilustríssimo Tlüogodärami para levá-los - disse uma das máquinas.

Surpreendidos por serem recepcionados com uma língua da Terra, olharam atônitos um para o outro e, recuperando-se do susto inicial, responderam prontamente aos robôs.

– Então vamos ao encontro de Tlüogodärami — disse Zhi animada por Carter ser socorrido adequadamente.

O terceiro dragão artificial, enquanto os outros dois levavam Zhi, Carter e Ji até a estação, dirigia-se até Vendurs. Este, estirado

naquele chão rústico, olhava para o robô mantendo seu habitual sarcasmo.

Indiferente a qualquer sentimento expressado por Vendurs, o robô segurou-o e dirigiu-se até a estação sem nada falar ao dragão ferido.

Ao receber a notícia que seus amigos já se encontravam na estação e que Vendurs também recebera os devidos tratamentos, Tlüogodärami retomou seus afazeres naquela estação. Aos poucos os dragões apresentavam-se a Tlüogodärami e lamentavam junto a ele o ocorrido à sua civilização. Tlüogodärami manteve a calma e incentivou-os a continuar e incutiu em suas mentes a idéia de que tinham a responsabilidade de reconstruir, ao seu lado, a gloriosa civilização dos dragões.

A partir daqueles fatos, a fagulha inicial deu ignição ao renascimento da civilização dos dragões e Tlüogodärami, com poderes ilimitados, fato inédito até então naquele povo, lideraria a tão aguardada e desejada reconstrução.

CAPÍTULO 20

Epílogo?

O mundo estava totalmente abalado. Há alguns meses aquelas fotos de satélite mudaram a concepção de tudo o que se acreditava até então. Ufologistas estavam histéricos e dominavam as telas de televisão, dando explicações das mais mirabolantes sobre os eventos constatados no planeta Marte. O ano era o de 2.025 da Era Cristã e uma missão espacial para aquele planeta já havia sido planejada há anos, contudo foi acelerada mediante aquelas fotos assustadoras. Reuniões com cientistas para entender o fenômeno apareciam por todos os continentes. Houve uma espécie de pânico, ainda em estágio pouco avançado, na humanidade. Os governos democráticos se reuniram e fizeram uma missão conjunta para verificar o que estava acontecendo no planeta vermelho. Ufologistas defendiam a idéia de um ataque promovido por *greys* e estas criaturas usariam o planeta Marte como porto para o ataque final à Terra. Cientistas acreditavam em mudanças geológicas no

planeta. Contudo, na verdade, ninguém sabia exatamente o que aquilo significava. As fotos mostravam uma elevação geológica com quilômetros de extensão, localizada entre o pólo sul do planeta e a região de *Argyre Planitia*.

Major George Hunter, o mais graduado astronauta da Agência Espacial Americana, encabeçaria a missão até Marte. Um homem, com seus quarenta e cinco anos, mas com a estrutura corpórea de um homem de vinte e cinco, cabelos densos e grisalhos, rosto escanhado e olhos castanhos profundos. Um ser moldado para servir ao seu país e ao mundo no que se referia ao desbravar o espaço. Quase um Hernán Cortês do século XXI. A missão consistia em chegar até a órbita de Marte e verificar mais a fundo o que estava acontecendo. Mandariam sondas-robôs para verificar a grandeza real dos acontecimentos e voltariam para casa, sem colocar em risco a vida do major e sua tripulação. Uma equipe internacional seguiria o mesmo caminho que George Hunter. Havia um astronauta russo, tão competente como Hunter, chamado Liev Raskólnikov, um geólogo francês, o Dr. François Verne, um químico inglês, Dr. Bernard O'Connor, um físico indiano, Dr. Sidarta Siquim e o biólogo americano, Dr. David Smith. A equipe de terra seria formada por uma babel de pessoas vindas do mundo todo; mais de mil pessoas. Dia nove de julho a nave foi lançada da Flórida, Estados Unidos. O longo caminho de seis meses seria percorrido por pessoas altamente preparadas e ansiosas por aquele objetivo. Um longo caminho iniciara-se para um fim inesperado até pelo mais lunático dos roteiristas de filmes.

Sete anos se passaram desde a chegada da nave *Mustang* na órbita do planeta Marte. Tlüogodärami, o último dragão sobrevivente de uma guerra desastrosa promovida por seu povo, conseguira depois de muitos anos de espera e angústia completar a primeira etapa de sua jornada. Desencadeara a reconstrução de sua civilização e em sete anos muito já havia sido feito. A pequena, para os padrões dos dragões, cidade de Yfunst Ghiar crescera a um ritmo altíssimo. Seguindo novas idéias trazidas por Tlüogodärami em seu exílio, a cidade dos dragões tomou um caminho novo. Não seria mais construída como uma simples torre e com subterrâneos sofisticados. A cidade ganhava algumas mudanças. No lugar da torre, havia um patamar da cidade exposto a céu aberto e outros níveis abaixo do nível do solo seguiam a velha tradição. A cidade estava vinte vezes maior que a original. A colonização de Marte tomava corpo com o plantio de árvores modificadas para transformar a atmosfera em algo salutar para qualquer ser vivente do planeta Terra. Tecnologia, para a colonização do planeta, não estava sendo economizada. Estabilizadores gigantesco, instalados em vários cantos do planeta regulavam o clima e, como ainda estavam em fase de finalização, não trabalhavam perfeitamente. Tudo seguia o ritmo de crescimento, em progressão geométrica, e os dragões sabiam que as modificações em Marte logo despertariam os interesses do planeta Terra. A população de dragões começara a crescer e Tlüogodärami tomou a decisão que daria o tempo necessário para cada novo cidadão crescer normalmente, como era o costume no planeta Tidianvinst. Poderia acelerar o crescimento artificialmente, mas optou pela espera. Toda aquela leva de dragões dos últimos sete anos era órfã. Todos os códigos genéticos trazidos por Tlüogodärami foram misturados seguindo o histórico familiar das antigas famílias e respeitando a

união oficial existente na época entre dragões. Portanto aqueles pequenos dragões nunca conheceriam seus pais. Com sete anos, um dragão já tinha quase a constituição física de um adulto, mas não a maturidade mental. Durante a história dos dragões, essa idade variou muito, no tempo de Krueur, o Tlüogodärami, era de aproximadamente vinte e cinco anos. Muitos robôs substituíam os pais perdidos há milhões de anos e, apesar de não ser o ideal, não havia alternativa melhor que esta. A taxa de nascimento tomou uma escala industrial naqueles tempos e as recombinações produziam milhões de ovos por ano. Há três anos, já havia a fabricação de veículos espaciais e já era possível retomar as indústrias de extração existentes em todo o sistema solar. Apesar de ainda ser um embrião, aos poucos a civilização dos dragões ressurgia forte e grandiosa como nunca deveria ter deixado de ser.

Em janeiro de 2.026 finalmente a nave exploratória vinda da Terra se aproximou de Marte. Apesar de altamente disciplinada, a tripulação comandada por George Hunter comemorava aliviada o sucesso daquela primeira etapa. A comemoração, contudo, não foi longa. Ao chegar à órbita de Marte, a nave internacional deparou com algo não esperado. Duas naves com três vezes seu tamanho se aproximaram lentamente. O aspecto delas lembrava coisa de ficção científica e não pareciam com nada até aquele momento construído na Terra.

– Meu Deus! O que são aquelas coisas — disse George Hunter à sua tripulação.

– Parece que aqueles ufólogos estavam certos. Senhores: estamos oficialmente tendo um contato imediato com forças alienígenas — comentava David Smith.

– *Mon Dieu!* Espero que sejam pacíficos — François Verne olhava atônito pela escotilha frontal.

Enquanto observavam pasmos para aquelas naves, ambas chegavam delicadamente perto da nave internacional e, como dois seguranças, ficaram uma em cada lado daquela nave vinda da Terra. Usando a frequência de rádio da nave, os supostos alienígenas fizeram o primeiro contato.

– Pedimos desculpas pelo inconveniente, mas os senhores serão conduzidos até a cidade de Yfunst Ghiar. Não se preocupem, viemos em paz — DISSE UMA VOZ SUAVE, EM UM INGLÊS IMPECÁVEL E A SUAVIDADE DAQUELA VOZ TRANQUILIZOU A TODOS ALI PRESENTES.

– O que foi isso? — perguntou o Dr. Sidarta Siquim.

– Os alienígenas falam inglês? — disse Raskólnikov.

– Jesus Cristo! Não consigo entender - disse o major Hunter.

– Simples — talava com certeza absoluta, David Smith. — Eles já estavam aqui há muito tempo e provavelmente aprenderam nossa língua e a estão usando para se comunicar conosco.

Como se fossem apenas uma nave, as três seguiram rumo à cidade de Yfunst Ghiar. Atônitos com a quantidade de novidades, observavam pelas escotilhas todas aquelas informações novas. A nave sobrevoava o deserto marciano e em alguns minutos os novos muros da cidade davam outro aspecto à paisagem. Muitos robôs, como abelhas construindo uma colméia, salpicavam na paisagem em abundância. Mesmo inacabadas, muitas placas de *krür* podiam ser vislumbradas nas paredes dos muros. Quatro estátuas de dragões, gigantescas, uma ao lado da outra, olhavam para o nada e pareciam guardar um portão. Naquela abertura, a nave entrou e parou num hangar gigantesco, onde muitos robôs em forma de dragões trabalhavam sem dar muita atenção à vinda das naves.

– Onde estamos? — disse Bernard O'Connor bastante assustado.

– Parece que estamos exatamente naquela formação geológica vista pelas fotos de satélite — disse François Verne.

– Calma, pessoal. Devemos nos manter calmos. Vamos esperar e ver. Aparentemente são pacíficos — disse o major George Hunter à sua tripulação.

Uma hora se passou e a escotilha da nave foi aberta. Os sistemas da nave acusaram a violação e os seis ali presentes ficaram verdadeiramente assustados com aquela situação. Não sabiam se o ambiente era salutar. Uma voz humana os recepcionou.

– Por favor, desculpem-nos pela violação de sua escotilha, mas não havia alternativa. A nave não foi avariada e o ambiente é totalmente compatível com a vida — disse a voz.

Todos viram um vulto humano se aproximar, e realmente o vulto tornou-se um homem diante dos olhos deles.

– Bom dia, senhores. Queiram perdoar mais uma vez pela invasão. Meu nome é Andrew Carter e estou aqui para colocá-los a par do significado disso tudo.

– O senhor é americano? — perguntou Hunter surpreendido por encontrar um compatriota tão longe assim.

– Sim, major. Nasci em Nova York e cresci em New Jersey.

– Está longe de casa, filho - disse o major Hunter.

– Há pelo menos dez anos, major.

– Deus!

Carter explicou toda a sua história, principalmente como acabou parando ali, em Marte. Contou a história de Tlüogodärami, a origem dos dragões, e o cético Hunter olhava com seu estilo militar desconfiado para as explicações de Carter. Contudo, a equipe de cientistas ouvia-o com atenção redobrada.

Nas profundezas da antiga cidade de Yfunst Ghiar, Tlüogodärami conversava com um dragão aparentemente tão velho quanto ele. Observavam uma cápsula de suspensão onde um dragão, depositado no dispositivo, dormia como se nunca mais fosse levantar. Nitidamente preocupado, Tlüogodärami conversava alternando olhares entre seu interlocutor e a cápsula.

– Será que poderemos salvar a mente perturbada de Vendurs? — perguntou Tlüogodärami ao dragão.

– Difícil, ilustríssimo. O subconsciente é um campo extremamente complexo. O desvio de conduta de Vendurs não poderá ser sanado imediatamente, se é que algum dia seja possível fazê-lo.

– Como ele chegou a esse estado?

– Provavelmente por causa de um defeito na cápsula de suspensão. Houve, segundo os dados, um vazamento na cápsula e esta contaminação afetou-o quase que definitivamente. Quando o senhor mandou o sinal há quase quarenta anos, os sistemas da estação localizaram o problema e resolveram descartar a cápsula. Só que acabaram liberando um ser perturbado na cidade. Somando o problema adquirido com a solidão, houve um aumento no caso patológico.

– Lamento em saber disso. Tentarei de algum jeito melhorar a vida de Vendurs. Ainda não sei o que fazer com ele. Adiarei seu julgamento até saber com absoluta certeza se o caso não possui uma solução definitiva.

– Caso exista alguma solução, deve levar anos para sanar o distúrbio de Vendurs, ilustríssimo.

—Já soube de alguma resposta das sondas mandadas ao antigo campo de batalha? - perguntou Tlüogodärami bastante interessado na resposta.

– Sim, ilustríssimo. Infelizmente não são boas notícias.

– Não nutria esperança em relação a isso. Portanto, farei o que o antigo Tlüogodärami recomendou. Vamos nos preparar para o pior. Não há alternativas.

– Compreendo, senhor.

– Temos muito tempo, assim espero. E isso é apenas mais uma tarefa nesta reconstrução. Vou refletir sobre isso e arquitetar uma estratégia adequada.

– Perfeitamente, ilustríssimo.

– Agradeço as informações, meu caro Bergnst. Preciso tratar agora de outros assuntos. Até logo mais.

– Até logo mais, ilustríssimo.

Ao sair daquele ambiente clínico, Tlüogodärami foi imediatamente informado de que Andy Carter estava dialogando com os humanos vindos do planeta Terra. Esperou Carter terminar sua incursão diplomática para se interar da situação pessoalmente com o amigo.

Após a apresentação de Carter, os astronautas foram conduzidos para alojamentos mais apropriados, onde teriam todo o conforto

necessário para se recuperarem de uma viagem tão exaustiva e se readaptarem à nova gravidade. Durante a conversa, Carter ficou sabendo rudimentos da missão internacional elaborada pelo planeta Terra. Como previsto, descobriu que a reconstrução chamou a atenção da Terra e basicamente estavam ali para analisar o que acreditavam ser um fenômeno natural ou coisa do gênero.

Imediatamente, após o encontro com os astronautas, Tlüogodärami foi ao encontro de Carter para saber exatamente do que se tratava.

– Como foi, meu caro doutor? — perguntou curioso Tlüogodärami.

— Foi um encontro neutro, eu diria. Não foram agressivos, porém tomaram um susto enorme com minha presença.

– Naturalmente.

—Realmente, como suspeitávamos, não passamos despercebidos pelos olhos eletrônicos da Terra. A construção externa da cidade chamou a atenção a ponto de mandarem pessoas para uma verificação do acontecido.

—Vou deixar nossos convidados assimilarem um pouco esse turbilhão de idéias e irei pessoalmente falar com eles. Gostaria que o caro doutor estivesse junto.

— Perfeitamente.

—Vou agora conversar com Shoi.

Tlüogodärami foi até onde Shoi se encontrava. Naquele alojamento especial para Tlüogodärami, Shoi conversava com um jovem dragão de cinco anos. O jovem era o irmão de Tlüogodärami reconstituído a partir do código genético de seus pais. Assim poderia ter um pouco de seus amados pais de volta na forma de um parente. O jovem Amgot Skli Aerok demonstrava ser uma criatura muito educada e interessada. Perguntava muitas coisas para Shoi em

relação aos costumes dos humanos. Tlüogodärami interrompeu a conversa dos dois.

– Meu jovem irmão Amgot: permita-me tomar algum tempo do Sr. Shoi, pois precisamos conversar.

– Não há problema, meu irmão — disse Amgot com sua educação muito semelhante à do irmão mais velho. — Depois continuo minha conversa com mestre Shoi.

– Procure alguns amigos para se divertir e passar esse tempo — recomendou Tlüogodärami.

– Sim, senhor.

Enquanto o jovem se retirava do ressinto, Tlüogodärami caminhou com Shoi até uma sacada arredondada que tinha vista para a cidade subterrânea ainda em construção. Os dois dialogavam sobre os últimos acontecimentos e Tlüogodärami queria saber a opinião do amigo.

– Não há dúvida de que é chegada a hora de revelar à humanidade a sua existência e a existência desta maravilhosa civilização — disse Shoi.

– Será, Shoi? Não é um pouco precipitado?

– Acredito que não, Tlüogodärami. Isso, mais cedo ou mais tarde, teria de acontecer. A humanidade possui sabedoria suficiente para absorver tal informação. Agora devemos escolher como fazê-lo.

– Vou conversar com a tripulação dessa missão vinda da Terra e determinarei como proceder.

– O que você determinar, meu velho amigo, estarei como sempre ao seu lado.

– Obrigado, meu caro Shoi. Não saberia mais viver sem sua grande amizade.

Tlüogodärami conversou mais um pouco sobre as possibilidades de entrar em contato com a Terra. Depois de esboçarem um plano, solicitou a presença de Carter para os três dialogarem com o major Hunter e sua tripulação. Chegando ao alojamento onde os seis se encontravam, Carter e Shoi resolveram entrar primeiro para preparar os espíritos daqueles que ainda não viram um dragão vivo.

– Senhores, gostaria de chamar sua atenção àquilo que vou falar. Nosso anfitrião é um dragão, esteticamente falando, como os de contos de fadas. Contudo, não deixem que o preconceito ou idéias inculcadas em suas mentes afetem este primeiro contato — disse Carter.

—Senhores, meu nome é Li-Seug Shoi — apresentava-se Shoi quando foi interrompido por um dos seis.

— O senhor é o presidente da *Seug Corporation* — afirmava François Verne.

— Sim, meus amigos, mas conversarei sobre isso depois com mais calma. O que quero dizer é que Tlüogodärami, nosso anfitrião, é uma criatura das mais sofisticadas e não há motivos para temores. Os dragões, provavelmente, são as criaturas mais sofisticadas do universo.

As palavras de Shoi foram acompanhadas pelo som dos passos dados por Tlüogodärami. Este usava seu manto negro com um capuz cobrindo-lhe a face. Andava em pé para não assustar a tripulação e educadamente tirou o capuz que lhe cobria o rosto e cumprimentou aqueles presentes no confortável alojamento.

—Senhores, em primeiro lugar, quero me apresentar. Meu nome é Krueur Aerok e possuo um título dado por meu povo chamado Tlüogodärami. Este título é dado pelo maior conselheiro filosófico de minha civilização. Talvez eu não seja merecedor de tal atribuição, contudo não fugi da responsabilidade dada a mim. Portanto, podem me chamar simplesmente de Tlüogodärami - todos olhavam contendo o susto por causa da visão de um dragão de verdade diante de seus olhos. — Em segundo, peço desculpas por este, digamos, incidente diplomático entre nossos povos. Como estamos fazendo profundas modificações neste planeta, vocês poderiam correr perigo e achamos necessária a condução da nave de vocês a um lugar mais seguro.

—Jesus Cristo! — olhava incrédulo George Hunter. — O senhor me desculpe a franqueza, mas ver um dragão falante é uma situação inesperada para todos aqui.

—Eu compreendo sua reação e não há pelo que se desculpar. Só adianto que somos amigos e não faremos mal nenhum a ninguém.

Tlüogodärami expôs a situação aos seis tripulantes. Contou-lhes sobre sua vida e como foi longa e dura a jornada até começarem a reconstrução de seu povo. A tripulação, principalmente os cientistas, prestava muita atenção às palavras proferidas pela voz metálica característica. Combinaram que mandariam um vídeo onde os seis dariam um depoimento sobre o estado de saúde de todos e, a seguir, Tlüogodärami se revelaria ao mundo dos homens. Concordaram com tudo exposto por Tlüogodärami e, após a conversa, Shoi, Carter e Tlüogodärami conduziram seus convidados para o local de onde gravariam o vídeo para ser enviado ao planeta Terra.

Num local com câmeras da Terra, havia seis lugares onde a tripulação se acomodou. Um robô pedia para que dessem recados de que estavam bem ou coisa do gênero. Organizadamente, cada um falou aos seus familiares, compatriotas e ao mundo o que estava acontecendo em Marte. Depois de uma hora de gravações, chegara a vez de Tlüogodärami, junto de seus amigos Andy Carter e Li-Seug Shoi, fazer seu pronunciamento. Tlüogodärami colocou um manto verde característico não só do luto que seu povo passava, mas também o símbolo do poder máximo exercido por um dragão.

—Acho que estamos transpondo mais uma etapa que não terá volta, meus amigos — disse Tlüogodärami.

—Um dia isso teria de acontecer — disse Shoi.

—A humanidade só terá benefícios com este novo vínculo de amizade com os dragões — disse Carter.

—Espero fazer a coisa certa neste momento — disse Tlüogodärami nitidamente nervoso.

—Não se preocupe, amigo. O que pode acontecer de errado? — perguntou Shoi.

–Espero que nada. Gosto dos humanos e não gostaria de fazer inimizade com eles, pois devo tudo o que tenho hoje a vocês.

–Como Shoi falou há pouco, não se preocupe. Mas como você constatou, o mundo é muito plural no sentido das idéias, e unanimidade é algo difícil de conseguir, principalmente entre os humanos.

–Até os dragões não são sempre unânimes em seus assuntos — falava mais relaxado Tlüogodärami.

O mesmo robô responsável pela captura das imagens conduziu os três até o lugar do pronunciamento. Enquanto se posicionavam e olhavam para as câmeras, Tlüogodärami olhou com sentimento de amizade para seus amigos e sentiu que nunca esteve só durante seu exílio. Reconfortou-se com aquele pensamento e estava pronto para falar a sete bilhões de pessoas. O robô enquadrou-os e disse-lhes algumas palavras.

Atenção, por favor! Um, dois, três, gravando...

1 ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia*. Milano: Bietti, 1965.

2 SUN TZU. *A Arte da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

3 MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. São Paulo: Abril, 1971.

44 Utilizo o calendário cristão para uma localização de tempo mais simplificada. Obviamente os dragões não utilizavam esse tipo de calendário para determinar um período qualquer.

5 Um *dorok* tem aproximadamente 75 cm. Unidade de medida dos dragões.

5 Este, no caso, é o planeta Júpiter, batizado assim pelos humanos modernos. Srun significa "gás" na língua dos dragões.